

(Uma Nova Visão, uma Nova Vida)

Heróis de fogo

Arderam até se consumirem

A Fundação de Schoenstatt

(1912-1919)

Padre Jonathan Niehaus

Tradução da Segunda Edição completamente revista e actualizada

Dedicado à Rainha do Minnesota

Reconhecimentos: *Capa*: Thomas Bruck. *Fotografias da capa*: Jakob Boos (vista do Santuário Original e do vale de Schoenstatt, 2003), Arquivo do Monte Sião (postal a cores do vale de Schoenstatt após 1912).

New Vision and Life: The Founding of Schoenstatt, pelo Padre Jonathan Niehaus.

Primeira edição; copyright © 1986.

Segunda edição completamente revista © 2004 pelos Padres de Schoenstatt, W284 N746 Cherry Lane, Waukesha, WI 53188, USA.

Todos os direitos reservados.

Impresso na Índia

Nota da tradução: A tradução das citações bíblicas foram retiradas do site da Bíblia Sagrada dos Capuchinhos www.capuchinhos.org/biblia

ÍNDICE

LISTA CRONOLÓGICA.....	vii
DOS DOCUMENTOS MAIS IMPORTANTES TRADUZIDOS NESTE LIVRO	vii
COMENTÁRIOS GERAIS.....	viii
INTRODUÇÃO À PRIMEIRA EDIÇÃO	ix
INTRODUÇÃO À SEGUNDA EDIÇÃO	xi
1. UM MUNDO EM AGITAÇÃO	2
OS PADRES PALOTINOS	4
A CASA NOVA	7
LUTA PELA LIBERDADE	9
O JOVEM DIRECTOR ESPIRITUAL.....	15
UMA NOVA VISÃO	18
A ACTA DA PRÉ-FUNDAÇÃO (27 de Outubro de 1912) (texto completo)	20
2. EDUCAÇÃO PARA A LIBERDADE	27
A VISÃO DO PADRE KENTENICH DE UM NOVO HOMEM	27
UM PANO DE FUNDO DE DIFICULDADES	29
PERCEBER ONDE COMEÇAR.....	32
A CRIAÇÃO DE CONDIÇÕES FAVORÁVEIS.....	34
SEGUNDA CONFERÊNCIA - OS SANTOS: EXEMPLO PARA O CUMPRIMENTO DO NOSSO PROGRAMA (1 de Novembro de 1912) (texto integral)	35
TERCEIRA CONFERÊNCIA - MARIA: GUIA NA BATALHA (Novembro de 1912) (excertos).....	40
3. EXPLORANDO O MICROCOSMOS.....	48
O LUGAR DO HOMEM NA CRIAÇÃO	49
O PROCESSO DE CONHECIMENTO.....	51
OS APETITES E AS PAIXÕES	55
A REVISÃO DO PROCESSO	58
MOTIVAÇÃO.....	59
O BODE EXPIATÓRIO (introdução à conferência)	59
COMPREENDERMO-NOS COMO ADOLESCENTES (excertos)	64

4. CAMINHOS SINUOSOS	67
A FUNDAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO MISSIONÁRIA	68
A AVALIAÇÃO DO ANO 1912-13	70
O NOVO ANO ESCOLAR COMEÇA.....	71
UMA FORTE TEMPESTADE.....	74
OS PRIMEIROS PASSOS PARA A FUNDAÇÃO DA CONGREGAÇÃO	75
OS PREPARATIVOS NO OUTONO DE 1913	76
COMEÇA O DEBATE A SÉRIO.....	79
UMA QUESTÃO DE SUBMISSÃO.....	81
O TESTE FINAL	83
5. A CONGREGAÇÃO MARIANA.....	86
ORIGENS DA CONGREGAÇÃO MARIANA.....	86
CARACTERÍSTICAS DA CONGREGAÇÃO	87
TRÊS QUESTÕES-CHAVE	89
AS ÚLTIMAS SEMANAS ANTES DA CONGREGAÇÃO	92
A FUNDAÇÃO DA CONGREGAÇÃO.....	94
CONFERÊNCIA NA FUNDAÇÃO DA CONGREGAÇÃO (19 de Abril de 1914)	95
6. 18 DE OUTUBRO: O ACTO DA FUNDAÇÃO	102
UM ASSUNTO POR TERMINAR: AS SECÇÕES.....	102
MAIO DE 1914: APROFUNDAMENTO DO ESPÍRITO RELIGIOSO	105
JUNHO E JULHO	109
A CAPELA DO VALE.....	111
A HISTÓRIA DA PEQUENA CAPELA	113
A GUERRA COMEÇA	115
UMA INSPIRAÇÃO VINDA DA IMPRENSA	116
Artigo do ALLGEMEINE RUNDSCHAU (18 de Julho de 1914).....	118
O ACTO DA FUNDAÇÃO.....	121
A ACTA DA FUNDAÇÃO (18 de Outubro de 1914) (texto integral)	123
APÊNDICE: O DESAFIO DA GUERRA	130
7. O DESENVOLVIMENTO DO ESPÍRITO	132
A SITUAÇÃO NO OUTONO DE 1914	132
UMA ESPADA DE DOIS GUMES	134
“QUERO SER UM GRANDE SANTO”	137

O EXAME PESSOAL.....	139
A AQUISIÇÃO DUMA IMAGEM DE MARIA.....	143
CONTRIBUIÇÕES PARA O CAPITAL DE GRAÇAS	148
O PARALELO INGOLSTADT-SCHOENSTATT	155
MATER TER ADMIRABILIS	157
A CRESCENTE ONDA DA GUERRA	158
8. O ENFOQUE MAIS CENTRADO	160
PARTE 1: MISSÃO.....	160
A CONFEDERAÇÃO APOSTÓLICA MUNDIAL.....	161
O “ACTO SUPLEMENTAR DA FUNDAÇÃO”	163
NOTAS À CARTA DE 22 DE MAIO DE 1916	165
PARTE 2: ESTRUTURA DUMA ESPIRITUALIDADE	171
O EXAME PARTICULAR.....	173
PARTE 3: APOSTOLADO	178
A ORGANIZAÇÃO EXTERNA	179
A REVISTA MTA	186
OUTROS APOSTOLADOS	188
9. RECORTES DA “MTA”	193
APOSTOLADO DOS RAPAZES.....	208
10. ESBOÇOS BIBLIOGRÁFICOS.....	211
JOSEPH ENGLING	211
HANS WORMER.....	216
MAX BRUNNER.....	218
PADRE JOSEPH KENTENICH.....	225
11. HOERDE.....	237
COMEÇAR DE NOVO.....	237
A ORGANIZAÇÃO EXTERNA EM COMPASSO DE ESPERA.....	240
OS ACONTECIMENTOS QUE CONDUZIRAM À CONFERÊNCIA DE HOERDE	242
UMA DECISÃO INESPERADA.....	243
A CONFERÊNCIA DE HOERDE.....	247
A AVALIAÇÃO DE HOERDE	254
CARTA DOS CHEFES DE GRUPO DA FEDERAÇÃO APOSTÓLICA	255
O SANTUÁRIO.....	258

12. NOVA VISÃO, NOVA ERA.....	259
UMA IDEIA GIGANTESCA.....	260
A VOCAÇÃO DO FUNDADOR.....	262
A NOVA VISÃO	264
FILHO DA PROVIDÊNCIA.....	264
1. de: CARTA PARA A SEMANA DE OUTUBRO EM SCHOENSTATT, 1949	265
2. de: "CHAVE PARA COMPREENDER SCHOENSTATT", 1951.....	269
3. de: O SEGUNDO DOCUMENTO DA FUNDAÇÃO, 1939	270
CRONOLOGIA.....	272
BIBLIOGRAFIA.....	281

LISTA CRONOLÓGICA

DOS DOCUMENTOS MAIS IMPORTANTES TRADUZIDOS NESTE LIVRO

O Documento da Pré-Fundação

Padre Kentenich, 27 de Outubro de 1912 (completo)

2ª Conferência – Os Santos: Exemplo para a realização completa do nosso Programa

Padre Kentenich, 1 de Novembro de 1912 (completo)

3ª Conferência – Maria: Guia no Combate

Padre Kentenich, Novembro de 1912 (excertos)

Conferências sobre o Microcosmos

Padre Kentenich, entre Novembro de 1912 e Março de 1913 (excertos), incluindo

O bode expiatório (introdução à 8ª conferência)

É necessário esforçarmo-nos (da 13ª conferência)

Compreendermo-nos a nós próprios enquanto adolescentes (da 14ª conferência)

Carta ao Conselho Provincial

Padre Johannes Eckinger, 10 de Janeiro de 1914 (excertos)

Conferência na Fundação da Congregação

Padre Kentenich, 19 de Abril de 1914 (essencialmente completo)

Artigo do Allgemeine Rundschau: “Sobre uma Cidade de Morte, uma Cidade de Vida”

Padre Cyprian Fröhlich, 18 de Julho de 1914 (excertos)

O Documento da Fundação

Padre Kentenich, 18 de Outubro de 1914 (completo)

Apêndice: O Desafio da Guerra

Padre Kentenich, segunda parte da conferência de 18 de Outubro de 1914 (excertos)

Crónica da Congregação Maior

Padre Kentenich, fins de 1915 a princípios de 1916 (excertos)

Carta do Padre Kentenich para Josef Fischer

Padre Kentenich, 22 de Maio de 1916 (essencialmente completo)

Um Exame Pessoal

Padre Kentenich, 17 de Outubro e Karl Kubisch, 17 de Junho de 1917 (quase completo)

Os Estatutos da Federação Apostólica

Hoerde, 20 de Agosto de 1919, editado pelo Padre Kentenich (completo)

Carta ao Grupo dos Responsáveis da Federação Apostólica

Padre Kentenich, 6 de Novembro de 1919

Relato da Conferência de Hoerde

Padre Heinrich Schulte, 1957 (excertos)

COMENTÁRIOS GERAIS

- Citações do Padre José Kentenich (1885-1968) estão escritas num tipo de letra diferente (tal como este exemplo entre os parêntesis) de modo a que se possam distinguir facilmente do resto do texto.
- Dado que algumas das passagens citadas utilizam as reticências como sinal de pontuação, estas permanecerão como três pontos (...). Adicionalmente, quaisquer omissões feitas por este autor assumirão a forma de reticências com quatro pontos (....).
- A abreviatura MTA significa *Mãe Três vezes Admirável* e a respectiva versão em Latim é *Mater Ter Admirabilis*. Para distinguir entre as situações onde MTA se refere a Nossa Senhora e aquelas em que se refere à revista *Mater Ter Admirabilis*, utilizar-se-ão as notações MTA e “MTA” respectivamente para as designar.
- Os parêntesis utilizados em citações fazem parte do texto original. Para quaisquer inserções do editor utilizar-se-ão os parêntesis rectos [].
- Todos os casos de ênfase (itálicos) nas citações referir-se-ão a sublinhados, itálicos e notações reforçadas encontradas no texto alemão original, à excepção de palavras estrangeiras (fundamentalmente em Latim) e nomes de publicações, que estarão sempre em itálico. Qualquer alteração a esta utilização do ênfase estará indicada na nota de pé de página.

INTRODUÇÃO À PRIMEIRA EDIÇÃO

Qual seria a razão para escrever um livro tão longo?

Encontrava-me em Schoenstatt, a descer o Monte Sião, onde tinha acabado de colocar os retoques finais na minha pesquisa para este livro. À medida que me aproximava do Santuário Original não pude deixar de pensar que o projecto tinha ficado muito mais longo do que tinha sido minha intenção. Foi nessa altura que a pergunta inicial me surgiu. Qual seria a razão? Porquê todos os pormenores sobre os nomes e os acontecimentos? Porquê gastar tanta energia para explicar a história de um grupo bastante desconhecido de jovens rapazes com um director espiritual igualmente desconhecido (pelo menos naquela altura)?

A resposta estava à minha frente: o santuário da nossa Mãe Três vezes Admirável! Ela é a resposta e este é o sítio para procurar a resposta. Ela quis vir instalar-Se aqui e quis operar milagres de Graça para aqueles que vêm a este e aos muitos Santuários de Schoenstatt espalhados pelo mundo. Ela trouxe um imenso raio de sol à minha vida e à vida de muitos outros. E fê-lo de uma forma maravilhosamente serena e espectacular: usando homens como instrumentos – o Padre Kentenich, os rapazes e todos nós que os seguimos.

Se há algum sentido em aprofundar esta história, é o de abrir o livro do plano de Deus e ver a sabedoria e o Amor com que Ele fez nascer um novo movimento na Igreja. A inquietação dos rapazes, a paciência e a energia do Padre Kentenich, o dia 18 de Outubro de 1914, a guerra, os sucessos e os fracassos – tudo encaixa numa imagem que é mais extraordinária do que alguma vez imaginei e que me convenceu a dedicar-lhe tantas páginas.

No centro encontramos a visão que levou o Padre Kentenich a agir como o fez, a visão dum homem novo numa nova comunidade. Esta visão apareceu, e não por coincidência, no início duma nova era, no último minuto antes do fim da velha era, formada no meio das turbulências da Primeira Guerra Mundial. Este livro é uma tentativa de ler o guião de Deus para os tempos que vivemos, um guião que merece chamar-se *Nova Visão e Vida*.

Incluí neste livro as traduções dos documentos chave dos anos 1912-1919 acrescentando as de outros documentos menores dada a importância de nos basearmos nas próprias palavras do Padre Kentenich para entendermos melhor a sua visão dum novo mundo. Constituem uma base indispensável para a Família portuguesa de Schoenstatt, e houve muito cuidado em providenciar uma tradução que seja o mais fiel possível ao texto alemão.

São também incluídas algumas notas de pé de página e notas finais, não tanto para o leitor comum, que eu espero que não se distraia pela sua presença, mas principalmente

para aqueles que tiverem a missão de um estudo mais cuidado de partes desta História ou que me queiram desafiar num ponto ou noutro. Uma vez que não posso afirmar ter lido toda a vasta documentação que existe, é com gratidão que recebo outros pontos de vista e correcções. A maior parte dessa documentação está escrita em Alemão, claro, mas forneço o máximo possível das minhas referências sobre as traduções Inglesas das fontes que estão disponíveis.

Envio um agradecimento especial a todos os que ajudaram e disponibilizaram material ou fotografias. Gostaria de referir especialmente o Padre Alexander Menningen, que também concedeu a este livro e a todos os que o lerem a sua bênção especial (29 de Agosto de 1986). Sobretudo, neste décimo aniversário da dedicação do Santuário em Sleepy Eye, Minnesota, agradeço a Maria como Rainha do Minnesota, sem a Qual este livro nunca teria sido escrito.

Jonathan Niehaus
Schoenstatt, 3 de Outubro de 1986

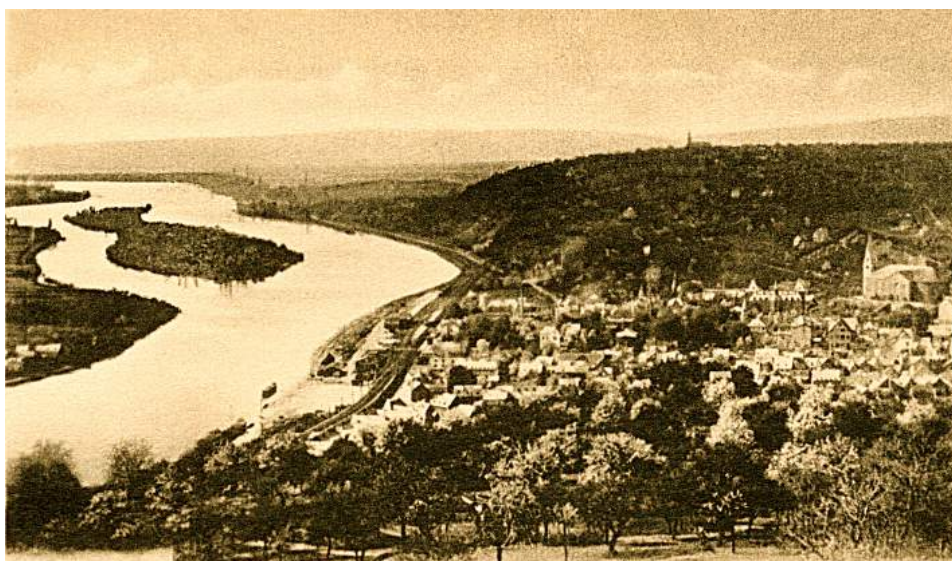
INTRODUÇÃO À SEGUNDA EDIÇÃO

Durante os meses de preparação desta segunda edição tive novamente a oportunidade de visitar o Santuário Original em Schoenstatt, na Alemanha. Pude passear uma vez mais naquele lindo lugar que tem por coração a MTA. Fui pensando nas muitas bênçãos que a nossa Querida Mãe tem operado a partir deste lugar, bem como nos pequenos e limitados instrumentos humanos que Ela tem usado para realizar milagres de graça. A imagem do “ground zero” veio à minha mente, tal como ficou gravada nas nossas memórias desde o 11 de Setembro de 2001. Só que este ground zero não é o alvo de ódio e de destruição, mas sim de amor e do poder que Deus tem de transformar o mundo num lugar onde os nossos corações podem encontrar um lar, serem curados e depois levarem o plano salvador de Cristo a todas as nações. Neste lugar corações e lares alcançaram a sua plenitude. Neste lugar homens e mulheres, jovens e velhos, encontraram um novo entusiasmo no Evangelho. Este lugar é a origem duma corrente de graças que está lentamente a transformar a cultura, a sociedade, a família, a Igreja e o mundo. A Mãe Três vezes Admirável está no centro duma explosão inversa – construindo em vez de destruir. E noventa anos depois, o poder deste lugar está ainda apenas a começar a ser descoberto.

Ao longo dos dezoito anos desde que publiquei a primeira edição várias obras importantes foram publicadas que lançaram luz sobre a fundação de Schoenstatt e sobre a geração fundadora. Juntando estes trabalhos à minha própria pesquisa (principalmente a encontrar notas e comentários do Padre Kentenich sobre estes anos), obtivemos uma imagem mais viva e nítida dos acontecimentos entre os anos 1912 e 1919. Empenhei-me em integrar as novas revelações e os textos mais relevantes do fundador de modo a criar um relato que transmita a forma extraordinária como Deus guiou Schoenstatt através dos seus anos de fundação. Em simultâneo, o texto foi totalmente revisto para garantir a exactidão histórica e, quando necessário, foi também melhorado. Que a história da fundação de Schoenstatt e da sua geração fundadora desperte em cada leitor as mais profundas fontes de fé, esperança e amor – em especial através dum vibrante amor por Maria e um desejo de genuína santidade.

Padre Jonathan Niehaus

Waukesha, 2 de Fevereiro de 2004



Vallendar, sobre o Reno, vista norte – Schoenstatt situa-se cerca de uma milha a Este (para a direita da fotografia). Postal contemporâneo da altura da fundação de Schoenstatt (Arquivo Monte Sião)



Schoenstatt tal como se encontrava no ano 1912. À esquerda está a **velha** capela de São Miguel que se tornou no Santuário de Schoenstatt. Está voltada para a “Casa Velha” com a capela anexa construída em 1907. À direita vêem-se as velhas torres do antigo convento, com os celeiros e os estábulos que o separam da Casa Velha (Arquivo dos Padres de Schoenstatt, na Província Alemã)

1. UM MUNDO EM AGITAÇÃO

O trovejar de cada nova era não é tanto um som de canhões e armaduras como é o dos acordes que fervilham nos corações dos homens e no âmago da cultura e da religião. Neste caso, o movimento dos canhões é apenas um símbolo de mudanças mais profundas: o mundo em luta com as mudanças nos alinhamentos sociais e com políticas inconstantes, bem como a silenciosa revolução da mudança das convicções nos cidadãos e nos fiéis.

O ano de 1912 presenciou um mundo nessas condições. Uma Europa depois dum século de mudança sempre em crescendo e uma Europa à beira de mudanças ainda maiores. Inevitavelmente a Primeira Guerra Mundial forçou o velho continente a enfrentar o facto de que não seria possível voltar atrás. A Primeira Guerra Mundial foi o acontecimento do século XX que provavelmente mais formou o mundo, ao nível dos pilares da humanidade, mais ainda que o seu mais mortífero e destrutivo sucessor, a Segunda Guerra Mundial.

E a Europa era o foco desta agitação. Nenhum outro país se lhe comparava, incluindo os Estados Unidos que gozavam de estabilidade económica e cujo crescimento se sobrepunha à agitação. Por outro lado, a Europa era um quase transbordante caldeirão de intrigas entre distintos monarcas desde Londres até S. Petersburgo. O nacionalismo estava no seu apogeu – reis e rainhas disputavam a glória entre si, ambicionavam-se as colónias como troféus e a lei de Darwin da “sobrevivência dos mais fortes” parecia a melhor forma de descrever a corrida pela supremacia. Guerras externas como a Guerra Anglo-Bóer (1899 – 1902), a Guerra dos Boxers (1900) e a Guerra Russo-Japonesa (1904-05) apenas alimentavam a conversa sobre como os *nossos* navios e as *nossas* tropas mostrariam do que eram capazes se se chegasse ao ponto de ter de defender a coroa. Alguns altos oficiais alemães chegaram a contemplar seriamente uma invasão estratégica da França em 1905, sob o eufemismo de uma “ofensiva defensiva”! O caminho para a violência e para a guerra de trincheira que se aproximava estava a ser pavimentado por uma combinação de interesses nacionais, honra e excesso de confiança.

O excesso de confiança desta era tinha a sua razão de ser. Não tinha o século dezanove mostrado ao homem que conseguia dominar a natureza? Não bastava olhar para o domínio europeu do mundo, para a forma como a Europa controlava continentes desconhecidos e os seus extraordinários sucessos científicos para reconhecer a verdade desse domínio? Os avanços eram gigantes: na área da

Astronomia e da Física (a lei da conservação da energia em 1847; a descoberta dos raios-X em 1895) e na da Biologia e da Medicina (a *Origem das Espécies* de Darwin em 1859; a aceitação da teoria dos genes de Mendel em 1900; a primeira anestesia em 1842). As áreas da Química e da Psicologia tinham evoluído tanto que era difícil compará-las com a forma embrionária que tinham em 1800. A estes saltos tecnológicos deverão adicionar-se o controlo da electricidade, novos meios de transporte (o comboio em 1829; a bicicleta moderna em 1884; o automóvel em 1885; o avião em 1903) e novos meios de comunicação (o telégrafo em 1837; o telefone em 1876; a telefonia a partir de 1895). Nem todos os avanços vinham da Europa, mas esta era na verdade a capital mundial da ciência, da cultura e da política e nesta capital levantava-se seriamente a questão: Poderá algum segredo da natureza competir com o poder do homem? Esta sensação de vitória pareceu inevitável quando o americano Robert Perry conseguiu chegar ao Pólo Norte a 6 de Abril de 1909 e o norueguês Roald Amundson atingiu o Pólo Sul a 14 de Dezembro de 1911; constituíam nada mais e nada menos que a suprema confirmação do poder vitorioso do progresso humano.

Mas à mistura com a confiança e os progressos estavam também as novas questões e tensões que atormentariam a era seguinte. O progresso tecnológico e a industrialização não traziam unicamente bênçãos, mas também sérios desajustes sociais e injustiça. Invenções tais como a fotografia e o telégrafo contribuíram para a difusão mais rápida das notícias sobre o progresso, tal como das notícias de miséria e agitação. O *Manifesto Comunista* de 1848 e a obra de Marx e de Engels poderão ter constituído um despoletar lento mas a indústria em evolução e a comunicação cada vez mais clara e rápida aceleraram o seu impacto com cada década que passava. Em 1890 o socialismo parecia uma força política tão viável na Alemanha que foi fundado o SPD (Partido Social Democrático). Em 1912 era já o partido mais importante com 33% dos votos apesar da sua posição anticatólica. Por outro lado, também o Papa Leão XIII se sentiu impelido a levar a Igreja a interessar-se pela causa da justiça social com a sua Encíclica *Rerum Novarum* em 1891.

E o cidadão comum? É provável que ele não se sentisse tão afectado por tudo isto como a turbulência poderia sugerir, pelo menos na Alemanha onde a população permanecia muito mais rural e ligada à província do que, por exemplo, em Inglaterra. As velhas tradições permaneciam vivas como sempre e a família estava intacta. Bastava seguir com os velhos costumes mas, e as crianças? Aqui apareciam novas tendências em crescimento e por vezes contraditórias. Havia interesse em levar uma vida simples e normal. Ser um funcionário público e cumprir bem os seus deveres –

tudo o resto na sua vida ficaria então seguro. Por outro lado, iam aparecendo também forças insatisfeitas que queriam mais, que queriam liberdade: as sufragistas procuravam igualdade de voto para as mulheres; uma espécie de “rebelião juvenil” chocou (deliberadamente) os seus pais procurando respostas nas suas raízes folclóricas e na autodeterminação. Este *Jugendbewegung*, este *Movimento Juvenil*, tinha também os seus elementos mais reaccionários e cínicos. Mas existiram melhores frutos, tais como a criação dos primeiros albergues da juventude (Alemanha, 1908) e os Escuteiros (Inglaterra, 1910), ambos com um forte interesse em regressar ao contacto com a natureza.

Estas tendências que levavam a um afastamento do formalismo rígido em direcção à individualidade e à liberdade e da escravidão do industrialismo em direcção à igualdade e à “qualidade de vida”, faziam parte duma dinâmica complexa que empurrava a Europa a sair da velha era para uma nova era. Nalguns círculos a morte da velha era já tardava, enquanto noutros se vivia com o medo de que a anarquia e o desastre se instalassem. Este entrelaçado de esperança e medo fazia-se notar nas artes: a música, as artes e a literatura europeias deixaram para trás os idílios do romantismo e da harmonia e entraram no mundo mais inquietante da dissonância, da pulverização e da separação entre o indivíduo e a massa.

OS PADRES PALOTINOS

À primeira vista, o viajante casual que passasse na estrada entre Vallendar e Hillscheid em 1912 não encontraria vestígios da agitação que se vivia no mundo lá fora. Vallendar era uma vila à beira do Reno, apenas alguns quilómetros a norte de Koblenz. Aninhada num vale e ao longo dum monte que se elevava na margem leste do Reno, albergava cerca de mil pessoas. O vale estendia-se para leste, na direcção duma zona de floresta montanhosa conhecida por *Westerwald*, a “*Floresta Ocidental*”. À volta de quilómetro e meio estrada abaixo e ao longo de um riacho apressado estava a ruína de um antigo convento que datava do tempo de São Bernardo – conhecido ao longo de séculos pelo nome de Schoenstatt, o lugar bonito.

“As duas velhas torres ainda se mantêm”, poderia pensar o nosso viajante, “mas não fossem as histórias todas que dele se contam, continuo a afirmar que mais parece uma quinta que um mosteiro sentado no fim daquela estrada de pó. Já não existe uma igreja há muitos anos – apenas uma casa velha, alguns barracões e uma capela de cemitério mas sem cemitério! Porém, desde que aqueles Palotinos compraram isto em

1901, ao menos está cheio de rapazes. É um colégio interno, parece-me. E agora estão a construir uma escola grande ali em cima.”

De facto, os Padres Palotinos tinham comprado aquele lugar em 1901, sendo a sua terceira propriedade na Alemanha. A sua história recuava até São Vicente Pallotti (1795-1850), que fundou a sua comunidade em Roma em 1835 sob o nome de Sociedade do Apostolado Católico (SAC). Mas não tinha sido nada fácil. O grande plano que o seu fundador tinha para promover o apostolado da Igreja pelo mundo inteiro não tinha sido bem compreendido, tanto na sua altura como até entre os seus seguidores depois da sua morte. O custo foi a perda de um movimento de leigos promissor (integrado no conceito inicial de Pallotti) e o nome da comunidade, que se teve que contentar com o título “PSM”, Pia Sociedade Missionária, desde 1854 até 1947. A morte prematura do seu fundador e a falta de clareza dos seus objectivos por parte dos seus seguidores comprometeram seriamente o crescimento da comunidade nas primeiras décadas da sua existência.

Finalmente, a agitação destes tempos jogou a favor da jovem comunidade. O Chanceler Alemão Otto von Bismarck mostrava-se inabalável na sua oposição à Igreja Católica. As suas políticas do *Kulturkampf* forçaram as vocações alemãs a entrarem para comunidades na Holanda, Itália ou outros países. Em 1883 os primeiros alemães entraram para o Seminário Palotino em Masio, na Itália.¹ Quando a Alemanha conquistou os Camarões como colónia, em África (1884), abriu uma porta aos Palotinos, dado que o desejo de colónias alemãs suplantava o anticatolicismo. A declaração do Vaticano indicando os Palotinos como os únicos agentes missionários Católicos nos Camarões, deu-lhes o trunfo de que necessitavam para fundar uma casa na Alemanha. Os Palotinos chegaram a Limburg em Setembro de 1892, sendo a *única* comunidade Católica a quem o governo concedeu a autorização para fundar uma casa na Alemanha em toda a era *Kulturkampf*.²

O VELHO SCHOENSTATT

A propriedade que os Padres Palotinos adquiriram em 1901 para a sua nova escola era um convento há muito abandonado. As suas raízes recuavam até 1143 quando o arcebispo Albero de Tréveris o fundou para uma freiras Agostinhas. O próprio Albero tinha-se tornado um bom amigo de São Bernardo de Clairvaux (que tinha por sua vez

¹ cf. SKOLASTER, págs. 14-15

² Ibid., pgs.16-17, 20-21, 46-47ss

aberto o caminho para a nomeação de Albero como bispo) e apoiava as reformas de Cluny, especialmente ao ser o primeiro bispo a convidá-las a abrir um mosteiro na sua diocese. A abertura de Albero à reforma, juntamente com a eficiência cistercense – e o trabalho dos monges Beneditinos (também convidados por Albero) – terão sido os factores que levaram eventualmente à conversão dos povos germânicos pagãos na região entre Tréveris, Koblenz e Colónia.

Ao mesmo tempo que colocou os Cistercenses num “eyne eynsame statt” (um lugar solitário) situado num vale estreito perto de Tréveris, o convento Agostinho recebeu um vale mais amplo perto da vila piscatória de Vallendar, com uma modesta população de 300 pessoas. Um local a que ele simplesmente chamou “eyne schoene statt”, um *lugar bonito*, como consta no documento da fundação do convento de 24 de Outubro de 1143. O “Convento de Nossa Senhora de Schoenstatt” demorou cerca de oitenta anos a ser construído (tendo por patronos Nossa Senhora, São João Baptista e, mais tarde, Santa Bárbara), mas por muitas dificuldades que possa ter tido, a falta de vocações não foi uma delas: em 1226 o Arcebispo Theodorich teve que limitar para 100 a população do convento! Porém, no início do século XIV, instalou-se um declínio generalizado na vida religiosa. Também o convento de Schoenstatt sofreu este efeito nos inícios do século XV, acabando por fechar em 1436. Seguiu-se-lhe uma segunda fundação em 1487, mas os tempos conturbados da Reforma levaram a um novo declínio de vocações e o convento foi fechado de vez em 1567.

Os Suecos destruíram completamente a igreja do convento durante a Guerra dos 30 anos (1618-1648), deixando de pé apenas as duas torres do lado oeste e assim ficou praticamente esquecido e abandonado até que por volta do início do século XIX o seu dono, um certo Sr. Dorsenmagen, o renovou tornando-o numa espécie de parque. Foi nesse estado que os Padres Palotinos compraram a propriedade em 1901.

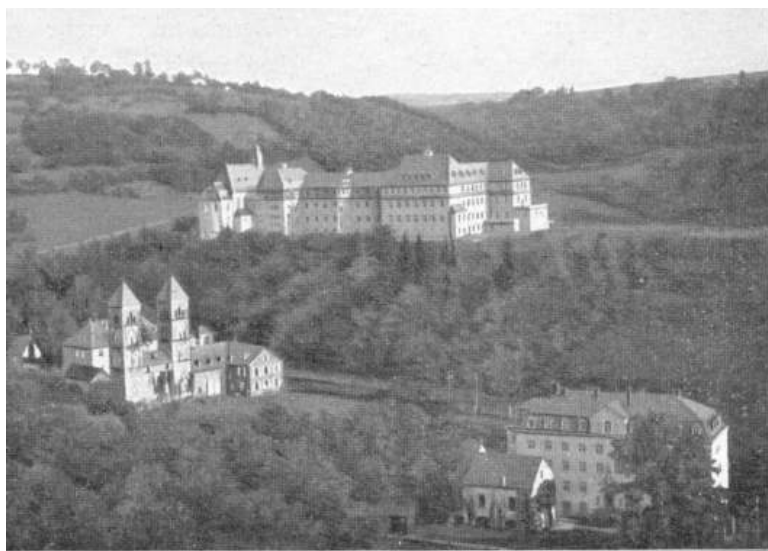
Do ponto de vista de vocações, o sucesso foi fenomenal. Nessa altura, a Igreja Católica na Alemanha fervilhava com as missões. Por exemplo, quando em 1890 um Padre Palotino (que mais tarde veio a ser o Bispo Vieter) falou sobre as missões no Congresso Católico (*Katholikentag*) em Koblenz, a multidão aclamou-o com exuberantes “Bravos” não uma, mas várias vezes.³ No Verão de 1893, menos de um ano depois dos Palotinos terem chegado à Alemanha, eram já 60 os seminaristas com idades entre os 13 e os 24 anos que se encontravam compactados na casa em

³ Ibid., págs. 31-33

Limburg com apenas dois padres a tomar conta deles.⁴ Os restantes trinta padres encontravam-se já a trabalhar arduamente nos Camarões. No fim desse ano a comunidade tinha já adquirido uma casa em Ehrenbreitstein (oposto a Koblenz do outro lado do rio Reno) para servir de seminário menor. Quando a propriedade em Schoenstatt foi comprada em 1901, o seminário menor dividiu-se pelos dois locais. O número de seminaristas continuou a crescer, em parte por causa do entusiasmo que as missões suscitavam mas também porque a escola dos Padres Palotinos era barata e simples. A ideia principal era a de que futuros missionários tinham que estar preparados para as dificuldades. Daqui resultava uma mensalidade mais baixa que proporcionou a escolaridade a muitos rapazes de famílias mais pobres que não podiam pagar uma escola mais cara, possibilitando assim o aparecimento de mais vocações.

A CASA NOVA

No entanto, nem tudo era fácil. As leis do *Kulturkampf* restringiam fortemente a actividade dos Padres Palotinos na própria Alemanha. Foram necessárias exaustivas negociações para os Palotinos obterem a autorização governamental para uma actividade tão simples como ajudar as paróquias locais nos fins-de-semana. As



Uma vista de Schoenstatt na altura em que a Casa Nova ficou pronta em 1912 (situada no monte). À direita encontra-se a Casa Marienau

missões tinham também necessidades prementes e as numerosas vocações significavam várias preocupações.⁵ A que mais se destacava era a de proporcionar uma formação adequada. Adicionalmente o calor que se fazia sentir nos Camarões, juntamente com as doenças, provaram-se fatais para muitos missionários: nos

⁴ Ibid., pág. 66.

⁵ cf. Priestertagung 1927, pág. 11-13, esp. pág. 11; e APL 1928, pág. 73

anos entre 1890 e 1914 morreram pelo menos cinquenta. Este facto constituiu uma baixa substancial das forças na Alemanha.⁶

Felizmente, em 1909 o Padre Michael Kolb (1873-1950) foi eleito o primeiro provincial superior, um líder com muitas capacidades e destinado a desempenhar um papel significativo na fundação de Schoenstatt. Estabeleceu prioridades muito claras para reforçar a província, incluindo melhorias na formação no seminário. Começou por tomar três decisões chave em 1910 e 1911. A primeira foi a de prolongar a formação do seminário menor de seis anos para sete e mais tarde para oito (correspondendo aproximadamente aos nossos 5º ao 12º anos de escolaridade). A segunda foi a de juntar as duas casas de seminário menor – a dos últimos anos em Ehrenbreitstein e a dos primeiros anos na “Casa Velha” em Schoenstatt – num colégio completamente novo a ser construído em Schoenstatt. A terceira decisão foi a de aproveitar esta unificação para otimizar o rendimento da faculdade, adicionar novos membros ao corpo docente e escolher um Padre permanente como director espiritual para os rapazes.⁷

Destas iniciativas, a mais visível era o novo colégio, ou simplesmente a “Casa Nova” como lhe chamaram (em oposição à “Casa Velha” de 1901). A pedra angular foi colocada no dia 15 de Junho de 1912, debaixo duma chuva torrencial. O Padre Kolb, que presidia à cerimónia, estava feliz por ver a coragem dos rapazes debaixo daquela chuva, que do mesmo modo não conseguiu esmorecer o seu estado de espírito. O Padre Kolb proclamou então um objectivo para a nova casa: educar homens destinados a serem apóstolos e armá-los com a espada da sabedoria, pelo coração do nosso Redentor na Eucaristia e sob a protecção da Rainha Imaculada dos Apóstolos.⁸

No fim do Verão de 1912 a casa ficou terminada e pronta para o serviço. Depois das férias do Verão os rapazes chegaram para um novo ano escolar numa nova casa – sem ratos, sem infiltrações no telhado e sem quartos com pouca luz. Tinham uma casa nova! O colégio começou no dia 25 de Setembro com 164 rapazes inscritos, todos

⁶ cf. KASTNER, pág. 19.

⁷ Ibid., pág. 20. É interessante notar que ao longo do ano lectivo anterior (no início de 1912) o Padre Kolb consultou longamente os membros da faculdade em Schoenstatt e em Ehrenbreitstein para decidir se instituía um director espiritual no novo Colégio ou se mantinha apenas a existência de confessores. Após alguma deliberação a faculdade optou por ter um director espiritual. Ver KOLB.

⁸ cf. SKOLASTER, pág.100.

alojados neste colégio interno. A tabela que se segue mostra o número de estudantes por ano.⁹

Quantidade de alunos por classe (idade média no início do ano)

39 1ª classe (12 anos)	40 2ª classe (13 anos)	34 3ª classe (14 anos)	10 4ª classe (15 anos)
15 5ª classe (16 anos)	16 6ª classe (17 anos)	10 7ª classe (18 anos)	

LUTA PELA LIBERDADE

Apesar das fabulosas instalações novas, nem tudo eram rosas na casa nova. Como mais tarde recordou o aluno Alphonse Weber:

“A entrada era ampla e tinha várias salas de visita. A capela encontrava-se por cima da entrada. O colégio propriamente dito estendia-se para trás desta primeira zona. Aqui tudo era amplo e funcional. Todo o edifício tinha sido planeado e construído com muito cuidado, desde os balneários na cave... até aos dormitórios no terceiro andar. (....)

De um modo geral, era uma instituição exemplar. Mas os estudantes que se mudaram para lá em Setembro de 1912, especialmente os das classes mais avançadas, sentiam que estavam numa prisão. Em Ehrenbreitstein, o ambiente entre Padres, Irmãos e alunos era muito familiar. Cada estudante se sentia um Palotino porque participava na vida da família Palotina – na oração, no trabalho, a viver e à mesa. Na casa nova perdeu-se o espírito de família. Os alunos rezavam separadamente.... Os alunos estavam instalados na ala este, longe dos Padres, que ocupavam a ala oeste. (....)

Em Ehrenbreitstein podíamos escolher qualquer um dos Padres para ser o nosso confessor. Aqui estávamos limitados a três. Até durante as refeições estávamos separados: havia uma sala de jantar para os Padres e os Irmãos e outra para os alunos. A separá-las haviam umas grandes portas que eram recolhidas nos dias de festa, para que pelo menos nesses dias se pudesse recriar uma certa atmosfera de família. Eram precisamente as refeições que tínhamos em conjunto na sala de refeições dos alunos que nos faziam apercebermo-nos do aspecto de produção em massa que se vivia. Sentíamos qualquer coisa nova, fria e calculada por todo o lado. Havia sempre alguém a controlar-nos. (....)

⁹ Ibid., pág.101. A dedicação solene do colégio teve lugar no dia 8 de Dezembro de 1912. Ver SKOLASTER, págs. 101 e 330.

Mas apesar dos [muitos Padres e Irmãos de quem gostávamos], foi-nos difícil fazer a transição de pequenas casas em Schoenstatt e Ehrenbreitstein com o seu ambiente familiar, para a Casa Nova que nos fazia sentir na recruta. Não só para nós, os rapazes, mas também para os Padres e Irmãos.”¹⁰

Viver num colégio interno assim já era exigente e os Palotinos exigiam também mais do que outros, uma vez que tinham que comprimir em sete anos um programa de nove. Os alunos levantavam-se às cinco da manhã e deitavam-se às nove horas da noite, tinham oração e seis horas de aulas, duas horas de sala de estudo e apenas quatro intervalos durante o dia em que eram autorizados a falar uns com os outros.¹¹ Agora que a Casa Nova estava pronta, parecia que se tinha perdido aquilo que a tinha tornado mais amena. Os alunos de Ehrenbreitstein (das classes superiores) já estavam nervosos mesmo antes de a casa estar terminada. Em Ehrenbreitstein tinham gozado de um pouco mais de liberdade que nos anos iniciais em Schoenstatt. E corriam rumores de que seriam recebidos em Setembro com um novo e severo livro de regras.¹²

E de facto, no dia da abertura em Setembro de 1912, os alunos foram recebidos com um regulamento acabado de imprimir, que impunha regras a todos os detalhes da vida – desde os momentos em que podiam falar até à frequência com que os sapatos eram engraxados. O folheto escrito para a dedicação a 8 de Dezembro de 1912 (da perspectiva dos docentes) descrevia o início das aulas de forma entusiasmada:

Agora procede-se à distribuição do Regulamento. A primeira parte procura dar um impulso à imitação fiel do nosso Divino Salvador, e a um cumprimento dos nossos deveres em espírito de sacrifício. Seguem-se as principais regras da casa na segunda parte. Não existe falta de boa vontade em cumprir estas regras. Principalmente se considerarmos que algumas semanas mais tarde um pequeno retiro incidirá especialmente neste assunto.¹³

Mas o sentimento de muitos rapazes era bastante diferente. Enquanto as velhas regras permitiam algum espaço para respirar – mesmo se numa casa mais escura – a

¹⁰ Recordações de WEBER sobre 1912.

¹¹ cf. SCHLICKMANN, pág. 52s.

¹² cf. KLEIN (1952), pág. 6.

¹³ *Neues Leben*, pág. 19.

Casa Nova parecia um edifício blindado. Até a tendência do Livro das Regras para introduzir aqui e ali palavras “piedosas de alento” parecia de mau agouro.¹⁴

O LIVRO DAS REGRAS OU REGULAMENTO

O livro das regras que os alunos receberam no Outono de 1912 era uma versão mais ligeira dos estatutos anteriores, incluindo 148 regras que percorriam todas as áreas das suas vidas, desde os estudos à limpeza dos dormitórios. Esta “secção de disciplina” era precedida de alguns avisos mais gerais.¹ Eis um exemplo de algumas das regras:

- Cada aluno manterá o seu lugar (cadeira, secretária, armário) arrumado.
- Apenas são permitidos os frascos de tinta que pertencem à secretária. São proibidas as tintas de cor.
- Olhar pela janela é considerado mau comportamento.
- Deverá manter-se silêncio absoluto no dormitório e no vestiário.
- A cama poderá não ser feita logo de manhã – apenas depois do pequeno-almoço. As únicas excepções são para quem tem uma autorização especial (monitores dos quartos, sacristães, cuidadores das lareiras, acólitos para o Marienau²).
- Os sapatos deverão ser engraxados uma vez por mês (à Quinta-feira depois do pequeno-almoço dependendo do aviso do reitor ou do administrador).
- Deverá manter-se silêncio absoluto no balneário.
- Os horários diários para conversar são quatro: das 9h45 às 10h15, das 13h00 às 13h45, das 16h00 às 16h30 e das 19h45 às 20h45.
- Só se pode comer às horas das refeições.
- Encomendas [vindas de casa] que contenham comida deverão ser partilhadas entre todos em vez de entregues ao destinatário.
- É proibido subir às árvores ou pendurar-se nos seus ramos.³

+ + +

O princípio por detrás destas regras era “tudo é proibido excepto para aqueles a quem for concedida autorização”. Destinavam-se a criar a ordem resolvendo todos os

¹⁴ cf. STATUTEN, introdução à reimpressão mimogravada; e KLEIN (1952), pág. 6.

¹ cf. SCHLICKMANN, pág. 48s.

² O Marienau, actualmente a casa da Liga e da Federação dos Padres de Schoenstatt situa-se a um quarteirão a oeste da Casa Velha e era antes um convento das Irmãs da Divina Palavra.

³ STATUTEN, págs. 1, 2, 3, 6, 7, 9.

problemas antecipadamente. Em simultâneo, partia do pressuposto de que a liberdade levaria ao abuso e portanto legislava para evitar o abuso. Porém, em 1912 os alunos mais velhos questionaram estes princípios, considerando a liberdade como algo bom, embora não se tenham conseguido articular bem entre si.

Infringir estas regras levava a três castigos principais: 1) “serviço de piano” – ficar ajoelhado durante uma refeição completa entre o reitor e o piano da sala de jantar sem comer nada (um castigo exagerado para infracções menores que parou em 1918); 2) baterem-lhe com uma vara à frente da turma (descontinuado em 1914); 3) o relatório mensal (novo em 1912) – todas as infracções ocorridas durante um mês eram lidas à frente de todo os alunos e enviadas em seguida aos pais, que muitas vezes castigavam também eles os seus filhos.⁴

Como disse Julius Ott, um dos líderes da revolução que se seguiu:

Oh, este novo regulamento! Que inocentes pareciam aqueles livros quando foram colocados nas nossas mãos, porém quanto peso têm na sua consciência! Foi a primeira corrente que nos prendeu, a primeira – e já parecia tão pesada para alguns. Foi assim que começou a nossa resistência. Mas infelizmente, em vez de aliviarem as regras, ainda aumentaram a exigência sobre nós. Disseram-nos que as regras tinham que [nos] ser explicadas e dessa explicação percebemos a Regra nº 2 a ser implementada duma forma nova, renovada e mais pesada...¹⁵

E o que dizia a Regra nº 2? No fundo, resumia exactamente o espírito que os alunos achavam tão opressivo:

Os alunos deverão cumprir exactamente todas as regras impostas pelos professores e superiores, as regras referentes ao horário diário e os estatutos que regulamentam um estudo de qualidade... A sua obediência não se deverá limitar a uma demonstração exterior, mas incluir uma submissão da mente e da vontade. Uma obediência meramente exterior não agradará a Deus, tornar-se-á gradualmente num vício e levará à hipocrisia.¹⁶

⁴ cf. SCHLICKMANN, pág. 53s.

¹⁵ Conferência de Julius Ott a 30 de Abril de 1915, mais tarde publicada na MTA. Ver EA I, pág. 3, e SCHLICKMANN, pág. 48.

¹⁶ STATUTEN, citado por SCHLICKMANN, pág. 48s.

Por outras palavras, não lhes era dito para obedecerem mas havia uma pressão espiritual para o fazerem.

O resultado foi uma revolta, adaptada às possibilidades limitadas dos alunos. Julius Ott recorda o espírito dos Ehrenbreitsteiners:

... Viemos para Vallendar para aquela linda casa e tornou-se claro para nós: Agora a nossa liberdade de acção tinha desaparecido. As nossas suspeitas aumentaram ao vermos as novas regras da casa... “Queremos ser livres, como os nossos pais foram!” Este era o grito de batalha que trouxemos connosco. Nunca foi *conversado* claramente entre nós, mas as acções revelaram o que estava dentro dos corações.¹⁷

E as acções deles eram: Se alguém tentava manter o silêncio nos corredores e nas escadarias, outros mostrariam desagrado “dizendo” que não com a cabeça. Começaram a aparecer “slogans” nos quadros tais como: “Uma casa sem alegria deve ser fechada imediatamente”. Uma outra proibição desafiada era deixarem cair “acidentalmente” papéis nos corredores para que os professores os encontrassem e que diziam “Queremos ser livres, como os nossos pais o foram!”. A atenção nas aulas começou a diminuir. O desassossego alastrou-se às primeiras classes e em pouco tempo esta “revolta” despertou a preocupação do corpo docente.¹⁸ No início de Outubro a crise chegou ao conhecimento superior quando os alunos protestaram contra o Padre Panzer como director espiritual, na presença do provincial Padre Kolb, e ameaçaram sair da escola.¹⁹

A intenção do corpo docente e direcção era fazer cumprir a lei, mas admitiam simultaneamente uma certa impotência. Será que aplicando uma disciplina severa não iriam piorar a situação? O reitor da casa, o Padre Franz Wagner, quis então experimentar uma nova abordagem. Primeiro, o Regulamento previa que o novo colégio e os seus alunos seriam dedicados a Maria sob o título de Mãe da Pureza (*Mater Puritatis*) no Domingo 20 de Outubro de 1912.²⁰ Era este o título da grande

¹⁷ MTA IV, pág. 34; cf. MONNERJAHN, pág. 57.

¹⁸ cf. MONNERJAHN, pág. 57; SCHLICKMANN, pág. 47s; KLEIN (1952), pág. 6.

¹⁹ Documentos de arquivo, Monte Sião, Schoenstatt

²⁰ Naquela altura, no dia 20 de Outubro celebrava-se a festa de Maria, Mãe da Pureza. *Neues Leben*, pág. 19s fornece uma descrição entusiasmada da dedicação: “É a consagração Mariana dos alunos novos. Os alunos mais velhos renovam a sua consagração. (...) É com orgulho que usam a fita Mariana e consideram uma honra poder carregar a bandeira Mariana da escola.” A imagem Mariana com o título de *Mater Puritatis* tinha sido pintada por um Sr. Rüttgens e oferecida por um comerciante de arte de nome Kühlen, de Mönchen-Gladbach. Ver HUG (texto), pág. 39 e ESTRELA DE ÁFRICA, Vol. 20 (1912), pág. 150ss.

imagem de Maria que adornava o altar-mor da capela da casa. A dedicação aconteceu como tinha sido planeada, e cada aluno recebeu uma fita Mariana azul, perante uma grande bandeira Mariana. Esta cerimónia pareceu surtir um pequeno efeito, mas em poucos dias o velho aborrecimento regressou.²¹

Isto significou que havia que apostar mais na restante parte da estratégia – arranjar um director espiritual eficiente. A existência dum director espiritual constituía uma inovação para os Palotinos Alemães, inspirada nos colégios internos jesuítas. As novas regras para a administração indicavam que o director espiritual teria toda a liberdade no serviço às necessidades espirituais dos alunos, não tendo que impor as regras (separação entre o foro interno e externo). No entanto, a sua missão era dedicar as suas conversas ao esclarecimento sobre as regras, motivando uma obediência esclarecida.²² Desde o início, uma saúde débil impediu que o primeiro director espiritual, o Padre Adolf Panzer (com 28 anos),²³ e o seu assistente, o Padre Konrad Mohr, exercessem plenamente o seu cargo. Embora se tivessem instalado no dia 19 de Setembro de 1912, ambos se demitiram no dia 30 de Setembro por razões de saúde. Cabia agora ao provincial nomear um novo homem. A partir duma sugestão do Padre Wagner, o Padre Kolb escolheu um jovem professor da escola, o Padre Joseph Kentenich. Assim, no dia 25 de Outubro de 1912, exactamente um mês depois do início das aulas, o Padre Kolb escreveu a carta de nomeação do Padre Kentenich, confirmando a transferência com efeitos imediatos.²⁴

²¹ Ver CHRONIK, pág. 1, como foi citado acima na pág. 20f.

²² cf. SCHLICKMANN, pág.44s.

²³ As notas de WEBER sobre o Padre Panzer, um homem de fé, referem que não só conseguiu recuperar a saúde física ao longo dos anos seguintes, mas ultrapassou também os seus medos e ansiedades que estavam enraizados num processo tardio de maturação. Tornou-se um eficiente pastor de almas e até fundou o *Hildegardisschwestern* (de Botsweiler) antes de morrer em 1925. O Padre Panzer escreveu também uma primeira biografia de Joseph Engling que foi publicada na revista MTA.

²⁴ cf. MONNERJAHN, pág. 58 e SCHLICKMANN, pág. 45s.

O JOVEM DIRECTOR ESPIRITUAL

Será importante referir que o Padre Kolb hesitou em nomear o Padre Kentenich – mas não por duvidar das suas capacidades. Há muito que o Padre Kolb observava o seu jovem colega e admirava a sua mestria na sala de aula. O Padre Kentenich havia sido ordenado apenas 2 anos antes, com 24 anos de idade. Com uma saúde demasiado frágil para ser enviado para as missões, foi nomeado professor de Latim e Alemão das classes superiores em Ehrenbreitstein em Setembro de 1911.²⁵

Começou aqui a revelar-se o seu talento como educador. Logo desde o primeiro dia de aulas em 1911 tinha marcado o tom, dizendo: “Queremos trabalhar juntos. Vou exigir muito de cada um. Mas vocês também podem exigir o máximo de mim. Desta forma ficaremos grandes amigos este ano.”²⁶ Embora tivesse herdado uma turma que se encontrava seis meses atrasada, trabalhou pacientemente com os alunos e começou por estabelecer bases firmes que lhes permitissem aprender a matéria



Esquerda – O Padre Kentenich no dia da sua ordenação em 1910 (Arquivo). **Em cima** – sala de aula na Casa Nova, 1912 (fonte: *Neues Leben*, pág. 29)

usando as suas próprias motivações interiores e recorrendo uns aos outros. No início o progresso foi lento mas pouco depois a turma já tinha atingido o nível desejado. O

²⁵ cf. KOLB.

²⁶ cf. citação numa nota de pé de página na edição alemã de 1967 de SCH: FD, pág. 19.

Padre Kentenich fomentava a iniciativa dos alunos com uma criatividade extraordinária e rapidamente se tornou num dos professores favoritos. Durante esse ano foi nomeado professor-director da quarta classe (os mais novos das classes superiores) e conhecia-os especialmente bem.²⁷

Porém, o coração de sacerdote do Padre Kentenich não tinha a juventude como prioridade. Na altura da sua ordenação, o seu primeiro ímpeto fora “ir ter com as pessoas” e procurar os “cordeiros pascais” – aqueles que se tinham afastado dos sacramentos há vários anos.²⁸ Se a Divina Providência lhe pedia que ensinasse os rapazes, era isso que ele faria o melhor que sabia mas usaria o resto do seu tempo a celebrar Missa e a confessar nas localidades vizinhas. Mais tarde disse:

Eu evitava fortemente quaisquer contactos, inclusive com os rapazes, excepto os que pertenciam à minha turma. Eles tentavam todo o tipo de estratagemas. Ainda os consigo ver – um dos alunos das classes superiores veio e queria que lhe benzesse um terço. Assim benzi-lhe o terço e... adeus! Eles tentavam de tudo para se aproximarem de mim. Mas não, por trás eu tinha sempre presente um princípio [- a minha função não era tornar-me mais próximo deles, era procurar os pecadores].²⁹

Os superiores do Padre Kentenich repararam no seu talento a lidar com os jovens e queriam nomeá-lo prefeito (um lugar disciplinador). Mas o jovem padre não estava convencido de que conseguiria ter algum impacto quando tudo estava tão instável. Evitou a nomeação e pensou: Não vale a pena; está uma confusão tão grande na escola; que bem é que eu conseguiria fazer, de qualquer forma?³⁰

Mas agora, um mês depois das aulas começarem, não havia forma de evitar a nomeação que aí vinha. O Padre Kolb tinha a certeza que ele era o homem certo e agiu depressa. Como disse o Padre Kentenich no seu primeiro discurso oficial (ver abaixo):

E a seguir vem a minha nomeação como director espiritual – sem eu ter feito nada por isso. Consequentemente, deve ser a vontade de Deus. Estou conformado com isso e

²⁷ cf. MONNERJAHN, págs. 56 a 58 e nota de pé de página na edição alemã de 1967 de SCH: FD, pág. 19s.

²⁸ cf. USA-T 1952 (28 de Julho), II 59 e início do Documento da Pré-fundação (conferência de 27 de Outubro de 1912, ver fim deste capítulo).

²⁹ Série de 1963 (31 de Janeiro). Era também política da escola que os professores não cultivassem relações próximas com os alunos: “As regras obrigam repetidamente os professores a manter a maior reserva no contacto com os alunos. É proibido sorrir-lhes quando se lhes dirijam ou cumprimenta-los quando com eles se cruzem.” (Carta dum professor para o Padre Kolb, de 13 de Dezembro de 1914)

³⁰ ibid.

determinado a cumprir os meus deveres o melhor possível, para com todos vós e para com cada um individualmente.

Só podemos tentar adivinhar os pensamentos que passaram pela cabeça do Padre Kentenich. A descrição das suas funções (dentro das novas regras do colégio) era bastante clara:

O director espiritual deverá dedicar-se ao bem-estar espiritual dos residentes da casa, à direcção específica das almas. Será assim, acima de tudo, o confessor habitual e deverá saber que a sua presença se destina exclusivamente ao foro interno. Nunca deverá interferir em assuntos do foro externo e deverá recusar-se a qualquer referência sobre estes temas. (...) O tema das conferências deverá concentrar-se na explicação do Regulamento e no seu cumprimento por parte dos alunos...³¹



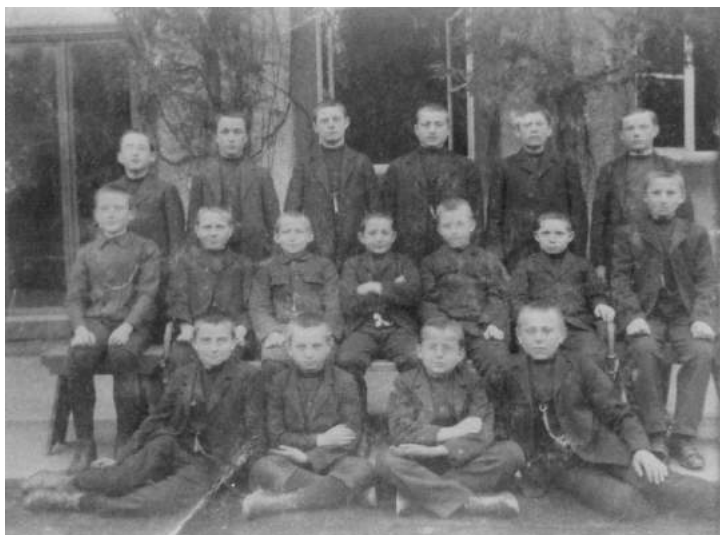
Aspecto da Capela da Casa Nova na altura da fundação, fotografia provavelmente tirada nos anos 1920 ou 1930 (Arquivo dos Padres de Schoenstatt, Província Alemã).

Mas qual o método a usar para ele poder explicar e garantir o cumprimento do Regulamento? Já se sabia que os seus métodos eram bastante diferentes dos dos outros professores. Será que funcionariam? Tal como mais tarde o Padre Kentenich contou à Irmã M. Annette, houve um momento imediatamente a seguir à sua nomeação em que ele se sentou no coro sem ninguém o ver e olhou para baixo para os rapazes enquanto rezavam o terço. De cada vez que os alunos achavam que ninguém estava a olhar, começava uma “batalha”. Então nesse mesmo momento o Padre Kentenich disse para consigo, “*Não pode piorar com o meu método,*

portanto vou tentar.”³²

³¹ Das “Normas de Gestão do Seminário Menor” em Schoenstatt, 1912. Como citado em SCHLICKMANN, pág. 44s.

³² Recordações da Irmã M. Annette Nailis, escritas em 1955. Ver SCHLICKMANN, pág. 273.



Fotografia da segunda turma mais nova à frente da Casa Velha em Schoenstatt, em 1911. Albert Eise está na fila de cima, o segundo a contar da direita; Albert Langner está na fila de baixo, o segundo a contar da direita. A fotografia foi enviada como postal por Rudolph Gross para os seus pais, em 1911 (Arquivo dos Padres de Schoenstatt, Província Alemã).

Não demorou muito até os alunos perceberem o método que o Padre Kantenich ia tentar aplicar. Na primeira reunião de Domingo, no dia 27 de Outubro, o Padre Kantenich apresentou o seu programa. A dedicação do colégio na semana anterior a Maria, Mãe da Pureza, já tinha perdido o efeito. Por muito que gostassem do Padre Kantenich, os alunos estavam apreensivos e ele teria que ganhar a confiança deles. A

reunião de 27 de Outubro contou com a presença das 4 classes superiores (cerca de 50 alunos), o principal epicentro do descontentamento. Como recordou o Padre Kantenich cinquenta anos mais tarde, a reunião foi às seis horas da tarde, na sala de estudo grande por cima da biblioteca.³³ Ele falou duma forma directa e pessoal. Queria que a relação com eles não fosse baseada em regras mas antes numa cooperação livre e mútua. Despertou o interesse deles ao apresentar um plano de acção que não lhes seria imposto mas que exigiria que trabalhassem *em conjunto*.

UMA NOVA VISÃO

Por trás desta nova abordagem do Padre Kantenich estava uma nova visão sobre a forma de atrair a liberdade duma pessoa numa comunidade livre. Tratava-se duma ideia em que já andava a pensar há bastante tempo – pelo menos desde 1907. No ano escolar de 1906-07, a debilidade da sua saúde forçou-o a passar algum em recuperação na Casa Velha de Schoenstatt. Uma vez aqui, tentou passar para papel uma ideia para a criação do que ele chamava “comunidades livres” entre os alunos do seminário menor. Num rascunho composto de regras e três páginas de ideias mais

³³ Padre Carlos Boskamp Papers, “Anekdoten...” (3 páginas de anedotas escritas pouco depois do dia 28 de Outubro de 1962, pág. 2

desorganizadas, o Padre Kentenich esboçou uma associação onde cada turma tinha a sua própria “comunidade”. O objectivo principal era a criação dum espaço para os alunos poderem exercer a sua livre iniciativa, motivados pela confiança e a busca dum ideal mais alto.³⁴ O ano em que esteve a ensinar (1911-12) é prova irrefutável de que esta visão de uma pessoa verdadeiramente livre o guiava – e de que ele tinha um dom para o tornar possível. Os seus métodos, encorajando os alunos de Alemão e de Latim a pensarem por eles próprios e a ajudarem-se entre si a encontrar as respostas, deram muitos frutos. Agora que era o director espiritual, o Padre Kentenich interpretou-o como um sinal da Divina Providência para pôr esta visão em prática.

Este “Programa!” (o título que o Padre Kentenich deu à sua primeira conferência) viria a ser o primeiro passo para a fundação de Schoenstatt, estabelecendo um rumo de acção para a alma moderna, tão relevante hoje como no dia em que foi apresentado. E por esta razão, as palavras do Padre Kentenich no dia 27 de Outubro de 1912 são agora conhecidas como o “Documento da Pré-Fundação”.

(Nota: A conferência começa com umas palavras leves que pegavam numa pequena piada que vinha da aula de Alemão sobre um livro chamado *Jobsiade*³⁵ - referindo-se ao “candidato Yobs” – a raiz do desagrado de Norbert Theele pelo “*genitivus objectivus*” da gramática do Latim. Naquela altura de 1912 o Padre Kentenich era o director da mesma turma que tinha tido em 1911-12 – a actual quinta classe – e podia contar com a compreensão deles enquanto tentava captar os alunos mais cépticos e desapontados das sexta e sétima classes.)

³⁴ cf. MONNERJAHN, pág. 44s.

³⁵ *Jobsiade: Ein komisches Heldengedicht in drei Teilen* (A aventura de Job: um estranho poema heróico em três partes) de Karl Arnold Kortum, 1799.

A ACTA DA PRÉ-FUNDAÇÃO (27 de Outubro de 1912) (texto completo)³⁶

PROGRAMA

Hoje só quero apresentar-me. “Perante esta resposta do candidato Yobs todos abanaram a cabeça.” Com este verso profundo de sentido e manifestamente poético duma obra épica sobejamente conhecida pode-se fazer uma brincadeira – e, naturalmente, como corresponde à natureza da brincadeira, ele pode ser tornado ainda mais espirituoso – talvez mais ou menos assim: “Perante a notícia sobre o novo director espiritual todos esticaram o pescoço.” – À notícia do novo director espiritual – sobre o novo director espiritual – trata-se dum *genitivus objectivus* e quer dizer: da escolha do novo director espiritual. Diga-se de passagem que assim correspondi ao desejo de Theile³⁷. Ele propôs-me que dissesse hoje alguma coisa sobre o genitivo. Então, Theile, estás satisfeito ou ainda queres saber mais alguma coisa?

Brincadeira à parte! Sei que o gracejo reflecte o vosso estado de espírito, a vossa atitude perante a minha nomeação. Estão admirados e estão desiludidos.* Por isso, o “esticar o pescoço” generalizado. Mas parece que é perigoso ficar muito tempo com o pescoço contraído. Até se pode ficar com torcicolo. Foi por isso que repus a minha cabeça e o meu pescoço na posição normal e me resignei ao inevitável. Talvez,... e, por isso, hoje quero prestar-vos contas

1. sobre **a relação que tivemos até agora**,
2. sobre **a relação que vamos ter no futuro**.

1. Como foi a nossa relação até agora? Podemos descrevê-la em poucas palavras. Não tínhamos nada que ver uns com os outros. Passávamos uns pelos outros sem entrar em choque ou nos bombardearmos com olhares hostis. Até aqui, tudo é ainda inofensivo. Mas talvez não seja tão agradável e indiferente confessar-vos que foi por princípio que evitei conscientemente uma relação mais próxima. Quando, no ano passado, fui para Ehrenbreitstein, o Rev.do Pe. Reitor pediu-me para, quando o desejásseis, atender as

³⁶ Padre Kentenich, conferência, conforme citação em KASTNER, págs. 21 a 27. Ver também SCH: FD, páginas 11 a 22. O texto a negrito e itálico segue a transcrição do texto escrito original apresentado em SCHLICKMANN, págs. 59 a 66.

³⁷ Um aluno do quarto curso que estava em pé de guerra com os mencionados capítulos da gramática latina. - A breve observação é típica para o método do director espiritual, de captar o mais depressa possível os pontos de contacto a partir das experiências dos alunos, para criar uma mentalidade comum. Durante muito tempo, Theile e os seus colegas de curso foram os únicos a vencer a timidez de falar em público e a corresponder às motivações para a discussão entre todos.

* Os alunos estavam bastante desapontados por lhes “tirarem” o professor favorito e aparentemente o colocarem no sistema que lhes queria impor o Regulamento.

vossas confissões. Mas defendi-me com unhas e dentes e por fim consegui que me deixassem em paz. Porquê? Não queria ter nada a ver convosco para poder dedicar o resto do meu tempo e das minhas forças aos leigos, sobretudo aos velhos pecadores endurecidos. Queria caçar os chamados "cordeiros pascais", e a minha maior alegria de sacerdote era ver chegar um deles com uma carga pesada de velho entulho, acumulada durante anos, que até fazia ranger o confessionário.

Agora compreendem mais ou menos a minha maneira de proceder. Mantive uma atitude de reserva - não por desprezo, não por desconhecer as emoções e as necessidades mais nobres e mais delicadas da psicologia juvenil nem por ser da opinião que estudantes não possam sofrer abalos espirituais profundos. Sim, se antes alguém me tivesse dito "Aquele ou aquele outro está a atravessar uma grande crise interior" teria tido todo o gosto em dedicar-me a ele. Mas estas coisas não se dizem antes. Por isso, cortei o problema pela raiz e resolvi não me preocupar absolutamente com nada.

Agora recebo a nomeação para Director Espiritual - sem qualquer iniciativa da minha parte nesse sentido. Deve, portanto, ser vontade de Deus. Por isso, aceito, firmemente decidido a cumprir da maneira mais perfeita todos os meus deveres em relação a todos e a cada um de vós. Ponho-me inteiramente à vossa disposição, com tudo o que sou e o que tenho: com o que sei e o que não sei, com todas as minhas capacidades e incapacidades, mas sobretudo com o meu coração.

Só vou dedicar à realização da minha ideia predilecta o tempo que ainda me sobrar. Espero que nos iremos entender bem, que iremos fazer tudo para atingir o melhor possível o nosso objectivo comum.

2. E, afinal, qual é este objectivo? Esta questão é importante porque o nosso relacionamento futuro depende da resposta que lhe dermos. Por isso, digo, de forma breve e concisa:

Sob a protecção de Maria queremos aprender a auto-educar-nos para sermos personalidades firmes, livres e apostólicas.

A realização e a prática deste princípio vai ocupar-nos durante todo o ano. Hoje quero apenas dar-vos alguns esclarecimentos.

Nós **queremos** aprender. Não só vós - eu também. Queremos aprender uns com os outros, porque nunca acabamos de aprender, sobretudo no que se refere à arte da nossa auto-educação que representa a obra, a acção, o trabalho de toda a nossa vida.

Queremos **aprender**, não apenas **teoricamente**: talvez tenha que se fazer assim, assim está bem, assim é que é bonito, ou até necessário. Na realidade, isto não nos ajudaria muito. Temos que aprender também na **prática**, temos que pôr mãos à obra todos os dias, a toda a hora. Como é que aprendemos a andar? Ainda se lembram de como aprenderam a andar? Ou pelo menos de como os vossos irmãos mais pequenos aprenderam a andar? A mãe terá feito grandes discursos: Olha, António ou Maria tens que fazer assim? Assim, ainda nenhum de nós andaria! Não, elas tomaram-nos pela mão e pronto, começámos a andar. É andando que se aprende a andar, é amando que se aprende a amar; e é pela prática constante da auto-educação que também temos que aprender a auto-educar-nos. A verdade é que não nos faltam ocasiões.

Queremos aprender a **auto-educar-nos**. Uma actividade nobre. A auto-educação está actualmente no centro do interesse em todos os círculos de nível cultural superior. Auto-educação é um imperativo da religião, um imperativo da juventude, um imperativo do tempo. Não quero desenvolver agora em detalhe estas ideias, mas esboçar brevemente apenas a última.

A auto-educação é um imperativo do tempo.

Não é preciso ser grande conhecedor do mundo e do homem para constatar que o nosso tempo, com todo o seu progresso, com todas as suas descobertas, não conseguiu libertar as pessoas do seu vazio interior. É que todas as atenções, todas as iniciativas têm exclusivamente como objecto o macrocosmos, o grande mundo, o mundo exterior a nós próprios. Na verdade, não hesitamos em manifestar a nossa admiração pelo génio humano. O génio humano dominou as poderosas forças da natureza e submeteu-as ao seu serviço. Alcança qualquer distância na terra, sonda as profundezas do mar, perfura as montanhas da terra e voa pelo espaço. O impulso de pesquisa leva-o cada vez mais longe. Descobrimos

o pólo norte e descortinámos continentes obscuros, examinámos com raios novos o nosso sistema ósseo; o telescópio e o microscópio desvendam-nos todos os dias mundos novos.³⁸

Porém, há um mundo sempre antigo e sempre novo, um mundo - o **MICROCOSMOS**, o mundo em pequeno, o nosso próprio mundo interior, que continua desconhecido e inexplorado.

Não existem métodos, ou pelo menos métodos novos, para radiografar a alma humana. «Todos os domínios do espírito foram cultivados, todas as faculdades potencializadas, só o mais profundo, o mais interior, o mais essencial da alma imortal é que continua demasiadas vezes a ser um terreno por cultivar», lamentam até os jornais. É por isso que a nossa época é de uma pobreza e de um vazio interior assustadores.

Mas há mais. Há algum tempo, um político italiano designou como o maior perigo, o facto de as raças de civilização inferior ou média se apropriarem cada vez mais dos meios técnicos da civilização moderna, sem lhes ser transmitida a cultura intelectual e ética para utilizarem devidamente estas conquistas.³⁹

No entanto, eu prefiro inverter a questão e perguntar: E as raças de cultura superior serão porventura maduras e capazes de utilizar devidamente os enormes avanços da época moderna em todos os domínios exteriores? Ou, em vez disso, não se terá o nosso tempo tornado escravo das suas conquistas? Na verdade foi o que aconteceu. O nosso domínio sobre os dons e as forças exteriores da natureza não andou a par e passo com o domínio das forças instintivas do nosso coração humano. Esta discrepância tremenda, esta brecha incomensurável torna-se cada vez maior e mais profunda - e, se não se conseguir, muito em breve, com toda a força, mudar a situação, encontrar-nos-emos perante o fantasma da questão social, da falência da sociedade. Em vez de dominarmos as nossas conquistas, tornamo-nos seus escravos; tornamo-nos escravos também das nossas próprias paixões.

É preciso decidir! Para a frente ou para trás! Para onde?

Vamos então retroceder! Teremos, portanto, que voltar à Idade Média, arrancar os carris, cortar os fios dos telégrafos, abandonar a electricidade às nuvens, devolver o carvão à terra e fechar as universidades!

Não, nunca! Não queremos fazer tal coisa, não devemos fazê-lo, não podemos fazê-lo.

³⁸ Este parágrafo, bem como os que se lhe seguem mostram muitas semelhanças com *Jugendlehre* de Friedrich Wilhelm Foerster (Berlim, 1904), em especial a introdução. O Padre Kentenich conhecia bem a obra deste conhecido escritor de assuntos relacionados com a educação. Este parágrafo: cf. FOERSTER, pág. 2.

³⁹ cf. FOERSTER, pág. 2.

Então avancemos! Sim, avancemos na pesquisa e na conquista do nosso mundo interior através de uma auto-educação consciente dos seus objectivos. Quanto maior o progresso exterior, maior o aprofundamento interior. É este o brado, o lema que está a ser propagado por toda a parte, não só entre católicos mas também no campo inimigo.

Também nós queremos seguir estas aspirações modernas - na medida da nossa própria formação.

No futuro, já não poderemos **deixar-nos dominar** pelos nossos conhecimentos, mas temos que ser **nós a dominá-los**. Já não deverá acontecer dominarmos diversas línguas estrangeiras, segundo o objectivo do programa escolar, mas sermos os mais perfeitos ignorantes em relação ao conhecimento e à compreensão da linguagem do nosso coração. Quanto mais profundamente penetrarmos na tendência e desenvolvimento da natureza, tanto mais racional e adequadamente temos que saber enfrentar as forças instintivas e diabólicas no nosso interior.

O grau do nosso progresso no domínio das ciências tem que ser o grau do nosso aprofundamento interior, do crescimento da nossa alma. Caso contrário, cria-se também no nosso interior um vazio enorme, um abismo tremendo que nos faz sentir profundamente infelizes. Portanto, auto-educação!

É o que exige o nosso ideal e o ímpeto do nosso coração, é o que exige a nossa sociedade, é o que exigem sobretudo as pessoas, nomeadamente aquelas com as quais nos vamos encontrar mais tarde na nossa futura actividade. Como sacerdotes temos mais tarde que exercer uma influência profunda e duradoira sobre o nosso ambiente. E em última análise não o fazemos pelo brilho dos nossos conhecimentos, mas sim pela força, pela riqueza interior da nossa personalidade.

Temos que aprender a auto-educar-**NOS**. Temos que nos educar a nós próprios; a nós próprios com todas as nossas capacidades. Veremos mais tarde quais são estas capacidades, qual é o *objectum materiale*⁴⁰ do nosso autodomínio.

Temos que nos educar para nos tornarmos personalidades *firmes*. Há muito já que saímos da infância. Naquele tempo, deixávamos o nosso bom ou mau humor e o nosso estado de espírito determinarem o nosso agir. Mas agora temos que aprender a agir segundo reconhecidos e claros princípios. Tudo em nós pode vacilar. Tempos virão, com certeza, em que tudo em nós vai vacilar. Então, já não serão os exercícios espirituais a

⁴⁰ O objecto material

poder ajudar-nos. Uma só coisa nos pode ajudar: os nossos princípios. Temos que ser personalidades firmes.

Temos que ser personalidades *livres*. Deus não quer escravos de galera, quer remadores livres. Outros podem arrastar-se pelo chão diante dos seus superiores, lamberrhes as botas e agradecer serem pisados. Mas nós temos bem consciência da nossa dignidade e dos nossos direitos. Não é por temor ou coacção que nos inclinamos diante da vontade dos nossos superiores, mas porque o queremos livremente, porque cada acto de submissão nos torna interiormente livres e autónomos.

Queremos colocar a nossa auto-educação sob a protecção de Maria. Foi o que prometemos no domingo passado.⁴¹ Agora temos que pôr mãos à obra. Sim, neste sentido ainda nos espera uma grande tarefa. Segundo os vossos estatutos, a devoção a Maria deve ser cultivada em comunidade.⁴² A forma exterior já existe: é a magnífica bandeira e a medalha.⁴³ Mas ainda falta o principal: uma organização interna adequada à nossa situação, semelhante à das Congregações que, como é sabido, existem em diversos liceus e universidades.

Queremos criar esta organização. Nós - não eu. Porque neste sentido não farei nada, absolutamente nada sem o vosso inteiro acordo. Não se trata de um trabalho de momento, mas de uma instituição útil para as gerações futuras. Os vossos sucessores devem, portanto, poder usufruir do vosso zelo, do vosso conhecimento das almas e da vossa prudência. Tenho a certeza de que, se todos colaborarem, vamos conseguir algo proveitoso.

Mas ainda aí não chegámos. Antes de mais temos que nos conhecer uns aos outros e que nos habituar a dialogar com liberdade entre nós, como corresponde ao nível da nossa formação.

Queridos alunos,

⁴¹ No dia 20 de Outubro, Festa da Mater Puritatis.

⁴² Segundo KOLB, as reuniões do corpo docente no início de 1912 ponderaram a criação duma Congregação Mariana. O consenso decretou que não seria necessário, uma vez que os Padres Palotinos eram já uma comunidade de cariz Mariano. Os Estatutos de 1912 foram então escritos de forma a incluir um capítulo sobre a educação da devoção Mariana e previam a possibilidade da criação de algo “similar a uma Congregação Mariana”.

⁴³ Era sobre a mencionada bandeira que os congregados faziam o seu juramento de fidelidade.: ' Esta é a bandeira que eu escolhi e não abandonarei, a Maria o juro!' A medalha de Nossa Senhora, entregue no dia 20 de Outubro, foi substituída na Congregação por uma mais pequena que tinha gravada num dos lados a imagem da Imaculada Conceição e no outro lado a imagem de S. Luís de Gonzaga. Segundo KOLB, a linda bandeira Mariana foi cosida à mão e doada pelas Sras. Maria e Gertrud Duchêne, bordadeiras de altar em Limburg. Esta bandeira converteu-se mais tarde na bandeira da Congregação de Schoenstatt.

Assim concluo a minha prestação de contas. Tenho a certeza de que me compreenderam; sabem porque mantive uma atitude de tanta reserva em relação a vós; também conhecem os meus planos para o futuro. Vamos começar juntos a grande obra e, juntos, vamos realizá-la. **Sob a protecção de Maria queremos aprender a auto-educar-nos, para sermos personalidades firmes, livres e apostólicas.** Que Deus nos dê a Sua bênção. Amen.

2. EDUCAÇÃO PARA A LIBERDADE

O objectivo que o Padre Kentenich traçou para si próprio e para os rapazes na sua conferência introdutória a 27 de Outubro de 1912 pode ser esquematizado em 5 pontos:

- 1) *Sob a protecção de Maria* – Ela tem um carinho especial por nós e nós reconhecemos que a Sua ajuda é indispensável;
- 2) *queremos aprender a auto-educar-nos* – desejamos a auto-educação;
- 3) *a sermos personalidades firmes* – as nossas vidas são construídas sobre princípios sólidos;
- 4) *livres* – queremos escolher “remar por Deus” livremente, com uma noção correcta da dignidade humana e da obediência;
- 5) *e apostólicas* – a nossa luta é pela santidade.

A lenta revelação da grande importância de cada ponto tinha começado. Na sua primeira conferência, o Padre Kentenich tinha dedicado mais tempo à auto-educação e à personalidade firme e livre. Ainda restava por ver como se incluiria Maria e a luta pela santidade. Mas o objectivo do novo director espiritual era bastante claro e pretendia enfrentar a revolta dos rapazes. O que era necessário era uma *educação para a liberdade* e o Padre Kentenich dispunha-se a fazê-la.

A VISÃO DO PADRE KENTENICH DE UM NOVO HOMEM

Esta educação para a liberdade já não constituía território por explorar para o director espiritual. De alguma forma toda a sua vida espelhava esta mesma questão da liberdade. Ele percebia a forma como a história moderna se debatia com o paradoxo do indivíduo – livre e no entanto limitado, ansiando por um mundo melhor e no entanto esmagado pela destruição que saía das próprias mãos. A tecnologia era um de muitos exemplos do paradoxo moderno do poder e da impotência.

O Padre Kentenich afirmaria mais tarde que este desejo por “um novo homem” é a força motivadora da nossa era.⁴⁴ De qualquer modo, essa força fluiu como um poderoso rio dentro da sua própria alma. Quarenta anos depois deste começo com os

⁴⁴ Ver várias fontes do Padre Kentenich, incluindo *Amerikabericht* (Relatório América) no Outono de 1948, conforme citação de Jonathan Niehaus, *Visita à América* (Waukesha, 1999), capítulos 17 e 18; e *Qual é a minha filosofia sobre a Educação?* (Cidade do Cabo, 1990), pág.10.

rapazes o Padre Kentenich referir-se-ia do seguinte modo ao “programa” de Outubro de 1912:

O “programa” contém uma parte da vida da minha própria alma, na realidade, o centro dessa vida. E eu teria lançado o programa – talvez de outra forma – mesmo se aquela ocasião histórica não tivesse surgido. (1952)⁴⁵

A profundidade desta tendência coincidia com a inquietude dos jovens. Era a sua visão dum homem verdadeiramente livre e que vinha já da sua infância. Esta ideia foi tomando forma gradualmente, foi-se tornando mais clara, foi até tomando uma forma organizacional, como vimos no Capítulo 1, com o seu esquema de “comunidades livres” para uma organização dos alunos em Schoenstatt. Noutra citação de 1952 encontramos esta formulação da sua visão em 1912:

Como é que o “programa” apareceu?

Em primeiro lugar, veio da estrutura pessoal da minha alma. Podemos aplicar aqui o nosso debate dos últimos dias sobre as duas formas de exprimir a nossa missão carismática. Ainda se lembram destas duas formas? A forma geral: [Formar] o homem novo na nova comunidade, com carácter apostólico universal. E a outra? [Formar] o homem animado pelo espírito, ligado a ideais, que está ligado pessoalmente à sua comunidade e que se entrega ao apostolado universal.⁴⁶

Era também este profundo anseio por um “novo homem” que estava na raiz da rebelião no colégio de Schoenstatt. O slogan que clamava por “livres, como os nossos pais foram” poderia ser classificado, à luz de outros olhos, como uma falta de disciplina ou um infeliz bando de maus rapazes ou ainda “meramente uma fase”. Mas aos penetrantes olhos do jovem director espiritual foram entendidos como uma oportunidade dada por Deus para desenvolver esse novo homem. Não tinha ele afirmado “E eu teria lançado o programa – talvez de outra forma – mesmo se aquela ocasião histórica não tivesse surgido.”? A situação era controversa mas as cartas estavam na mesa. Esta era a oportunidade e se significava trabalhar com um punhado de revolucionários, melhor ainda – eram personalidades dessas que tinham no seu íntimo a vontade e o vigor de procurar algo extraordinário!

Há que referir a forma atenta com que o Padre Kentenich ouvia os desejos da Divina Providência que ia encontrando na vida diária normal. Tal como a sua

⁴⁵ Kentenich, BR-T, 1952 (26 de Fevereiro), II 229s.

⁴⁶ Ibid. II 223.

conferência inicial tinha mencionado as circunstâncias que tinham levado à sua nomeação como director espiritual (“...sem eu fazer nada por isso. Consequentemente, deve ser a vontade de Deus.”), cabia-lhe agora a tarefa de encontrar a vontade de Deus por detrás duma situação para a qual todas as outras tentativas tinham falhado. Falhado, pelo menos em corrigir o espírito amargo que se sentia. Pode perceber-se claramente o dilema que se lhe apresentava nos parágrafos que abrem a Crónica da Congregação Maior, uma fonte que muito nos ajudará no capítulo 4. Aí, o Padre Kentenich começa:

Ninguém contava com a forma como se desenrolaram os acontecimentos quando em Setembro de 1912 – com aversão e cheios de preconceitos – trocámos a casa velha em Ehrenbreitstein pelo novo colégio aqui em Vallendar, lindamente situado e equipado com conforto. O ressentimento que se vivia não permitiu que a dedicação [a Maria] que se fez nesse mesmo ano, como ditava o Regulamento, na festa da *Mater Puritatis*, operasse mudanças *permanentes*. O entusiasmo do momento (cf. a descrição na *Estrela de África* [uma revista sobre as missões publicada pelos Padres Palotinos em Limburg]) tinha-se desvanecido rapidamente e o próprio acto em breve passou a ser julgado com o mesmo desagrado que o Regulamento, considerados uma inovação cujo único propósito era restringir e anular, de uma forma excessiva e desnecessária, os nossos pequenos e arduamente conquistados pedaços de liberdade. Muitos pensavam que a dedicação já tinha fundado a Congregação Mariana. Alegavam que tinham sido investidos sem a sua cooperação, sem lhes ter sido perguntado e gozavam com as medalhas e as fitas que lhes tinham sido colocadas.⁴⁷

UM PANO DE FUNDO DE DIFICULDADES

A actual versão deste programa do Padre Kentenich resultava de mais de uma experiência do seu passado e uma das mais profundas e dolorosas crises tinha sido como seminarista em Limburg. Tinha sido uma caminhada de escuridão interior que o assolara ao longo de toda a sua formação sacerdotal, desde o início do seu noviciado (1904) até aos seus votos finais (1909). Para os que o rodeavam, parecia ambientado. Mas por dentro sentia-se encurralado num isolamento e numa procura de conhecer totalmente a verdade abstracta. Mais tarde, o Padre Kentenich caracterizou esta crise como uma fuga da mente e da alma de tudo o que é “meramente humano”.⁴⁸ Num

⁴⁷ CHRONIK, pág. 1.

⁴⁸ cf. STUDIE 1955, pág. 7

certo sentido, experimentou os efeitos secundários da abordagem demasiado racional que era típica da formação intelectual e até religiosa da época, erros que mais tarde resumiu num *idealismo ou cepticismo exagerados* (separação entre ideia e realidade), *individualismo exagerado* (separação entre o ser individual e o ser colectivo ou comunitário) e *supra-naturalismo exagerado* (separação entre a ordem natural e a sobrenatural).⁴⁹ Instintivamente, sentiu que estes exageros eram falsos, mas as suas únicas ferramentas para os superar eram elas também racionais, individualistas e sobrenaturais, tornando impossível superar-se a si próprio e libertar-se. Não parava de andar em círculo, esperando encontrar parte da verdade absoluta.

O jovem seminarista conseguiu finalmente encontrar o seu caminho para fora desta crise quando entregou tudo radicalmente, até a terrível possibilidade de um esgotamento mental, a Maria, a Mãe de Deus. Já há algum tempo que Ela era o farol nas várias tempestades da sua vida, e agora ele entregava-se totalmente nos Seus braços. Embora a crise só tenha sido completamente superada após a conclusão dos seus estudos e quando conseguiu mergulhar totalmente no cuidar das almas, este acto de entrega serenou o seu espírito. Anos mais tarde, foi com alegria que dedicou toda a sua formação à sua Mãe do Céu, percebendo como, nas profundezas da sua alma, mais ninguém o tinha conseguido formar nesta fase da sua vida.⁵⁰ Já na sua infância, quando a sua mãe foi forçada a entregá-lo a um orfanato colocou-o directamente sob o cuidado de Maria (“Sê Tu a sua Mãe agora”) e ele assumiu-o literalmente, fazendo deste momento a sua consagração pessoal a Nossa Senhora. Quando a Ela recorreu em 1909, descobriu duma nova forma como Ela unia os “-ismos” que dividiam a sua alma, integrando ideia e realidade, o ser individual e o ser social, o natural e o sobrenatural. Como ele disse mais tarde:

É ao [meu] profundo amor pessoal por Maria que devo o facto de a minha alma ter conseguido manter o seu equilíbrio. As experiências por que passei naquela altura possibilitaram-me mais tarde a formulação das seguintes afirmações: A Mãe Bendita é simplesmente o ponto de intersecção entre o natural e o sobrenatural ... Ela é o equilíbrio do mundo, isto é, através do Seu ser e da Sua missão Ela mantém o mundo em equilíbrio. (1955)⁵¹

⁴⁹ Ibid., págs. 7 e 8.

⁵⁰ Ibid., págs. 4 e 5.

⁵¹ Ibid., pág. 8.

CONSAGRAÇÃO MARIANA DO PADRE KENTENICH

Numa conferência em Maio de 1914, o Padre Kentenich contou:

“Há vários anos, num orfanato, vi uma estátua da Santíssima Mãe com um fio de ouro e uma cruz ao pescoço. O fio e a cruz eram uma recordação da Primeira Comunhão duma mãe que, perante circunstâncias difíceis, se vira forçada a colocar o seu filho num orfanato. Ela não tinha possibilidade de ser a mãe do seu filho. Que podia ela fazer com aquela preocupação, com aquela angústia no coração? Foi buscar a única recordação valiosa que tinha da sua infância – o fio e cruz da sua Primeira Comunhão – e pendurou-o ao pescoço da Mãe de Deus e implorou: Educa o meu filho! Sê inteiramente a sua Mãe! Cumpre por mim os meus deveres de mãe! E hoje essa criança é um padre dedicado que trabalha pela glória de Deus e da Sua Mãe do Céu.”¹

O que o Padre Kentenich não contou era que o padre dedicado de quem falava era ele próprio, e que esta história era o acontecimento central da sua infância: a sua consagração a Maria com oito anos no dia 12 de Abril de 1894, no Orfanato de St. Vincent em Oberhausen, na Alemanha. Tudo o que a mãe tinha implorado tinha permanecido no coração do jovem rapaz, “Educa o meu filho! Sê inteiramente a sua Mãe!” e durante a sua vida ele não viria a conhecer qualquer outra mãe senão a do Céu. Mais tarde afirmou que o que o tinha educado e formado tinha sido unicamente a Sua terna mão, especialmente durante os anos de escuridão e de solidão da sua crise interior. Esta experiência fundamental da mão maternal e educadora de Maria seria a base do seu trabalho como director espiritual e um prenúncio da aliança de amor de Schoenstatt com Maria.

Um dos frutos da sua crise foi a clareza que adquiriu em relação à sua visão dum novo homem numa nova comunidade: a verdadeira liberdade depende duma personalidade completamente coesa e integrada: a ideia integrada com a realidade, o indivíduo com a comunidade, a natureza com o sobrenatural. E mais que isto, a sua própria experiência com Maria viria a ser a base para o aprofundar da sua valorização da devoção Mariana como uma chave indispensável para a formação do homem novo.

¹ Kentenich, conferência de Maio de 1914, cf. citação em KASTNER, págs. 229 e 230; ver também MONNERJAHN, pág. 30.



Estátua de Maria (com São Domingos e Santa Catarina de Sena) da capela do Orfanato de St. Vincent em Oberhausen. Foi ao pescoço desta estátua que a mãe do Padre Kentenich pendurou o fio da sua Primeira Comunhão quando o consagrou a Maria em 1894.

Esta estátua encontra-se desde 1985 na Casa Padre Kentenich no Monte Schoenstatt, em Schoenstatt na Alemanha.

PERCEBER ONDE COMEÇAR

Onde seria o sítio certo para começar com esta educação para a liberdade? Em primeiro lugar, havia que garantir o ambiente certo. Ambos os extremos de castigo ou de piedade apenas fariam com que os “rebeldes” se entrincheirassem ainda mais. Ao mesmo tempo, porém, o Padre Kentenich não defendia nem a abolição do Regulamento nem propunha respostas mágicas. Nem os abusos do Regulamento nem a falta de compreensão por parte do corpo docente seriam alguma vez criticados em frente dos rapazes – embora o director espiritual se esforçasse muito nos bastidores para mudar os abusos mais flagrantes, quer falando com o Padre Kolb quer com o reitor. O seu objectivo não era serem “livres de” mas sim “livres para”, uma mudança do grito de batalha com interesses próprios para uma iniciativa pessoal e de luta pelo ideal que lhe estava intrínseco.

A determinada altura o Padre Kentenich optou pela Congregação Mariana como veículo para realizar estes objectivos.⁵² A Congregação encorajava a santidade através de iniciativa pessoal (como convinha a uma organização de “comunidades livres”) e a sua estrutura predispunha-se à actividade de indivíduos e de grupos. Era também profundamente Mariana. Mas ele só chegou a esta conclusão em 1913 e até lá a Congregação foi muito depreciada. Não só os rapazes estavam contra por erradamente considerarem que promoveria a pieguice, como o corpo docente também se lhe opunha por considerarem que constituiria uma distracção dos estudos. Até o conselho provincial (que tivera que a autorizar) tinha grandes dúvidas sobre algumas das características da espiritualidade da Congregação.

Reflectindo sobre o caminho que os conduziu até à Congregação Mariana, o Padre Kentenich recordou os primeiros passos em 1912 e 1913 na Crónica da Congregação Maior:

À medida que nos fomos apercebendo do que é uma Congregação, achámos que era demasiado piedosa para a maioria de nós, demasiado excêntrica.

Isto mostra como ainda estávamos longe da Congregação naquela altura. E no entanto, na renovação da dedicação [de Outubro de 1912] podemos encontrar um primeiro começo, se bem que muito fraco. Se este começo se ia desenvolver, então havia que criar condições favoráveis, acima de tudo. Tínhamos que começar por mudar de atitude. Isso foi acontecendo sem repararmos, duma forma lenta mas constante com as “instruções” que tinham lugar duas vezes por semana. Éramos conduzidos através dum longo e entediante processo de conseguir que o puramente racional dominasse sobre as nossas paixões. Depois de aprendermos a julgar de forma desapaixorada e racional e depois conseguir agir assim, pelo menos parcialmente, atrevemo-nos a passar da razão para a religião; reconhecemos como a piedade é algo de razoável e fizemos o esforço – como resultado de todo o processo – de termos por orientação *a razão iluminada pela fé*. Orientados e purificados desta forma, tanto o Regulamento como a Congregação ganharam o seu próprio significado aos nossos olhos.

Porém este processo não avançou assim tão rapidamente. Existiam simultaneamente outras dificuldades nada insignificantes a superar. A estrutura e organização da Congregação, únicas e já com provas dadas, exigiam não só capacidade de iniciativa dos seus membros, mas também a de trabalharem juntos em harmonia e obedecer a um

⁵² Ele obteve algumas das primeiras reacções concretas à Congregação Mariana através dumas publicações da Congregação que lhe chegaram às mãos em 1913. Ver USA-T (8 de Agosto), III 316 e Priestertagung 1927, pág. 12.

conselho de magistrados [eleitos entre os seus pares], e para além disso exigia um grande número de reuniões religiosas e não-religiosas - tudo requisitos em perfeita contradição com a maneira como se tinham feito as coisas até então, não só na falta de compreensão da nossa parte mas também na animosidade por parte do corpo docente, ou pelo menos uma boa parte dele (os mais velhos).⁵³

A CRIAÇÃO DE CONDIÇÕES FAVORÁVEIS

A primeira coisa a fazer era criar “condições favoráveis”. As duas horas semanais que o director espiritual tinha adjudicado às “instruções” começaram um calmo processo de desmontagem de falsas ideias e de providenciar uma clara imagem da realidade de ser um jovem rapaz com o grande objectivo de servir almas. Era verdadeiramente necessária essa imagem clara se se queria garantir a liberdade – a liberdade de se ser escravo de si próprio. Era este o objectivo da exploração do “microcosmos”, que será considerado de forma mais pormenorizada no próximo capítulo.

No entanto, nas suas primeiras conferências o Padre Kentenich decidiu corrigir alguns equívocos sobre os santos devido à tendência para o “supra-naturalismo” (separação entre a ordem natural e a ordem sobrenatural) que tinha colocado os santos demasiado longe no Céu. Perante vidas tão perfeitas, como poderíamos atrevermo-nos a sonhar em tornarmo-nos também santos tendo o auto-conhecimento das nossas próprias limitações? Este ataque ao impulso de aspirar a um bem sobrenatural não podia ficar impune. Afinal de contas, trata-se da vocação de *todo* o Cristão unir as duas grandes realidades com a virtude da graça de Deus. Não é suficiente cumprirmos “deveres” perante um Deus impessoal – temos que conhecer Deus, amar Deus, e depois através deste amor, servi-l’O!

O caminho para conhecer, amar e servir a Deus é um caminho Mariano e por essa razão o Padre Kentenich fez uma recapitulação sobre o papel de Maria na história do Cristianismo para os rapazes. Também aqui o objectivo era ultrapassar qualquer tentação de deixar Maria algures nas nuvens. O Seu papel na *história humana na terra* tem que dirigir a nossa atenção para a importância que Ela tem para alcançarmos o nosso ideal.

Incluem-se aqui a segunda e terceira conferências (a de 27 de Outubro conta como a primeira) devido à sua importância no desenvolvimento deste tema. A Segunda

⁵³ CHRONIK, pág. 1.

Conferência está apresentada na sua totalidade e da Terceira Conferência apenas se incluem alguns excertos mais importantes.

SEGUNDA CONFERÊNCIA - OS SANTOS: EXEMPLO PARA O CUMPRIMENTO DO NOSSO PROGRAMA (1 de Novembro de 1912) (texto integral)⁵⁴

Alguns padres estavam sentados a conversar. A conversa passava de um assunto para outro, incluindo o tema dos retiros. “Sim, “ disse um dos mais velhos que falava com experiência, “Sim, há qualquer coisa muito curiosa sobre os retiros: depois de vir deles preciso sempre de quatro ou cinco semanas para voltar ao ritmo anterior!”

Bem, penso que não será preciso muito para voltarmos ao nosso ritmo anterior. Pelo contrário, temos que investir todos os nossos esforços para não resvalarmos mais para a vida que tínhamos antes. Doutro modo estaríamos a ignorar o meio mais simples e elementar de conquistar e dominar o nosso próprio mundo interior. Temos, porém, que manter este mundo interior no centro da nossa atenção. As nossas forças espirituais não podem ser exclusivamente gastas na aprendizagem duma quantidade enorme de conhecimento; temos que as colocar cada vez mais ao serviço da exploração e do domínio dos nossos instintos primários. Não devemos andar mais tarde pela vida como pessoas que têm todas as fórmulas e técnicas necessárias para dominar e subjugar as forças da natureza, mas que ficam completamente impotentes e intelectualmente anulados perante as forças elementares dentro dos seus próprios corações.

Isso tornou-se claro para nós no Domingo passado, que teve como consequência a firme resolução:

Queremos auto-educar-nos a sermos personalidades firmes, livres e apostólicas, sob a protecção de Maria.

Mas não será este objectivo exigente demais?

Diógenes passeou pelo mercado com uma lanterna a meio do dia – para procurar homens, homens verdadeiros.

Heródotos declarou: Há muitas pessoas, mas poucos homens.

Essa foi a terrível descoberta do povo de Numância no seu tempo. No início massacraram os Romanos com derrota após derrota, mas depois Scipio obteve uma vitória em África e tornou-se o seu líder. A partir daí passou a ser outra história.

⁵⁴ Kentenich, conferência, cf. citação em KASTNER, págs. 37-42.

Mais tarde os chefes **Numantinos** perguntaram aos seus soldados: Como é possível que estejamos a fugir dum inimigo que dominámos durante tanto tempo? Ao que um deles respondeu entre dentes: “As ovelhas são as mesmas, mas o pastor é diferente.” O que ele queria dizer era: Nós não temos que recluir os homens, o povo, mas devemos inclinar-nos perante o homem completo. Porque um homem pode significar o povo.

Os Macedónios mostraram por duas vezes o que um só homem pode fazer. Em poucos anos Alexandre conquistou praticamente o mundo inteiro. Mas quando Aemilius Paulus comandava os Romanos, a Macedónia foi derrotada tão depressa que tiveram que vender setenta e duas cidades e respectivas populações num só dia.

São raras as pessoas, os homens feitos de ferro. Uma pessoa com uma personalidade firme e livre é ainda mais rara.

Não seria de tirarmos a lanterna da mão de Diógenes e irmos nós próprios à procura, para vermos alcançado o objectivo pelo qual lutamos?

Não, não temos que fazer isso. Temos a Igreja, esta educadora que Deus deu à humanidade e que sabe o valor educacional que um bom exemplo tem. As palavras ensinam, mas o exemplo atrai e por isso a Igreja vem ao encontro do nosso desejo o máximo que lhe é possível. Hoje, na Festa de Todos os Santos, ela mostra-nos todo um conjunto de personalidades: eles são os santos. Os santos são a fina-flor da humanidade: personalidades completas, firmes, livres e apostólicas.

Não temos qualquer problema em admitir isto. Mas – mas esses são os santos! Os seus exemplos não me dizem respeito, porque eu não nasci para ser santo.

Esta atitude parte dum grande erro. Quem quer que fale ou pense dessa maneira ainda não adquiriu a clareza necessária sobre o facto de que os santos, na sua auto-educação

1. tiveram que ultrapassar os mesmos obstáculos,
2. tiveram ao seu dispor os mesmos meios que nós.

Vamos então examinar juntos estes dois pontos.

1. Meus queridos alunos! Muitas vezes pensamos que os santos já o eram quando nasceram ou que talvez tenham desenvolvido uma personalidade aperfeiçoada com a facilidade de quem joga um jogo ou ainda com milagres ou arrebatamentos.

Na verdade, muitas vezes sabemos muito pouco sobre os santos – principalmente os dos primeiros séculos. Mas por trás do pouco que conhecemos escondem-se mares de tempestades, batalhas ou monstros aterrorizantes.

Não eram os santos humanos, não tinham a mesma natureza humana? Quem pode duvidar disso? Então do mesmo modo não podemos duvidar que eles carregavam também o pecado original. É isso que a Igreja ensina. E trata-se dum facto óbvio que o pecado original é o maior obstáculo, aliás é mesmo o único obstáculo à formação das nossas personalidades.

Provar-vos-ei isso numa conferência mais para a frente. Mas se não soubéssemos mais nada sobre os santos excepto o facto de que eram humanos, saberíamos o suficiente para nos convenceremos de que eles tiveram que ultrapassar as mesmas dificuldades que nós.

Mas graças a Deus, sabemos mais que isso, principalmente sobre aqueles santos que foram pesquisados e descritos recentemente. Vamos gastar uns momentos para os trazermos para mais perto de nós.

Pensem em São Basílio, cujo nome [que deriva da palavra grega que significa rei] se coaduna maravilhosamente com o seu espírito real. Desde a sua juventude até à velhice ele não só sofreu duma fraqueza física extrema mas também – e teríamos dificuldade em acreditar não fosse o facto de que ele o admitiu – era esquecido por natureza. Era uma pessoa nervosa, muito fraco e irritava-se com facilidade. Cada preocupação, cada tarefa pesava muito sobre a sua saúde, e era raro o dia em que não tivesse um bom carregamento delas.

São Jerónimo, o mais sábio dos Padres da Igreja, de quem os seus amigos diziam que já tinha lido tudo o que havia; o mesmo que se contorcia todo sob a fúria de tentações horríveis que eram o castigo pela sua anterior leviandade. Nem toda a resistência da sua força de vontade e a entrega das suas terríveis mortificações conseguiram acabar com elas.

Será que os santos têm as mesmas fraquezas que nós temos? Não são precisamente as fraquezas deles o que nos condena?

Ah, como vamos ficar sem desculpas para dar quando vier ter connosco um São Gregório Magno, que suportou nos seus ombros as ruínas do mundo antigo e as foi reconstituindo com as suas mãos para formar um novo edifício, muito embora estivesse quase sempre de cama devido a uma fraqueza extrema! E o que diremos quando ouvirmos que São Tomás de Aquino, aquela brilhante mente, não conseguia escrever ou ensinar uma palavra sem sofrer tremendas enxaquecas, ou que São Bernardo com a sua grande eloquência, tinha que realizar cada acto da sua vida tão activa em simultâneo com ataques de doloroso sofrimento?

Começamos agora gradualmente a olhar os santos duma forma totalmente diferente.

No caso de São Paulo, o apóstolo das nações com uma alma de fogo, quase não podemos pensar nada a não ser que conquistou o mundo com tempestade e ligeireza como

um Alexandre Magno. No entanto, na realidade vivia com o peso duma enfermidade constante. Fosse onde fosse, passava a honra aos seus companheiros. A sua figura era de tal forma insignificante, a sua palavra tão simples e fraca que ninguém dava por ele. Como deve ter sido difícil para um homem assim, tão tímido e envergonhado e com tanto medo de falar em público que começava a tremer, tornando-se alvo de chacota por parte dos seus inimigos. Até sobre as tentações que Deus permitiu que o visitassem preferiríamos permanecer calados porque não temos palavras para as descrever [cf. 1Cor 2,3; 2Cor 7,5 e seguinte; 10,1s; 11,5s; e 23-33; 12,7-10].

Será que estes exemplos são suficientes para tornar os santos mais humanos e próximos de nós? Então já estamos também convencidos de que eles enfrentaram os mesmos obstáculos que nós na formação das suas personalidades.

2. Mas de que meios dispunham eles para ultrapassar esses obstáculos? É o que vamos tratar neste segundo ponto.

São os mesmos que estão à nossa disposição todos os dias. Vou contentar-me em dar-vos alguns fragmentos de pensamentos que vocês poderão depois trabalhar se quiserem. Senão, receio estar a testar demasiado a vossa paciência, principalmente quando devem ter imenso que estudar...

Portanto, a mesma Igreja continua ao nosso lado para nos ajudar. Os tesouros de graça dos sacramentos...

Também nós temos a oportunidade em cada dia de fortalecer a nossa vontade e ultrapassar as dificuldades, tanto as grandes como as pequenas. Porque é que ainda hesitamos em começar a formação da nossa personalidade? Ainda falta uma coisa. Temos que o querer, mas querer mesmo. Lacordaire diz-nos que em cada um de nós esconde-se um santo e um delinquente. E depende totalmente da nossa vontade tornarmo-nos num ou noutro. Basta querermo-lo de forma séria, consciente e perseverante. Os santos elevavam-se a si próprios em cada dia para este nível de vontade. São nada menos que a boa vontade da humanidade canonizada.

Sendo assim, nós também temos que querer, para nos tornarmos personalidades firmes, livres e apostólicas. Temos que aprender a arte deste querer com os santos. Quando lemos a biografia dum santo temos que repetir vezes sem conta: Tal como este santo cumpriu a vontade de Deus em situações extraordinárias, também eu quero cumprir os meus deveres normais do dia a dia com total fidelidade.

Temos aqui uma ascética razoável. Não significa que queremos imitar tudo. Quantos ficaram loucos por causa disso, quantos estragaram completamente a sua saúde!

Meus queridos alunos, já nos convencemos com esta breve reflexão, que os santos atingem totalmente aquele objectivo pelo qual lutamos, sabendo nós que eles

1. tiveram que ultrapassar os mesmos obstáculos,
2. tiveram ao seu dispor os mesmos meios que nós.

A recompensa para a sua eficiente auto-educação era o próprio Deus, o Céu com a sua glória e bem-aventurança eternas. Uma alma de herói sabe sempre quão preciosa é uma outra alma heróica. Assim, jovem alma, sê uma alma de herói! Contempla os teus exemplos de heróis! Segue corajosamente os seus passos!

Mas se isso for difícil demais, então temos que olhar para as Pobre Almas do purgatório. São aqueles que negligenciaram a sua auto-educação em alguns pequenos pontos e por essa razão têm que arder. Alguns dos nossos amigos, os nossos companheiros, que até há pouco tempo atrás partilhavam connosco a carteira da escola, cuja auto-educação poderemos ter obstruído, chamam-nos: *Miseremini, Miseremini saltem vos amici mei, quia manus Domini tetigit me* [(Companheiros,) sejam misericordiosos, sejam misericordiosos pelo menos para com os meus amigos, porque a mão do Senhor está sobre mim]. E os pais, irmãos e irmãs que vos deixaram lançam o mesmo grito de dor. *Miseremini – miseremini*. Sim, queremos ter misericórdia deles e rezar por eles. Mas também queremos ter misericórdia de nós próprios e nunca descurar a nossa auto-educação – mesmo nos pequenos pontos – e por isso rezamos uns pelos outros, um por todos e todos por um.

Goethe não gostava de pensar na morte. Mas um dia teve um poderosa intuição sobre a proximidade da sua morte. Foi em Agosto de 1831, um ano e meio antes de morrer. Encontrava-se em Ilmenau e a partir daí foi visitar todos os lugares antigos e familiares que lhe traziam muitas memórias de dias já passados. Ao reler os versos da sua famosa canção “*Über allen Wipfeln ist Ruh*” numa pequena casa de madeira onde a tinha escrito muitos anos antes, chegou à ultima linha: “Espera só um pouco, em breve também tu descansarás.” e comoveu-se até ao mais profundo da sua alma. Começando a repetir suave e melancolicamente “Espera só um pouco, em breve também tu descansarás.”, secou as lágrimas que lhe corriam pela cara abaixo.

Um outro exemplo: O Arquiduque Carl, o famoso vencedor de Aspern, aguardava a morte que tantas vezes vira nos campos de batalha. À volta da sua cama, os seus filhos choravam. Ele disse-lhes, porém, com um sorriso: “Vejam, mais um soldado que se junta ao grande exército.” Morreu conforme o que escreveu: A verdadeira grandeza é mostrada no leito da morte, onde nada do exterior mas antes apenas o sentimento do nosso valor interior consegue manter forte a nossa coragem.

Assim, queremos orientar totalmente a nossa atenção para dentro, queremos aumentar o nosso valor interior. Não é este o único verdadeiro caminho para uma morte feliz, para uma eternidade feliz?

Mas ao mesmo tempo queremos dirigir o nosso olhar para o Nosso Salvador. Num cemitério inglês, os oficiais do Regimento de York escreveram as seguintes linhas na lápide do seu companheiro de 31 anos que tinha morrido: Os meus olhos poísem sobre Jesus, que me amava e deu a Sua vida por mim! Era o que correspondia à personalidade do defunto...

TERCEIRA CONFERÊNCIA - MARIA: GUIA NA BATALHA (Novembro de 1912) (excertos)⁵⁵

Na primeira conferência estabelecemos em breves linhas o nosso programa de vida: Sob a protecção de Maria queremos aprender a auto-educarmo-nos para sermos personalidades firmes, livres e apostólicas. A segunda conferência debruçou-se sobre a realização deste programa. Agora sabemos que os santos tinham o mesmo objectivo que nós, embora tivessem que ultrapassar os mesmos obstáculos que nós e dispusessem dos mesmos meios de que dispomos. O que os outros conseguem fazer, eu consigo também!

Começamos agora a tarefa mais importante e mais difícil. Temos que começar a explorar o nosso mundo interior, da forma mais completa e compreensível que nos for possível. Aquele mundo interior que, de acordo com o que se diz, é mais insondável que o mar.

Para cada um de nós, os maravilhosos anos da nossa infância pertencem ao passado – em média desde o décimo segundo ao décimo quarto ano de idade. Desde essa altura o nosso interior tem fervido e borbulhado como se estivesse num caldeirão. Um dia gostamos duma coisa, no outro já será outra coisa. Passamos dum impulso para outro, duma emoção para outra, chegamos ao ponto em que o nosso mundo interior está todo numa completa confusão, uma *rudis indigestaque* [uma massa confusa]. Por onde começar? Que é que se tem passado comigo, o que é que se passa cada dia? Como é que tudo isto termina? Não nos atrevemos a lançar as dificuldades e batalhas cá para fora, a um padre experiente e benevolente, com medo de não sermos compreendidos. E assim a nossa incerteza interior vai aumentando dia a dia. Sem qualquer ajuda à vista, sem uma luz ao fundo do túnel.

⁵⁵ *ibid.*, págs. 43 a 45, 45 a 46, 47, 47 a 48, 49 a 50, 51, 52 a 53, 54, 55 a 56.

Entretanto vamos estudando tudo o que é possível e o que é impossível, mas nós vamo-nos tornando um enigma sem solução. Recorremos à confissão – confessamo-nos e confessamo-nos só para nos livrarmos disto, porque pensamos que é maneira mais fácil de resolver os nossos conflitos internos. Nas aulas de gramática, as palavras que não sabemos declinar chamamos neutras. Aquilo que não conseguimos explicar chamamos-lhe pecado e então entramos no processo de “eu fiz isto e fiz aquilo e ainda mais aquilo... Está tudo bem, as confissões são válidas. Mas, pondo a mão no coração, vamos continuar com este método? Ganhámos alguma coisa com ele? Por dentro continuamos vazios, sem confiança em nós próprios, insatisfeitos, infelizes. O que é que vamos fazer com o nosso desejo insaciável de felicidade? E com as energias idealistas dos nossos jovens corações? “Este lugar está comprometido, uma cama de grandes tempestades.” E é suposto sermos aqueles que mais tarde vão carregar os fardos dos outros, orientá-los, dar-lhes uma parte da nossa riqueza interior. Não seremos capazes. Vamos apenas aumentar o número daqueles padres infelizes que não deveriam ter sido ordenados. Permanecemos canas que abanam e se partem na próxima tempestade.

O que devemos então fazer? Cada um tem que ser um Cristóvão Colombo ou um Copérnico do seu mundo interior. Temos que explorar e explorar até sabermos dizer com toda a segurança: “Este afecto pertence aqui ou vem dali. Se eu ceder, não estarei a pecar. Isto é permitido, aquilo não é.” Temos que aprender a traçar a fronteira entre o que é permitido e o que não é. E é aqui que temos que largar alguns preconceitos e alguns medos exagerados, senão nunca conseguiremos alcançar a verdadeira liberdade. Temos que aprender a lidar com os nossos afectos, as nossas inclinações e as nossas emoções de modo a pô-los a trabalhar juntos harmoniosamente. Essa é a nossa primeira tarefa.

Será que vamos conseguir lidar com isto? No que depender das minhas capacidades, quero usar estas conferências para tocar em todos estes temas que possam ser úteis de alguma maneira. Mais tarde compreenderão o trabalho que decidi empreender. Não se trata apenas de passear pelos assuntos académicos que conhecemos, mas sobretudo temos que nos tornarmos conhecedores dos problemas mais relevantes e difíceis da filosofia, história, filosofia especulativa, psicologia, a patologia e a educação, a moral e a ética, o dogma e a sociologia. É a única forma que tenho de me assegurar de que o nosso trabalho em conjunto terá alguma utilidade.

A tarefa é difícil, daí que será bom que nos unamos desde o início à volta da nossa grande guia – à volta de Maria. Assim, para nos dar alento nessa direcção, queremos deixar que a história esboce um desenho d’Ela hoje.

******“Maria é padroeira da nossa Sociedade [Palotina] como Rainha dos Apóstolos.” (....)

Acreditamos estar a agir totalmente dentro do espírito de zelo do nosso fundador Mariano [São Vicente Pallotti] se respondermos de forma breve à questão: Como tem Maria exercido as Suas funções apostólicas no decurso da história?

Não conseguimos responder de forma exaustiva pois a história da actividade de Maria é a história da Igreja, daí que nos limitamos a dois pontos.

A área de trabalho que mais define um apóstolo é a da fé. Assim, também aqui Maria deve ter sido extraordinariamente activa. Queremos provar que nos encontramos completamente justificados em chegar a esta conclusão examinando o que a Rainha dos Apóstolos tem feito

1. na batalha contra a fé errante, e
2. na batalha contra a falta de fé.

Que o amor e entusiasmo pela nossa padroeira e pela nossa querida Sociedade cresçam neste processo!

1. A Sua eficiência em conservar a fé encontra-se na batalha e na derrota das heresias. Todas as heresias andam fundamentalmente à volta de Jesus Cristo, da fundação da fé, quer ataquem a Sua pessoa – como nos primeiros séculos do Cristianismo – ou o Seu trabalho, a Igreja – como no caso da Reforma. O que refutam está principalmente ligado ao nome de Maria. De facto, a Igreja nunca se cansa de A chamar: *Gaude, Virgo Maria, cunctas haereses sola interemisti in universo mundo!* Rejubilai, Ó Virgem Maria, todas as heresias do mundo têm sido ultrapassadas somente em Ti!

Cristo partiu desta terra. “Ele não era verdadeiramente homem,” escarnecem o Docetismo, o Gnosticismo, o **Marcionismo** e o Maniqueísmo. Mas Maria é a Sua Mãe, responde a Igreja. Como será possível duvidar da Sua humanidade? E por isso o dogma da maternidade de Maria defendeu os dogmas da encarnação, redenção e da Eucaristia, aquelas três provas do amor de Deus através das quais Ele nos redimiu da morte e elevou-nos a partilhar da Sua vida. (....)

Cristo é homem, claro, pois a Sua Mãe é Maria, mas nós negamos a Sua divindade – como poderemos ouvir dos **Ebionitas**. [Mas também isto é refutado por Maria, pois] Maria, muito embora saibamos da Sua maternidade, permaneceu virgem. Consequentemente o Seu Filho Cristo era Deus, diz a Igreja em tom confiante e com a precisão de lógica que lhe é característica, através de São Justino. (....)

“ A passagem entre duplo asterisco (**) foi escrita pelo Padre Kentenich em 1910 para uma conferência dada em forma de seminário em Limburg no dia 7 de Maio de 1910, dois meses antes da sua ordenação.

Pelo meio do caos em rodopio e ebulição, a Igreja atira energicamente de todos os lados com a palavra *Theotokos*. Maria é A que deu à luz a Cristo. O grande defensor dos ensinamentos de Nicene, Atanásio, mostra que Maria, sendo a Mãe de Deus, é quem ajuda a tecer o tecido da fé, quem une numa só a Divindade de Jesus Cristo com a Sua humanidade, quem ajuda a unir o Céu e a terra. (....)

A batalha à volta da humanidade de Cristo regressa na Idade Média com os Albigenses. Eis que São Domingos avança e escolhe a frequente repetição da Avé Maria como base para a sua eficiência na proclamação da fé na ilustre maternidade de Maria. Desse modo, os ensinamentos da Igreja sobre os mais veneráveis e atraentes mistérios da fé são reunidos em quinze meditações. O rosário converte-se na *Summa Theologica*, um catecismo para o povo com o duplo carácter de ser simultaneamente uma oração e um ensino. Os sermões dos pregadores Dominicanos passaram então a basear-se nos conteúdos do rosário.

A pessoa de Cristo está salva. O alvo de ataque passa então a ser o Seu trabalho, a Igreja. Os tempos sombrios da Reforma chegam – um sobressalto que quase atira o mundo para fora de órbita. Para Calvino a Igreja é um polícia, o Anglicanismo vê nela uma casa rica para explorar e saquear. O Racionalismo considera-a uma entidade filosófica, o Protestantismo define-a como uma abstracção invisível e mística. Em Itália renascem as artes mas trazem com elas o paganismo; na Alemanha inventa-se a imprensa mas só serve para alimentar a clivagem religiosa. A Igreja está condenada à ruína. Rainha dos Apóstolos, onde está o Teu Apostolado?

Em frente a uma imagem de Maria, um cavaleiro espanhol decide dedicar-se ao Seu serviço. No dia da Assunção de Nossa Senhora encontram-no perante o altar da sua Mãe do Céu na abadia de Monserrate. A sua espada encontra-se pendurada num pilar. É Inácio, fundador da ordem dos Jesuítas, uma obra honrada pela história como o maior bastião contra as manobras subversivas dos reformadores.

Mas a actividade de Maria não termina aqui. Como Mãe da Sabedoria chama a Si todo um exército de arautos, homens, de mentes de primeira linha mesmo sem pertencerem a esta ordem, que defendem a fé com a inteligência das suas palavras. Até as artes se viram para o Seu serviço, trazendo os heréticos de volta à Igreja. Atraídos como que magneticamente pela plenitude dos ideais de Maria, apregoada na Idade Média como nove vezes mais bela que a própria beleza, a pintura seguiu os caminhos da Sua vida. O coração da heresia é então invadido por gloriosas criações de mestres famosos, culminando em Rafael. Que pensamentos terão invadido os Seus filhos infiéis ao contemplarem a sua Mãe!

Não os terá Ela suavemente empurrado de novo para Cristo e a Igreja? E de facto, foram muitas as conversões. (....)

Maria, a Rainha dos Apóstolos, foi brilhante na sua missão. O passado pertence-lhe; a ela tem que pertencer o futuro. Nem a pedra nem o aço são suficientemente duros para descrever a durabilidade do Seu reino, pois a rocha desfaz-se e o aço corrói-se, mas Maria permanece sempre antiga e sempre nova, tal como o próprio Jesus Cristo.

O Modernismo dos nossos dias, essa síntese de todas as heresias, poderá abanar as fundações da nossa fé com renovada violência; até estudiosos Católicos pelo mundo fora poderão estar a esforçar-se consciente ou inconscientemente por conduzir a Igreja à morte – não precisamos de ter medo. A Rainha dos Apóstolos estará sempre atenta à Sua missão. Tal como aconteceu no passado, também agora a Igreja sairá vitoriosa da batalha.

2. A batalha dos fiéis contra os infiéis não foi menos gloriosa para Maria. A Sua imagem brilha nesta batalha “como a aurora, bela como a lua, brilhante como o sol, terrível como um exército em ordem de batalha.” [cf. Cant.6, 10]. Tracemos um breve panorama histórico:

A Igreja ainda mal tinha nascido quando o paganismo a desafiou. Dez sangrentas perseguições deveriam ter varrido com ela da face da terra. Mas foi tudo em vão!

Maria está vigilante! A Rainha dos Anjos envia espíritos do Céu como reforço. O sublime exemplo da Rainha dos Mártires conduz os que sofrem a permanecerem fiéis e perseverantes.

E o sangue dos mártires converte-se em semente para novos Cristãos. A Igreja sai vitoriosa da luta sangrenta, das subtilezas dos Gregos, da erudição dos Judeus, de todo o Estoicismo, das leis, prisões, machados e carrascos dos Romanos. E mais! Ela arranca dos Judeus os seus preconceitos contra a fé, retira dos Gregos os seus sonhos mágicos de teosofia juntamente com o seu clã de mil deuses; idealiza o realismo dos Romanos e Bretões, capta a atenção dos Druidas, conquista a obediência dos Francos e as suas armas, dos Vândalos e Godos com as suas peles. (....)

O ponto culminante do apostolado de Maria contra os não crentes encontra-se na Sua batalha contra o Islão. Numa luta de mil anos, a lua crescente desafia a cruz. A primeira cena desenrola-se em Espanha e França.

Em Espanha a fé Cristã estava à beira da extinção. Restava um pequeno grupo de corajosos homens que, sob o comando de Pelágio, continuavam a resistir, refugiados dentro duma miserável gruta na Cantarabia.

O que deveriam fazer? Onde podiam encontrar ajuda? Rainha dos Apóstolos, a Vossa ajuda é necessária!

A gruta foi convertida num maravilhoso santuário dedicado a Maria. Inflamados com uma coragem renovada, aqueles heróicos Cristãos lançaram-se sobre os seus inimigos. Em breve, não só o país mas também a fé estavam salvos. E como prova de gratidão para com a Salvadora, a Espanha dedicou-Lhe a gruta de Cavadonga por toda a eternidade.

Em França, Roland construiu a sua espada jurando dedicá-la à Santíssima Virgem em Notre Dame em Roc Amadour. O último fôlego deste herói foi pela fundação duma igreja Mariana no famoso vale de Roncevaux, que deveria para sempre ressoar as músicas de guerra contra os inimigos do Cristianismo.

No século XVI, o archi-inimigo [os Turcos] ameaçou todas as cidades portuárias do Mediterrâneo com a sua terrível frota. Pio V reuniu uma armada em união com a Espanha, Veneza e os Cavaleiros de Malta, comandada pelo almirante Don Juan da Áustria. O próprio Pio V, qual segundo Moisés, colocou-se à frente duma corrente de oração. Por seu mandato, toda a Cristandade passou a rezar o rosário para assegurar a protecção de Maria na batalha que decidiria o destino da Itália e de toda a Europa. No momento da batalha em que na maré alta do Mar **Ioniano** o inimigo começou a retirada, Pio V teve uma visão da vitória no seu palácio em Roma, confirmando assim que Maria tinha ouvido as orações e que a vitória na batalha de Lepanto (1571) a Ela se devia. (....)

E que acontece nos nossos dias? A incredulidade triunfa no meio de nós. Com terríveis blasfémias, declarou-se guerra até à morte à existência histórica de Cristo. Mas não precisamos de ter medo. Maria conhece bem a Sua missão e já está em acção. Olhemos para Lourdes, onde Ela estabeleceu o Seu trono e opera milagre sobre milagre, contrapondo a todos os que se recusam a acreditar.

Não se justifica então o amor da Igreja pela Rainha dos Apóstolos?

Mas ainda nos dizem, “Não sejam tontos, Maria nada mais é que o objecto duma questionável devoção de crianças e mulheres idosas.” Uma afirmação cheia da fabulosa ciência, a desculpa fácil de todos os que se consideram pensadores!

Hoje em dia a pesquisa histórica está em primeiro lugar no interesse científico. E é a própria história que apresenta uma defesa brilhante para a devoção Mariana. A história mostra-nos com extraordinária clareza como a Igreja é incansável a atribuir a Maria as honras na batalha contra a heresia e a incredulidade. A história tem também revelado como cada louvor a Maria origina novas graças e novas vitórias. A história dá-nos assim provas irrefutáveis de que o culto Mariano se deve às revelações do Seu poder sobre a humanidade, do Seu amor pela humanidade. Demonstra-se assim com rigor e ciência que

Maria não se limita a ser o objecto de devoção de crianças e mulheres idosas mas também, e de forma notável, de homens, de pensadores sérios e lógicos, de apóstolos.

Maria está assim completamente qualificada, e de forma única, para ser a padroeira da nossa Sociedade Apostólica, que se Lhe dedicou – como diz a nossa constituição de forma tão bela – desde o berço.

Sim. O nosso amor pela nossa padroeira celeste tem raízes profundas na nossa Sociedade desde o momento em que o nosso venerável fundador começou a dar uma gravura da Mãe de Deus aos seus missionários que estavam de partida, dizendo: “Quantos milagres Nossa Senhora vai fazer! Ela é a grande missionária. Ó minha Mãe, partis agora para pregar [o Evangelho] a estes pobres povos.” (....)

Todos nós somos testemunhas do quanto a nossa padroeira tem sido e é honrada nesta casa.

Quem nos querará acusar de exagero se vemos mais que uma simples coincidência no facto de que as nossas constituições foram provisoriamente aprovadas e os Camarões ascenderam a vigararia em 1904, exactamente o [50º] aniversário da [proclamação do dogma da] Imaculada Conceição? Quem quer excluir a ajuda de Maria no facto que o ano jubilar do nosso Instituto [1910, o seu 75º aniversário] nos trouxe a sua aprovação final, conseguindo passar por inúmeros problemas técnicos levantados apesar de a nossa Sociedade ocupar um lugar especial na Igreja de Deus devido à sua organização?

Olhamos para trás com gratidão. Sob o estandarte de Maria a nossa Sociedade ultrapassou várias dificuldades externas, sob o estandarte de Maria a nossa Sociedade conservou e solidificou o seu espírito. Basta que sigamos o Seu chamamento apostólico e a protecção de Maria torna-la-á – e em especial à nossa província alemã – grande e frutuosa.

A nossa província já tem estado nas missões há vários anos. Começa agora um novo tipo de trabalho – a missão interna – na mesma altura em que, com blasfémias terríveis, a incredulidade moderna declarou guerra até à morte à existência histórica de Cristo.

Erguei-vos, então, para a batalha, para o apostolado! Precisamos de pensar apostolicamente, sentir apostolicamente, agir apostolicamente. Feliz o homem que conseguir entrar na batalha sob o estandarte de Maria e assim investir as suas forças na santa causa. Feliz o homem que oferece a Maria os méritos do trabalho das suas mãos, os seus estudos, os seus sacrifícios, o seu sofrimento, tudo com uma abertura apostólica, para que a nossa padroeira proteja os nossos combatentes da linha da frente, abençoando o seu trabalho com abundante sucesso.

Aquilo que cada um conseguir reverte para todos; e aquilo por que todos rezarem virá em auxílio de cada um. Todos por um e um por todos.

Erguei-vos para a batalha. Queremos contribuir – até ao limite das nossas possibilidades – para dirigir o mundo de volta para Cristo por intercessão de Maria, e assim solidificar e aumentar a honra e a fama da nossa Sociedade.**

Maria é também a nossa guia. Que há a temer? Ela nos guiará e ajudará na pesquisa e conquista do nosso mundo interior. Mas para assegurarmos a Sua ajuda queremos renovar de tempos a tempos a promessa que fizemos na festa da Sua pureza [*Mater Puritatis*, a 20 de Outubro].

Como diz o Apóstolo, “Quando eu era uma criança, pensava como criança e agia como criança. Mas quando cresci abandonei o que pertence à criança e coloquei a armadura de Deus.” [cf. 1Cor 13, 11]. Que o mesmo suceda connosco.

3. EXPLORANDO O MICROCOSMOS

Na sua conferência introdutória o Padre Kentenich disse “No futuro não podemos continuar a permitir que sejamos dominados pelo nosso conhecimento mas devemos ser nós a dominar o nosso conhecimento.” Poderíamos dizer que a força centrífuga do conhecimento exterior (o macrocosmos) tinha que ser acompanhada, e até suplantada pelo impulso centrípeto do conhecimento e domínio do mundo interior – o microcosmos. Mas o que era este microcosmos e como deveria ser explorado e conquistado? Estas eram questões urgentes que foram sendo gradualmente respondidas nos meses entre Novembro de 1912 a Março de 1913.

A tentar desvendar os mistérios do microcosmos para os rapazes, o Padre Kentenich aplicou uma estratégia em três passos:

- 1) Examinar o que dizem a ciência e a filosofia sobre a natureza humana e o auto-conhecimento.
- 2) Ler em voz alta excertos retirados duma selecção de livros conhecidos para despertar o interesse dos rapazes e providenciar personalidades e situações de que pudessem falar, ajudando-os a confrontar a teoria com a prática da vida diária. Isto ajudou também os rapazes a ganharem mais confiança a falarem em público. Esta selecção de livros incluía os livros “estudantis” do escritor alemão Hans Eschelbach, traduções de livros semelhantes do escritor inglês Richard P. Garrold, e a história real da vida de Helen Keller, uma rapariga cega e surda.⁵⁶
- 3) Desenvolver gradualmente a vida e o verdadeiro espírito de comunidade segundo as linhas da “comunidade livre” que ele tanto tinha pensado. A primeira forma desta experiência de comunidade seria a “Associação Missionária”, fundada durante as férias do Natal de 1912-13 (ver o Capítulo 4).

A situação pedia que se começasse pelos dois primeiros passos da estratégia. As reuniões bi-semanais – as “instruções” – eram dedicadas a uma exploração mais científica do microcosmos, quer sob a forma duma conferência do Padre Kentenich, ou lendo um dos livros seleccionados ou um debate, ou ainda uma mistura dos três. Este capítulo focará o material utilizado, pelo menos segundo as notas que o Padre Kentenich guardou das (como lhes chamamos) suas “conversas sobre o microcosmos”.

⁵⁶ cf. KASTNER, págs. 62 e 63.

O LUGAR DO HOMEM NA CRIAÇÃO

O primeiro passo consistia em examinar o lugar do homem na criação. Uma vista de olhos às correntes filosóficas mostrou que o homem é uma realidade composta, que é feito de material físico (o mundo mineral), que tal como as plantas tem uma certa capacidade vegetativa (o crescimento, a reprodução), tal como os animais tem uma vida de apetites e sentidos, tal como os anjos pensa e tem uma vontade própria. Esta composição de diferentes funções é o que justifica que se lhe chame um microcosmos:

Onde é que, em toda a criação, existe um ser em cuja perfeição eu não participo? Eu pertencço ao mundo mineral, tenho uma vida vegetativa, uma vida sensorial e intelectual. Sou verdadeiramente um microcosmos, um mundo em miniatura, o centro de toda a criação. Não terá Santo Agostinho razão quando diz, “Falar do homem é falar sobre o universo”? O homem é feito de massa e ocupa espaço como um mineral; possui a vida vegetal duma planta; partilha com os animais a capacidade de sentir e de percepção; participa da perfeição dos anjos e do próprio Deus à conta da sua inteligência e vontade. É portanto a união, como um ponto focal, das características que as outras criaturas possuem individualmente. O homem é um microcosmos, o centro de toda a criação. – Mas no passado não se considerava a terra, a morada do homem, o centro do universo? Só que a ciência despromoveu a terra desta sua posição central para a de um satélite do sol, remetendo-a para um modesto papel no sistema dos corpos celestes. Ao considerarmos a vida do universo, não é o breve tempo de vida do homem e até o do desenvolvimento de toda a humanidade comparável ao tamanho de uma gota de água com o oceano? Talvez. Mas o homem é e permanece sendo o centro de toda a criação. [da primeira conferência sobre o microcosmos]⁵⁷

Assumida que estava a complexidade do homem, havia que considerar a questão de como conjugar as peças todas. Será que a natureza composta do homem significa, por exemplo, que ele tem três almas – uma alma “vegetal”, uma alma “animal” e uma “intelectual” (a nossa parte mineral não é viva, daí que não há uma alma “mineral”)? A resposta apareceu nas situações do dia-a-dia onde, por exemplo, a luta para levantar da cama de manhã ou o não conseguir estudar depois duma grande refeição são relevantes, nomeadamente (pegando no último exemplo) que uma alma “vegetal” satisfeita (bem alimentada) não deveria provocar um conflito à alma “intelectual” – se

⁵⁷ Kentenich, conferência, como citação em KASTNER, págs. 67 e 68.

fossem independentes. Mas uma parte depende da outra e o que uma parte faz tem efeitos na outra. Que conclusão tiramos daqui?

Posso dar voltas e voltas mas a interdependência entre as acções humanas tal como a unidade da própria natureza humana levam-me a concluir que existe apenas uma alma, uma alma intelectual. A outra hipótese é fortemente condenada pela Igreja. Aderimos assim ao antigo princípio escolástico que Aristóteles já havia defendido. *Anima humana est formaliter simplex, virtualiter triplex* – a alma do homem é uma só entidade, com três funções. [da segunda conferência sobre o microcosmos]⁵⁸

A questão da alma levou à da relação entre o corpo e a alma. A alma pode ter uma tripla função mas também depende do corpo. As funções dos sentidos como olhar e ouvir, por exemplo, não podem acontecer sem a ajuda do olho e do ouvido. Mas do mesmo modo o ouvido e o olho não servem de nada num homem morto – necessitam duma alma.

O corpo e a alma são mutuamente dependentes, formam uma só natureza. Consequentemente, a minha natureza física tem uma significativa influência na vida da minha alma, na minha personalidade, no meu temperamento. A alma dá vida ao corpo e, de certa maneira, dá-lhe a sua forma exterior. Não é de admirar, pois, que seja muitas vezes possível perceber o estado da alma observando fenómenos físicos exteriores, especialmente através de trejeitos da cara e movimentos corporais inconscientes. E obviamente é necessário um grande cuidado no uso que se faz dessas observações. [da quarta conferência sobre o microcosmos]⁵⁹

⁵⁸ Ibid., pág. 75.

⁵⁹ Ibid., pág. 79.

ESQUEMA DAS CONFERÊNCIAS SOBRE O MICROCOSMOS

Segundo os manuscritos que o Padre Kentenich guardou, entre a conferência sobre Nossa Senhora (a meio de Novembro de 1912, ver capítulo 2) e a primeira metade da Quaresma (Março de 1913) deu 14 curtas conferências aos rapazes. Podemos organizar as “conferências sobre o microcosmos” da seguinte forma (o número entre parêntesis indica a qual das catorze conferências se refere):¹

I. O homem como um microcosmos

- A. Ele é o centro de todas as criações – minerais, plantas, animais, intelecto e vontade (1)
- B. A sua natureza composta tem, porém, apenas uma alma (2)
- C. Esta alma está intrinsecamente unida ao corpo (3)

II. O processo do conhecimento

- A. Os sentidos externos (o processo sensorial do conhecimento) (4)
- B. Os sentidos internos
 - i. A Memória (5)
 - ii. A Imaginação (6)
 - iii. A Inteligência (7)

III. Os Apetites e as Paixões

- A. Os Apetites: o amor e o ódio e as seis primeiras paixões (8)
- B. A Memória e a Imaginação são o eixo da auto-educação (9)
- C. Explicação das Paixões (10)
- D. As cinco últimas paixões (12)
- E. É necessário esforçarmo-nos! (13)

IV. Compreendermo-nos enquanto adolescentes (14)

EXTRA: O dia em que Vicente Pallotti morreu (11)

O PROCESSO DE CONHECIMENTO

O Padre Kentenich começou então a debruçar-se sobre o processo humano de conhecimento (cujo estudo se chama “epistemologia”). Dedicou quatro conferências a este tema, debatendo: 1) os sentidos exteriores, 2) a memória, 3) a imaginação e 4) o intelecto. Preparava o material para as conferências com cuidado, delineando as melhores correntes e estudos psicológicos daquele tempo, mesmo tendo-se comprometido na Terceira Conferência a “usar estas conferências para tocar em todos

estes temas que possam ser úteis de alguma maneira (...) filosofia, história, filosofia especulativa, psicologia, a patologia e a educação, a moral e a ética, o dogma e a sociologia.”

Há que perceber de forma correcta o que o Padre Kentenich quer significar ao falar de psicologia, tendo em conta toda a transformação que este termo já sofreu nos últimos 100 anos. Ao contrário da definição geral de psicologia como sendo uma espécie de “cura da cabeça” (como a expressão “Está tudo na tua cabeça”), a psicologia tem as suas raízes, na realidade, no estudo da *alma* (do termo grego *psyche*). Na Idade Média, a psicologia era um ramo da filosofia que considerava a alma como o “princípio vital” do homem, o que lhe atribuiu um sentido mais lato do que a sua definição teológica, como se pode perceber no debate sobre a existência duma alma “vegetal” e duma alma “animal” (sensorial) a juntar à alma “intelectual” (ou espiritual). Os avanços do século XIX na área da Biologia deram à psicologia novos materiais com que trabalhar, o que teve como consequência a canalização da psicologia para um campo mais empírico e menos filosófico. As escolas especializadas de pensamento alemãs seguiram este percurso nos fins do século XIX e princípios do século XX, dedicando-se ao poder da memória e da imaginação e, em última análise, ao subconsciente como parte do processo de consciencialização e autoconhecimento. Daqui deu-se a evolução para a psico-análise Freudiana (que começou na década de 1890) e outras técnicas que deixaram de ligar a psicologia à alma.

No entanto, para o Padre Kentenich a psicologia significava o estudo das capacidades da alma e, em 1912-13, especialmente como este conhecimento pode fornecer ferramentas poderosas para o auto-conhecimento e consequentemente para a auto-educação. No início da quinta conferência sobre o microcosmos encontra-se um resumo do que foi debatido na quarta:

Já explicámos que o homem tem parte em todos os reinos da natureza, que todos se juntam nele. Daqui deparámo-nos com uma dificuldade: como será possível conjugar essa unidade e a resultante interacção entre o corpo e a alma, entre o intelecto e conhecimento sensorial?

É na explicação do processo de conhecimento que encontramos a solução, a resposta satisfatória.

Nós temos capacidades puramente intelectuais e sensoriais e torna-se necessário estabelecer a diferença entre percepção intelectual e sensorial e conhecimento intelectual e sensorial. Já antes debatemos o primeiro e mais elementar nível do conhecimento sensorial, nomeadamente o conhecimento sensorial exterior.

Sendo assim, cada sentido [visão, audição, etc.] tem o seu próprio objecto que apenas pode entender exteriormente [através da cor, do tom, da forma, etc.] ou seja, através de características secundárias. Foi esta a nossa resposta ao *significado* de conhecimento sensorial. A questão do *como* [se conhece] revelou-nos quatro elementos:

- 1) o estímulo dos sentidos por uma fonte exterior;
- 2) a transmissão do estímulo ao cérebro;
- 3) o estímulo da nossa consciencialização (a percepção)
- 4) a associação entre o estímulo e o objecto ou o processo que provoca o estímulo [retirado da quinta conferência sobre o microcosmos]⁶⁰

Embora importantes, os sentidos exteriores eram de importância marginal quando comparados com os chamados “sentidos” interiores, cruciais para qualquer verdadeira auto-educação: a *memória* e a *imaginação*. Era importante conhecer as suas funções com precisão devido ao facto de serem tantas vezes descuradas em prol do terceiro “sentido” interior, ou seja o *intelecto*.

O poder da memória reside na sua capacidade de realçar acontecimentos do passado. Este efeito de realce está intimamente relacionado com o modo como algo é experimentado – se for de um modo leve, originará uma memória de curta duração; se for de um modo intenso, a respectiva memória será de longa duração e profunda. São estas memórias de longa duração que contêm o potencial de causar maior impacto na alma, quer numa forma positiva e inspiradora ou numa forma negativa e “assombradora” – daí que a alma possa ficar magoada ou conduzida desnecessariamente para tentações através duma mera associação com o passado. Aqui residia um ponto para a auto-educação: purificar os próprios pensamentos e preencher a memória com imagens vivas de coisas boas e nobres.

Encontramos na imaginação uma força ainda mais poderosa. O Padre Kentenich contou que uma criança com uma imaginação muito sensível pode criar medos muito reais a partir de possibilidades meramente imaginadas. Mas a imaginação não termina com a infância e está activa dia e noite (nos nossos sonhos) com um potencial de grande criatividade que pode servir até para se enganar a si próprio. É o treino da imaginação que marca a diferença entre um cavalo selvagem e um cavalo de corrida disciplinado:

⁶⁰ Ibid., pág. 85.

Enquanto a memória reproduz imagens do passado na forma em que foram recebidas, a imaginação fragmenta as imagens que ela armazena e volta a juntá-las, às vezes de maneiras diferentes. Aumenta uns fragmentos, reduz outros, agora dá-lhes umas cores, mais tarde serão outras. As imagens estão ora ordenadas, ora todas misturadas – tudo para obter uma mudança constante.

Desta forma está constantemente a produzir imagens novas: umas cómicas, outras tristes; grandiosas, inspiradoras – o que lhe ocorrer.... A imaginação comporta o céu e o inferno, a terra, o mar e o céu, penetra no passado e no futuro. Nada é impossível para a imaginação. Nada?? Existe algo que está fora do seu alcance. Não consegue produzir imagens que sejam totalmente novas. As suas capacidades só conseguem trabalhar com pedaços de ideias armazenadas na memória. Conseguimos assim perceber a importância de disciplinar razoavelmente os nossos sentidos exteriores, que são na realidade os portões da alma. O trabalho da minha imaginação depende do que eu me permitir ver, ouvir, provar e tocar.

A nossa imaginação acompanha-nos dia e noite. Feuchtersleben chama-lhe “um manso fogo que, quando virginalmente guardado, brilha e vivifica; mas se se lhe dá rédea solta, consome tudo o que se encontra ao seu alcance.” A imaginação que for guardada virginalmente e bem treinada tem um valor inestimável para a vida completa do corpo e da alma. Inspira o artista e o poeta, dá-lhes a energia, o esplendor das cores e o brilho das imagens e das descrições. Aos sábios dá-lhes o aprofundamento das verdades mais difíceis de pura especulação....

Mas cuidado com a imaginação que é deixada a correr.... [retirado da sexta conferência sobre o microcosmos]⁶¹

Por fim, o processo de conhecimento envolve o intelecto, o “sentido” interior que distingue o homem dos animais. De todas as criaturas materiais, o homem é o único que consegue criar um conceito, o único que consegue conceber uma abstracção, uma ideia sobre algo. Esta capacidade é o caminho para a verdade, que é nada mais que a ideia divina que se encontra por trás de cada realidade:

É a razão, são os nossos pensamentos que nos elevam como uma águia num voo destemido, acima das montanhas da terra até às estrelas, alto, cada vez mais alto, nunca descansando até conhecerem a ideia de Deus por trás de cada coisa, até meditarem sobre

⁶¹ Ibid., págs. 94 e 95.

os pensamentos de Deus e atingirem assim a verdade. Cada pedaço de conhecimento que se ganha traz-nos mais perto de Deus....

Temos que educar a nossa razão e o nosso intelecto para conseguirmos alcançar esta elevada visão dos ideais. Temos que aprender a estudar muito, temos que aprender a explorar até ao limite das nossas capacidades para conseguirmos penetrar até à essência mais profunda de cada objecto e encontrar a ideia que Deus aí escondeu.

Se o fizermos correctamente, então os nossos estudos a nossa sabedoria e a nossa inteligência não nos envaidecerão, então não teremos estudado em detrimento da nossa auto-educação e formação da personalidade, da nossa luta pela perfeição que acompanha o caminho da nossa vida. Não, os nossos estudos serão um acto real, genuíno e racional de serviço a Deus. [retirado da sétima conferência sobre o microcosmos]⁶²

OS APETITES E AS PAIXÕES

Há que considerar o complemento dos apetites no processo de conhecimento. Este era o próximo facto a ser explorado na descoberta do microcosmos. Ao invés do processo de conhecimento que vai de fora para dentro sem mudar o mundo exterior, os apetites baseiam-se em dados já conhecidos e agem de dentro para fora para efectuarem uma mudança desejada nesse mundo exterior.

Porém, a mudança desejada depende da reacção aos dados de que se parte. Por exemplo, se o estímulo for neutro, então nada acontece. Por outro lado, se o estímulo é percebido como representando um bem ou um mal, desencadeia-se então uma força de atracção ou de repulsa. É nessa altura que começa a mudança. Se o dado que foi reconhecido representa um bem, resulta dele um correspondente “movimento em direcção a”, mais conhecido por *amor*. Se representa um mal, resulta um “movimento para longe de”, chamado *ódio*. Estes dois grandes movimentos da alma humana – o amor e o ódio – podem ser delineados individualmente como um ciclo de três passos: para o amor, um ciclo de *prazer, desejo e alegria*; para o ódio, será um ciclo de *aversão, fuga e dor*.⁶³

Mas onde se situa a linha que separa um do outro? O que é que determina se a minha reacção é de atracção ou de repulsa? A resposta reside na forma como nos colocamos perante o objecto em questão, como o percebemos. Historicamente, são as coisas que já nos foram ensinadas como bem e mal, a que acresce a nossa colecção

⁶² Ibid., pág. 101.

⁶³ Ibid., págs. 107-108.

de experiências sobre as mesmas; psicologicamente e no momento específico do “aqui e agora”, é a imaginação e a forma como ela mexe com uma memória estimulada. E foi precisamente por causa deste papel central que a memória e a imaginação têm nas reacções de amor e ódio que o Padre Kentenich disse aos rapazes que se tratava do “ponto de Arquimedes” da auto-educação, não menos fulcral que o da afirmação do antigo sábio grego Arquimedes: “Dêem-me um ponto fixo no universo e farei mover o mundo.”⁶⁴

A palavra paixão é a definição filosófica do movimento que inicia os apetites. Mais uma vez, o uso mais vulgar desta palavra pode induzir-nos em erro ao tentarmos compreendê-la. Tem a sua origem na palavra latina *passio*, que por sua vez deriva do verbo “sofrer” (daí a palavra “Paixão” para o sofrimento de Jesus). Este movimento interior para amar ou odiar é independente da nossa vontade, o que significa que a vontade – que gostaria de ter tudo à sua maneira – deverá manter-se de parte *sofrendo, passivamente* (outra palavra completamente diferente que tem a mesma raiz latina!).⁶⁵ O valor moral das paixões é obviamente neutro:

Afirmar que as paixões são por si próprias boas ou más está errado; elas não são nem boas nem más – são neutras, algo de natural.

Percebem o que significa isso? Estou a olhar para uma imagem que é má, uma pessoa do sexo oposto vestida de forma provocadora; ou então a minha imaginação coloca algo parecido ou esta mesma imagem, com toda o seu poder estimulador, na minha alma. O que vai acontecer, o que é que vai naturalmente acontecer? O meu apetite tem uma reacção imediata. Mas como? Qual é a reacção que se inicia? Uma reacção de ódio ou de amor? Se for de ódio, os meus sentidos terão que perceber o objecto como algo desprezível, desagradável. Mas isso é impossível. Se comermos um bocado de açúcar, as nossas papilas gustativas serão agradavelmente estimuladas. Todo o objecto que estimula os nossos sentidos é como o açúcar para o apetite sensual. Se este açúcar se aproximar mais do nosso apetite através dum conhecimento sensual, resultará sem dúvida uma sensação agradável – não a da alegria da nossa vontade, do apetite de valor mais elevado, mas antes o de valor menos elevado, o apetite sensual. Isto é completamente normal, completamente natural – algo que é próprio da nossa natureza. Tal como é impossível dissociarmo-nos da nossa natureza humana, é igualmente impossível colocar totalmente de lado este sentimento - ou

⁶⁴ Ibid., pág. 111.

⁶⁵ Ibid., págs. 115-116.

como é descrito em ética – o sentimento de ser tentado. [retirado da décima conferência sobre o microcosmos].⁶⁶

Se estas paixões se podem ir acumulando dentro de nós independentemente do que queremos, o que é que podemos fazer? Estará a nossa auto-educação condenada ao fracasso desde o início? O Padre Kentenich sublinhou que seria errado tentar erradicar as paixões à maneira dos estóicos, mediante uma disciplina fria e racional. Isso seria violento para a nossa natureza que nos foi dada por Deus. Em vez disso, comparou-as a dois cavalos bravos necessários para darem impulso à nossa procura de uma personalidade firme, livre e apostólica, para nos darem energia para fazermos coisas grandes por Deus. Tudo depende do treino destes cavalos bravos: através da *auto-negação* (disciplina dos apetites), da *canalização destas forças para o bem* (como investindo-as na nova Associação Missionária e mais tarde na Congregação Mariana), pela *purificação da memória e da imaginação*, e através duma *total rendição por amor* (como viria a acontecer com a Consagração a Maria).⁶⁷

Feliz, três vezes feliz, é aquele que sabe como canalizar a energia e a força das suas paixões para o bem. Será que nos faltam oportunidades? Pensem no nosso horário ao longo do dia. Pensem nas regras da vossa casa, pensem na Associação Missionária. São precisamente estas coisas que nós deveríamos considerar como a melhor oportunidade para acender e desenvolver as nossas paixões para o bem e guiá-las até às alturas. E claro que já é digno de nota quando o intelecto se apercebe da verdade e a vontade luta por fazer o bem. Mas falta uma coisa: o coração tem que se dedicar também, acender-se. Temos que nos entregar totalmente ao bem, com toda a nossa alma. Só nessa altura teremos garantida, do ponto de vista humano, a nossa perseverança. [retirado da décima conferência sobre o microcosmos]⁶⁸

Tradicionalmente as paixões são classificadas segundo uma lista de onze, divididas num “grupo de seis” e num “grupo de cinco”. Ao “grupo de seis” chama-se *concupiscente* (“virados um para o outro” ou o impulso de amar) e é composto pelas seis paixões já associadas ao amor e ao ódio: prazer (ou satisfação), desejo, alegria (ou gozo), aversão, fuga e dor. Ao “grupo de cinco” chama-se *irascível* (“vindo de dentro” ou o impulso de poder) e é composto pelas cinco paixões seguintes: esperança e

⁶⁶ Ibid., págs. 116-117.

⁶⁷ Ibid., págs. 115-117.

⁶⁸ Ibid., pág. 118.

coragem, desespero e medo e, finalmente, a ira.⁶⁹ A classificação destas paixões pretendia ajudar cada rapaz a entender melhor a sua personalidade e os seus traços dominantes. (No desenvolvimento posterior do Movimento de Schoenstatt, o papel educacional das paixões foi substituído pela versão mais simples dos “quatro temperamentos”, que foca os temperamentos colérico, sanguíneo, melancólico e fleumático (calmo) como ajuda no processo do auto-conhecimento, partindo da velocidade e da profundidade das reacções dum indivíduo.⁷⁰)

A REVISÃO DO PROCESSO

Com o tema das paixões chegamos a um ponto importante e natural das conferências do Padre Kentenich aos rapazes que nos permite parar por um pouco e avaliar o processo da “exploração do microcosmos”. Claro que nos podemos interrogar se esta abordagem tão filosófica e psicológica é um meio eficaz para um melhor auto-conhecimento. Mas deveremos ter presentes dois factos:

- 1) No início, os rapazes não esperavam muito mais que meras “instruções” da parte dum director espiritual e
- 2) Sendo um pensador esclarecido e um professor eficiente, o Padre Kentenich passou para lá das “instruções” e começou a fazer com que os rapazes pensassem sobre si mesmos.

Além disso, o Padre Kentenich queria lançar fundações sólidas, incluindo do ponto de vista intelectual, para o programa da auto-educação. Um pensamento esclarecido ajudaria a remover preconceitos e obstáculos que bloqueavam o crescimento de personalidades “firmes, livres e apostólicas”.

O Padre Kentenich estava decidido a conquistar os rapazes – como que a “abrir-lhes o apetite” – e a torná-los mais activos na sua própria auto-educação e com metas espirituais mais amplas. Tudo deveria partir o mais possível da iniciativa deles e este primeiro investimento sob a forma de um acordar teórico ajudou a dar-lhes mais confiança em si mesmos. O Padre Kentenich percebeu também que tanto o tempo como os seus próprios conhecimentos eram limitados. Teria que seleccionar segmentos deste assunto que fossem mesmo uma ajuda ao crescimento dos rapazes. Daqui resultou uma espécie de *esclarecimento ético*, um passo verdadeiramente importante na conquista do próprio microcosmos. Como nos diz o provérbio, “pouco

⁶⁹ Ibid., págs. 123-124.

⁷⁰ ver APL, 1928, pág. 166s e literatura de Schoenstatt sobre a auto-educação.

conhecimento é algo de perigoso”, e na maioria dos casos, os conselhos que os rapazes podiam dar uns aos outros eram insuficientes para responder a perguntas fundamentais sobre eles próprios. Daí que todo o tempo usado para aumentar o auto-conhecimento dos rapazes era um verdadeiro serviço para o seu constante crescimento na auto-aceitação e na auto-conquista.

Mas o director espiritual tinha também algo específico e importante a dizer. Um ponto central residia na necessidade de olhar para as coisas num contexto unificado, não como uma colecção de factos isolados. Por exemplo, corpo, mente e alma poderão ser realidades diferentes mas todos pertencem a uma só pessoa. A separação das partes em prol duma maior clarificação tem o custo da síntese criada pelo funcionamento das partes em conjunto. O corpo *tem* um efeito na alma; a vontade pode estar à mercê duma paixão, etc. Temos que olhar para a pessoa como um todo e isto era vital para o sucesso do programa. A procura da liberdade como impulso e revolta tinha que ir gradualmente amadurecendo dando lugar a um desejo de alcançar ideais mais elevados. A “liberdade de” tinha que se converter em “liberdade para”. Por fim, sendo Deus o Bem Maior, havia que transmitir um gosto pelo *bem sobrenatural* – com o efeito de despertar a *pessoa toda* para lutar por esse bem. Não é só a alma que deve ansiar por Deus, mas também os apetites e tendências físicas e intelectuais.

MOTIVAÇÃO

Estando no fim deste capítulo, voltamo-nos para as últimas conferências da série sobre o microcosmos. Através destes excertos queremos considerar as motivações utilizadas pelo Padre Kentenich e a forma como terá explicado aos rapazes o significado de ser um adolescente. (Existiram mais conferências sobre o microcosmos depois da décima quarta mas o Padre Kentenich já não as preparou por escrito e não existe qualquer outro registo escrito sobre elas.)

RETIRADO DA OITAVA CONFERÊNCIA SOBRE O MICROCOSMOS

*O BODE EXPIATÓRIO (introdução à conferência)*⁷¹

No início do ano delineámos o nosso programa: Sob a protecção de Nossa Senhora queremos auto-educar-nos para sermos personalidades firmes, livres e apostólicas.

⁷¹ Kentenich, conferência, cf. referido em KASTNER, págs. 102-103. Uma fonte deverá ser FOERSTER, págs. 395-397.

Se nos perguntarmos agora “O que atingimos?” qual seria a nossa resposta? Seria certamente diferente de pessoa para pessoa. Temos mostrado sempre e de forma consistente a energia necessária e a determinação viril que a missão da nossa auto-educação exige em cada dia e a cada hora? Ou não estamos ainda convencidos das repercussões e da importância desta missão?

Conta-se que, há uns séculos atrás, era costume na corte dos reis de França que o jovem príncipe não podia ser castigado fisicamente por ser mal comportado ou preguiçoso. Agarrava-se num dos seus companheiros que, na presença do príncipe, recebia o castigo que o filho do rei merecia. Qual a razão para este procedimento? Porque se esperava que o choro do rapaz inocente comovesse o jovem príncipe.

Esta situação parece-nos estranha. Porém, quantas vezes acontece nas nossas próprias vidas! Sim, cada um de nós tem um – um? – não, milhares, dezenas de milhares de bodes expiatórios que têm que sofrer pelos nossos pecados, pelos nossos erros e omissões. A única diferença entre nós e o príncipe francês é que ele tinha que ouvir os gritos enquanto

nós permanecemos totalmente surdos.

É assim: Não há praticamente nenhum erro nosso pelo qual alguém não venha a sofrer, mesmo que nós não sejamos penalizados por isso.

Um dia eu permito-me uma falta de boa educação, ou quebro uma pequena regra. Alguém vê o que fiz e imita. Essa pessoa é



Rapazes a jogar um jogo durante o recreio no pátio perto do Santuário (esta área foi usada como recreio até 1934). (Arquivo Monte Sião)

apanhada e castigada e eu escapo impune. Agora que sou jovem e portanto com maior capacidade de me formar e educar, não me imponho auto-disciplina. Deixo que uma ou outra falta de carácter vá passando sem reparo. Onde estão os bodes expiatórios que vão sofrer por isto? São as almas – talvez milhares de almas – cuja salvação depende de mim. São as almas imortais cuja salvação, santificação e perfeição nos foram confiadas por Deus. Talvez já tenham nascido (talvez tenham acabado de cometer o seu primeiro pecado

mortal – o abismo abre-se à sua frente), talvez tenham acabado de sofrer um naufrágio e estejam no mar alto a gritar por socorro, a clamar por nós, por mim, por vós, pelo redentor que Deus escolheu para elas. Seremos capazes de lhes estender a mão para os salvar ou fazemos deles os nossos bodes expiatórios?... Isso depende de nos educarmos agora ou não. Tudo o que fizermos agora para a nossa auto-educação e auto-disciplina, não o fazemos só por nós mas também e em particular pelo nosso futuro rebanho. Somos já sacerdotes, sacerdotes como seremos no futuro. Estamos já a trabalhar para a salvação das almas da humanidade sofredora, na medida em que nos educamos para virmos a ser homens com carácter, à altura de qualquer situação. Somos já apóstolos, não só com o trabalho apostólico que fazemos em nós próprios, como também através dele.

Não nos podemos esquecer desta realidade. E não nos podemos esquecer de rezar por aqueles que nos vão ser confiados, de sofrer, de expiar, de oferecer muitos sacrifícios por eles. Temos que o fazer frequentemente e com todo o ardor de um coração entusiasmado por Deus e sedento de almas.

DÉCIMA TERCEIRA CONFERÊNCIA SOBRE O MICROCOSMOS

É NECESSÁRIO ESFORÇARMO-NOS! (excertos)⁷²

Já estamos na Quaresma⁷³, talvez sem nos apercebermos bem disso. Na realidade, não somos já obrigados a fazer jejum e não nos temos que preocupar com a abstinência, uma vez que a cozinheira se assegura disso! Mas isso não significa que a Quaresma não deva ser um tempo de penitência para nós. Se não fizerem penitência, perecereis! [cf. Lc 13,3]. Estas palavras de Nosso Senhor aplicam-se a todos, aplicam-se a nós também. O mandamento de fazer penitência é um mandamento divino do qual ninguém nos pode dispensar, nem o Papa. A Igreja concretiza mais este mandamento na Quaresma através da prática do jejum e da abstinência. Desta forma, a penitência tornou-se num preceito da Igreja, sobre o qual a Igreja pode e faz algumas excepções. Na medida em que a penitência é apenas um preceito da Igreja, estamos contemplados por uma excepção [a de sermos demasiado novos], pelo menos no que diz respeito ao jejum. Porém, a penitência que Deus nos pede deve ser praticada:

- 1) sempre, e
- 2) especialmente nestas semanas.

⁷² Kentenich, conferência, cf. referido em KASTNER, págs. 126-128, 128-129, 129-130.

⁷³ Em 1913, a Quarta-feira de Cinzas ocorreu no dia 5 de Fevereiro.

Mas para nos convenceremos melhor, basta que eu substitua a palavra “penitência” por outra que nos transmita melhor o seu significado: força de vontade, mortificação, auto-educação.

Precisamos de praticar a mortificação. Precisamos de *nos* mortificar, ou seja, às nossas paixões. Porém, mortificarmos as nossas paixões significa defendê-las de entrar em excessos canalizando toda a sua força para o bem.

Desta forma a penitência é a missão duma vida.

Sinto e sei bem que ao dizer isto estou a tocar num nervo que está sensível na alma humana em geral e principalmente na do adolescente. Este tal nervo está doente e sensível porque nós sonhamos com um falso ideal, como um ídolo, do que a verdadeira virilidade e cavalheirismo são e porque gastamos as nossas mais nobres e jovens energias a tentar atingir e realizar esse ideal. Temos ainda um longo caminho a percorrer até compreendermos totalmente como lidar correctamente com o nosso mundo interior e com as energias que dele irrompem em todas as direcções. E no entanto temos de lá chegar. Cada um de nós tem de se tornar num artista, não um escultor ou pintor, não, cada um tem de ser um artista na sua própria alma, a alma humana e viva. Não podemos descansar enquanto não conseguirmos tocar a nossa alma para que ela cante, enquanto não soubermos falar-lhe na sua própria língua, enquanto não a conseguirmos resgatar com força e sabedoria dos seus desvios.

E qual é a língua que a alma fala, esta nossa alma que tem sede de se purificar e libertar? Onde vos leva o seu anseio, este secreto anseio de que vocês se apercebem nas quietas horas de santa solidão, nas sombrias e amargas horas da Agonia no Horto? Todos conhecemos a resposta. Todos nós temos o anseio, este anseio que não morre, de que os impulsos mais elevados do intelecto e da vontade se sobreponham aos nossos apetites inferiores, aos nossos desejos inferiores, às nossas paixões.

O homem é um ser curioso. Não existe outra criatura que entre no mundo tão impotente, com tanta necessidade de apoio dado por outros, nenhuma outra demora tanto tempo a desenvolver-se como senhor da criação. Como disse Plínio, enquanto a natureza alimenta, veste, arma e equipa as outras criaturas com os instintos necessários desde o momento da sua criação, parece não prestar qualquer ajuda ao homem. Deixa-o nú sobre uma terra nua. E mais! Quando um pintaínho nasce, consegue já comer e andar. A abelha pequena nasce e sai do seu berço dentro do favo e daí a uma hora já está a trabalhar com as abelhas mais velhas. Em poucos dias já voa com as suas companheiras, encontra as flores que se espalham pelos campos e depois encontra o seu caminho de volta para casa. Os jovens animais encontram o seu caminho na escura floresta ou em pântanos distantes,

em enormes desertos, na selva mais recôndita, no oceano mais profundo ou nos picos dos montes mais altos e tudo isto sem ajuda! Pelo contrário, a criança precisa de aprender tudo, até como comer e andar. E o tempo de que precisa para aprender a mais simples das tarefas humanas! Porque será? Pela mesma razão que faz com que seja tão difícil encontrar um homem bem formado, enquanto os homens com defeitos de formação abundam. Um homem real e completo é tão raro como um cisne negro.

Qual é a razão? Porque, ao contrário dos animais, que são guiados pelo seu instinto, o homem é livre. Os animais agem sem consciência de si próprios ou do mundo: inconsciente, cego, guiado por forças interiores sem luz, um animal é uma máquina com vida que nasce com os órgãos físicos de que necessita. Cada uma das partes necessita apenas de se fortalecer e de prática. É por isso que os animais não evoluem. Nos dias de hoje as andorinhas constroem os seus ninhos do mesmo modo como o faziam antes do tempo de Noé. Os veados vivem hoje do mesmo modo que viviam há milhares de anos. (....)

Esta liberdade é o que o homem possui de melhor, de mais elevado. Como é que a usamos? Não agimos nós por vezes como se não tivéssemos intelecto, sem controlar as nossas paixões? E quantos homens não andam por aí, que não só não usam a liberdade que têm mas ainda a usam de forma errada para satisfazer os seus impulsos mais vergonhosos e degradantes? Poderíamos até dizer-lhes “Vão ter com os animais mais selvagens que encontrarem e aprendam com eles a controlar as vossas paixões.”

É a nossa razão e a nossa vontade que devem moderar as nossas paixões. É no momento em que as coisas começam a acontecer ao contrário, no momento em que as nossas capacidades mais elevadas são comandadas pelas nossas paixões, que começamos a pecar – pecados mortais ou veniais. Nunca devemos pecar, não podemos colocar as nossas paixões num trono e assim escravizar a nossa razão e a nossa vontade. E o preço a pagar pela força para controlarmos devidamente as nossas capacidades e assim evitar o pecado é penitência, mortificação e auto-controlo. Assim, não podemos ignorar a penitência nas nossas vidas. Temos que estar sempre a praticar penitência.

Mas não basta desistirmos de algo de que já devíamos ter desistido por ser proibido. Temos também que desistir de algo que é permitido. Porquê? Porque não somos pessoas que vivem apenas no momento presente. O futuro não nos sorri constantemente. Não, vão aparecer nuvens, algumas até escuras. Vão aparecer dentro de nós e à nossa volta. Ou existe alguém excluído de horas de sofrimento e dor? Na nossa vocação, não seremos nós certamente! E para estas alturas precisamos duma reserva suplementar de força de vontade e energia....

O nosso objectivo não é só estarmos a salvo dum pecado mortal no presente e no futuro: o nosso objectivo é uma personalidade apostólica perfeita. E não conseguimos atingir este objectivo sem uma auto-disciplina e um auto-controlo constantes e orientados.... Talvez assim consigamos olhar para o Regulamento com outros olhos, olhá-lo como um aliado que é bem-vindo, como um meio de provar a nossa verdadeira masculinidade e assim provar que mais tarde seremos úteis.

Temos que nos vencer a nós próprios constantemente, educar-nos com os olhos postos no objectivo, especialmente durante a santa Quaresma. Todos os Católicos tentam seguir os passos ensanguentados de Nosso Senhor desde o Getsemani até ao Calvário durante esta altura. Apesar do que os preocupa, tentam arranjar uma forma rápida de chegar ao Céu. E fazem bem. O sofrimento de Nosso Senhor não aconteceu apenas para nos redimir; Ele quis também mostrar-nos o caminho para o Céu, o melhor e o mais certo dos caminhos, sem dúvida. E que caminho é este? É o caminho do auto-controlo, o de heroicamente nos vencermos a nós próprios. E é esse o caminho que devemos seguir. É o único e, ao mesmo tempo, o melhor caminho.

DÉCIMA QUARTA CONFERÊNCIA SOBRE O MICROCOSMOS

COMPREENDERMO-NOS COMO ADOLESCENTES (excertos)⁷⁴

Estarão as nossas energias na nossa idade realmente tão confusas e ao mesmo tempo flexíveis e decisivas? O ênfase situa-se na expressão “na nossa idade”. Até agora temos reflectido sobre as capacidades do homem em geral e estudado as paixões duma forma especial. Agora temos que começar a fotografar-nos a nós próprios – uma tarefa importante e difícil, difícil não só porque a pesquisa científica não tem conseguido perceber a alma do adolescente, mas porque o próprio adulto, o homem maduro, o educador, tem sentido dificuldade em se colocar dentro dos pensamentos, sentimentos e emoções dos adolescentes, se é que alguma vez conseguiu qualquer coisa nesse sentido. Torna-se especialmente difícil por causa do grande mistério que se esconde no nosso mundo interior. Mas apesar desta dificuldade e em parte até por causa dela, não vou permitir que a pergunta anterior [sobre a confusão da alma do adolescente] seja respondida com um sim. Sim, é verdade que o nosso grupo etário poderá ter muita confusão, mas tem também energias que são adaptáveis e decisivas para as nossas vidas e que apenas precisam de ser bem guiadas. (...)

⁷⁴ Kentenich, conferência, cf. referido em KASTNER, págs. 131-132, 132, 133-134, 134.

Aqui está a criança e aqui encontra-se o homem, o homem apostólico. Não somos inteiramente nem um nem outro. Já não somos a “criança receptiva e solícita” mas também ainda não somos o “adulto independente e auto-suficiente”. A criança cede a toda a autoridade devido a uma necessidade instintiva, por fraqueza: o homem reconhece apenas a autoridade querida e livremente escolhida por Deus. O homem obedece por convicção. O adolescente liberta-se de todo o jugo; a sua fraqueza deixou de ser razão para se submeter, porém não possui ainda a convicção do adulto; daí vai-se debatendo contra a submissão. Existem duas forças opostas dentro de nós: a dependência da criança e a independência do homem. A independência do homem luta fortemente por ganhar a batalha. Podemos assim chamar-nos “homens em forma de menino”; ainda estamos no processo de nos tornarmos homens. Mas este processo, este renascer como homem não é tranquilo nem pacífico. Pelo contrário, processa-se com uma violenta transformação de todo o nosso organismo adolescente, *revolucionando* todas as nossas energias, todos os factores da nossa vida. (....)

Encontramo-nos então num momento tempestuoso e conflituoso das nossas vidas. Por baixo da tempestade e do conflito move-se um poderoso e irresistível desejo de independência, de auto-determinação, de auto-realização. E tal como o rio inunda as suas margens durante a tempestade, também este impulso de liberdade nos empurra para o ilimitado. É isto que nos caracteriza neste período da vida.

Ao mesmo tempo, temos um caminho marcado à nossa frente que deveremos percorrer para adquirirmos a nossa auto-educação.

Não nos é permitido violar a nossa natureza. Temos que ir ao seu encontro, protegendo e cultivando os poderes que nela estão enraizados e que se encontram agora em maturação. O nosso programa de educação não se pode tornar num “Regresso à dependência da infância” mas antes num avanço para uma completa consciência da maturidade! Vamos avançar, mas sem o custo duma destruição violenta dos interesses da juventude. Queremos desfrutar a nossa juventude com uma jovem sensação de alegria; queremos perseguir ideais eternos e imortais com um jovem vigor, sem nos esquecermos de colher as flores que se encontram ao longo do caminho da vida, flores que passam despercebidas e incompreendidas aos que vivem numa idade mais madura e que também

nós não veremos daqui a uns anos. Elas pertencem-nos agora. “Colhe a rosa antes que murche!”⁷⁵

Se quiserem definir mais nitidamente o programa da vossa auto-educação, eu diria: Precisamos de ir gradualmente largando a dependência da criança para testarmos e reforçarmos a nossa independência com actos próprios da juventude e que gradualmente nos conduzirão a objectos próprios do homem adulto....

Assim o exige a nossa natureza e a graça. *Gratia supponit naturam* [A graça pressupõe a natureza]. A graça não destrói os esforços da natureza, antes constrói com eles, os apoia, os eleva e fortifica os seus impulsos. Disto resulta que não deveremos tentar atingir este objectivo utilizando apenas meios naturais e racionais, os estudos e exercícios que fortaleçam a nossa vontade: Deveremos também utilizar meios sobrenaturais tais como a oração, a confissão e a comunhão. E recebermos os sacramentos terá apenas o valor da ajuda que prestarem à nossa auto-educação. Neste assunto, não devemos esquecer aquilo que já expliquei: Quanto mais cedo nos tratarmos como homens, mais cedo o seremos.⁷⁶

⁷⁵ Verso da canção “*Freut euch des Lebens*” bastante conhecida na Europa de língua alemã. Texto (de Johann Martin Usteri, 1793) e música (de Hans Georg Nageli, 1794) da Suíça. É uma canção típica de festivais, cujo significado geral é “goza o momento presente”.

⁷⁶ FOERSTER, pág. 404ss fala do *Massenmensch* (homem-massa) duma forma que corresponde ao interesse que o Padre Kentenich tinha em promover a auto-iniciativa da pessoa moderna. Como refere Foerster: “Existem dois tipos de pessoas: os homens-massa e as pessoas que se aguentam nos seus próprios pés”.

4. CAMINHOS SINUOSOS

O Padre Kentenich sabia que não seria só com conferências que se molda a alma. Os seus jovens precisavam duma organização onde pudessem canalizar as suas energias a um nível mais profundo. Baseada na sua visão de um “homem novo”, teria que encorajar a livre iniciativa. Baseada na sua visão de uma “nova comunidade”, teria que formar uma comunidade que unisse os rapazes profundamente. Orientando-se pela lei da porta aberta,⁷⁷ o passo seguinte consistiu em formar uma Associação Missionária. Como disse em 1951:

Naquela altura formavam-se Associações Missionárias por toda a Alemanha em liceus e universidades... “A voz dos tempos é a voz de Deus”. E os estudantes Palotinos eram aspirantes a missionários. Nada parecia ser mais lógico que seguir esse caminho. Diga-se porém que formar uma associação não era algo de normal para o nosso colégio interno. Mas isto dava-nos uma oportunidade de aprofundar o ideal de uma nova comunidade – construindo uma relação interior mútua e acordando a responsabilidade por um ideal comum. A associação começou em Janeiro de 1913; não por mandato ou uma ordem superior mas por um caminho de movimento – através de decisões autónomas e pessoais e votos de grupos.⁷⁸

O “caminho de movimento” (ou crescimento orgânico) era o caminho mais lento, mas a longo prazo daria mais frutos, uma vez que comprometia a pessoa no seu todo e a comunidade no seu todo. Isto exigia também uma atenção cuidadosa às necessidades dos rapazes:

Aconteceu o mesmo quando fundámos a Associação Missionária. No entanto a Associação Missionária aconteceu com menos escritos e mais observação da vida. Por um lado vi a necessidade. Nessa altura os nossos rapazes não tinham nenhuma comunidade. Tinham uma comunidade revolucionária, sim. Mas não existia praticamente nenhuma comunidade interior. Podem ver a necessidade. Mas vem a questão: de que maneira, sob que forma? Leu-se no tempo: Naquela altura havia um grande interesse pelas missões. Fez imenso sentido: Também nós queremos e deveríamos tornar-nos missionários. As ideias juntavam-se e daí a tentativa de introduzir uma Associação Missionária. Porquê? Para

⁷⁷ cf. USA-T 1952 (8 de Agosto) III 306. NT: Cf. nota da edição espanhola, “A Lei da porta aberta” diz-nos que Deus fala conosco e guia-nos através de portas que se nos vão abrindo ao longo das várias situações da vida.

⁷⁸ Schlüssel 1951 (TzVSch, pág. 190)

despertar a responsabilidade de uns pelos outros e para mostrar como é possível usar pessoalmente a sua liberdade de maneira correcta (1952).⁷⁹

Este foi o início dos “caminhos sinuosos” da transformação duma “associação revolucionária” numa verdadeira comunidade. Encontra-se uma versão mais detalhada da história destes meses nas Crónicas da Congregação Maior (Crónicas da *Congregatio Maior*), escritas pelo Padre Kentenich em 1915-1916.⁸⁰ O nosso capítulo começa no fim de 1912.*

A FUNDAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO MISSIONÁRIA

Felizmente encontrámos uma maneira de remover, ou pelo menos reduzir, os obstáculos: a Associação Missionária.

Como missionários em potência, andávamos muito entusiasmados. Era uma forma de actividade missionária bastante comum fora do colégio, o que nos fazia pensar que seria algo a que os nossos professores não se iriam opor se soubessem da nossa associação, o que acabaria por acontecer mais cedo ou mais tarde. Para todos os efeitos, planeávamos organizar festivais das missões de vez em quando.

A associação foi fundada no mais profundo silêncio durante as férias de Natal de 1912-13. Elegeram-se chefes: cada classe – só participavam as quatro classes mais velhas – elegia um assistente por votação da maioria. Estes por sua vez elegiam um presidente da classe mais velha. O resultado foi:

Presidente: Hubert Jöbges

1º Assistente: Georg Kost (7ª classe⁸¹)

2º Assistente: Josef Fischer (6ª classe)

3º Assistente: Norbert Theele (5ª classe)

4º Assistente: Hubert Mosbach (4ª classe)

⁷⁹ cf. USA-T 1952 (8 de Agosto) III 306.

⁸⁰ Escritas no fim de 1915 ou no início de 1916. Segundo o Padre Kentenich (Carta ao Padre Möhler, de 10 de Maio, 1956ss, pág. 173), ele escreveu a crónica para acalmar as preocupações do Padre Gissler em Setembro de 1915 (ver pág.126): “Estava a tentar provar que a minha visão sobre a educação e as minhas práticas estavam em perfeita consonância com as ideias de Pallotti. Para isso usei as academias públicas da congregação, a crónica que escrevi pessoalmente e outros passaram a limpo e, mais tarde, a nossa revista MTA”.

* Para ver os parágrafos introdutórios da Crónica da Congregação Maior, ver as citações das págs. 40 e 45 do Capítulo 2.

⁸¹ As classes eram numeradas dos mais novos para os mais velhos: 1º ano (os mais novos), 2º ano (os seguintes) e assim sucessivamente até ao 7º ano (os mais velhos).

A história da fundação vem mais detalhada e avaliada sob o ponto de vista educacional em *A Estrela de África* [revista Palotina], Vol. 20, números 9 e 10.

O então reitor [do seminário de Schoenstatt], o Padre Wagner, e o [superior provincial] Padre Kolb, que se encontrava cá nessa altura, acolheram-nos amavelmente debaixo das suas asas, e dessa forma prestaram-nos um grande serviço, como se perceberia claramente quando a tempestade começou. O *primeiro festival Missionário* teve lugar no dia 2 de Fevereiro e com ele a associação tornou-se pública (ver programa e descrição na *Estrela de África*, Vol. 20, pág. 373). Tal como esperávamos, os professores já mencionados usaram todos os meios de que dispunham, tanto directos como indirectos, para tentar acabar com esta acção que brotava dos jovens. Mas sem o saberem, acabaram por nos ajudar. As dificuldades que com tão boa intenção prepararam para nós apenas contribuíram para nos unirem ainda mais. Aprendemos a fazer sacrifícios pelo nosso objectivo e em simultâneo afeiçoámo-nos mais a ele, o que era mesmo necessário, uma vez que as reuniões regulares não despertavam nenhum entusiasmo. Estas tinham lugar uma vez por semana, durante a hora das “instruções” [conferências dadas pelo director espiritual]. Por um lado havia falta de interesse, por outro lado havia falta de coragem e por outro ainda havia falta de ambos. No final, apenas seis se tinham atrevido a dar uma conferência. De outro modo, o director espiritual teria sido o único a falar. Sendo a pessoa responsável pelo projecto, tentava também treinar os chefes fazendo reuniões extra com eles.

O *segundo festival missionário* pretendia despertar um novo entusiasmo. Os preparativos já estavam terminados. Entre outras coisas, tínhamos ensaiado uma obra teatral escrita por nós próprios, “Imagens do desenvolvimento histórico dos Camarões”. Estava planeado para o dia de *Regina Apostolorum* [Rainha dos Apóstolos, o Sábado depois da Quinta-feira da Ascensão]. E depois ouvimos dizer que o nosso Reverendíssimo Vigário Apostólico Padre Heinrich Vieter, PSM, estaria para regressar dos Camarões num futuro próximo. Com a esperança de que poderíamos dar àquele venerável homem uma pequena razão para sorrir – afinal de contas, ele era o personagem principal da nossa obra – decidimos esperar pela sua chegada. Porém, ele teve que demorar devido a tarefas apostólicas, e não chegou na altura prevista. Quanto a nós, esperámos semana após semana. Por fim, a situação aqui tornou-se bastante desfavorável para a associação. Entretanto, já tínhamos representado a peça “Guilherme Tell” para uns convidados; já tínhamos recebido os nossos amigos e benfeitores numa acção pública para a

dedicação solene da casa no dia 8 de Dezembro de 1912. Além disso, aproximavam-se os exames finais e portanto, para evitar o desagrado dos professores, o reitor pediu-nos, com o coração pesado, que cancelássemos o festival por razões diplomáticas e embora já estivesse todo preparado, cancelámo-lo. E foi assim que, entre batalhas e dificuldades, o nosso primeiro ano chegou ao seu fim. Sentíamos algum consolo na abertura e amizade do nosso actual protector, o Padre Reitor [Wagner].⁸²

A AVALIAÇÃO DO ANO 1912-13

Contudo, o cronista não pode terminar o seu relatório deste ano sem realçar os sucessos, os frutos de todo o nosso trabalho e esforço, por lenta que seja a sua maturação. O maior sucesso foi o facto de *apesar de todas as tempestades no final do ano, a associação ter não só sobrevivido mas também se ter tornado em algo de que gostávamos*.

Adicionalmente, tanto o nosso esforço comum, embora pouco estável, de assumir voluntariamente o espírito das Regras (cf. *A Estrela de África*, Vol. 20, pág. 316) como a vivência da nossa vocação e da nossa actual vida institucional mais *orientada para os ideais*, eram compromissos que também mereciam um considerável apreço. Nas palavras que o nosso entusiástico presidente da associação, Hubert Jöbges, proferiu no seu discurso de despedida antes de entrar para o noviciado: “A nossa união uns com os outros é fiel, cada vez mais fiel e firme. Trabalhámos juntos, unidos homem a homem, e lutámos por alcançar a nossa grande meta... As memórias que me darão o impulso para o alto não serão as do antigo Vallendar ou Ehrenbreitstein, mas do novo Vallendar... Na verdade, não é irrelevante se a associação continua ou não. Pensem só como a associação tem o poder não só de influenciar o ambiente da casa, como até de o determinar...”.

A última reunião antes das férias mostrou o quanto tinha melhorado o espírito entre nós. Tal como já estava planeado, a 7ª classe terminou as aulas mais cedo, o que significou que o 2º assistente passou a liderar os chefes. E então ele atreveu-se a afirmar categoricamente que não podíamos passar as férias a fazer de conta que não éramos Palotinos, como fazíamos antes. Estas palavras foram acolhidas com um aplauso inesperado de todos os que o ouviam. Temos que trabalhar com

⁸² CHRONIK, pág. 2s

palavras e obras para os interesses da Sociedade, especialmente na divulgação da nossa revista. Isto gerou um debate muito interessante e vivo, o primeiro e único desde a fundação da associação. Quebrara-se o gelo; olhávamos para o futuro com uma alegre esperança. Comentámos uns com os outros: “Para o ano que vem, todas as nossas reuniões deveriam ser assim, cheias de vida como a de hoje.”⁸³

O NOVO ANO ESCOLAR COMEÇA

Ao chegar ao Verão de 1913 o Padre Kentenich tinha já uma ideia mais precisa das estruturas e dos objectivos da Congregação Mariana, depois de ler um artigo numa revista no início de 1913. Ele considerou-o como uma “porta aberta” da Divina Providência, e viu que a congregação se conjugava bem com os objectivos duma “comunidade livre”. Como disse mais tarde, em 1952:

Logo depois de pôr a Associação Missionária em marcha, veio parar às minhas mãos uma pequena revista. O nosso Padre Rudolf Gross (....) tinha um irmão que estudava com os Jesuítas em Mariaschein [um lugar de peregrinação Checo], onde se encontrava a Congregação Mariana. Eu não fazia ideia do que era a congregação.⁸⁴ Nem era minha intenção, no início, fazê-lo desta maneira [formando uma Congregação Mariana].

Digo isto para reforçar que [em 1912-14] nunca tive um plano já totalmente delineado até ao fim. As únicas coisas que sempre foram claras para mim foram a ideia orientadora e as forças condutoras. Deus conduziu sempre um passo de cada vez.

De qualquer forma, depois de criarmos a Associação Missionária, onde a iniciativa e a responsabilidade foram despertadas e orientadas mais para fora, para a actividade exterior, comecei a sentir a necessidade que sempre defendi com empenho: temos que crescer mais interiormente.

Foi então que me caiu nas mãos este papel, esta revista sobre a Congregação Mariana. Penso que se chamava *o Mensageiro Mariano*. E depois apercebi-me que o que a

⁸³ CHRONIK, pág. 3

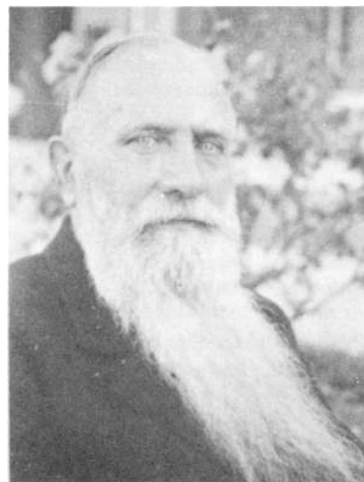
⁸⁴ O Padre Kentenich já tinha tido contacto com a Congregação Mariana uns tempos antes. Por exemplo, depois do Congresso Mariano em Tréveris em Agosto de 1912, o Padre Kentenich deu uma conferência sobre os méritos da Congregação Mariana para as raparigas. O título já é revelador: “A Congregação Mariana – uma Escola Superior para a Liberdade Cristã” (ver J. Kentenich, *Predigten 1910-1913*, ed. Engelbert Monnerjahn, Vallendar-Schoenstatt: Schönstatt-Verlag, 1988, págs. 133-142). Porém, embora consciente dos méritos da congregação em 1912, ele poderá não se ter apercebido do seu potencial organizacional até ler este artigo no início de 1913.

congregação quer era igual ao ideal que eu tinha em mente. Qual o rumo a tomar? A Congregação Mariana.⁸⁵

Considerando os preconceitos contra a congregação que iria encontrar nos estudantes e no corpo docente, tornou-se claro para o Padre Kentenich que só a poderia introduzir depois duma preparação cuidada. Ao chegar ao fim do ano escolar (Julho 1913), já tinha ultrapassado a resistência de muitos estudantes, pois como recordou o Padre Kolb, quando regressou duma viagem prolongada aos Camarões (que começara em Janeiro de 1913) e visitou Schoenstatt pela primeira vez em Julho de 1913, “um grupo de estudantes veio até ao meu quarto e ingenuamente perguntou-me como seria a Congregação Mariana.”⁸⁶ E não iriam embora facilmente sem uma resposta à sua pergunta, daí que o Padre Kolb rapidamente percebeu que o Padre Kentenich tinha andado a conversar com eles sobre esse assunto.

O passo em direcção à Congregação Mariana começou com força no novo ano escolar. O processo de aproximação foi lento e algo silencioso pois, retomando as “Crónicas da Congregação Maior”, vemos que o ano 1913-14 teve vários problemas ao início. Não se teria conseguido prever em Setembro de 1913 o crescimento surpreendente destes jovens nos meses seguintes; em Julho de 1914 já aspiravam ao ideal de santidade! Mas por agora parecia que apenas prevaleciam dificuldades:

Este propósito [de ter reuniões com verdadeiro conteúdo] foi cumprido inconscientemente, embora à custa de grande sacrifício, como seria de esperar. Regressámos de férias em meados de Setembro de 1913. Num ambiente de alegria contámos as experiências tidas com o nosso trabalho relativamente intenso durante as férias. A venda de “calendários” [almanaques publicados pelos Palotinos contendo artigos religiosos] e das revistas tinha rendido um lucro de 628.42 Marcos. Foram as últimas boas notícias que teríamos durante algum tempo. Entretanto devem-se ter juntado várias *nuvens de tempestade* mas não



O Padre Michael Kolb nos seus últimos anos (Arquivo)

⁸⁵ cf. USA-T 1952 (8 de Agosto) III 316s.

⁸⁶ KOLB

tínhamos ideia do que eram. Teria a visita do Superior Geral, o Padre Karl Gissler, mesmo antes do fim das férias, tido alguma influência? Seja o que for, foi-nos colocada no horário apenas uma hora de “instruções” por semana, para termos mais tempo de estudo. Onde íamos nós encontrar tempo para as nossas reuniões da associação? E a acrescentar, por conselho e influência do director espiritual da nossa associação [o Padre Kentenich], tínhamo-nos mantido tão discretos que parecia que a associação já nem existia. Tornou-se cada vez mais urgente ter uma reunião. Felizmente a autorização não se fez esperar.

Vivia-se uma situação nada favorável e tornava-se impensável ir para a frente com a fundação duma Congregação Mariana além de que o ambiente dominante *entre nós estudantes* estava longe de ser o mais certo para isso. Por isso, estávamos bastante frios e indiferentes na renovação da nossa consagração Mariana [de 20 de Outubro de 1912], mesmo tendo sido o Vigário Apostólico Vieter, PSM, quem recebeu a nossa renovação no fim do nosso retiro. Porém, as tensões iam piorar.

A pedido do Padre Wagner celebrámos um *festival missionário* a 8 de Dezembro. Ao princípio pensámos convidar vários padres da zona, mas como já estava planeada a apresentação duma Oratória da Epifania (de Mueller) para as férias de Natal e seria para pessoas que não pertenciam ao colégio, e também não havia muita confiança na nossa “capacidade de fazer as coisas por nós próprios”, este plano caiu por terra. Os dois padres que o reitor nos permitiu convidar – o Professor Ditscheid e o Professor Bertram – não podiam vir. Enviámos-lhes o programa mais tarde, dado que tinha sido pensado especialmente para eles. Para permitir a presença do nosso provincial superior, o Padre Kolb, que não podia vir no dia 8 de Dezembro, fizemos a reunião no dia 7 de Dezembro. O programa foi variado e agradou a todos.... [uma mistura de música, poesia declamada e conferências dadas pelos rapazes].

Dado que o reitor se encontrava ausente num retiro em Würzburg, foi o Padre Kolb quem disse as últimas palavras. Aludindo à sua visita aos Camarões, ele descreveu com palavras e imagens cheias de entusiasmo o quanto os chefes tribais dos Camarões esperavam por novos missionários. Isso despertou em nós um sentimento de gratidão e alegria: se ao menos já estivéssemos nessa fase! Com que alegria iríamos hoje mesmo para os Camarões!

O festival missionário tinha cumprido a sua missão. Lamentavelmente os professores que estavam contra ele não tinham estado lá, dado que tinham ido

ajudar noutras paróquias. A nossa felicidade aumentou ainda mais no dia seguinte, com a parte litúrgica do festival, Missa solene e homilia com o Professor Bertram. O Padre Kolb estava muito contente com o festival, tal como comunicou ao Padre Wagner numa carta.⁸⁷

UMA FORTE TEMPESTADE

A este dia luminoso seguiu-se uma forte tempestade. Uns dias depois do festival um jornal local, o *Volkszeitung* de Koblenz, publicou um curto artigo sobre a existência da nossa Associação Missionária e o festival. O objectivo do autor – o director espiritual da associação [o Padre Kentenich] – era inspirar estudantes do ensino secundário em Koblenz a fundarem organizações semelhantes. E de facto, um mês depois, a 18 de Janeiro de 1914, realizou-se a primeira festa das missões dos estudantes secundários e fundou-se uma Associação Missionária de estudantes, a primeira do seu género na Alemanha.... A única coisa que sabemos ao certo é que o artigo foi o pretexto necessário para “*apertar o cerco*” aqui em casa.

Começou com o rebentar duma tempestade de indignação entre os professores por estas coisas se terem tornado públicas. Claro que descobriram o autor rapidamente. Um professor estava furioso por terem impresso os nomes dos oradores, outro por darem às classes os nomes das escolas secundárias (1º ano, 2º ano, etc)... Outro ainda profetizava, justificando-se com situações anteriores, que seria desta vez que a inspecção escolar viria fazer uma visita para avaliar os conhecimentos dos estudantes dos últimos anos.

E de facto, não se fez tardar uma visita do inspector escolar. No meio duma conversa fez referência a ter lido qualquer coisa sobre a casa no jornal. E aí a situação explodiu mesmo. Tudo era por culpa do artigo. Foi tal o reboço criado, que o facto de que a visita do inspector era já esperada há algum tempo ficou completamente esquecido. (....)

Infelizmente encontrávamo-nos no final do semestre, daí que haveria a reunião docente do costume. O resultado comprovou-se nas avaliações, pois os alunos que receberam as piores notas foram precisamente aqueles que se tinham empenhado com entusiasmo e sido mais activos publicamente. Fischer e Theele foram os mais atingidos. O primeiro, que era o presidente, teve apenas um “bom” em conduta, bem como em iniciativa e prontidão. Os jovens que foram afectados não se deixaram ir

⁸⁷ CHRONIK, pág. 3s.o

abaixo por isto. Continuaram a trabalhar alegremente e com determinação para a nossa associação. Mas os poderes da destruição não desistiram. Algumas semanas depois foi-nos dito que “O golpe final contra a associação esteve a ponto de acontecer nestes últimos dias, mas pela graça de Deus, caiu por terra.” Devemo-lo principalmente aos esforços incansáveis do nosso reitor e do Padre Provincial.⁸⁸

OS PRIMEIROS PASSOS PARA A FUNDAÇÃO DA CONGREGAÇÃO

Curiosamente, foi durante este tempo de grandes perigos que nos aproximámos mais do nosso objectivo – a fundação da Congregação Mariana. Mas para explicar tudo, o cronista precisa de recuar uns meses. Os resultados da nova eleição depois das férias de Verão foram:

Presidente: Josef Fischer (7^a classe)

1º Assistente: Otto Angsten (7^a classe)

2º Assistente: Norbert Theele (6^a classe)

3º Assistente: Georg Mosser (5^a classe)

Já não foi necessário eleger um 4º assistente dado que, segundo uma nova norma, a 4^a classe já não era considerada como pertencente às classes superiores. O Mosbach tinha sido expulso durante as férias por mau comportamento e o Georg Mosser, eleito no seu lugar, teve que nos deixar em fins de Novembro devido a várias dificuldades em acompanhar os estudos. O Wilhelm Mueller (5^a classe) tomou assim o seu lugar. São estas as pessoas que tiveram um papel especial na fundação da congregação e, mais que todos, o presidente *Josef Fischer*, que se provou ter muitas capacidades e determinação. A fundação da congregação era e permaneceu o único objectivo do nosso director espiritual [Padre Kentenich]. Porém, a altura em que isso aconteceria permanecia nas mãos de Deus. Se queríamos formar algo firme e duradouro, algo que viesse a ter valor também para as gerações vindouras, então o plano tinha que ser aprovado pelo *conselho provincial*, suportado pelo *corpo docente* e entusiasticamente apoiado por nós *estudantes*.

Esta descrição do desenvolvimento da Associação Missionária mostra o modo como o bom Deus *tomou conta da questão de sermos suportados pelo corpo docente*. Para os professores não importava se nós dávamos à nossa organização o nome Associação Missionária ou de uma congregação [i.e. a sua única preocupação era que os alunos se distraíssem dos seus estudos]. Mas para o *conselho provincial* a questão

⁸⁸ CHRONIK, pág. 4s.

era diferente. Para eles as dificuldades eram grandes, especialmente por causa da experiência prática que tinham com congregações a escolherem apenas os melhores estudantes. Por isso é que as nossas regras apenas recomendavam uma consagração geral a Nossa Senhora. Para superar as dificuldades e dispersar as dúvidas, o nosso director espiritual apresentou uma petição de apoio depois de consultar o reitor [Padre Wagner] e o vice reitor Padre Auer. Esta petição foi fortemente apoiada pelo provincial [Padre Kolb] e pelo reitor, que era também um membro do conselho. A petição incluía, a somar a muitas razões internas, o apoio encorajador do provincial superior dos Maristas, o Padre Steffen de Meppen. (...) Ainda insatisfeito, o conselho decidiu que o provincial superior escreveria, em nome do conselho, ao Padre [Johannes] Eckinger, SJ, para lhe pedir a sua opinião e que tomariam a sua decisão em função da opinião dele. O Padre Eckinger era fundamentalmente conhecido pelo seu livro *A Teoria e a Prática da Educação Católica Institucional* e pelas suas conferências no Congresso para a Educação Institucional em Donauwörth em Agosto de 1913 [no qual o Padre Kentenich tinha participado]. Contava também com 20 anos de experiência. (...)

[O Padre Eckinger respondeu por carta no dia 10 de Janeiro de 1914, apoiando entusiasticamente a congregação. No capítulo 5 debruçar-nos-emos com mais pormenor sobre esta carta.] Esta carta foi debatida na reunião seguinte do conselho provincial. O Padre Kolb tinha também escrito ao Prefeito Geral anterior, o Padre Nix, SJ, que do mesmo modo respondeu a rebater as dificuldades receadas. A partir daqui, já era possível conceder a autorização com a consciência tranquila, e assim foi.⁸⁹

OS PREPARATIVOS NO OUTONO DE 1913

Apesar de todos os obstáculos exteriores a vencer, a maior preocupação do Padre Kentenich era que todos os estudantes crescessem em auto-iniciativa e adquirissem a noção do quanto a Associação Missionária (e a futura congregação) eram realmente projectos deles. Ao olhar para trás para o complicado ano de 1913-14, um dos rapazes (mais tarde o Padre Karl Kubisch) recordou o estilo adoptado pelo Padre Kentenich nas reuniões sobre a questão da congregação:

Nas reuniões, ele sentava-se em silêncio, no fundo da sala..., e só intervinha no fim quando nos deparávamos com questões que não conseguíamos resolver ou com conclusões fundamentais. De uma forma clara e concisa, resumia [o tema em debate], e por vezes colocava uma questão que nos punha novamente em debate

⁸⁹ CHRONIK, pág. 5s, 7.

ou levantava uma dificuldade. O seu objectivo era fazer-nos pensar de forma clara e sobre princípios claros e não se esquivava de abordar distinções morais, dogmáticas e teológicas que fossem mais delicadas. Nestas alturas abstraía quase completamente das pessoas. Tudo o que dizia era puramente objectivo. Quando corrigia alguém, fazia-o com delicadeza.⁹⁰

Ao regressarmos à Crónica da Congregação Maior, queremos manter presente a constante atenção que o Padre Kentenich tinha em encorajar os estudantes a pensarem nas questões por eles próprios e em crescerem juntos como uma comunidade:

Chegamos agora à questão da preparação em concreto dos estudantes. Esta será a altura certa para, mais que qualquer outra coisa, relembrar com gratidão a forma especial como a Providência sempre interveio, colocando a informação certa no momento certo nas mãos do nosso director espiritual. Por coincidência, ele ouviu falar da revista das congregações marianas estudantis *O Nosso Estandarte*. O escritório central não só lhe enviou um exemplar, como ele tinha pedido, mas foi amável e enviou-lhe os estatutos das congregações estudantis. (...)

Tudo isto nos ajudou muito. O novo prefeito [o presidente da nossa Associação Missionária, Josef Fischer], que já tinha sido um dirigente activo no ano anterior, provou ser o pivot ideal para ultrapassar as dificuldades com sucesso. Não era um orador eloquente mas por outro lado era muito calmo e mostrava iniciativa, prudência e bom senso, tinha o respeito dos seus pares e devoção pelo director espiritual. Este podia assim confiar plenamente nele e confidenciar-lhe os seus planos.

Nas reuniões entre os chefes, houve que conquistá-los para esta ideia da Congregação Mariana. Foi um processo lento, porém, dado que os novos dirigentes tinham que se acostumar aos procedimentos e objectivos. Mas como conseguir que todos os estudantes estivessem à vontade com a ideia da congregação? Aproveitávamos todas as oportunidades que apareciam. O plano inicial dos dirigentes era, suave e discretamente, *atribuir à Associação Missionária os objectivos e constituição duma congregação* e depois, na altura certa, dizer: “Reparem! A Associação Missionária tem os estatutos (e os objectivos) duma congregação estudantil! De que é que estamos à espera para chamar as coisas

⁹⁰ Padre Karl Kubisch, memórias, 1936, cf. citação em SCHLICKMANN, pág. 301.

pelo seu nome?”. O trabalho estava a progredir bem; a definição dos objectivos da associação seguiam o sentido desejado e já tinham reunido o consenso geral. Durante o debate deu-se particular atenção à *promoção da auto-formação*, um dos objectivos que mais nos interessavam. Este interesse mostrou-nos o caminho para atingirmos o objectivo num desenvolvimento orgânico que evitava conflito e pressões. Isso tornou-se ainda mais claro e óbvio quando subitamente surgiu entre nós um verdadeiro entusiasmo pela actividade literária de auto-aperfeiçoamento.

Os alunos da 6ª classe tinham planeado sozinhos um pequeno festival para pouco depois do nosso festival missionário [a 8 de Dezembro de 1913] e que não podia ter vindo em pior altura. Depois de o perceberem, a maioria dos envolvidos desistiu do plano que no fim acabou por cair por terra. Sem se deixar levar pelo desapontamento, o [Julius] Ott (da 6ª classe) falou energeticamente sobre “O nosso programa e as suas falhas” numa das reuniões da associação.

Para dar mais vida a este projecto, falou sobre a *fundação dum jornal*, proposta que foi bem acolhida. Seguiu-se-lhe um debate extraordinariamente vivo e aceso.

O nosso director espiritual assistia a todas as reuniões, sem agir como presidente. Quem presidia era o Prefeito Fischer. Mesmo agora ele manteve-se completamente reservado. Uma vez que não conseguimos chegar a nenhuma conclusão pedimos-lhe que resolvesse a questão. Ele aconselhou-nos a adiar a decisão final para a reunião seguinte, permitindo que os ânimos se acalmassem. Era agora o momento de agir. Depois duma minuciosa troca de impressões, o Prefeito Fischer foi incumbido de encontrar o momento da reunião seguinte que fosse mais favorável à menção da congregação, fazendo sobressair que *a melhor maneira de alargar a nossa actividade seria transformando a Associação Missionária numa congregação*. E os dirigentes usariam a sua influência pessoal até ao limite para tentarem informar os outros estudantes sobre o plano e conquistar o apoio deles.

Na reunião seguinte foi decidido que não seria o momento ideal para fundar um jornal, mesmo justificando-se a proposta. E foi assim, desta forma rápida, que se mudou a opinião geral. Logo de seguida o Fischer avançou com a sua proposta e com isso o tema crucial, que nunca mais nos deixaria descansar, tinha acabado de ser colocado na mesa.⁹¹

⁹¹ CHRONIK, págs. 7-9.

COMEÇA O DEBATE A SÉRIO

Os dirigentes, sábia e estrategicamente, adaptaram-se aos nossos interesses e ideias do momento. Durante algum tempo a discussão resumia-se praticamente ao tema da [fundação duma] secção literária e outros tópicos igualmente cativantes como uma [fundação duma] secção de debate e justiça social. *Tudo brilhava de entusiasmo para uma congregação deste tipo.*

Chegou-se, no entanto, a uma questão de difícil negociação. A congregação é, na sua essência, uma organização religiosa e as secções em que ela se decompõe só fazem sentido na medida em que estejam animadas directa ou indirectamente por um espírito religioso. *Como poderíamos nós trazer estes planos mais rebuscados para dentro das secções duma fundação religiosa?*

O leitor recordar-se-á do esquema apresentado, no início desta crónica, sobre o trabalho sistemático necessário para melhorar as nossas atitudes. A “convalescença” já tinha avançado tanto que *a nossa actividade de auto-educação na linha do cumprimento fiel dos nossos deveres* tinha chegado a um momento decisivo. Para assegurar esta situação permanentemente, e com o nosso consentimento geral, a formação do carácter tinha sido adoptada como parte essencial da definição, e consequentemente *dos objectivos da nossa Associação Missionária*. Tratava-se dum progresso significativo, mesmo se a custo de uma luta que durou mais de um ano. Quanto mais devagar e menos conscientemente fôssemos guiados em cada pequeno passo, mais prolongado deveria ser o seu sucesso. E isso não se fez esperar muito tempo. (...)

Para todos os efeitos, o terreno estava bem preparado. Para quê? A definição apresentada era sábia na questão da formação de carácter religiosa e moral. Sim... religiosa! Como foi mencionado no início, a opinião geral não era muito apreciativa neste campo. As “instruções” tinham sido adaptadas para reacomodar esta atitude indigna. Só se debatiam temas religiosos de vez em quando e de forma breve. Mas agora estava tudo preparado para que *a transição de um fundamento ético para um religioso* pudesse e fosse tratada com vigor. Até o tópico de uma longa série de conferências, “a vida moderna da alma”, permitia efectuar discretamente a melhor forma de abordagem a esta transição.

Mas regressemos às *reuniões*. Era aqui que as ideias que transpareciam das “instruções” e o trabalho de bastidores dos dirigentes teriam que passar no teste. No princípio surgiram fortes discussões. As dificuldades e objecções que eram

expressas baseavam-se nos já conhecidos preconceitos tais como “a congregação é o mesmo que um grupo de oração”, etc. Outros diziam “O que a congregação pode oferecer pode ser feito pela Associação Missionária”. Para contra-argumentar referiram-se os valores já provados bem como os longos anos de existência dos estatutos [da congregação]. E nestes debates até o nosso *director espiritual* abandonou a sua habitual posição de quase total reserva. Porque por um lado este desenvolvimento tinha que ser acelerado para se poderem começar os preparativos mais específicos e terminá-los antes que chegasse a autorização de Limburg. Por outro lado, os dirigentes não eram ainda capazes de resolver bem todas as dificuldades e de modo a que todos entendessem, muito embora tivessem sido preparados antecipadamente. Mesmo assim, não se pode entender esta intervenção do nosso director espiritual como uma pressão. Como sempre, *ele respeitava a nossa liberdade* como se fosse um santuário inviolável. Ele fazia-nos recordar o programa proposto por ele quando assumiu o papel de nosso director espiritual em Outubro de 1912: “Sob a protecção de Maria queremos aprender a auto-educar-nos para nos tornarmos personalidades firmes, livres e apostólicas.” (...)

Os *motivos religiosos* eram usados só de passagem, se bem que com uma intensidade que crescia gradualmente mas ainda que com grande cuidado. Entretanto os *dirigentes* intensificavam a sua *actividade durante o recreio*. E assim a nossa noção de congregação foi-se tornando menos empolada, embora o processo estivesse longe de estar terminado.

O director espiritual disse ao presidente [Josef Fischer] que estava satisfeito com o actual estado das coisas. De modo a tornar a situação mais segura, ele *favorecia conforme podia os poucos opositores* ao novo conceito de congregação, encorajando especialmente o seu cabecilha, Julius Ott (6ª classe), a apresentar todas as suas objecções. Elogiava a franqueza com que ele falava. Isso aumentava o nosso sentimento de liberdade e auto-estima, ao mesmo tempo que ia criando um crescente entusiasmo pela congregação, apesar do seu carácter religioso, através de argumentos objectivos e convincentes que se contrapunham às objecções.⁹²

⁹² CHRONIK, págs. 9, 10, 11s.

UMA QUESTÃO DE SUBMISSÃO

Durante as *férias de Natal* [1913-14], organizou-se uma grande reunião para a qual se *convidaram a terceira e quarta classes*. Também estas classes tinham passado por uma crise, como se encontra relatado na sua crónica. Pensava-se também numa congregação para eles, que demorava a concretizar-se. Salzhuber (6ª classe) deu uma conferência entusiástica sobre a essência e a história da congregação. Uns dias mais tarde recebemos de Limburg a autorização para a fundação. E agora *era para todos simples de compreender* que a congregação tinha que ser fundada.

A autorização estava dada mas ainda não tínhamos atingido a linha de chegada. Desde o seu início que o projecto inteiro tinha passado por dificuldades, assim continuava e assim seria concluído. Havia que resolver agora uma *dupla tarefa*: despertar e promover um *espírito religioso* – em especial o amor por Maria – e elaborar os estatutos. Para que os nossos esforços até aqui não tivessem sido em vão, tínhamos que criar uma organização que permitisse liberdade para um vasto leque de iniciativas e expressões individuais, mas que garantisse simultaneamente uma firme disciplina e submissão. *Daí que embora baseada numa forte descentralização, precisávamos duma inabalável centralização* – reforçando o poder da autoridade e assegurando uma certa dependência do presidente. Como era de esperar, *resistimos fortemente a esta medida*.

Onde vamos encontrar um jovem que se submeta com gosto e ainda por cima aos seus pares? E no entanto era uma condição essencial, tanto como a livre iniciativa. Depois de tudo, não queríamos fazer da nossa congregação uma comédia ou uma tragédia, mas antes uma obra que se perpetue ao longo do tempo.⁹³

Para o Padre Kentenich era muito claro que para assegurar o sucesso da congregação como uma organização com a máxima liberdade (“descentralização”), seriam necessárias uma atitude e uma estrutura que incentivassem e salvaguardassem essa mesma liberdade. Por essa razão foi extremamente cuidadoso na fase organizacional de

⁹³ CHRONIK, pág. 12s.

1) promover a transição duma motivação basicamente ética (liberdade, iniciativa pessoal, crescimento pessoal) para uma motivação genuinamente religiosa (amor a Maria),

2) constituir um conselho ou círculo administrativo composto pelos próprios rapazes, com suficiente força (“centralização”) e apoio dos outros rapazes (“submissão”) para tomar decisões eficazes e tornar-se uma autoridade moral,

3) clarificar a posição do director (*præses*) como a pessoa com a máxima autoridade, que por sua vez remete os rapazes para uma submissão à verdadeira autoridade das suas vidas, o Padre Wagner, reitor do colégio.

De Limburg foi decretado que o dia da fundação seria a 25 de Março. Até lá teríamos que terminar os nossos estatutos e conseguir a aprovação do bispo de Tréveris. (...)

Já nos tinha sido referido várias vezes, com ênfase, que a nossa auto-educação apenas começaria a ter algum valor para as nossas vidas do dia-a-dia quando aprendêssemos a ser submissos. (É assim que aparece nos Estatutos Gerais).⁹⁴ E teríamos que o aprender na congregação. O conselho teria os seus direitos definidos, que deveríamos respeitar de qualquer maneira. Era esta a regra estabelecida nos Estatutos Gerais, o modelo que queríamos seguir. Ou tudo ou nada.

Apelando a isto, não teria sido muito difícil chegar aos pormenores [da submissão ao conselho] e ganhar a causa com uma maioria dos votos. Mas pareceu melhor fazer antes um desvio. Então a submissão ao conselho seria vista como perfeitamente natural e sem qualquer dificuldade para nós, permitindo arrumar este assunto tão depressa que poderíamos passar logo para as *tão esperadas liberdades*.⁹⁵

A discussão que se seguiu centrou-se no manual da congregação doutro seminário menor (os Missionários de Hilstrup)⁹⁶. O contraste era tão claro em pontos importantes que acabou por ajudar o grupo de Schoenstatt a ver mais claramente o que *e/les* queriam. Por exemplo, a constituição de Hilstrup concedia aos membros da congregação bastantes privilégios públicos, se bem que maioritariamente cerimoniais;

⁹⁴ Os Estatutos Gerais de 1885 para Congregações Marianas em casas não-Jesuítas. Ver MULLAN, pág. 30.

⁹⁵ CHRONIK, pág. 14.

⁹⁶ Os Missionários do Sagrado Coração (Missionaires du Sacré Coeur d'Issodun, ou MSC).

ora isto parecia totalmente desnecessário numa organização que maximizava a *auto-determinação*. A constituição de Hilstrup não contemplava nenhum magistrado ou conselho além do prefeito e respectivo assistente; também isto foi rejeitado por se considerar falível na promoção da *iniciativa* entre os membros.⁹⁷ Por outras palavras, o desejo de liberdade tornava claro o quanto era desejável um bom magistrado.

Por agora, a questão organizativa estava em primeiro plano. As questões sobre o cultivo do espírito religioso teriam que esperar, mas tornava-se cada vez mais claro (inclusivamente através do manual de Hilstrup) que se tratava duma parte essencial da organização que propunham e das metas que queriam alcançar.

O TESTE FINAL

Esperavam-se grandes dificuldades no debate sobre o primeiro ponto [i.e. sobre o direito do magistrado, em vez dos membros, de determinar quem seria admitido]. Mas isso teria sido bem resolvido da forma como o nosso director espiritual o tinha pensado, se UM ACONTECIMENTO TOTALMENTE INESPERADO não tivesse colocado as coisas noutro caminho. No fim da tarde de segunda-feira 23 de Fevereiro, uma súbita doença forçou o nosso director espiritual a deitar-se mais cedo que o habitual – no dia 25 [de Fevereiro], quarta-feira de Cinzas, ele estava a ponto de morrer com uma forte pneumonia.

Que seria de nós agora? Tão perto do nosso objectivo e agora subitamente voltávamos para trás. Até agora, ele tinha mantido a sua mão em todos os assuntos. A influência que tinha sobre nós tinha sido conquistada através das suas “instruções” e *conversas pessoais* (que tinham lugar apenas na sua sala). A sua sala estava sempre aberta a todos. Ele nunca vinha ter connosco, pois a sua *estratégia* consistia em depositar em nós uma enorme confiança que conseguisse despertar as forças positivas latentes em cada um, dar-lhes um objectivo e manter um olhar vigilante sobre a sua execução.

Ele permitia que tomássemos conta de tudo o que precisava de ser feito, mesmo que fossem públicas, e seguia as nossas sugestões sempre que possível, *para que aprendêssemos a considerar e a amar a associação e a congregação como obra nossa.* (...)

⁹⁷ CHRONIK, pág. 14.

Inesperadamente a pneumonia foi desaparecendo e no sábado seguinte (28 de Fevereiro) – dia de Nossa Senhora – a crise estava ultrapassada. Porém, só conseguiríamos voltar a estar juntos no dia 18 de Abril.

Antes de ser levado para o hospital em Vallendar, do seu leito de morte, o nosso director espiritual tinha dado uma missão ao prefeito (no dia 25 de Fevereiro): “Terminem os estatutos!” Essa tornou-se então a nossa tarefa mais urgente. No princípio tivemos que nos desenvencilhar sozinhos. Uma a duas semanas mais tarde o director [Padre Wagner] designou o Padre Alois Kaufmann para coordenar as nossas reuniões.

Por agora as “instruções” tinham sido canceladas e, conseqüentemente, interrompeu-se o trabalho necessário para despertar e aprofundar o espírito religioso, por muito que fosse um ponto a precisar de muito trabalho. O Padre Kaufmann esforçou-se o melhor possível para corresponder a esta nova tarefa que acumulava com os seus outros deveres que também lhe consumiam tempo e estamos-lhe muito gratos do fundo do nosso coração. No entanto, dado que não tinha qualquer informação sobre tudo isto, tivemos ampla oportunidade de lhe mostrar a mão de quem nos tinha formado. Mas com tudo isto, em duas ou três reuniões – até meados de Março – os estatutos ficaram completos.

Quando chegámos ao ponto onde se escolhia quem determinava a admissão ou expulsão, o Fischer e os seus seguidores não conseguiram impor a sua posição, uma vez que o Padre Kaufmann quis deixá-lo à votação de todos os membros. Após um acalorado debate chegou-se a um acordo. Depois de Fischer o informar da formulação prevista, o Padre Kaufmann consultou o nosso director espiritual [Padre Kentenich], que já se encontrava mais restabelecido. Este foi peremptório e na reunião seguinte anulou-se a decisão anterior alterando-a de modo a que o direito em questão fosse dado ao magistrado, embora “fosse de bom tom” consultar a assembleia geral ocasionalmente. Mas até esta cláusula se provou inaceitável para o director espiritual quando lhe foi entregue a versão temporária dos estatutos. Para ele, parecia-lhe conter a semente do desastre. Alguns mais críticos poderiam invocar a cláusula como um direito e assim causar confusão e insatisfação. Resultado: a cláusula foi retirada. (...)

Depois do director espiritual ler e avaliar cuidadosamente os estatutos, estes foram enviados a Tréveris, naquela que é a sua actual forma.⁹⁸

Entretanto apressámo-nos a terminar os preparativos finais. O Padre Kaufmann deu-nos três inspiradoras conferências neste sentido. Chegou o dia 25 de Março mas ainda não tínhamos a autorização de Tréveris. Esta chegou no dia seguinte, muito embora o decreto de formação tivesse a data de 21 de Março. (....)

No dia 21 de Março o Padre Kantenich foi enviado para [Bad] Ems [aproximadamente 16 km a sudeste de Schoenstatt] para se curar. O pedido de agregação [incorporação da Congregação Mariana no Capítulo Romano Central], enviado mais tarde, foi aprovado e o certificado foi enviado a 6 de Abril.⁹⁹

⁹⁸ Para consulta do texto aprovado para os Estatutos da Congregação de Schoenstatt, ver ENGLING B&T, I 100-103. É relativamente curto e contém seis secções: objectivo, organização, admissão e expulsão, deveres, direitos e actividades.

⁹⁹ CHRONIK, págs. 15, 16, 17.

5. A CONGREGAÇÃO MARIANA

No fim de mais de um ano de muitos esforços, os estudantes de Schoenstatt estavam à beira de estabelecer uma organização que os ajudaria a conquistar o objectivo de 1912 – “personalidades firmes, livres e apostólicas.” Guiados pela sabedoria do Padre Kentenich, a sua escolha incidiu na *Congregação Mariana*, cujo capítulo regional foi solenemente inaugurado no dia 19 de Abril de 1914. A partir dela, o trabalho de auto-educação e auto-santificação foi-se aprofundando.

Mas antes de descrever o acto do dia 19 de Abril de 1914, precisamos de parar e pensar: O que era a Congregação Mariana? Porque estava o Padre Kentenich tão convencido da sua utilidade? E de que modo se enquadrava na sua visão duma “comunidade livre de estudantes”?

ORIGENS DA CONGREGAÇÃO MARIANA

Hoje em dia é difícil imaginar o impacto que a Congregação Mariana teve na vida da Igreja. Desde que em 1967, a seguir ao Concílio Vaticano II, se reorganizaram como Comunidades de Vida Cristã, têm sido apenas uma sombra do que eram inicialmente. Mas na era pós Trentina* era uma das organizações juvenis mais eficientes – inspirando fidelidade, heroísmo e santidade.

A Congregação Mariana foi fundada em Roma no ano 1563, pelo Padre John Leunis (1535/36–1584), um Jesuíta belga recém ordenado. Foi um ano fatídico no centro da turbulenta era da Reforma, o ano da conclusão do Concílio de Trento. A ordem dos Jesuítas tinha sido fundada apenas 29 anos antes por Santo Inácio de Loyola e constituía já uma força no novo vigor na Igreja. O Padre Leunis era professor de gramática no Colégio Romano apenas há um ano quando foi transferido para Perugia, mas nesse ano converteu-se no instrumento que Deus utilizou para começar a congregação.

O nascimento da Congregação Mariana foi bastante calmo. Na altura, a ideia de “congregação” era bastante comum. Vários dos primeiros Jesuítas tinham já fundado organizações semelhantes para promover um espírito verdadeiramente religioso, como por exemplo a Sociedade do Santo Nome, fundada em Itália em 1540. O que o Padre Leunis fazia era convidar os melhores alunos do colégio, cerca de 70 rapazes, a

* NT: Relativo ao Concílio de Trento.

juntarem-se à volta dum pequeno altar para partilharem um breve momento de oração, debaterem temas religiosos e uma conferência para inspirar sentimentos mais vivos de santidade e virtude. Eram depois enviados para obras de caridade e queriam seguir o exemplo de liberdade do pecado que Maria tinha, confessando-se frequentemente e comungando regularmente. Enquanto outras organizações se dedicavam ao Santo Nome de Jesus ou a um santo, esta congregação dedicava-se a Maria. A primeira consagração da congregação a Maria foi feita em 1564, e a organização passou a ser conhecida como a Congregação Mariana.¹⁰⁰

A ideia de inspirar os melhores estudantes a viver mais profundamente a sua fé foi a chave para o sucesso da Congregação Mariana. O pequeno grupo de seleccionados actuou como “fermento” que ajudou a elevar a fasquia de todos os estudantes, e sem ser elitista criou uma nova elite – dedicada à missão da Igreja e pronta a colocar a fé em acção ao serviço dos pobres, ensinando religião, etc. A ideia era tão simples e adequava-se tão bem às necessidades daquele tempo que teve sucesso desde o início. Por essa altura, também quase todos os noviços e seminaristas Jesuítas se formavam em Roma, eram ordenados e enviados por todo o mundo, levando com eles a Congregação Mariana. O próprio Padre Leunis fundou várias congregações em França e na Bélgica em 1569; a primeira congregação na Áustria foi fundada em 1573, na Alemanha em 1574 e assim sucessivamente. Esta causa teve vários promotores, entre os quais São Carlos Borromeo (em Milão, 1582) e São Pedro Canísio (em Munique, Ingolstadt, Innsbruck, etc., em 1577). Daqui resultou um processo em dois passos que teve um papel central na Contra-Reforma: 1) o desenvolvimento do sistema escolar europeu de maior qualidade – no ano 1600 eram já 200 colégios! – que atraía os melhores alunos e 2) o incentivo de um genuíno fervor religioso através da Congregação Mariana. No ano 1600 a congregação estava presente *em todos* os colégios Jesuítas na Europa!¹⁰¹

CARACTERÍSTICAS DA CONGREGAÇÃO

A congregação conhecia e contra-argumentava a ideia errada que os alunos de Schoenstatt tinham previamente – a de que a Congregação Mariana era uma organização piedosa de oração – com os seus objectivos claros e a sua espiritualidade

¹⁰⁰ cf. BANGHA, esp, págs. 20-44 e DRIVE, págs. 25-27.

¹⁰¹ cf. BANGHA and STIERLI; ver também DRIVE, pág. 31. Para referências ao efeito na Contra-Reforma, ver DRIVE, pág. 89s.

práctica. Eram três objectivos: 1) um profundo e pessoal amor a Maria, 2) um genuíno esforço pela santidade, e 3) em concordância com o seu estado na vida, o compromisso pela salvação das almas, pela defesa da Igreja e pela santificação do mundo.¹⁰²

A congregação tinha desenvolvido métodos eficazes para atingir estes objectivos. O primeiro objectivo de um profundo amor Mariano era incentivado pela consagração, que cada membro fazia no momento da sua entrada e que considerava uma honra poder defender e um privilégio que não deveria ser tomado de ânimo leve. Orações Marianas (como o “pequeno Ofício de Maria” e a oração “Ó Senhora minha, Ó minha Mãe”) tornaram-se fortes na congregação, bem como algumas maravilhosas saudações Marianas como “*Nos cum Prole pia, benedicat Virgo Maria*” (“Com Cristo Seu abençoado Filho, nos bendiga a Virgem Maria”). O segundo objectivo – auto-santificação – era incentivado nas reuniões semanais através de debates e dissertações, alguns bastante animados, sobre a oração e outros temas, especialmente o amor por Maria. Procurava-se motivar a frequência dos sacramentos e a mera existência desta organização era vista como *um forte impulso para todos na procura da santidade*. O terceiro objectivo – a salvação dos outros e a santificação do mundo – era trabalhado através de projectos de grupo como a distribuição de boa literatura Católica, ajudar os pobres, encorajar outros a receber ou a regressar aos sacramentos e a ensinar religião.¹⁰³

A Congregação Mariana era também uma organização orientada para os leigos. Claro que muitas das vocações para o sacerdócio e a vida religiosa vieram da congregação¹⁰⁴, mas o enfoque nos jovens em colégios Jesuítas significava que a maioria dos seus membros seguiriam vocações laicas, incluindo os filhos de membros da nobreza e da classe burguesa em ascensão. Com o passar do tempo, deu-se uma expansão dos jovens para adultos. Em 1587 o Papa Sixto V permitiu que homens em todos os estados de vida se juntassem às congregações, e em 1571 começaram as Congregações Marianas para mulheres e raparigas.¹⁰⁵ Devido ao seu carácter apostólico e a sua procura da santificação do mundo, a congregação forneceu um eficaz apoio dos leigos ao trabalho da Igreja, percebendo também que isso fazia parte

¹⁰² cf. apresentação dada pelo Padre Kentenich sobre a congregação em 1916, como referido em KASTNER, pág. 224, citando os estatutos gerais de 1910 da congregação, nº 1.

¹⁰³ cf. STIERLI e DRIVE.

¹⁰⁴ Para consultar algumas das estatísticas sobre as vocações, ver DRIVE, pág. 29ss. Por exemplo, dos 800 congregados em Louvain em 1611, 60 seguiram a vida religiosa.

¹⁰⁵ cf. DRIVE, pág. 32 e BANGHA. Ver também KASTNER, pág. 214.

da sua missão. Este facto não só se concretizou na formação espiritual dos Católicos de todo o mundo, como também forneceu métodos que se revelaram úteis na propagação da fé. Usando termos modernos, pode dizer-se que a congregação gerou uma espiritualidade e um apostolado dos leigos.

Mas nem tudo tinha sido fácil na história das Congregações Marianas. A **suspensão** dos Jesuítas (1773-1814) quase resultou na sua ruína devido à estreita relação que tinha com a Companhia de Jesus. Porém, conseguiram sobreviver e atingir novas alturas a partir do momento em que os Jesuítas foram reinstituídos. Enquanto a Primeira Congregação Mariana em Roma concedeu 3,000 diplomas de filiação antes de 1824, de 1824 a 1904 o número de novas secções cresceu até 26,000!¹⁰⁶ Obteve o total apoio do Papa Pio X (1903-1914) e durante o seu pontificado fundaram-se mais 11,000 **capítulos** por todo o mundo, incluindo o de Schoenstatt. De facto, tratou-se dum período de explosão para a Congregação Mariana na Alemanha, atingindo as 2,000 congregações activas em 1914¹⁰⁷, facto que inspirou a vida Católica e o ardor apostólico em muitas frentes, principalmente em colégios secundários e universidades.

Os três objectivos da congregação contavam com dois factores principais: a *consagração Mariana* e o princípio de *seleccionar os melhores candidatos*. A consagração a Maria era o acto oficial através do qual uma pessoa se tornava membro e não era uma simples fórmula. O espírito da Congregação Mariana era marcadamente Mariano e devoto de Nossa Senhora. O cuidado utilizado na selecção dos candidatos ajudou a assegurar o nível de excelência necessário para manter o compromisso a objectivos tão elevados. Membros preguiçosos ou “peso morto” seriam um entrave na luta por um ideal espiritual superior, uma frustração para os que tinham uma forte motivação religiosa e uma tendência para que todo o esforço acabasse em mediocridade. Era preferível ter poucos membros mas que fossem leais do que uma multidão inútil.

TRÊS QUESTÕES FUNDAMENTAIS

Como foi explicado no Capítulo 2, o Padre Kentenich já planeava uma “organização livre” de estudantes há muito tempo. A estrutura e os objectivos da Congregação Mariana coincidiam perfeitamente com o seu projecto. Os princípios já tinham sido testados ao longo do tempo e tinham provado serem válidos em qualquer

¹⁰⁶ DRIVE, pág. 32.

¹⁰⁷ cf. DRIVE, pág. 179. Para mais estatísticas, ver pág. 84.

caminho de vida. Havia espaço para a livre iniciativa e para a excelência religiosa. A consagração da congregação a Maria tinha também tido eco no seu coração, já que também ele estava consagrado a Maria desde a sua infância. De facto, durante os seus tempos de seminarista tinha dedicado muito tempo a compilar citações de santos e de especialistas sobre Maria e tinha estudado as obras de São Luís Grignon de Montfort.¹⁰⁸

Mas havia ainda que lidar com muita resistência antes que o seu plano se pudesse tornar realidade. O preconceito dos alunos de que a congregação era um “clube piedoso de oração” tinha sido ultrapassado gradualmente. Mas o corpo docente e o conselho provincial não eram tão fáceis de convencer, levantando questões que sabiam serem cruciais ao sucesso deste projecto. Resumindo, havia que resolver três questões.

A primeira questão fundamental foi levantada pelo conselho provincial em Limburg: Não teria a “estrutura de elite” da congregação (seleccionando entre os melhores alunos) um efeito prejudicial no estado de espírito dos restantes alunos? A resposta à pergunta oficial feita pelo conselho (ver Capítulo 4) chegou numa carta escrita pelo Padre Jesuíta Johannes Eckinger no dia 10 de Janeiro de 1914:

Reverendos Padres

Reverendíssimo Padre Provincial

Peço que me desculpem por apenas conseguir responder hoje à vossa amigável pergunta.

Tal como os reverendos Padres referem, a Congregação Mariana é um meio apropriado para conduzir os alunos a uma auto-independência moral....

O receio dos reverendos Padres já tem sido referido várias vezes, mas a partir do momento em que [uma congregação] foi iniciada, geralmente acontece que, até certo ponto, este receio se prova ser infundado. No caso dum colégio interno, é claro que é necessário utilizar mais cautela do que tratando-se de membros dispersos. Do meu ponto de vista e da minha experiência, deveria evitar-se:

- 1) Começar de forma aparatosa, agindo antes com calma e com poucos alunos com quem se possa contar.... que sejam uma boa influência devido a serem bons estudantes, etc.
- 2) Começar com os mais novos, escolhendo antes os mais velhos [da escola], de preferência nas classes superiores. Dessa forma atingir-se-ão dois objectivos: a) desde o seu início a congregação é vista como algo

¹⁰⁸ cf. MONNERJAHN, pág. 43s.

desejável e b) a percentagem de não-congregados será pequena, uma vez que podemos partir do princípio que os alunos [que permanecem nas classes superiores], que já se decidiram pelo sacerdócio e/ou pela vida religiosa, pedirão a admissão.

- 3) Impor demasiado a opinião do director, concedendo antes aos membros o máximo de liberdade possível, especialmente na eleição do magistrado.
- 4) Mostrar uma preferência pela congregação, excepto no sentido de exigir mais dos seus membros do que dos outros....

Nenhum aluno deverá sentir que a sua não pertença à congregação é algo de negativo, embora se deva obviamente defender o princípio da liberdade que se deverá aplicar a quem quer que pretenda juntar-se à congregação. Não se deverá permitir que um aluno sinta a esperança de que, como congregado, os seus professores e superiores o considerem melhor que os outros se esse não for realmente o caso....

Sinceramente vosso em Cristo,

Joh. N. Eckinger S.J.”¹⁰⁹

Por outras palavras, o Padre Eckinger deixou claro que “se pertence à elite, não tem privilégios”. O conselho ficou satisfeito com esta resposta e deu autorização à fundação da congregação.

A segunda questão fundamental centrava-se na *divisão da responsabilidade*. Um dos elementos essenciais da congregação estipulava que esta estaria sob a autoridade directa de um “*Praeses*” ou *director*, um padre responsável pela congregação local. O trabalho deste director era feito em ligação com um *magistrado*, um conselho de alunos eleito de entre os membros e pelos membros. No entanto, era o director quem tinha a última palavra, representando o *princípio de autoridade*. A questão levantada não se referia à existência de um director mas antes a *quem* deveria ser o director. Todos tinham simplesmente pressuposto que seria o Padre Kentenich a ocupar esse cargo mas no início de 1914 ele tornou bastante claro que não assumiria esse posto. Não foi possível demovê-lo da sua decisão. Esta baseava-se no facto de ser o director espiritual, um cargo que implicava confiança pessoal e que deveria ser distinto do cargo que tinha autoridade para decidir sobre temas como as admissões. Exercer ambos os cargos minaria as funções de cada um, que eram distintas. Seria melhor manter uma bipolaridade de responsabilidades claramente definidas.

¹⁰⁹ Padre Johannes Eckinger, segundo citação em CHRONIK, pág. 6-7; também citado em KASTNER, pág. 181-183.

Consequentemente, o reitor da casa, o Padre Wagner, assumiu o cargo de director, embora delegando sabiamente a maioria das suas tarefas na pessoa que mais conhecia o tema – o Padre Kentenich.¹¹⁰

A terceira questão fundamental lidava com o *tema da autoridade* de uma forma ainda mais minuciosa. Lemos no Capítulo 4 sobre a decisão que teria permitido que a admissão e expulsão de novos membros fosse decidida pela congregação toda. Esta cláusula aparentemente inocente era totalmente inaceitável para o Padre Kentenich e mesmo quando foi atenuada para “uma consulta do magistrado e da assembleia”, ele condenou-a drasticamente como contendo a “semente do desastre”. Mesmo tendo em conta toda a liberdade que ele tinha introduzido na sua relação com os rapazes, esta questão era mais delicada do que parecia. O Padre Kentenich estava firmemente convencido de que a obediência esclarecida não podia ser apenas teórica, mas deveria incluir a prática de uma verdadeira submissão perante uma autoridade superior. O seu princípio condutor era: obrigações, apenas as necessárias e a um nível mínimo, liberdade no máximo possível e aprofundamento espiritual sempre e por todo o lado. O *apenas as necessárias* apelava à realidade de uma ordem universal, que incluía uma sensata submissão à autoridade.¹¹¹

AS ÚLTIMAS SEMANAS ANTES DA CONGREGAÇÃO

Ultrapassados os maiores obstáculos, as últimas semanas antes da fundação formal da congregação foram marcadas apenas por alguns pequenos incidentes. Uma carta escrita pelo prefeito Josef Fischer no dia 8 de Abril de 1914 ao Padre Kentenich, que se encontrava a convalescer em Bad Ems, dá-nos uma ideia da situação:

.... Já tivemos duas reuniões da congregação [desde a última vez que o visitei]: no Sábado [4 de Abril] e ontem [7 de Abril]. O ambiente em cada uma delas foi totalmente diferente. Logo que a primeira terminou tomei nota do ambiente.... “Completamente exaustos. Entusiasmo, onde te estás a esconder? Ninguém quer fazer nada.”.... Isso foi a 4 de Abril. Ontem tivemos uma reunião que durou hora e meia. Uma breve conferência do Weber sobre o tema das “secções”. Ele está perfeitamente alinhado com a minha opinião, claro. Uma discussão muito entusiasmada; pareceu até aquecer e subir de tom. Resolução: considerando a

¹¹⁰ cf. CHRONIK, pág. 13 e MENNINGEN (1972), B-5.

¹¹¹ ibid. , pág. 17.

actual situação apenas podemos seriamente pensar em duas secções: a Eucarística e a Missionária.¹¹²

A conferência sobre as secções era mais um ponto organizacional que acompanhava a congregação. Os alunos com interesses semelhantes podiam orientar

a sua actividade numa certa direcção com a ajuda duma “secção” da congregação. Formaram-se duas secções em 1914: uma para a promoção da oração e dos sacramentos e outra que continuava com os objectivos da velha Associação Missionária. No Capítulo 6 veremos isto com mais pormenor.

Por esta altura a data para a fundação estava marcada: Domingo de Pascoela* (em alemão chama-se “Domingo Branco”), o primeiro Domingo depois de Domingo de Páscoa, dia 19 de Abril de 1914. Esperava-se que o Padre Kentenich tivesse alta no dia 18 de Abril, e desta forma ele poderia estar presente na cerimónia. Numa carta escrita ao prefeito, o Padre Kentenich recomendou que não seria aconselhável que se discutisse mais a questão das secções antes da fundação, mas que se deveriam concentrar num tema inspirador e vibrante à volta da Santíssima Virgem.¹¹³



Imagem da *Mater Puritatis* (Mãe da Pureza) que estava pendurada por cima do tabernáculo. Mostra Maria com o Menino Jesus ao colo e com São João Baptista

¹¹² *ibid.* , págs. 18-19. Também citado em KASTNER, págs. 196-197.

* N. T.: Este Domingo tem agora o nome de “Domingo da Divina Misericórdia”, consagrado pelo Papa João Paulo II no ano 2000.

¹¹³ *ibid.* , pág. 19. Também citado em KASTNER, págs. 197-198.

A FUNDAÇÃO DA CONGREGAÇÃO

A tão esperada fundação da Congregação Mariana no seminário menor em Schoenstatt deu-se no dia 19 de Abril e foram admitidos vinte e oito membros. O título da nova congregação teria sido “Mãe da Pureza”, não fosse o facto de que em Roma foi erradamente registada sob a protecção da Imaculada Conceição. Em vez de tentarem altera-lo, assumiram a bandeira da Imaculada.¹¹⁴

O director Padre Wagner presidiu à cerimónia de admissão, que teve lugar na capela grande da casa. O Padre Kentenich teve a seu cargo o sermão.¹¹⁵ O acontecimento foi descrito pelo Prefeito Fischer num artigo para a revista da congregação *Unsere Fahne (A Nossa Bandeira)*, um artigo que revelava os sentimentos dos alunos de que esta era “a nossa congregação”:

Temos finalmente uma congregação no colégio Palotino. Nasceu dos alunos. Há pouco mais de um ano eu poderia ter escrito sobre o desabrochar duma Associação Missionária entre os alunos das classes superiores, mas não me teria atrevido a apresentar o nosso pequeno grupo de missionários. Não teríamos estado à vossa altura, cavaleiros de Maria. Os vossos ideais situavam-se nas mais elevadas alturas. N’*A Nossa Bandeira*, que começámos a ler, apercebíamos-nos da vibrante e saudável vida que pulsava na congregação. “O que outros fazem, nós também podemos fazer!” Estas palavras incendiaram-nos. Começámos um trabalho árduo para ultrapassar as dificuldades. E agora a nossa congregação está viva! No dia 21 de Março os nossos estatutos foram aprovados e o Padre Franz Wagner, PSM, foi nomeado director. No Domingo de Pascoela assistimos à admissão dos nossos primeiros 28 membros. Incluiu uma pequena celebração que inflamou ainda mais os nossos corações de estudantes por Maria. As classes intermédias também puderam assistir e o desejo dos seus representantes era o de rapidamente se converterem em congregados de Maria também. O padre reitor terminou a cerimónia com umas breves e sentidas palavras.¹¹⁶

Por sorte, conservou-se a transcrição da conferência do Padre Kentenich para esta ocasião, que nos permite apreciar o valor que ele dava aos ideais da congregação e a sua esperança no futuro.

¹¹⁴ *ibid.*, pág. 17.

¹¹⁵ *ibid.*, pág. 19. Também citado em KASTNER, pág. 198.

¹¹⁶ *ibid.*, págs. 19-20. Também citado em KASTNER, pág. 198.

CONFERÊNCIA NA FUNDAÇÃO DA CONGREGAÇÃO (19 de Abril de 1914)
(texto completo excepto pequenas secções omitidas)¹¹⁷

Finalmente, finalmente atingimos o nosso objectivo. Aquele que sinceramente desejámos durante tanto tempo, que persistentemente procurámos sem nos desviarmos do caminho, com esforço e trabalho árduo, torna-se hoje uma feliz realidade. Hoje recebemos a grande alegria de sermos admitidos na Congregação Mariana. É com merecido orgulho que daqui para a frente podemos chamar-nos *Congregados de Maria...*



Interior da capela da Casa Nova na altura da fundação de Schoenstatt

Chegámos até aqui por nós próprios. Fomos nós que pedimos incessantemente (esta fundação). Não nos podemos esquecer disto. Os nossos superiores só nos deram autorização quando se convenceram da sinceridade das nossas aspirações e da nossa maturidade moral.

Sabemos o que queremos. Não estamos a ser guiados por um sentimento de piedade momentâneo e irreflectido. Somos homens demasiado maduros e sensatos para isso. Muito menos nos assalta um capricho juvenil fruto de uma imaginação hiperactiva e irrealista. Se é um capricho que nos impele, então o mesmo se poderá dizer do maior devoto de Maria que a história conheceu – Cristo – o mesmo se dirá de todos os santos que se distinguiram por um amor filial, o mesmo se dirá dos grandes homens da Igreja e do Estado cujos nomes estão gravados nos anais da congregação. Não, não nos estamos a deixar levar por capricho e nunca quereremos estar.

Sabemos o que queremos. Tentámos perceber o objectivo e a essência da congregação com uma mente responsável e medimos as nossas forças com tranquilidade e sensatez. E quanto mais meditávamos, mais nos sentíamos atraídos pela congregação. Nela encontrámos *um excelente meio de realizar os nossos jovens ideais, para atingir o objectivo educacional com a maior perfeição, rapidez e segurança. Encontrámos Jesus e Maria na*

¹¹⁷ Kantenich, conferência, como referido em KASTNER, págs. 203, 204-205, 205-210.

congregação. *Vidimus stellam eius in Oriente et venimus adorare eum.* Vimos a Sua estrela no Oriente e viemos adorá-l'O (Mt 2,2). É o que diz sobre os três reis. Nós vimos uma estrela no Oriente. No despontar das nossas vidas, também uma gloriosa estrela apareceu a brilhar: *Jesus e Maria*. E nós viemos adorá-l'O. Viemos sem olhar para as dificuldades. Esta estrela trouxe-nos até aqui. Estamos aqui e pedimos para sermos admitidos na congregação para encontrarmos Jesus e Maria para sempre.

I. Meus queridos Congregados, a congregação oferece-nos Maria. Mas será que não conhecíamos e amávamos já esta Eleita entre toda a humanidade? Deus permitiu que nascêssemos de bons pais Católicos. Já isso é prova suficiente – mesmo que não nos recordemos – de que Maria se encontrava já presente na nossa primeira infância como uma estrela que penetrou e aqueceu todo o nosso ser.... Este amor foi acarinhado e alimentado ao longo dos anos – nuns casos mais, noutros menos, dependendo da profundidade do amor a Maria dos nossos pais e do ambiente que nos rodeava. Entretanto a criança tornou-se num adolescente.

Muito mudou entretanto dentro de nós, mas Maria permanece firme no Seu amor maternal por nós, mesmo enquanto caímos na escura noite de graves desvios e do pecado por causa da nossa parvoíce de jovens ou de más companhias. Maria não é apenas a Estrela da Manhã, não é apenas a majestosa **Estrela do Dia (Polar?)**, Ela é também a luz que comanda a noite, a “Lua da noite serena”, o Refúgio dos Pecadores, a Mãe da Misericórdia.

Muito mudou à nossa volta, mas muito mais mudou dentro de nós. Tormentas interiores derrubaram já o que os nossos queridos pais e os nossos dedicados professores plantaram e alimentaram com muito carinho. As nossas opiniões e os nossos princípios mudaram. O que suscitava ontem o nosso interesse é hoje posto de lado, para talvez amanhã ser novamente agarrado com entusiasmo. Também o nosso amor a Maria é afectado por estas vagas de mudança. O Seu ardor foi diminuindo ao ponto de nos parecer que por vezes apenas A conhecíamos com os nossos lábios e palavras, mas não com os nossos corações. E no entanto, aquela faísca que já brilhou dentro de nós nunca se extinguiu completamente. Estamos demasiado unidos a Maria para que isso aconteça, Ela está tão intimamente ligada a nós que isso não seria possível. Existe um laço indestrutível entre Maria e os sacerdotes e candidatos ao sacerdócio, desde que Nosso Senhor, do alto da Sua Cruz, confiou a Sua Mãe e o Seu querido discípulo João, o jovem sacerdote, um ao outro.

Esta relação mútua quer tornar a nossa congregação o mais frutuosa possível; quer atizar as faíscas até se tornarem num fogo vivo, purificador e santificador. E numa altura das nossas vidas em que o nosso coração pulsa impetuosamente de amor, a congregação

eleva ao trono do nosso coração o único ser puramente humano que mais merece o nosso amor. Tal como a imagem de Maria não só decora o altar da capela [da casa] mas reina sobre tudo o que a rodeia, também Maria não deveria apenas ocupar um lugar qualquer no templo da congregação mas deveria reinar com autoridade e poder ilimitados. É assim que encontramos Maria na congregação.

E é assim que *deve* ser. Se há algo que justifique a existência da Congregação Mariana, é a sua mais profunda essência que tem que incluir uma devoção Mariana extraordinária e especial. O nascimento e a queda da congregação pertencem-Lhe, e disso não nos deixam dúvidas as proclamações papais dos séculos passados. O Papa Bento XV [cujo papado se deu entre 1740 e 1758] definiu a devoção Mariana da congregação como uma completa rendição ao serviço que a Santíssima Virgem opera em todo o nosso corpo e alma. “Vimos a Sua estrela no Oriente.” É esta a estrela que nós vimos, este é o serviço de Maria que caracteriza um verdadeiro congregado. “E viemos adorá-l’O.” Juntámo-nos e escolhemos este serviço como a parte que nos está destinada, através duma promessa solene, pública e irrevogável. Tal como a vela que vamos oferecer como um símbolo da nossa consagração a Maria se consome na sua própria chama, também toda a nossa vida futura, em qualquer sítio e a qualquer hora, se deverá consumir ao serviço da nossa Rainha e Protectora. O nosso corpo e a nossa alma, a nossa vida e a nossa morte, o nosso trabalho e estudo, a nossa oração, o nosso sofrimento e as nossas batalhas pertencem-Lhe. A oração da congregação que rezamos todas as manhãs e todas as tardes, “Ó Senhora minha, Ó minha Mãe” – esta oração deveria recordar-nos constantemente a nossa promessa solene e irrevogável; deveria impelir-nos a transformar esta promessa com todas as nossas forças em vida e em obras.

Estamos portanto perante um momento muito importante. Trazemos connosco muito sacrifício, mas fazemo-lo de coração aberto e com alegria. Porque sabemos que o espírito que nos anima é o espírito do nosso venerável fundador. Ele está agora sem dúvida a ver-nos do Céu com alegre satisfação, pois é à sua mais querida Senhora que dedicamos o nosso serviço de Cavaleiros. E tal como Vicente Pallotti, ao serviço e sob a protecção da sua Rainha do Céu, se converteu num grande homem e num santo sacerdote e apóstolo, também nós, cheios de confiança, podemos ter a Esperança dum fim semelhante, mantendo-nos fiéis à nossa promessa até ao mais ínfimo pormenor.

Para alguém de fora, esta fidelidade poderia parecer impossível. Mas na realidade, na congregação, não é assim tão difícil. Porque um congregado não consegue manter o seu amor por Maria só para si. Ele não só não consegue impedir outros de conhecer este amor e de o pôr em prática, mas a sua admissão à congregação obriga-o a ser um promotor e

um apóstolo do verdadeiro serviço a Maria entre os outros congregados. Assim, cada congregado torna-se um apoio para todos os outros. O ideal da imagem de Maria penetra cada vez mais fundo nas nossas mentes e nos nossos corações. A Sua virtude vai ganhando forma gradualmente nas nossas vidas do dia-a-dia, através do encorajamento e apoio que damos uns aos outros. Mas existe uma virtude em particular que se vai enraizando profundamente nos nossos corações: a virtude de vivermos a nossa vocação, não só como futuros sacerdotes mas também como adolescentes. A imagem sobre o altar dá-nos uma visão disto mesmo: de onde Maria poisa o Seu pé brotam lírios da pureza. Que esta virtude cresça em exuberância no jardim da nossa congregação em que Maria gosta de passear dia após dia! Mais cedo ou mais tarde o nosso serviço a Maria transformar-se-á numa verdadeira necessidade, uma segunda natureza em nós. A congregação manteve a sua promessa: Encontrámos Maria na congregação, para não mais A perdermos. É assim que A encontramos na congregação: para não mais A perdermos.

Os **objectivos imediatos** da congregação são Maria e o Seu serviço. O grau com que nos dedicarmos ou negligenciarmos estes objectivos será o grau com que trabalharemos para a construção e expansão ou para a destruição e desagregação da congregação. Pensando especialmente nas várias secções, todos os esforços e tendências que encontrarmos no coração da congregação só terão valor na medida em que se tornarem fecundos pelo nosso amor por Maria.

Mas uma verdadeira compreensão e realização desta ideia depende do sucesso do **objectivo final** da congregação. E que objectivo final é este?

II. A imagem de Nossa Senhora poderá dominar a nossa capela [da casa], mas não é o seu ponto central. Esse lugar pertence exclusivamente ao tabernáculo e Àquele que lá vive: Jesus Cristo, para sempre louvado, o Alpha e o Ómega de toda a nossa religião. O objectivo final da nossa congregação não é Maria, mas Nosso Senhor. Consagramo-nos sem quaisquer reservas à Santíssima Virgem, para que Ela nos conduza ao Seu Divino Filho tal como A vemos conduzir o hesitante João [Baptista] com dócil firmeza na imagem. *Per Mariam ad Jesum! Através de Maria, até Jesus!* É a versão mais resumida do verdadeiro e completo objectivo da congregação.

Tal como Maria trouxe Cristo até nós, também nos conduz até Cristo, e para Ela não há nenhuma outra forma, não há melhor forma de zelar por nós, senão dar-nos a mais possível e profunda união com Ele... *Qui me invenerit inveniet vitam et hauriet salutem a Domino* [Quem Me encontrar, encontrará a vida e alcançará o favor do Senhor] (cf. Prov 8,35). Estas

palavras da Sagrada Escritura são aplicadas pela Igreja à nossa Rainha. Aquele que Me encontrar, encontra a vida, encontra e conserva a fonte de toda a vida: Jesus Cristo.

ORAÇÕES DE CONSAGRAÇÃO

As orações de consagração dão-nos uma boa visão da espiritualidade da Congregação Mariana. Estão aqui as duas mais importantes, começando com a fórmula solene da consagração Mariana utilizada na cerimónia de admissão. Foi escrita por São Francisco de Sales (1567-1622):

Santíssima Virgem e Mãe de Deus, oh Maria! Eu, (nome), não sou digno de Te servir, mas confio no Teu amor e na Tua admirável bondade. Impelido pelo desejo de Te servir, na presença do meu santo anjo da guarda e de todo o coro celestial, escolho-Te hoje como minha Rainha, Protectora e Mãe, e é minha intenção firme servir-Te sempre, e na medida das minhas capacidades, zelar para que outros Te sirvam. Por isso Te peço, ó querida e admirável Mãe, que seja do Teu agrado admitires-me como Teu congregado e aceites-me para sempre como Teu servidor, aliado e filho. Assiste-me, ó Mãe, em tudo o que faço, e implora para mim a graça de pensar, falar e agir de forma tal que nunca Te ofenda a Ti nem ao Teu Santíssimo Filho. Recorda-Te sempre de mim e não me abandones na hora da minha morte. Amen.¹

A segunda oração é a forma curta e popular para uma renovação constante e é atribuída ao Padre Nicholas Zucchi, SJ, que viveu no século XVII. É, obviamente, a oração “Ó Senhora minha, ó minha Mãe”, que viria a resumir o centro da espiritualidade de Schoenstatt como nenhuma outra oração:

Ó Senhora minha, ó minha Mãe, eu me ofereço todo a Vós, e em prova da minha devoção para conVosco, Vos consagro neste dia e para sempre os meus olhos, os meus ouvidos, a minha boca, o meu coração, inteiramente todo o meu ser. E porque assim sou Vosso, ó minha boa Mãe, guardai-me e defendei-me como coisa e propriedade Vossa. Amen.

¹ STIERLI, pág.55. A atenção do leitor deverá centrar-se nos dois grupos de três atributos que definem a relação na consagração: em Latim, “*Eligo te hodie in dominam, advocatam et matrem meam*” (escolho-Te hoje como minha Rainha, Protectora e Mãe) e “*Tuere me servum, clientem et filium tuum*” (e aceites-me para sempre como Teu servidor, aliado e filho.); cf. Menningem/Engling, pág. 53.

Sim, de facto! Poderíamos nós aspirar a uma melhor guia que Ela, a Mãe verdadeira e Educadora de Nosso Senhor? Maria *guia-nos*, não nos leva ao colo. Ela não nos quer preguiçosos e passivos. O caminho que Ela nos indica é demasiado íngreme e tem demasiadas pedras para isso. Não, o Seu papel activo consiste em fazer brotar em nós todo o cavalheirismo e masculinidade e levá-los ao seu total desenvolvimento, como prescrito no plano divino. Só no momento em que as nossas forças e boa vontade já não forem suficientes é que Ela nos ajuda a ultrapassar a dificuldade.

O caminho é difícil e íngreme: vemo-lo caracterizado nas palavras de São João Baptista: *Christum oportet crescere, me autem minui*. Cristo tem que crescer, e eu tenho que diminuir [Jo 3,30]. É necessário que diminuamos, que o nosso egoísmo diminua, que diminua em nós o espírito mundano. E no seu lugar – como diz o Apóstolo São Paulo – *Christum indere*: devemos revestir-nos de Cristo [cf. Rom 13,14; Gal 3,27], ou seja, como nos diz o Apóstolo noutra passagem, eu devo *alter Christus fieri*, converter-me noutro Cristo [cf. Ef 4,13-15]. Aquilo que de mais íntimo possuímos têm que ser os princípios de Nosso Senhor. Sob a forma de uma constante advertência, encontramos-os inscritos nos arcos da nossa capela, num programa conciso, focado e claro. São as oito Bem-Aventuranças que estão quase diametralmente opostas ao que o mundo considera serem as grandes fórmulas para a felicidade.

Mas não é suficiente que penetremos no espírito de Cristo sozinhos. Aqui nas janelas do coro encontramos os vários homens que se destacaram pela sua dedicação ao apostolado. Para sermos um outro Cristo temos que focar todos os nossos esforços na união duma ardente dedicação apostólica com uma religiosidade íntegra e perfeita.

Ao entrarmos na Congregação Mariana, assumimos, pública e solenemente, a livre obrigação de trabalhar para a realização deste ideal sob a protecção e com a ajuda de Maria.

É neste contexto que devemos olhar para o nosso acto de hoje. Não é por acaso que o rito profundamente solene de admissão nos recorda a Ordenação e a Primeira Comunhão (cuja memória celebramos hoje). A admissão na congregação representa na nossa juventude o mesmo que a nossa Primeira Comunhão representou na nossa infância e o que a nossa Ordenação representa na nossa vida adulta. Na Primeira Comunhão recebemos a Pessoa de Cristo, através da nossa Ordenação recebemos a Sua autoridade e o Seu poder, mas não o Seu carácter. Isso temos adquirido no tempo que as medeia – durante a nossa adolescência. Não nos será simplesmente dado. É a isso que nos comprometemos hoje, solene e irrevogavelmente, por meio da nossa admissão.

Através de Maria, até Jesus. Comprometemo-nos a conquistar o Seu carácter e a mais profunda união com Ele. Em resumo, é o que significa a nossa consagração. Percebem o que isso significa?... É aqui que a eficácia da congregação no nosso colégio entra em acção de forma extraordinária. Cada regra da casa, cada ordem dum superior serve para atingirmos o nosso objectivo: a formação do nosso carácter. Mas este objectivo não consegue ser atingido através duma obediência passiva ou “morta”. Não, temos que ter a iniciativa de interior e voluntariamente seguir o espírito da ordem. Apenas isso constitui o enobrecimento da formação de carácter que se espera dum congregado. Consequentemente, ninguém conseguirá ser um bom congregado se não cumprir as regras fiel e conscientemente. Se os seus membros não forem educados num cumprimento fiel dos seus deveres, se não os ensinar a ver no cumprimento dos seus deveres uma excelente escola de carácter e a melhor forma de serem apostolicamente activos, a congregação terá falhado a sua missão... Temos aqui um critério concreto, um termómetro útil e de confiança para medir a eficácia e o valor [da congregação]. Claro que queremos mostrar que merecemos a confiança que foi depositada em nós! Sem privilégios, excepto o de que se espera agora mais de nós do que dantes, mais do que dos não congregados.

Se assim encontrarmos Jesus e Maria... teremos atingido a meta da nossa educação. Através de Maria, até Jesus.

Na Igreja de Notre Dame em Poitiers encontra-se a lápide do bispo Cardeal [Louis] Pie, onde se pode ler o seguinte: *Tuus sum ego, Mater!* Eu sou Teu, Ó Mãe! *Tuus sum ego, Mater* – foi assim que o cardeal se consagrou à sua Mãe do Céu quando era uma criança. *Tuus sum ego, Mater!* – era o que ele dizia em cada momento importante da sua vida, foi o que disse na sua ordenação, ao assumir o cardinalato... Não fazia nada sem a sua Mãe. (....)

Através de Maria, até Jesus – *Tuus sum ego...*

6. 18 DE OUTUBRO: O ACTO DA FUNDAÇÃO

A fundação da Congregação Mariana a 19 de Abril de 1914 marcou um ponto de viragem crucial. Tanto a auto-educação individual como a comunitária beneficiavam agora de 1) uma estrutura comunitária adequada a esta meta, 2) a identificação dos rapazes com esta comunidade e 3) uma consagração a Maria, assumida livremente. Se se conhecessem apenas os acontecimentos entre Outubro de 1912 e Abril de 1914, poder-se-ia pensar que esta história tinha chegado a um ponto de estabilidade, faltando apenas limar algumas arestas. Mas na realidade brevemente se lhe seguiria um avanço significativo, fazendo de Abril de 1914 apenas um acontecimento intermédio no caminho para um evento muito mais decisivo: o dia 18 de Outubro de 1914, e aquilo que viria a ser reconhecido como a fundação de um movimento completamente novo na Igreja.

Os acontecimentos de Abril a Outubro de 1914 encontram-se tão escondidos que quase nos passam despercebidos e no entanto são tão dramáticos que ao debruçarmo-nos mais atentamente sobre eles somos levados a admitir: Aqui está a mão de Deus. Se o dia 18 de Outubro de 1914 fica registado na história como a *fundação de Schoenstatt*, será por causa da mão de Deus e da cuidadosa atenção que o Padre Kentenich dedicou a essa mão. Para muitos dos rapazes a sensação de *terem fundado qualquer coisa* estava mais associada ao dia 19 de Abril do que ao 18 de Outubro. A experiência deles fazia do dia 19 de Abril o ponto de viragem, mas com a ajuda do Padre Kentenich começaram gradualmente a perceber que o dia 18 de Outubro e aquilo que representava definia muito mais aquilo que eles eram e aquilo por que esperavam. Nesse dia irrompeu uma corrente de graças que traria bênçãos para o mundo inteiro.

UM ASSUNTO POR TERMINAR: AS SECÇÕES

Ainda existiam assuntos por terminar, mesmo depois da formação da congregação a 19 de Abril. A falta de tempo e a doença prolongada do Padre Kentenich tinham adiado o começo de funcionamento das “secções”. As secções eram já uma prática tradicional da Congregação Mariana¹¹⁸, permitindo que uma grande congregação se subdividisse em grupos mais pequenos, o que trazia grandes vantagens. Em primeiro

¹¹⁸ cf. MULLAN, págs. 162-167, onde as secções são descritas como um desenvolvimento posterior dentro da Congregação que deu muitos frutos. As secções típicas promoviam a piedade Eucarística e as obras de caridade.

lugar, permitia que os rapazes trabalhassem uns com os outros em áreas de interesse comum. Em segundo lugar, o princípio da “descentralização” maximizava a iniciativa pessoal, dando a cada indivíduo uma área em que pudesse concentrar os seus esforços. Um grupo mais pequeno significava uma maior oportunidade de falar e menor perigo de entrar em passividade (de acordo com esta linha de pensamento, as próprias secções eram muitas vezes subdivididas em grupos). A terceira vantagem era aquilo a que se podia chamar “concorrência criativa”. Cada secção trabalhava para atingir as metas gerais da congregação, mas à sua maneira e com as suas iniciativas. Os esforços de cada uma podiam inspirar as outras, agindo como um acelerador se as iniciativas corriam bem e como um impulsionador se corriam mal.

No início de Abril, antes do dia 19, os rapazes optaram por estabelecer duas secções: a *Secção Missionária* e a *Secção Eucarística*. Cada membro escolheu juntar-se à secção de que mais gostava para assim conseguir ser mais activo na promoção das dimensões espiritual e apostólica da congregação.

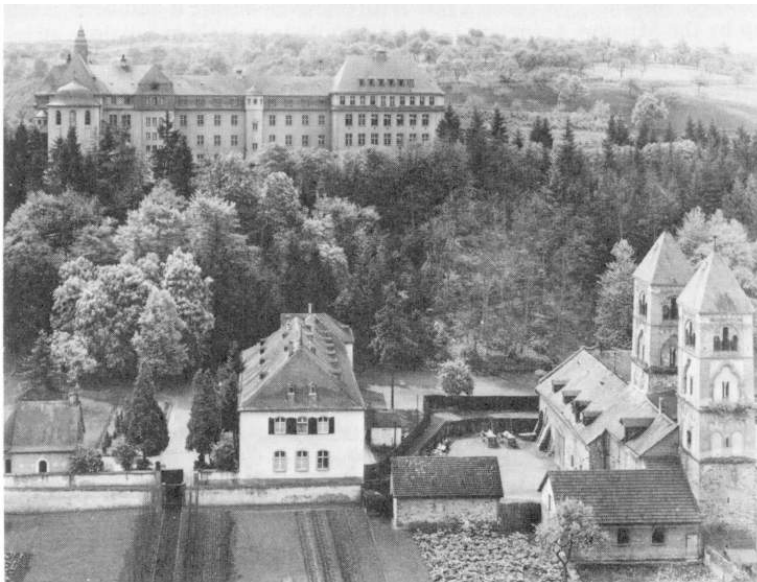
Houve um grande cuidado em escolher a natureza de cada secção de modo a servir não só as necessidades actuais mas também o crescimento interno no futuro. A *Secção Missionária* prosseguiu com o trabalho que até agora tinha sido feito pela Associação Missionária, providenciando um canal para a iniciativa daqueles que se inclinavam mais para o trabalho apostólico. A *Secção Eucarística* dedicou-se a desenvolver a tarefa de fazer crescer o potencial espiritual dos rapazes (uma das tarefas prácticas era a manutenção do santuário; esta secção providenciava os sacristães necessários para decorar e limpar o santuário). Apareceram também propostas de criar uma secção *Literária* e, mais tarde, uma de *Justiça social*, mas o Padre Kentenich considerou que não seria prudente dar a estas ideias uma secção própria, sob risco de distrair os rapazes das tarefas mais difíceis que já existiam. Em alternativa, preferiu integrar estes temas no trabalho das duas secções já existentes. A história viria a comprovar a sabedoria desta estratégia.

Os comentários do Padre Kentenich que se seguem (1954) dão-nos uma ideia do trabalho das secções, neste caso absorvendo a imagem de Maria (que se encontrava nas “assembleias eclesiais” que tinham lugar na capela com todos os congregados) e pondo-a em prática:

As assembleias eclesiais debruçavam-se especialmente sobre a imagem de Maria. O magistrado [os líderes eleitos da congregação] – contando com a influência pessoal do director espiritual – tinham a principal responsabilidade de assegurar, apadrinhar e aprofundar uma devoção Mariana de excelência e de coração.

A Secção Eucarística tinha a tarefa de supervisionar o progresso constante e eficaz no caminho de Maria, com Maria, através de Maria e em Maria até Jesus. Recordem quão profundamente religioso e transformador, quão forte era o interesse pela Santa Eucaristia e o Sagrado Coração e a calma meditação apesar do tempo extraordinariamente difícil que se vivia e do peso da guerra. Aqueles que estavam connosco nesses anos sabem que não podemos tomar isto como certo. O Grupo da Oração e o Grupo do Sagrado Coração eram os responsáveis por tudo isto. E assim, cada um da sua maneira, proporcionaram um apoio eficaz à Portadora Oficial de Cristo [Maria]. Ao mesmo tempo, o Grupo da Cortesia trabalhou com sucesso para unir o amor de Jesus e Maria com a vida diária.

A Secção Missionária inflamou o espírito apostólico, alimentando-o bem com pesquisa e actividade. Desta forma ambas as secções contribuíram com o que tinham [para oferecer] para cumprir os estatutos....¹¹⁹



Vista de Schoenstatt. Embora a fotografia seja de 1926, não existem grandes mudanças entre 1914 e 1926. A fotografia permite ter uma boa ideia geral. (Arquivo)

As últimas dificuldades na implementação das secções foram ultrapassadas em fins de Abril e princípios de Maio de 1914. Os estatutos ficaram completos, embora com alguma confusão final na Secção Missionária. (O Theele tinha sido seleccionado à experiência como chefe da secção, mas o Ott, que era pouco convencional,

ficou com a ideia que o Padre Kentenich o tinha escolhido a ele e dedicou-se ao trabalho com entusiasmo. O Padre Kentenich e o magistrado tentaram resolver a situação com diplomacia. Depois de alguns momentos tensos com Ott e os seus amigos, os estatutos foram aprovados e o Theele foi eleito chefe da secção com o Ott como assistente.¹²⁰)

¹¹⁹ STUDIE 1954, pág.151. Ver também Tagung für Bundespriester 1935, pág. 12.

¹²⁰ cf. CHRONIK, págs. 23-31. Ver também MTA IV, 34-37 (também em EA, pág. 3-8)

As primeiras reuniões da secção foram no Sábado, dia 16 de Maio. Este período de tempo, que tinha sido arrancado ao rígido horário do seminário para as reuniões da Associação Missionária, tinha sido agora dedicado para as secções, mas apenas com tempo limitado. Cada secção tinha direito a metade do tempo e embora os rapazes gostassem de se encontrar mais vezes (era um bom sinal!), o corpo docente não arredou pé. Porém, o factor tempo limitado teve o efeito positivo de fazer com que cada minuto fosse utilizado ao máximo, e os rapazes sentiram-se na obrigação de provar que esta “perda de tempo de estudo” era por uma boa causa e não teria repercussão nas notas.¹²¹

MAIO DE 1914: APROFUNDAMENTO DO ESPÍRITO RELIGIOSO

O Padre Kentenich tinha esperanças que as secções ajudassem também os alunos a obter um espírito religioso mais profundo. Mas ainda não se tinha verificado qualquer verdadeiro avanço nesta área. O mês de Maio de 1914 trouxe a mudança para melhor.

A chegada do mês de Maio, o mês de Maria, foi uma ocasião para o Padre Kentenich falar sobre devoção Mariana. Os rapazes concordaram em trocar as normais (e queridas) “instruções” semanais pelas reuniões “eclesiais” na capela da casa durante o mês de Maio. Cada conferência era acompanhada por um breve momento de devoção Mariana.¹²² O objectivo do Padre Kentenich era proporcionar pontos de partida para o desenvolvimento de um genuíno amor por Maria. Ele irradiava do seu enorme fervor Mariano e usava exemplos de muitos dos santos do passado da congregação. Também apelou ao compromisso deles quando foram admitidos na congregação:

No Domingo passado selámos um pacto de amizade uns com os outros para nos ajudarmos a entusiasmar mutuamente a um genuíno amor por Maria, para um fiel serviço Mariano. Como homens de carácter que somos, cumpriremos em qualquer circunstância com o que prometemos à nossa divina Protectora em solo sagrado. (....)

“Amem, amem Maria, venerem-n’A! Não descansem enquanto não adquirirem uma verdadeira devoção a Maria! Se acham que podem ser jovens Católicos (e nós queremos ser mais do que isso, queremos ser congregados de Maria) sem conhecerem Maria, sem

¹²¹ cf. CHRONIK, págs. 23-31.

¹²² Ibid., pág. 22.

estarem entusiasmados por Ela, sem A carregarem nos vossos corações e nos vossos lábios, então enganam-se a vós próprios” (Padre Doss¹²³)

Consigo ver que este conselho encontra um alegre eco nos vossos corações. Nada poderá ser mais lógico do que seguirmo-l’A juntos, do que fazer de Maria e do amor genuinamente Mariano o objectivo das nossas reflexões.¹²⁴

Um dos principais pontos de partida deve ter sido especialmente eficaz, a julgar pelo interesse que os alunos mostraram na auto-educação e pelos sucessos e falhanços que iam acontecendo. O Padre Kentenich referiu-se à turbulência dos anos da adolescência, inclusive sobre o desprendimento na relação com a mãe natural. No meio da incapacidade moral e pessoal que é típica dos anos da adolescência, tem-se uma razão especial para nos virarmos para Maria, cujo amor por nós está num nível que não perde o seu fervor:

É só agora [enquanto lutamos com as nossas paixões de adolescentes] que começamos realmente a sentir a nossa miséria e incapacidade. Sozinhos, só com as nossas forças não conseguimos ultrapassar os ataques de orgulho, sensualidade, mentiras, preguiça, cobardia e irresponsabilidade, muito menos atingir o ideal da nossa vocação. Sabemos isto por experiência. Onde vamos procurar e encontrar ajuda? (....)

Onde, se não na nossa Mãe! Ela permanece fiel enquanto todos os outros nos abandonam. Ela preocupa-se connosco e toma conta de nós. Ela partilha o Seu último pedaço de pão connosco. E portanto é somente natural que, quando nos sentimos desamparados interiormente, nos viremos para a nossa Mãe do Céu.¹²⁵

Seguindo esta veia, o Padre Kentenich continuou a elaborar pontos de partida para o amor a Maria, que dividiu em quatro conferências com os seguintes temas principais:¹²⁶

3 de Maio – Maria é a minha Mãe! (pontos de partida: a grandeza de Maria como nossa Mãe; a nossa incapacidade, que nos convida a recorrermos a ela em caso de necessidade)

¹²³ Padre Adolf von Doss (1825-1886), Jesuíta alemão, autor e defensor da juventude Católica.

¹²⁴ Kentenich, conferência de 3 de Maio de 1914, cf. citação em KASTNER, 227, 228s.

¹²⁵ Kentenich, conferência de 3 de Maio de 1914, cf. citação em KASTNER, 232s.

¹²⁶ cf. KASTNER, pág. 226 (borda) e págs. 227-254 (texto das conferências).

10 de Maio – Cavaleiro de Maria, Apóstolo de Maria (pontos de partida: servir Maria como Seu cavaleiro e Seu apóstolo; perceber a parte d’Ela na minha vocação)

17 de Maio – Maria e o nosso Ideal (pontos de partida: o nosso chamamento a um grande ideal; o papel de Maria nos ideais sacerdotais e apostólicos)

31 de Maio – Maria e o Espírito Santo.

A área da oração foi um dos primeiros sinais concretos de que estas conferências – e o mês de Maria – estavam a ter o seu impacto. Na crónica da Congregação Maior podemos ler:

A segunda reunião de Maio trouxe um progresso ainda maior. Quando escrevemos os estatutos pela primeira vez, não nos interessávamos tanto pela oração. Na página 7 do manual da Congregação de Hilstrup lê-se: “Rezamos diariamente o Rosário e o Pequeno Ofício da Imaculada Conceição.” Isto nem sequer originou discussão. O mínimo era já suficientemente bom para nós. Os nossos estatutos receitavam as seguinte orações: “Como oração diária em honra da nossa Mãe do Céu rezamos três Ave Marias e um “Ó Senhora minha, ó minha Mãe” todas as manhãs e tardes”.

Até as reuniões na capela pecavam por falta de interesse na oração. Só se rezavam as orações da congregação – sem litânias nem qualquer outra oração adicional. Mas depois da primeira reunião de Maio percebemo-nos tão frios e distantes que quando foi sugerido adicionarmos uma parte do Pequeno Ofício, foi com alegria que concordámos.¹²⁷

Mas estava para chegar uma mudança substancial, uma mudança que surpreendeu até o Padre Kentenich. Ele reparou existir pela primeira vez nas suas classes mais velhas uma genuína receptividade à vida espiritual, não só à liberdade e à formação de carácter. Isso fê-lo parar para pensar, pois até àquela altura o seu trabalho com as classes mais velhas tinha-se resumido a um nível mais ético. Como recordou mais tarde (1927):

[Naquela altura] o meu primeiro objectivo era conduzir os rapazes para a auto-iniciativa e não o de aprofundar a devoção Mariana. Incluí a devoção a Maria porque era essencial para a Congregação Mariana... Quando os rapazes me perguntaram [em Março-Abril de 1914] “Que é que fazemos agora?”, lembro-me muito bem que escrevi, entre outras coisas, “só não pode ser demasiada devoção a Maria”. Depois chegou o mês de

¹²⁷ cf. CHRONIK, págs. 22-23; também citado em KASTNER, pág. 212.

Maio, e deu-se uma total reviravolta. Pude ver o efeito cheio de graça que a devoção Mariana teve nos rapazes e portanto tornei-me eu também um devoto de Maria. Depois disso, tudo cresceu através da devoção a Maria.... Eu próprio cresci espiritualmente juntamente com os meus rapazes.¹²⁸

Em 1952 escreveu:

Quando se fundou a Congregação, escrevi explicitamente desde Bad Ems: “Cuidado! Maria não é o mais importante aqui: o mais importante é Cristo. Compreendem?” Mas quanto mais eu reparava no poder de Maria quanto ao objectivo, especialmente o da educação, mais claramente via que o amor a Maria.... não se encontra em oposição [a Cristo], nem é um desvio, mas antes o caminho mais directo e claro.¹²⁹

Nos anos 30 o Padre Ferdinand Kastner, um antigo estudante dos anos da fundação, perguntou ao Padre Kentenich sobre o que acontecera em Maio de 1914:

Quando estive a fazer a pesquisa [sobre os anos da fundação] em 1939 para o livro *Sob a Protecção de Maria*, o Padre Kentenich contou-me que não tinha sido sua intenção [na Primavera de 1914] dedicar tanto tempo à figura de Maria e à devoção Mariana. Ele apenas se sentiu obrigado a tal depois da fundação da congregação para o poder apresentar aos congregados. Mas depois apercebeu-se de algo interessante. Ao longo das conferências de Maio, algo despertou no coração dos congregados, algo que se tinha recusado a despertar antes: uma carinhosa receptividade às coisas morais e religiosas. E isto ultrapassou dificuldades que ele não tinha ainda conseguido ultrapassar. Vieram à tona coisas que realmente formam o coração. E [ele disse] que nessa altura o valor educacional do amor por Maria despertou dentro dele, e que cada nova vaga do amor por Maria em crescimento accionava uma nova receptividade pelos outros valores morais. E esta constatação converteu-se numa constante experiência no nosso mundo de Schoenstatt.¹³⁰

Os acontecimentos de Maio de 1914 foram extremamente significativos. Tinha chegado o momento em que os rapazes estavam ardentemente prontos para o *mundo*

¹²⁸ Priestertagung 1927, pág. 12.

¹²⁹ USA-T 1952 (30 de Julho), II 228.

¹³⁰ Padre Ferdinand Kastner, conferência na Semana de Outubro de 1953 recordando conversas anteriores com o Padre Kentenich: *Marianisches Gründungsjahr*, pág. 43.

religioso e sobrenatural. Enquanto até agora tudo se tinha focado nos níveis natural e ético (com um espaço relativamente pequeno para um genuíno espírito sobrenatural), tinham agora descoberto uma verdadeira relação pessoal com Maria. Supõe-se que o Padre Kentenich previa ter que trabalhar durante muito mais tempo no nível natural e ético; agora a Divina Providência tinha aberto uma porta que acelerava muito o crescimento espiritual de todos.

O próprio Padre Kentenich aprendeu com isto. Percebeu que a genuína devoção Mariana tinha a sua própria palavra na formação dos corações e das almas (e não apenas na sua própria vida pessoal), e com esta percepção “cresci espiritualmente em conjunto com os meus rapazes”. A partir desse momento, ele viveu toda a sua vida como um *educador Mariano*. O amor que ele próprio sentia por Maria tornou-se mais prático e emocionalmente são, uma bênção que não lhe passou despercebida.¹³¹ Pode mesmo afirmar-se que *a partir de Maio de 1914, a peça central do plano de acção do Padre Kentenich transferiu-se da auto-educação para a devoção Mariana*.¹³²

Além disso, esta mudança alertou o Padre Kentenich para o facto de que a Divina Providência parecia ter um plano especial para a sua pequena congregação, o que o fez estar muito mais atento aos acontecimentos futuros.

JUNHO E JULHO

Pouco tempo depois surgiria outro acontecimento impulsionador. Em Junho e Julho de 1914 os congregados começaram a ficar interessados nos “Domingos **Aloísios**”¹³³, uma devoção que consiste em receber a Sagrada Comunhão durante seis

¹³¹ cf. Tagung für Bundespriester 1935, pág. 13. Ver também APL 1928, pág. 75.

¹³² cf. MENNINGEN (1972), B-23s, incluindo: “A estrutura fundamental do Padre Kentenich era Mariana. O que ele adquiriu da vida da observação pessoal e do seu trabalho educacional, não era a sua atitude Mariana, ou o carinho profundo que sentia pela Santíssima Mãe, mas antes o seu agradecimento pelo valor educacional da devoção Mariana, fazendo-o mudar dum ênfase ético para um religioso, baseado no valor educacional que tão brilhantemente despertou nele depois das conferências de Maio de 1914. Foi de tal forma que mais tarde disse-nos a nós, [jovens padres que se tornavam] directores espirituais: não é necessário que façam o longo percurso de purificação ética que eu fiz, como vemos em *Sob a Protecção de Maria*. Aí, repararão que as conferências sobre a pureza ética ocupam muito espaço depois da Acta da Pré-Fundação – a observação do microcosmos, as capacidades da mente e da vontade, etc. Depois, ele disse: a fase ética não precisa de ser tão longa, podem abordar-se o religioso e o sobrenatural muito mais cedo, agora que encontrámos o ponto de Arquimedes. Assim, quando pressentirmos que chegámos à experiência da limitação [*Kontingenzerlebnis*], seja na alma individual ou na alma comunitária, pode-se avançar muito mais depressa para o passo seguinte. Descobre-se assim que sob a influência da devoção Mariana, uma mudança da ética para o sobrenatural se processa de forma muito orgânica, mas também muito rapidamente e dando muitos frutos.”

¹³³ cf. KASTNER, pág. 261.

Domingos consecutivos segundo o espírito de Santo Aloísio Gonzaga (1568-1591), o santo da juventude. Em Schoenstatt, estes Domingos foram cumpridos durante aquele Verão, com um fervor que não se conseguiria imaginar possível antes de Maio. De facto, o Padre Kentenich apercebeu-se em Junho de 1914 que a mudança tinha chegado ao ponto de lhe permitir desafiar directamente os seus jovens à santificação e à santidade:

As dificuldades que ultrapassámos assemelham-se surpreendentemente em alguns aspectos aos obstáculos que o Padre Leunis enfrentou na fundação da congregação em Paris [1569].

Pouco depois da sua fundação, nasceu um grande santo desta congregação, que começou por ser um simples membro, depois assistente e em seguida prefeito: Francisco de Sales. Conseguimos encontrar a sua imagem aqui nos vitrais no santuário. De cada vez que a olharmos, deveríamos lembrar-nos: *Inspice et fac secundum hoc exemplar!* [Olhai e vivei de acordo com este exemplo!] “Olhem para mim! Também eu estive na congregação como vocês. Tive os mesmos estatutos que vocês. Foi aqui que lancei e tornei sólidas as bases da minha santidade. Sigam o meu exemplo. Se quiserem, conseguem!”

Será que da nossa congregação também sairá um santo? Não o sabemos, mas podemos ter essa esperança. No entanto, há uma coisa que sabemos de certeza: A geração que permitir que se estrague ou pereça todo este trabalho tão duramente conseguido, este trabalho da Divina Providência, terá sobre si uma pesada responsabilidade e a ira da nossa Mãe do Céu. Ai do magistrado que deixar que as coisas cheguem a esse ponto!¹³⁴

Esta última advertência confirma que nesta altura o Padre Kentenich estava genuinamente convencido de que este novo desabrochar do espírito religioso se devia à Divina Providência – acontecia nas classes mais velhas, precisamente aquelas que mais tinham resistido a este desenrolar da situação. Aquilo que Deus tinha começado, certamente levaria até ao fim, desde que os instrumentos humanos não falhassem. Certamente que no seu coração o Padre Kentenich se interrogava sobre o que Deus pedia ao lhe confiar uma tão súbita e promissora Primavera de santidade. Tinha consigo um grupo de jovens que pensavam seriamente em tornar-se santos! De qualquer modo, era já uma mudança gratificante e o Padre Kentenich pôde dizer, com satisfação, aos alunos que se formaram e saíram no dia 14 de Julho de 1914:

¹³⁴ Kentenich, conferência, cf. citação em KASTNER, 261-262. Sobre as últimas linhas desta citação ver também SEED 1953, pág. 40, onde o texto aparece , “Ai dos oficiais que falharem neste seu dever.”

Se olharem para trás, para o passado, conseguirão também admitir: “Cumprimento totalmente a tarefa que o bom Senhor me deu nesta casa!” Eu próprio vos posso responder: poderão ter existido algumas falhas individuais [em algumas coisas], mas apesar de tudo vocês cumpriram fielmente os vossos deveres.¹³⁵

A CAPELA DO VALE

Ao longo deste tempo o Padre Kentenich debatia-se já com outra questão. Cada Congregação Mariana devia estar ligada a uma capela ou oratório específicos, mas a escolha inicial da capela da Casa Nova não o satisfazia. Em Junho já andava à procura duma melhor opção.

Naquela altura a primeira afiliação da congregação foi à capela da casa. [Esta decisão foi tomada quando eu estava doente]. Quando recuperei tornou-se-me imediatamente claro: Não pode ser. Não encaixa com o organismo saudável da alma da juventude. Uma capela grande, ainda por cima a capela da casa, não se pode converter, a longo prazo, no ponto central duma comunidade. Os rapazes querem algo que seja só deles. Portanto pedimos e recebemos autorização para usar a capela da enfermaria [uma capela mais pequena da Casa Nova]. Mas [não estando ainda satisfeito] eu quis assegurar-me que quaisquer ouvidos que não devessem ouvir, não ouvissem de facto tudo o que estava a ser dito. Lá em baixo, no vale. Aí é que os rapazes se poderiam desenvolver. Sendo assim, o que nós queríamos era a capela pequena. (1935)¹³⁶

E aquilo a que o Padre Kentenich se referia como “a capela pequena” era a velha capela de São Miguel no vale abaixo da escola, que estava a ser usada desde 1912 para guardar ferramentas. O Padre Kentenich abordou o provincial, o Padre Kolb, sobre este assunto, como nos conta o próprio Padre Kolb:

Os outros dois locais [a capela da casa e a da enfermaria] não correspondiam às expectativas do director espiritual, por serem demasiado visíveis, demasiado acessíveis ao público. Ele queria que a Congregação Mariana tivesse um lugar de que os jovens se pudessem sentir os únicos donos e senhores. E por essa razão veio fazer-me a proposta de que a capela de São Miguel lhe fosse cedida para esse fim.

¹³⁵ Ibid., pág. 22.

¹³⁶ cf. Tagung für Bundespriester 1935, pág. 5.

Mas este local também inspirava algumas objecções, devido à sua localização (por ser tão isolada) e especialmente devido ao estado de degradação em que estava. Há muito tempo que não era arranjada e recentemente tinha sido usada para guardar ferramentas. Já alguém tinha mencionado... deitá-la abaixo, hipótese que eu prontamente rejeitei devido à minha devoção ao meu santo protector [São Miguel].

Assim, quando esta nova ideia me foi apresentada, era difícil dizer não. Na verdade, era até uma certa honra para o meu santo protector.¹³⁷

A adicionar a estas duas objecções, havia um receio justificável por parte do corpo docente sobre o estado da capela. Era do conhecimento dos rapazes que se encontravam dois fios eléctricos pendurados do tecto – uma tentação para quem quisesse fazer experiências com electricidade – e já mais do que uma vez as travessuras de alguns tinham deixado a casa Palotina totalmente sem energia!¹³⁸ Mesmo assim, fazia mais sentido voltar a usá-la para alguma espécie de tarefa. Sendo assim, em Julho de 1914 o Padre Kolb cedeu-a para ser usada pela congregação e chegou até a investir um donativo recebido recentemente para a reparação da capela.¹³⁹

Esta transacção, pequena mas importante teve três aspectos de relevo: práctico, psicológico e providencial. Do ponto de vista *práctico*, deu aos rapazes um lugar que era deles, livres da curiosidade de outros. Era um lugar em que podiam ter as suas próprias actividades e cultivar a sua liberdade interior.¹⁴⁰ Relativamente a esta questão a capela da enfermaria não só era pequena demais¹⁴¹, como estava demasiado perto de outras zonas da casa. Do ponto de vista *psicológico*, oferecia-lhes um lugar onde os seus corações poderiam começar a desenvolver um sentimento mais profundo de estar em casa, uma *vinculação local*, como lhe viria a chamar o Padre Kentenich. Quanto mais trabalhava com a alma moderna, mais o Padre Kentenich percebia como esta vinculação local era importante para a formação do “novo homem”, permitindo-lhe

¹³⁷ Padre Kolb, em HUG (Texto), pág. 39.

¹³⁸ cf. Memórias do Padre Menningen em HUG (Texto), pág. 37s. Ver também Tagung für Bundespriester 1935, pág. 5 e Menningen/Engling, pág. 39s.

¹³⁹ cf. Tagung für Bundespriester 1935, pág. 5.

¹⁴⁰ cf. MENNINGEN (1972), Spur 4,102.

¹⁴¹ cf. MENNINGEN (1972), A-22.

criar raízes dum *organismo de vínculos* a pessoas concretas, a lugares, coisas e ideias concretos. Sem isso, tanto a sua capacidade de tomar decisões e de as pôr em prática - dois ingredientes essenciais da liberdade – como a sua capacidade de estabelecer relações e dizer “tu” desde o centro mais profundo da sua personalidade – dois ingredientes essenciais do amor – estariam ambas reprimidas e dificultadas.¹⁴² O aspecto *providencial*, a dádiva da capela, deu ao Padre Kentenich uma segunda razão para perguntar à Divina Providência se tinha alguma missão especial para a congregação.

Os trabalhos de reparação da capela terminaram durante o Verão. Tudo foi mantido muito simples, claro, com chão de terra (que só foi mudado em 1916) e o velho e instável altar. Mas as paredes foram pintadas e deu-se-lhes uma forma mais ornamental, os cabos eléctricos foram ligados a duas lâmpadas e instalou-se uma porta nova (que abria para fora em vez de abrir para dentro). Até construíram uma salamandra a carvão e uma chaminé para que a capela pudesse estar aquecida

durante o Inverno. Finalmente, no dia 29 de Setembro de 1914, dia da festa de São Miguel, seu santo padroeiro, o Padre Kolb doou uma estátua de São Miguel como presente pelo novo projecto. Foi-lhe atribuído um lugar de honra à frente, acima do altar.¹⁴³



Estátua original de São Miguel que esteve no Santuário de 1914 a 1984 (Arquivo)

A HISTÓRIA DA PEQUENA CAPELA

A história da pequena capela era longa e variada. A capela foi erigida sobre as fundações duma capela construída no recinto do velho claustro antes de 1226.¹⁴⁴ O espaço grande que se abria entre a capela e o monte escarpado – sensivelmente do tamanho dum campo de futebol – havia sido o cemitério do claustro, e de acordo com a tradição

¹⁴² cf. KASTNER, págs. 285-287; MONNERJAHN, pág. 64; MME 1954, págs. 339-341 (traduzidas em Jonathan Niehaus (ed.), *A Espiritualidade da Aliança de Schoenstatt* (Waukesha, 1992), págs-78-84).

¹⁴³ cf. HUG (Texto), pág. 40s,

¹⁴⁴ cf. SCHULTE (1976), pág. 26. Para mais pormenores sobre a história do Santuário Original, ver também HUG (Texto), págs. 20-33.

alemã, o cemitério estava adornado com uma pequena capela dedicada a São Miguel, o padroeiro das almas que partiam. Nela cabiam cerca de 25 pessoas, não se destinava a grandes cerimónias (que tinham lugar na igreja do claustro) mas sim para funções do cemitério, embora se tenha celebrado lá Missa diária ao longo de vários anos desde 1319.¹⁴⁵

Os Suecos que por lá passaram durante a Guerra dos Trinta Anos destruíram-na. Em 1636 os Suecos pilharam Schoenstatt, destruindo o claustro e a pequena capela. A velha capela do cemitério foi reconstruída em 1681, seguindo novamente o estilo típico do Reno. Uma parte do altar construído em 1681 tinha conseguido sobreviver até agora, mais concretamente uma peça talhada com ornamentos que servia de teia da comunhão* em 1914 e que foi integrada em 1934 no actual altar do Santuário da Mãe Três vezes Admirável. Pode ser identificada pela insígnia familiar que se pensa pertencer à família que reconstruiu o santuário nesses anos.¹⁴⁶

A guerra da libertação de Napoleão trouxe a destruição final do interior da capela, quando tropas alemãs terão usado a capela como um armazém em 1813-14. Foi novamente restaurada como capela pouco depois.¹⁴⁷ Durante algum tempo, em meados dos anos 1800, Schoenstatt acolheu novamente uma ordem religiosa (as Irmãs Cinzentas da Suíça), mas em 1889 as Irmãs foram evacuadas pelo governo Prussiano, conforme a política do *Kulturkampf*. A casa, a capela de São Miguel e os terrenos à volta foram depois comprados pelo Sr. Karl Dorsemagen, que converteu tudo num “pequeno paraíso” para a sua mulher e filhos. Esta família Católica honrou a Mãe Santíssima na velha capela colocando uma estátua de Nossa Senhora de Lourdes no altar, mas quando tiveram que vender a propriedade em 1901, levaram-na com eles.¹⁴⁸

Com a aquisição da propriedade pelos Padres Palotinos em 1901, a primeira função da capela foi servir como capela da casa. Foi lá que os padres Palotinos celebraram a sua primeira Missa numa primeira Sexta-feira, no dia 5 de Julho de 1901.¹⁴⁹ Nos anos seguintes continuou a funcionar como capela da casa para o Colégio (a Casa Velha), mas quando em 1907 construíram na Casa Velha uma outra capela mais adequada, a capela pequena passou a ser usada apenas como recurso, quando existiam padres a mais para os altares da capela da casa (antes do Concílio Vaticano II

¹⁴⁵ cf. SCHULTE (1976), pág. 26.

* Pequeno murete normalmente esculpido em madeira e que separa a zona do altar da zona da assembleia.

¹⁴⁶ Ibid., pág. 33.

¹⁴⁷ Ibid.

¹⁴⁸ cf. HUG (Texto), págs. 22-24.

¹⁴⁹ cf. SKOLASTER, pág. 95.

e da instituição da concelebração, cada padre tinha que celebrar a sua Missa diária separadamente). Mas até esta última função litúrgica terminou, quando a Nova Casa foi inaugurada em 1912. A antiga capela do cemitério converteu-se num armazém para as ferramentas de jardinagem.

Dos elementos que existem actualmente no Santuário de Nossa Senhora de Schoenstatt, apenas a estátua de São Miguel e a teia da comunhão lá estavam no dia 18 de Outubro de 1914. Como foi descrito antes a teia da comunhão foi integrada no actual altar de estilo barroco em 1934. A estátua de São Miguel foi mudada do centro do altar de madeira para o seu lugar actual à esquerda em Abril de 1915, quando se pendurou a imagem da MTA. Infelizmente a estátua original de gesso teve um fim repentino a 25 de Agosto de 1984, quando caiu o prego que prendia a peanha que a sustinha e a estátua se despedaçou no chão. Porém, um artista Palotino conseguiu construir uma réplica extremamente fiel que se encontra no lugar da original desde o fim de Outubro de 1985.¹⁵⁰

A GUERRA COMEÇA

O ano escolar parecia estar a chegar a um fim não muito entusiasmante. Aproximava-se a hora das despedidas e estavam para breve as muito esperadas seis semanas das férias do Verão. Mas subitamente, na manhã do dia 30 de Julho, poucos dias antes do início das férias, as aulas foram interrompidas urgentemente pelo padre responsável pela disciplina. Todas as classes receberam ordens de se juntarem na sala de jantar. E foi aí que os rapazes escutaram o reitor Padre Wagner explicar que a situação militar estava dramaticamente tensa e que se estava perante o perigo imediato duma guerra. Como o colégio tinha que ficar de prevenção como hospital, na eventualidade duma mobilização, e como a viagem de regresso a casa poderia tornar-se impossível a qualquer momento, o Colégio fecharia de imediato e os alunos deveriam regressar às suas casas o mais rápido possível. As férias prolongar-se-iam até receberem instruções escritas a indicar a data e o local de recomeço das aulas no Outono.¹⁵¹

Estávamos practicamente já fora de horas. Em Berlim faziam-se escolhas decisivas e no dia 1 de Agosto a Alemanha declarou guerra à Rússia. Em poucos dias quase

¹⁵⁰ Uma pequena diferença entre a antiga e a nova estátua de São Miguel é que a armadura e a lança da que era anteriormente completamente branca são agora pintadas de prata e ouro.

¹⁵¹ cf. SCHULTE (1932), págs. 79-80.

toda a Europa tinha entrado na luta e a Primeira Grande Guerra começou o seu percurso mortal.

A urgência que o Padre Kentenich tinha sentido como educador ao longo dos dois anos anteriores intensificou-se com o começo da guerra. Em poucos dias, membros recém-graduados do curso superior foram chamados para o exército. O Padre Kentenich pôs-se de imediato em contacto com eles por carta. Não foi difícil perceber que a vida do exército lhes iria exigir cada grama de esforço e graça que tivessem se queriam viver segundo os elevados ideais que tinham escolhido.¹⁵²

O Padre Kentenich viu a guerra à luz do chamamento de Deus à santidade. Contrastando com a eufórica reacção com que a maioria da Europa acolheu a guerra no Verão de 1914, ele debatia-se com o que a Divina Providência estava a dizer. Não eram as massivas dificuldades e injustiças impostas por esta guerra os sinais de graves falhas humanas? Não estaria Deus a permitir a violência para mostrar ao homem moderno e arrogante o quão indefeso ele era na realidade, o quanto ele ainda precisava de Deus? Para o Padre Kentenich, tratava-se de um chamamento a um profundo e verdadeiro arrependimento e renovação. A sua reflexão debruçava-se também com esperança sobre os sinais de crescimento nos seus jovens: a Divina Providência parecia ter realmente uma missão especial para a congregação, e agora tinham a capela de São Miguel – seria isso também importante? De qualquer forma o começo da guerra realçou tanto o perigo como a oportunidade: o perigo de destruição de todos os esforços e a oportunidade de acelerar estes mesmos esforços, numa altura que era urgente e não havia tempo para esperar!¹⁵³

UMA INSPIRAÇÃO VINDA DA IMPRENSA

Foi nesta altura que se seguiu ao início da guerra¹⁵⁴ que veio parar às mãos do Padre Kentenich um artigo numa revista. Constava na edição de 18 de Julho numa revista Católica semanal chamada *Allgemeine Rundschau* (*Revisão Geral*):

Naquela altura li por acaso na revista *Allgemeine Rundschau*: O artigo falava dum advogado em Itália que dedicara toda a sua vida a um local de peregrinação. Agora têm que perceber como eu sou. Estava tão embrenhado e entregue ao serviço dos jovens que não

¹⁵² cf. CARTA A J. FISCHER, de 15 de Agosto de 1914, 8 de Setembro de 1914 e 19 de Setembro de 1914

¹⁵³ cf. especialmente a segunda parte da conferência do Padre Kentenich a 18 de Outubro de 1914, que se debruça sobre a interpretação da vontade de Deus por detrás da guerra. Em KASTNER, págs. 293-299

¹⁵⁴ São muitas as afirmações do Padre Kentenich dizendo que leu o artigo *depois* do início da guerra: SANTUÁRIO LAR, pág. 11; FAMÍLIA 1953, pág. 250; Conferência a casais em Milwaukee (1955?), em Jonathan Niehaus, *Gilbert Schimmel: O Objectivo coroa o Trabalho* (Waukesha, 1996), pág. 128.

conhecia qualquer outra tarefa. Agora via: Dedicou-se durante toda a sua vida a um lugar de peregrinação; e via também: Temos que educar os nossos rapazes para uma grande tarefa. Tínhamos a capela. Agora percebiam como surgiu o pensamento – não deveríamos tentar fazer descer a Mãe Santíssima à nossa capela? Os rapazes deveriam fazê-lo a partir da sua própria vida de sacrifício. (1935)¹⁵⁵

O que o Padre Kentenich encontrou foi um relatório que estava bem escrito mas sem mais nada fora do comum. O autor era um Padre Capuchinho, Cyprian Fröhlich (1853-1931), já conhecido dos leitores Católicos Alemães. O Padre Cyprian tinha visitado o aclamado lugar de peregrinação de Nossa Senhora do Rosário em Pompeia, que naquele tempo era já o terceiro local de peregrinação italiano mais importante fora de Roma (atrás de Assis e do Loreto). Falou do seu extraordinário crescimento no meio de uns humildes habitantes dum pequeno vale (*Valle di Pompeii*) perto das famosas escavações arqueológicas na base do vulcão Vesúvio. O santuário de lá era de origem relativamente recente, tendo sido começado apenas em 1872 por um advogado que sentiu que tinha que dar uma volta à sua vida. Tratava-se de Bartolo Longo (1841-1926), um leigo casado que se tornou defensor do rosário e foi beatificado pelo Papa João Paulo II no dia 26 de Outubro de 1980.¹⁵⁶

O que foi importante foi o *impacto deste artigo*. O Padre Kentenich estava já a tentar perceber os planos da Divina Providência para a congregação, e a guerra acrescentava fortes preocupações sobre o futuro desta tarefa, que mostrava sinais de se tornar numa verdadeira bênção para muitos, quando muitos dos alunos mais velhos estavam a ser recrutados para servir na guerra. Depois de o ler, surgiu-lhe então directamente a pergunta: Estará Deus a chamar-nos a fazer algo semelhante?

Transcreve-se aqui o artigo, devido à sua importância:

¹⁵⁵ cf. Tagung für Bundespriester 1935, pág. 5.

¹⁵⁶ cf. Włodzimierz Redzioch, “Pompeia, a capital italiana do Rosário”, *No interior do Vaticano*, Março 2003, págs. 46-51, e introdução à reimpressão do artigo Fröhlich (FRÖHLICH), págs. 133s.

Artigo do ALLGEMEINE RUNDSCHAU (18 de Julho de 1914)

Do Padre Cyprian Fröhlich O.F. M. Cap. (excertos)¹⁵⁷

Sobre uma Cidade de Morte, uma Cidade de Vida

O velho Vesúvio lançava calmamente baforadas de fumo do seu longo cachimbo enquanto eu me deslocava de comboio até Pompeia. Não era como costuma ser descrito, a disparar fogo e fumo para o céu, limitava-se simplesmente a lançar as suas lentas e acinzentadas nuvens de fumo sobre as vilas, as cidades e o mar – como um velho na sua cadeira de baloiço. Talvez se estivesse a recordar da devastação causada pelos seus brilhantes rios de lava e pelas tempestades de cinzas e pedras, principalmente às duas antigas cidades de Herculano e Pompeia. Talvez lamentasse o desvendar destas Sodoma e Gomorra Romanas que o mundo todo agora vinha visitar. Mas não temais, meu velho, Pompeia permanece uma cidade morta, mesmo se a Arte e a Ciência estudam, registam e dissecam o seu brilhante cadáver.... Mesmo que os modernos irmãos de Vénus queiram erigir, aqui e ali, altares à deusa impura, sossega pois existe uma outra mulher que é muito mais poderosa que eles todos e que os vai ultrapassar novamente e fazer erguer sobre eles uma outra devoção, tal como o fez há 42 anos nas ruínas de Pompeia: uma cidade de vida sobre a cidade da morte, em Pompeia. Valle di Pompeii. Que maravilhosas são as obras de Deus! O Senhor aparece sempre que o inimigo pensa poder ganhar – mas não como ele, com barulho e em massa, pois a verdade não precisa disso – com um silêncio discreto, preparando as suas vitórias através de pessoas desconhecidas. Foi assim em Belém, foi assim em Lourdes, foi assim em Pompeia.

Entreí no santuário de rosário na mão, sabendo apenas que estava num famoso lugar de peregrinação a Nossa Senhora, que albergava um centro de acolhimento para filhos de criminosos.... Rezei à Senhora entre centenas de italianos de todos os tipos de vida – eram dez horas da manhã e embora fosse uma sexta-feira normal estavam dúzias de pessoas em fila perto de vários confessionários....

Quando saí da igreja, vi o meu guia a conversar com um senhor que imediatamente despertou a minha curiosidade. As suas feições não eram de todo relevantes, estava encurvado pelos anos e segurava um terço na mão. Os seus olhos estavam semi-cerrados e o seu semblante cansado reflectia a memória que irradiava de quem reza com devoção. Era visível a dificuldade da luta que travava por ter de deixar a sua colecção

¹⁵⁷ Padre Cyprian Fröhlich, *Allgemeine Rundschau*, Vol. 11, N° 29, págs. 521s; reimpressão: FRÖHLICH,

interior. Logo que a conversa terminou apressou-se a regressar ao Santuário da Senhora. “Quem era aquele homem piedoso?” perguntei. “Aquele era o advogado Bartolo Longo, que nos receberá dentro de uma hora”, respondeu-me o guia....

Tal como ele próprio admite e escreve, Longo fora “um pecador materialista e teimoso” durante 30 anos. Mas era e ainda é um homem com muito talento, um dos grandes juristas de Itália, e a graça de Deus consegue agir num homem talentoso. Em Outubro de 1872 passeava pelas ruínas de Pompeia, reflectindo sobre como reparar os seus pecados e reencontrar paz de coração: Ouviu de repente uma voz interior tal como todos nós já ouvimos, uma voz de boa vontade: “Se queres encontrar a paz, espalha a devoção ao meu Rosário; pois quem proclama o Rosário jamais perecerá.” E o que fez este grande incrédulo e materialista? Aquilo que dois grandes génios, Saulo e Agostinho, tinham feito antes dele e milhares de outros com eles: Caiu de joelhos entre lágrimas e soluços – e rezou. E desta morte voluntária nasceu, como uma fénix nasce das cinzas, todo um novo mundo pleno de vida que eclipsou poderosamente a anterior vida da vizinha cidade da morte. Nasceu um lugar de peregrinação e uma cidade para crianças pobres, dando vida terrena a milhares de pobres e vida sobrenatural a milhões pelo mundo inteiro. O Valle di Pompeii é visitado por um milhão de pessoas em cada ano, por vezes 50,000 pessoas num só dia, se é de festa. Como aconteceu tudo isto? Sim, esse é o milagre. Se a Madonna di Pompeii não tivesse feito milagres irrefutáveis, tal como estão descritos no folheto “O Lugar de Graça de Nossa Senhora do Santo Rosário no Valle di Pompeii”, o maior milagre seria o de conseguir que um advogado desconhecido duma moderna Itália [unida] do pós-1871 encontrasse um lugar de peregrinação nas ruínas duma cidade pagã....

O que é que impressionou o Padre Kentenich neste artigo? Estava aqui um lugar de graça que *não* tinha começado a partir duma aparição ou dum milagre físico mas por alguém inspirado pela Divina Providência. Estava aqui um lugar de renovação não só religiosa mas também social. Estava aqui um lugar de milagres de transformação interior. Mais tarde o Padre Kentenich citaria especialmente as últimas linhas do artigo: “Como aconteceu tudo isto? Sim, esse é o milagre. Se a Madonna di Pompeii não tivesse feito milagres irrefutáveis.... o maior milagre seria o de conseguir que um advogado desconhecido duma moderna Itália [unida] do pós-1871 encontrasse um lugar de peregrinação nas ruínas duma cidade pagã.”¹⁵⁸

¹⁵⁸ O Padre Kentenich realça especialmente esta citação do artigo em pelo menos dois dos seus escritos: “Schönstatt als Gnadenort”, (escrito em Dachau em 1944; ver TzV Sch, pág. 107) e Schlüssel 1951 (ver TzV Sch, págs. 192-193).

Acaso seria que Deus queria um lugar de graça como aquele, que surgisse um lugar de peregrinação a partir da pequena congregação de Schoenstatt, transformando a pequena capela prevista agora para ser o novo lar da congregação? Esta pergunta prendeu fortemente o Padre Kentenich, que entrou num período de luta pela vontade de Deus. Significaria atreverem-se a acreditar que a iniciativa humana podia “fazer descer” o divino para criar um lugar de graça. O próprio facto de envolver um *lugar de peregrinação* provocava uma ainda maior incerteza.¹⁵⁹ Significava a criação de um lugar de graça com importância em círculos para lá da congregação de Schoenstatt. Mas por outro lado, se Maria tinha sido convencida pelo simples trabalho de Bartolo Longo, não poderia Ela também ser persuadida aqui?

A pergunta não era nada fácil. O Padre Kentenich descreveu-a uma vez da seguinte forma:

Agora provavelmente perguntarão: Como é que eu cheguei à ideia de que Nossa Senhora devia trabalhar a partir *deste* ponto de vista?.... Logo a seguir ao começo da guerra li um artigo – era bastante pequeno – que contava a história dum convertido chamado Bartolo Longo em Itália....

Tudo o que vejo e oiço tento conduzir à questão: O que é que Deus me quer dizer? Como sabem, eu tinha um forte impulso para educar. O segundo ponto era o grave perigo – a Guerra Mundial tinha começado em Agosto de 1914. Como ia eu educar os rapazes e conduzi-los à auto-educação? Que perigos teriam eles que enfrentar? Conseguem perceber que, de acordo com a minha maneira de pensar, disse para mim próprio: Se era possível verdadeiramente fazer descer Nossa Senhora da forma descrita, porque não podia eu, porque não podíamos nós fazer o mesmo? Não era, porém, minha intenção que acontecessem milagres de ordem física, mas que Nossa Senhora Se mostrasse como a grande educadora e fizesse milagres de educação de transformação espiritual. (1963)¹⁶⁰

Esta era a questão incisiva da decisão do Padre Kentenich: a urgência da guerra e uma ideia de “fazer descer” a Mãe Santíssima para criar um lugar especial de graça, uma ideia que soava ser quase impossível de levar para a frente. Sem qualquer outra certeza de que este era o passo certo, a não ser a convicção de que Deus lhe tinha falado através dum artigo de jornal – e que falava através do pequeno mas específico começo da congregação de Schoenstatt – o Padre Kentenich chegou finalmente, depois de um profundo discernimento, à conclusão de que se tratava verdadeiramente

¹⁵⁹ cf. “Schönstatt als Gnadenort”, em TzV Sch, pág. 104.

¹⁶⁰ SANTUÁRIO LAR, pág. 11.

da vontade de Deus. Foi um salto de fé, a que mais tarde chamaria a mais difícil decisão da sua vida, mais difícil ainda que a decisão de 20 de Janeiro de 1942 quando livremente abdicou da oportunidade de escapar à sua deportação para o campo de concentração. Não haveria, na sua longa vida, outra decisão que exigisse mais fé do que este “sim” à vontade de Deus – um sim a que faltava o benefício de algo mais que o mais ténue vislumbre da luz divina.¹⁶¹

O ACTO DA FUNDAÇÃO

A data inicialmente prevista para o início das aulas era o fim de Setembro mas a guerra acabou por adiar esse começo para um pouco mais tarde. Dez dos rapazes mais velhos regressaram em meados de Setembro, apenas para ajudar no trabalho necessário para colocar a Casa Velha novamente pronta para aulas e dormitório, uma vez que a Casa Nova estava agora cheia de soldados feridos.¹⁶² As quatro classes mais velhas foram convocadas no dia 1 de Outubro mas estiveram duas semanas a continuar o trabalho de transformação antes das aulas realmente começarem. A classe seguinte (a terceira classe, a de Joseph Engling) só seria chamada quando se arranjou mais espaço – mais concretamente depois do dia 18 de Outubro e na primeira semana de Novembro. Não havia lugar para as duas classes mais jovens, que tiveram que regressar ao velho colégio em Ehrenbreitstein.¹⁶³

À chegada encontraram uma situação muito diferente da que tinham deixado. Entre 200 a 260 soldados ocupavam agora a Casa Nova no monte e apenas a capela, a pequena sala de jantar dos Padres e Irmãos e mais alguns quartos permaneciam disponíveis para o colégio. Com 83 jovens enfiados dentro da Casa Velha, os quartos eram apertados e simples. Não tinham camas (estavam reservadas para os soldados feridos), apenas uns colchões de palha colocados tão perto uns dos outros que quase não havia espaço para se andar entre eles. A oração da noite era rezada na sala de aula – mas ninguém se podia ajoelhar porque não havia espaço. Dado que as refeições e a capela eram ainda na Casa Nova, os rapazes tinham que subir e descer o monte

¹⁶¹ cf. MONNERJAHN, págs. 66s. Ver também Schlüssel 1951 (ver TzVSch, págs. 182-183, 196); FAMÍLIA 1953, pág. 250s; Conversa de 18 de Junho de 1965 (234); *Rom-Vorträge* (1965) I 107s; OB 1949, pág. 14 (ver segmento traduzido no Capítulo 12).

¹⁶² cf. CARTA A J. FISCHER, de 19 de Setembro de 1914.

¹⁶³ SKOLASTER, pág. 135 e a crónica do Seminário de Schoenstatt esclarecem bem sobre a data de regresso a 1 de Outubro para as quatro classes maiores. A data de meados de Outubro que consta em MONNERJAHN, pág. 67 e SCHULTE (1932), pág. 84 conta com o regresso em “retalho” da classe seguinte.

seis vezes por dia. Resumindo, a Casa Velha estava repleta com as dificuldades de dormitórios frios, ratos e vento que assobiava por entre as telhas. Mas ninguém se queixava. Era tempo de guerra e cada cidadão tinha que se sacrificar.¹⁶⁴

Mas independentemente da situação no exterior, pelo menos a Congregação Mariana podia regressar à acção. O primeiro Domingo depois de terem começado as aulas foi o dia 18 de Outubro de 1914, um belo dia de sol. Este era o dia em que a congregação se reunia para a sua primeira reunião na capela de São Miguel, já renovada.¹⁶⁵ Eram cinco horas da tarde e estima-se que estivessem cerca de 50 rapazes a tomar parte deste acontecimento histórico: 14 eram dos congregados admitidos em Abril e cerca de 40 outros eram candidatos mais novos que seriam admitidos em Dezembro.¹⁶⁶ Deve ter havido grande antecipação sobre o que o director espiritual iria dizer. Havia a guerra a considerar, ou iria ele lançar um plano de acção para a vida deles nas apertadas instalações? E o lugar – a capela – certamente iria falar da nova casa deles!

O Padre Kentenich tinha-se preparado rezando muito. Ele pressentiu que Deus estava a pedir algo de extraordinário para este momento e com estes jovens. Há provas de que ele já andava a preparar esta conferência em fins de Agosto, ainda sem saber com certeza a data de início do ano escolar.¹⁶⁷ Ele tentou encontrar o tom certo para apresentar um “pensamento ousado, quase ousado demais para o público, mas não para vocês”. E decorou as suas próprias palavras, para que fossem claras e objectivas quando as apresentasse.¹⁶⁸

O seu discurso para o dia 18 de Outubro estava dividido em duas partes principais. Na *segunda parte* teceu considerações sobre o que Deus estava a dizer através da guerra. Ele descreveu-o como um “retiro” muito sério e profundo conduzido por um Deus que procurava restaurar a relação que estava em rápida desintegração, entre Ele próprio e o homem moderno, uma relação bastante enfraquecida pela crescente arrogância do homem como “senhor da terra”. Realçou também que este pecado por trás da guerra é aquele “contra o qual, como padres, declaramos guerra”

¹⁶⁴ cf. SCHULTE (1932), págs. 83-86; SKOLASTER, págs. 135-136.

¹⁶⁵ Um relato oral descreve o dia como ameno e soalheiro e que o Padre Kentenich tinha levado os rapazes a dar um passeio antes da conferência. Este autor não conseguiu confirmar ou desmentir este relato.

¹⁶⁶ Como reconstrução de registos da congregação, cartas e outros documentos de arquivo do Padre Heinrich Hug (2003)

¹⁶⁷ Ver a análise do manuscrito do Padre Heinrich Hug.

¹⁶⁸ cf. Conversa de 18 de Junho de 1965

com as armas da “penitência, auto-disciplina, auto-controlo: auto-santificação”.¹⁶⁹
(Alguns dos excertos desta parte poderão ser encontrados na página 133.)

Mas tudo dependia agora da *primeira parte*. Eis a ideia principal: propor um plano novo e desafiante, um plano conhecido agora pela *Acta da Fundação* de Schoenstatt, palavras escolhidas para transformar aquela pequena capela em Schoenstatt num Santuário Mariano e lugar de peregrinação e destinado a fazer nascer um novo movimento para a Igreja. A sua importância é tal que o deixamos falar por si próprio:

*A ACTA DA FUNDAÇÃO (18 de Outubro de 1914) (texto integral)*¹⁷⁰

Programa: *Aceleração do desenvolvimento da nossa própria santificação e, desse modo, transformação da nossa Capelinha em lugar de peregrinação.*

1. Primeiro que tudo quero voltar a saudar-vos, depois de muito tempo, de novo com a bela saudação: Nos cum prole pia benedicat Virgo Maria. É a primeira vez que esta palavra dos Congregados [P. Kentenich refere-se ao costume tradicional entre os Congregados Marianos de se saudarem com a expressão: Nos cum prole pia...] se faz ouvir aqui neste lugar. Oxalá continue a ecoar, a ressoar através de todos os tempos vindouros!

2. Pai, mãe e filhos alegram-se quando podem mudar-se para uma casa sua, mesmo que esta, comparada com a magnífica casa alugada que acabam de deixar, seja modesta e pobre. A ideia: a casa é nossa, compensa largamente as outras vantagens. Hoje também podemos gozar esta autêntica alegria familiar. Esta capelinha pertence à nossa pequena família de Congregados, à frente da qual está a nossa Mãe do Céu. Pertence-nos inteiramente a nós e só a nós! Cedemos sem inveja aos outros a capela da casa, mais bonita, até agora a nossa casa alugada. Alegramo-nos e não permitimos que ninguém nos tire esta alegria. Além da alegria, também um sentimento de justo orgulho faz hoje bater com mais força os nossos corações. Porque a capelinha, desde que há memória, mais ou menos abandonada, deserta e vazia, foi restaurada por nós, por nossa iniciativa e por nós foi entregue a Nossa Senhora. Pelo menos desde que os Palotinos por aqui andam e actuam, estas paredes nunca viram uma decoração mais bonita do que a de hoje.

¹⁶⁹ cf. KASTNER, págs. 293-299, afirmações citadas da pág. 297 e da pág. 298.

¹⁷⁰ Kentenich, conferência, cf. citação em KASTNER, 289-293. Ver também a primeira versão de MTA IV (15 de Junho de 1919, págs. 59-61. Ver também SCH: FD, págs. 27-34. Numeração dos parágrafos adicionada. Ênfase como em KASTNER, presumivelmente baseado no manuscrito original.

Poderemos ver neste facto tão positivo um presságio com vista ao desenvolvimento futuro da nossa jovem Congregação?

3. Sem dúvida! Seria uma obra de alto valor, digna do suor e da dedicação dos mais nobres, se nós, Congregados, conseguíssemos fazer penetrar na nossa instituição um amor ardente a Maria e uma aspiração ideal dos estudantes à virtude, como até agora nunca existiu.

4. Mas porque falo com tanta hesitação, com tanta reserva? Terei perdido a confiança em vós? É verdade que da nossa florescente Congregação só restam as ruínas. Mas dentro em breve, destes escombros vai brotar uma vida nova. Disso dão-me a garantia a vossa colaboração fiel no passado e a autenticidade do espírito mariano que conquistastes. É verdade que alguns ideais podem ter-se esboroadado durante as férias, sob a influência do fumo e da poeira da vida diária; é verdade que um ou outro princípio que tínhamos abraçado durante o ano e que considerávamos irrevogável pode não ter superado a prova da vida prática. Mas tenho a certeza que uma coisa nos ficou: foi a convicção de que o Congregado autêntico e a verdadeira grandeza moral e religiosa da perfeição de estado são inseparáveis. E tal como no fim do ano passado, também hoje nos anima a vontade de vencer, de atingir o ideal da nossa Congregação. Não, meus queridos Congregados, não perdi a confiança em vós. Sei que, se continuarmos a construir sobre o que conseguimos até agora, faremos grandes progressos durante este ano, tal como nos propusemos no ano passado.

5. No entanto, este lento desenvolvimento da graça da nossa vocação e o grau mais elevado de espírito religioso e apostólico a que ele conduz não constituem o objectivo que vos quero propor. A minha exigência é incomparavelmente maior. Cada um de nós deve atingir o grau mais elevado que se possa imaginar da perfeição e santidade de estado. O objectivo da nossa aspiração mais intensa não deve ser simplesmente o grande e o maior, mas precisamente o máximo. Compreendereis que só ousar apresentar uma exigência tão extraordinária sob a forma de um modesto desejo.

6. Mas se quereis saber a origem deste desejo, permitireis, com certeza, que vos revele uma secreta ideia predilecta.

7. Quando Pedro viu a glória de Deus no Tabor, exclamou, encantado: «É bom estar aqui. Vamos construir aqui três tendas!» Esta palavra vem-me constantemente à memória. E já várias vezes me perguntei: Não seria possível que agora a capelinha da nossa Congregação se tornasse também o nosso Tabor, no qual se revela a glória de Maria? Não podemos, sem dúvida, realizar uma acção apostólica maior, não podemos legar aos nossos sucessores uma herança mais valiosa, do que mover Nossa Senhora e Rainha a estabelecer

aqui, de maneira especial, o Seu trono, a distribuir os Seus tesouros e a operar milagres de Graça. Imaginais onde quero chegar: gostaria de transformar este lugar num lugar de peregrinação, num lugar de graças para a nossa casa, para toda a província alemã [Circunscrição territorial de governo da Sociedade dos Palotinos que abrangia então as respectivas casas e instituições na Alemanha.] e talvez para ainda mais além. Todos os que aqui vierem para rezar, devem experimentar a glória de Maria e confessar: É bom estar aqui. Queremos construir aqui tendas, este deve ser o nosso lugarzinho predilecto! Uma ideia ousada, talvez ousada demais para o público em geral, mas não ousada demais para vós. Quantas vezes, na história mundial, as coisas pequenas e insignificantes foram a fonte de coisas grandes e das coisas maiores. Porque não poderia acontecer o mesmo no nosso caso? Quem conhece o passado da nossa Congregação não terá dificuldade em acreditar que a Providência Divina tem planos especiais a seu respeito.

8. Ao dizer estas coisas, meus queridos Congregados, sinto que encontrei eco. Os vossos corações inflamaram-se. Fizestes vosso o meu plano. Entrego tranquilamente este plano e a sua realização nas vossas mãos e não receio registá-lo na nossa crónica. As gerações futuras poderão depois julgar-nos. Conseguiremos atingir o nosso objectivo? Na medida em que depender de nós – e isto já o digo sem qualquer hesitação e dúvida, mas com toda a confiança – todos nós, meus queridos Congregados, faremos tudo o que for possível. Tal como para o nosso segundo patrono, S. Luís Gonzaga, uma capela dedicada a Nossa Senhora em Florença se transformou em berço da santidade, o berço da santidade para nós deve ser esta capela. E esta santidade fará uma suave pressão sobre a nossa querida Mãe do Céu e atraí-la-á para junto de nós.

9. Aconteceu há mais de cinco séculos. Ingleses e franceses dilaceravam-se numa guerra sangrenta. A França está prestes a ser inteiramente destruída. Ao mesmo tempo que isto acontece, uma rapariga simples de uma aldeia francesa implora em intensa oração a Nossa Senhora a salvação do seu rei. De repente aparece-lhe o arcanjo São Miguel e diz-lhe: «Aquele que o Altíssimo reconhece como Sua Mãe ordenou-me que viesse a ti e te anunciasse que deves empunhar a espada, cingir de ferro o teu corpo e defender a causa da justiça. Vais libertar a cidade de Orleães dos inimigos e conduzir o rei a Reims para a coroação. Atrás do altar da Igreja de Santa Catarina em Fierbois está enterrada uma espada. Manda-a desenterrar e cinge-te com ela.»

10. A jovem chamava-se Joana d’Arc, conhecida na história sob o nome: virgem de Orléans. Pio X beatificou-a em Maio de 1909.¹⁷¹ Para mim, é como se Nossa Senhora, neste momento, aqui na antiga capelinha de São Miguel nos falasse pela boca do arcanjo:¹⁷²

11. Não vos preocupeis com a realização do vosso desejo. *Ego diligentes me diligo*. Eu amo os que Me amam [Prov 8,17]¹⁷³. Provai primeiro que Me amais realmente, que levais a sério o vosso propósito.¹⁷⁴

[A. Texto original do manuscrito de 18 de Outubro de 1914:]*

Agora tendes a melhor oportunidade para o fazer. Segundo o plano da Providência Divina, a grande guerra mundial¹⁷⁵ com os seus poderosos impulsos deve constituir para vós um meio extraordinariamente proveitoso para a obra da vossa própria santificação. Exijo esta santificação de vós. Ela é a armadura com que vos deveis revestir, a espada com a qual deveis lutar pelos vossos desejos.

[B. Modificações escritas no manuscrito original, finais de 1915:]

Agora tendes a melhor oportunidade para o fazer. E não penseis que seja algo de extraordinário, se nos tempos grandes e sérios que são os de hoje, elevardes ao máximo as exigências em relação a vós próprios. Segundo o plano da Providência Divina, a grande

¹⁷¹ Joana d’Arc foi canonizada pelo Papa Bento XV em 1920.

¹⁷² A escolha de São Miguel como “porta-voz” é óbvia (capela e estátua de São Miguel, história de Joana d’Arc). A escolha de falar pela voz de Maria poderá mostrar uma ligação a LIGOURI, pág. 143, onde São Afonso utiliza um tom de voz semelhante para exprimir uma mensagem também semelhante: “Meus filhos”, parece dizer Maria, “quando o inimigo vos persegue, voem até Mim; poisai os vossos olhos em Mim e ficai tranquilos; porque sou a vossa Defensora, a vossa vitória está assegurada.”

¹⁷³ Ver LIGOURI, pág. 63 para um uso semelhante desta citação do Livro dos Provérbios.

¹⁷⁴ No seu 80º aniversário, o Padre Kentenich diz: “Podem ver, a nossa cooperação activa era tão importante – para todos os efeitos acabou por não ficar escrita (*schriftliche Fixierung*) – que quando *pedi* a Nossa Senhora que viesse e ficasse aqui, por eu pensar que era esse o plano da Divina Providência, acrescentei especificamente: que se o plano divino fosse que Deus, por intercessão de Maria, fizesse isto sozinho, então eu pediria: por favor, que não o fizesse *sem* nós!” (Conferência de 16 de Novembro de 1965, pág. 31s.). Ver também APL 1928, pág. 9s. (citado no início do capítulo 7) e conferência para casais em Milwaukee (1955?), em J. Niehaus, *Gilbert Schimmel: O objectivo coroa o Trabalho*, pág. 129.

* A Acta da Fundação tem três versões do final, todas escritas pelo Padre Kentenich e consideradas como oficiais, embora a Fim C (1919) seja o mais citado, inclusive pelo próprio Padre Kentenich.

¹⁷⁵ O Padre Heinrich Hug sugere que o Padre Kentenich usou o termo “Guerra Mundial” em vez de “Grande Guerra da Europa” a 18 de Outubro. Ele baseia-se numa referência a “Guerra Mundial” na CARTA A J. FISCHER de 8 de Setembro de 1914. O Padre Hug propõe que “Grande Guerra da Europa” já tinha sido substituído por “Guerra Mundial” no início de Setembro de 1914 no processo da elaboração da Acta da Fundação. A mudança de termo não afecta o significado do texto e pelo menos na parte Fim B o termo “Guerra Mundial” está claramente escolhido.

guerra mundial com os seus poderosos impulsos deve constituir para vós um meio extraordinariamente proveitoso para a obra da vossa própria santificação. Exijo esta santificação de vós. Ela é a armadura com que vos deveis revestir, a espada com a qual ireis libertar o Reino de Deus¹⁷⁶ dos Seus poderosos inimigos. Conquistai muitos méritos através do cumprimento fiel e consciente do dever e colocai-os à Minha disposição.¹⁷⁷ Então estabelecer-Me-ei de bom grado entre vós e distribuirei dons e graças em abundância.

[C. Primeira versão publicada na revista “MTA”, Vol. IV, p. 59-61, a 15 de Junho de 1919:]

Agora tendes a melhor oportunidade para o fazer. E não penseis que seja algo de extraordinário, se nos tempos grandes e sérios que são os de hoje, elevardes ao máximo as exigências em relação a vós próprios. Segundo o plano da Providência Divina, a grande guerra mundial com os seus poderosos impulsos deve constituir para vós um meio extraordinariamente proveitoso para a obra da vossa própria santificação. Exijo esta santificação de vós. Ela é a armadura com que vos deveis revestir, a espada com a qual deveis lutar pelos vossos desejos. Trazei-Me diligentemente contribuições para o Capital de Graças: conquistai muitos méritos através do cumprimento fiel e consciente do dever e de uma zelosa vida de oração e colocai-os à Minha disposição. Então estabelecer-Me-ei de bom grado entre vós e distribuirei dons e graças em abundância; então, daqui, atrairei a Mim os corações juvenis e educá-los-ei como instrumentos aptos nas Minhas mãos.

A ALIANÇA DE AMOR

O dia 18 de Outubro de 1914 é, para a família de Schoenstatt, o dia da sua fundação bem como o dia da aliança de amor que inspira toda a sua espiritualidade.

No dia 18 de Outubro de 1914 o Padre Kentenich estava consciente do significado e das possíveis ramificações das suas palavras, mas esteve depois cinco anos em cautelosa observação da vida (até 1919) até ficar convencido de que aquilo que ele

¹⁷⁶ O Padre Menningen realça que a alteração de “país” (=Vaterland) no Fim A para “Reino de Deus” no Fim B corresponde à mudança de opinião na Alemanha sobre a guerra entre 1914 e 1915. No Outono de 1914 o entusiasmo patriótico não tinha ainda esmorecido; em meados de 1915 as chocantes realidades da guerra deram lugar a um tom menos exuberante em relação à Vaterland. Ver MENNINGEN (1972), E-8 e E-9.

¹⁷⁷ De acordo com o Padre Menningen, esta frase é um claro sinal de que o Fim B tem a sua origem durante o estudo da obra de São Luís de Montfort “A verdadeira devoção a Maria” (fim de 1915, princípio de 1916) pois faz referência a atribuir os nossos méritos a Maria, “que o Padre Kentenich não tinha explicado teologicamente [a 18 de Outubro de 1914] mas que fazia parte desse heróico acto de amor. Dado que [a atribuição dos méritos] se tinha tornado já uma vivência generalizada e lhe parecia uma confirmação clara [do objectivo inicial], tornou-o explícito na segunda apresentação [= Fim B] usando os termos da devoção Mariana de DeMontfort.” MENNINGEN (1972), E-9.

acreditava ser um acto de fé se confirmava também por uma clara prova de fecundidade divina, a que ele chamava “resultante criadora”¹. Parte desta “resultante” foi a rapidez com que a juventude assumiu a ideia também como sua. Sobretudo, ele percebeu que Maria aceitou verdadeiramente este convite para se vir estabelecer no Santuário de Schoenstatt no dia 18 de Outubro de 1914, e que isto era a verdadeira “intervenção do divino” a marcar a fundação de um novo e distinto trabalho dentro da Igreja.²

Quando Schoenstatt se organizou como Movimento Apostólico em 1919, os primeiros membros consideraram ser esta a data da sua fundação. O enfoque principal em 1934, por exemplo, era o 15º aniversário do movimento, não o 20º aniversário do 18 de Outubro. Mas a década dos anos 20 presenciou algumas tendências para considerar 1914 como o momento cheio de graça da fundação, incorporando desde cedo o título da “Acta da Fundação” (por volta de 1924) para a conferência do dia 18 de Outubro de 1943.³ A conferência, publicada pela primeira vez na revista “MTA” em 1919, ganhou maior divulgação quando foi re-publicada em 1933, e em 1935 quando apareceu com o título “Acta da Fundação”.⁴

A expressão “aliança de amor” precisou também de um processo de vários anos. A primeira geração falava da sua “consagração” (*Weihe*). Algumas questões levantadas por oficiais da Igreja por volta de 1935 levaram a um novo esclarecimento. Este “segredo de Schoenstatt” não se podia confundir com um *contractus bilateralis onerosus*, ou seja, um contracto que de alguma forma “obrigasse” Maria a vir e ficar por uma obrigação de justiça, mas antes era um *contractus bilateralis gratuitus*, um compromisso mútuo em que cada lado participa livremente por um acto de amor.⁵ Deste modo, tal como a consagração de qualquer membro da Congregação Mariana, apela à aceitação livre de Maria, mesmo adicionando (ao contrário da congregação) o elemento específico de convidar Maria a vir e instalar-Se no Santuário de Schoenstatt.

Pode então dizer-se que é mais uma *aliança* que um contrato. A partir daqui, foi só um pequeno salto para chegar à expressão final de *aliança de amor*. É porém interessante que este passo final se tenha dado no campo de concentração de

¹ cf. Conversa de 18 de Junho de 1965 (232).

² cf. Conferência para Padres de Schoenstatt, a 12 de Abril de 1966, e noutros locais.

³ O Padre Heirich Hug explica que o Padre Kastner começou a usar o título de “Acta da Fundação” para o discurso de 18 de Outubro de 1914 no Outono de 1924.

⁴ cf. VAUTIER, pág. 186 e sobre o uso frequente pelo Padre Kentenich que começou em meados da década dos anos 30 ver Tagung für Bundespriester 1935.

⁵ “Segredo de Schoenstatt” ver MONNERJAHN, pág. 121; *contractus bilateralis*, ver VAUTIER, pág. 184 e MONNERJAHN, págs. 140 a 145.

Dachau, onde a expressão “aliança de amor” foi cunhada pelo Padre Kentenich em 1944.⁶

O que implica esta aliança? Numa conferência dada em Milwaukee no dia 28 de Outubro de 1963, o Padre Kentenich tentou apresentar os seus contornos numa forma simplificada de “seis promessas e seis pedidos”.⁷ Costumam estar delineadas da seguinte forma (com todos os elementos retirados da Acta da Fundação):

Maria promete

- 1) “Estabelecer-Me-ei de bom grado entre vós”
- 2) “e distribuirei dons e graças em abundância”
- 3) “A partir deste lugar atrairei a Mim os corações jovens”
- 4) “Educá-los-ei”
- 5) “a converterem-se em instrumentos aptos”
- 6) “nas Minhas mãos.”

De nós, Maria pede:

- 1) “Com as vossas obras, provem primeiro que Me amam realmente”
- 2) “Elevai ao máximo as exigências em relação a vós próprios”
- 3) “É esta a santificação que vos peço”
- 4) “Trazei-me diligentemente contribuições para o Capital de Graças”
- 5) “Cumprí fielmente os vossos deveres”
- 6) “Tende uma zelosa vida de oração”.

Finalmente, não é possível esquecermo-nos da forma maravilhosa como a aliança de amor se tem enraizado pelo mundo aumentando o número de santuários. Nos dias de hoje o Santuário Original de Schoenstatt está ampliado por mais de 170 réplicas de santuários **filiais** (em 30 países) e inúmeros santuários de beira da estrada, santuários Lar, santuários Coração e santuários de Peregrinação situados por todo o lado desde o Alasca até à Antártida.⁸

⁶ cf. VAUTIER, pág. 182-183.

⁷ cf. conferência de 28 de Outubro de 1963, manuscrito não publicado. O Padre Kentenich utiliza aqui uma numeração um pouco diferente da que mais tarde se tornou a tradicional: ele junta a primeira e segunda promessas numa só e a sexta promessa é “A partir deste lugar salvarei a missão salvífica do Mundo Ocidental”, enquanto a ordem dos pedidos é 1, 2, 6, 5, 4, 3. Ver SANTUÁRIO LAR, págs. 5-7.

⁸ Existe um Santuário Lar no Alasca desde 1975, pertencente à família Warhus. Desde o dia 8 de Dezembro de 1984 existe um santuário de beira da estrada na Antártida, colocado por uma expedição com contactos na Família de Schoenstatt em Londrina no Brasil (ver Schoenstatt, de 12 de Dezembro de 2003: “A ermida mais austral do mundo”).

APÊNDICE: O DESAFIO DA GUERRA*

(excertos da segunda parte da conferência no dia 18 de Outubro de 1914)¹⁷⁸

Meus queridos Congregados, podem ver agora o significado profundo que a actual guerra tem para o futuro da nossa congregação e da nossa capela. Está tudo dependente de vivermos a perfeição da nossa situação de vida. Para isto, a guerra serve como

1. um extraordinário catalisador,
2. um instrumento verdadeiramente merecedor da nossa iniciativa.

Vamos querer pegar nestes dois pensamentos e analisá-los melhor.

1. Tal como li recentemente no jornal, “A seriedade dos tempos actuais é feita de ferro, como a espada que os nossos guerreiros carregam.” Eis-nos assim no grande momento pelo qual devemos agradecer a Deus e fazer uso dele... Se formos capazes de extrair deste tempo de crise a enorme vantagem espiritual que ele nos pode trazer, ele tornar-se-á um verdadeiro tempo de graça e de Deus. Mas se deixarmos que este grande e decisivo momento passe por nós sem o usarmos, não teremos uma oportunidade tão boa como esta no futuro mais próximo....

A guerra é uma poderosa missão ou, adaptado à nossa linguagem, uns exercícios espirituais muito eficazes. O resultado destes exercícios será muito melhor, uma vez que o pregador dos exercícios é o próprio Deus infinito, Aquele que melhor conhece o coração humano. Ele fala-nos não por palavras mas por acontecimentos grandiosos, um drama de grande suspense em que cada um de nós tem um papel a desempenhar....

O homem depende totalmente de Deus na sua mais íntima essência. Mas quanto mais o homem moderno se empenha em construir em altura a torre da sua cultura, mais cego de Deus se torna. Este é o momento em que o Todo Poderoso desce furioso do Céu para restabelecer os Seus direitos soberanos. Ele revela-Se em terrível majestade às nações que tremem com medo. A Sua voz faz-Se ouvir entre os trovões e relâmpagos dos canhões e entre os tremores da terra como aquela vez no Sinai, quando se ouviu no meio daquela tempestade da natureza: “Eu sou o Senhor, teu Deus! Não terás outro Deus senão Eu” (Ex 20, 2 s).

“Fala, Senhor, o Teu servo escuta” (1 Sam 3,10). Nas palavras de um grande homem, que mais tarde se tornou santo: “Senhor Deus, ensina-me a conhecer-Te,

* Esta parte seguia-se imediatamente após o Fim A da Acta da Fundação, mas não é considerada como parte dela.

¹⁷⁸ Kantenich, cf. citação em KASTNER, págs. 293s., 297, 298, 299.

ensina-me a conhecer-me.” Senhor Deus, [através dos desafios dos tempos] ensina-me a conhecer-Te e a conhecer-me! Este conhecimento tornará também maravilhosamente fecunda a nossa luta pela santidade.

2. Mas isto não esgota as vantagens que esta guerra nos traz nos planos da Providência Divina.... Queremos contribuir para o bem-estar da nossa pátria....

A arma, a espada com que queremos ajudar o nosso país a atingir a vitória é a penitência séria e austera, a auto-disciplina e o controlo da nossa vontade: a auto-santificação.

Tudo o que em nós não pertence a Deus – as inclinações e as paixões, o orgulho, a sensualidade, a cobiça, a lamentação – são estes os nossos falsos deuses....

Como vamos nós moldar tudo isto? Temos que plantar a cruz nos novos desafios destes tempos.

7. O DESENVOLVIMENTO DO ESPÍRITO

A proposta do dia 18 de Outubro de 1914 era atraente e emocionante. Mas poderia um lugar tão insignificante tornar-se realmente um santuário de Maria? Naquele dia tão decisivo, a pequena capela em nada se *assemelhava* aos grandes santuários Marianos da história a que se iria juntar – estava pintado de fresco por dentro e tinha uma nova estátua de São Miguel, claro, mas o altar era improvisado e pobre e nem sequer havia uma imagem de Nossa Senhora!

Por outro lado, os jovens estavam prontos a serem desafiados para grandes obras. Tal como o Padre Kantenich o descreveu em 1928:

[Em 1913-14] dissemos que usaríamos qualquer meio disponível para atingir o nosso objectivo. Foi a partir do momento em que reconhecemos o papel de relevo que a devoção Mariana tem na nossa [comunidade], que nos questionámos se nos atreveríamos a dizer a Nossa Senhora: Vem e permanece neste pequeno santuário e, com a nossa ajuda, atrai a Ti muitos corações! (....)

O plano estava delineado, já tínhamos a ideia. Para a aproveitar ao máximo dissemos: Querida Mãe do Céu, se vieres permanecer aqui e nos concederes as Tuas graças, não o faças sozinha; nós queremos ajudar, fazer sacrifícios, rezar o máximo que pudermos. (....) Se vieres e permaneceres na nossa capelinha, queremos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para atrair os corações das pessoas a Ti e conduzi-las ao Teu Filho.¹⁷⁹

A SITUAÇÃO NO OUTONO DE 1914

Mas tal como uma semente que é lançada à terra, ao princípio a proposta pareceu ficar perdida entre as preocupações da guerra. Esta ocupava os pensamentos de todos. Muitos dos recém-graduados do colégio que deveriam ter seguido para o noviciado em Limburg estavam a servir no exército. Ao chegar ao fim do ano, até as classes mais avançadas foram ficando mais vazias, à medida que os alunos mais velhos iam sendo chamados também para o exército. Os que eram membros da congregação mantiveram contacto com o Padre Kantenich e à medida que os montes de cartas iam aumentando, ele começava a delegar noutros membros da congregação a tarefa de manter viva esta correspondência com os congregados que estavam no exército.¹⁸⁰

¹⁷⁹ APL 1928, pág. 9s, ênfase acrescentado.

¹⁸⁰ cf. SKOLASTER, págs. 135-136 e CARTAS A J. FISCHER.

Mas nem todos os pensamentos estavam na linha da frente de batalha. A congregação tinha a sua própria vida e os rapazes estavam ansiosos por avançar. Poder-se-ia perguntar quanto é que os rapazes tinham percebido do plano do Padre Kentenich no dia 18 de Outubro de 1914. Segundo um dos presentes nesse dia e que mais tarde se tornaria padre diocesano no leste da Prússia, Bruno Angrik, os rapazes perceberam que por intermédio dos seus esforços, esta capela de São Miguel seria transformada num lugar de peregrinação.¹⁸¹ Assumiram esta ideia como sua, onde ela ganhou raízes, no início de forma silenciosa, e depois se espalhou para muitos dos que não tinham estado presentes.¹⁸²

Por outro lado, quando (depois da guerra) alguns dos congregados mais activos souberam pelo Padre Kentenich que este tinha sido o verdadeiro momento da fundação, quase não conseguiram acreditar. De alguma forma, a conferência de 14 de Outubro não se tinha evidenciado muito. Nas semanas e meses que se lhe seguiram o Padre Kentenich não se voltou a referir ao assunto, virando-se para outros tópicos.¹⁸³ Tal como referiu mais tarde:

Reparem que isto é importante para o futuro: Não aticei os fogos. Deixei fluir porque acreditava plenamente neste plano. Depois fiquei a observar o que ia crescendo gradualmente nas almas. (...)

Percebam que embora tivesse [a ideia] dentro de mim e fosse normal falar dela constantemente... [em alternativa] esperei para ver o que é que ficaria dentro deles, que rumo começaria aqui e que outro rumo começaria ali. E vi sempre nisso a vontade de Deus. (1965)¹⁸⁴

Este era um método típico do Padre Kentenich para perceber se algo era genuinamente de Deus. Se a semente plantada tivesse uma origem apenas humana, morreria rapidamente por falta de atenção, mas se ele tivesse interpretado correctamente os acontecimentos e a vontade de Deus estivesse realmente por detrás disto, então a sua energia e fecundidade dariam prova da sua origem divina.

¹⁸¹ Conversa entre o Padre Johannes Tick (da classe de Joseph Engling) e o Padre Bruno Angrik (um dos presentes na conferência de 18 de Outubro de 1914); ver os comentários do Padre Tick sobre a conversa de 18 de Junho de 1965 (223).

¹⁸² Incluindo Joseph Engling, que não tinha ainda sido chamado de novo a Schoenstatt no dia 18 de Outubro de 1914, apesar de histórias que afirmam o contrário. A história que o coloca a ouvir a Conferência da Fundação às escondidas por entre uma janela é o resultado de especulação.

¹⁸³ cf. Menningen/Engling, pág. 43 e conferência de 16 de Novembro de 1965, pág. 33.

¹⁸⁴ Conversa de 18 de Junho de 1965 (224).

UMA ESPADA DE DOIS GUMES

A energia e a fecundidade não se fizeram esperar muito. Embora o Padre Kentenich não promovesse abertamente a proposta do dia 18 de Outubro, esta tomou conta dos rapazes e manifestou-se naquele primeiro ano (1914-15) com numerosos frutos que definem a espiritualidade de Schoenstatt até aos dias de hoje. Estão aqui incluídos a imagem da MTA, o título Mãe Três vezes Admirável, o Capital de Graças e a missão de renovação da Igreja e do mundo, conhecida na altura por “paralelo Ingolstadt-Schoenstatt”.

Olhando de perto para as forças condutoras da Congregação de Schoenstatt no início do novo ano escolar, podemos compreender o desenvolvimento destes frutos. Duas dessas forças sobressaem especialmente como uma espada de dois gumes – um sério esforço pela santidade e um interesse pela justiça social que levou a trabalhar por um “estado ideal”.

1. *Luta pela santidade*

O primeiro lado consistia numa genuína *luta pela santidade*. Este ideal encontrou alguma resistência no princípio mas depois foi sendo aceite gradualmente, começando a atingar a imaginação dos alunos em Junho de 1914 (ver Cap. 6). Daí que o Padre Kentenich pôde intitular a sua conferência do dia 18 de Outubro: “Aceleração do desenvolvimento da nossa auto-santificação como uma forma de transformar a nossa capela num lugar de peregrinação.”

A seriedade com que encaravam a santidade foi uma força condutora no ano 1914-15. Po exemplo, muitas das reuniões gerais da congregação continham uma conferência dada por um dos membros sobre um santo: São Bonifácio (a 12 de Novembro de 1914, por Alois Rossol), São Bernardo (a 12 de Dezembro de 1914), São Domingos (a 19 de Dezembro de 1914, por Joseph Koch), São Francisco de Assis (a 9 de Janeiro de 1915, por Alphonse Fleuchaus), Santo Inácio de Loyola (a 16 de Janeiro de 1915, por Johann Lehmler), São Vicente Pallotti (a 23 de Janeiro de 1915, por Francis Lorscheid e Max Brunner), etc.¹⁸⁵ Entretanto, o lema “*Volo fieri sanctus magnus*” (Quero ser um grande santo; ver mais abaixo) começou a ser largamente divulgado entre os congregados.

¹⁸⁵ *Programworlagen der Congregatio Maior* como transcrito pelo Padre Heinrich Hug. Documentos de Arquivo, Monte Sião, Schoenstatt.

2. A Justiça Social e o “Estado Ideal”

O segundo lado da espada na vida da congregação era uma maior sensibilidade à *justiça social*. Sendo já um tema recorrente na Europa há muitos anos, tinha ganho maior visibilidade com a vitória sem precedentes do Partido Socialista nas eleições de 1912. Muitos dos alunos de Schoenstatt pertenciam à classe trabalhadora das regiões industriais da Alemanha e a pobreza não era desconhecida em muitas das suas famílias. De facto, muitos deles tinham vindo para este colégio precisamente porque o seminário Palotino era mais acessível para famílias Católicas mais pobres.

O estalar da guerra agudizou esta questão. No início, a guerra despertou um pequeno raio de esperança na classe trabalhadora: “A guerra não tem favoritos; estamos todos juntos nisto, etc.” Mas algumas semanas de dificuldades e de sacrifícios fizeram ressurgir antigas suspeitas – não teriam os ricos menos privações? Porque colocam eles a classe trabalhadora a lutar? Não estariam novamente a beneficiar o clero atribuindo-lhes estatutos de excepção? Os rapazes tinham estado em casa durante os meses de Agosto e Setembro, assistindo a ambos os estados de espírito, e trouxeram com eles para o colégio as questões sobre a justiça e a igualdade.¹⁸⁶

Na congregação, deu-se um aceso debate sobre a proposta duma “secção social”, mas acabou por perder força gradualmente quando os rapazes perceberam que o director espiritual não a apoiava. Quando se referiu ao assunto, o Padre Kentenich deixou bem claro que não se opunha à justiça social, apenas a conversas inconsequentes. No fim de 1914 deu-lhes uma conferência sobre a justiça social que os conduzia ao que *eles* podiam fazer. Entre outras coisas, disse-lhes:

A nossa auto-educação até agora [nesta área] ainda não passou o teste da vida quotidiana e real. É uma falta algo embaraçosa, senão não teríamos ficado sem saber o que fazer perante a questão da justiça social. O que nos leva à conclusão que se impõe: Este ano temos que compensar esta falta. Tenho que me educar com todas as minhas forças para compreender e trabalhar para a justiça social.

Penso que é este o presente, a graça que queremos pedir hoje à nossa Mãe do Céu. Sim, ó Bendita entre todas as Mulheres, toma os nossos corações e forma-os nesta área segundo o Teu próprio coração! (...)

O espírito da justiça social é o espírito do amor, da bondade, da atenção às necessidades dos outros, duma carinhosa empatia para com as angústias dos outros, duma

¹⁸⁶ cf. KASTNER, pág. 318.

ajuda rápida e discreta aos que dela necessitam. Em suma: o espírito de sacrifício do verdadeiro heroísmo Cristão. A luz vai nascendo devagar! E conseguiremos vê-la com maior nitidez quando vos digo que este espírito só se poderá desenvolver quando o egoísmo e o egocentrismo forem combatidos com determinação. E isto abre-nos um campo de iniciativa social muito vasto! (....)

Querem saber agora onde é que podem trabalhar pela justiça social? Bem, podemos trabalhar desde cedo de manhã até à noite bem tarde. Podemos fazer uma lista de todos os pontos do nosso horário e das regras e olhar para cada um quanto ao impacto social que pode ter. (...) A forma como podemos usar os jogos que jogamos juntos, o nosso tempo de lazer, as refeições que tomamos juntos! É claro que podemos desleixar o nosso dever e queixarmo-nos e criticarmos. Mas se o fizermos, não estaremos a dedicar-nos com seriedade à nossa auto-educação para a justiça social. (....)

Imaginem que um dos vossos colegas está triste, ou não tem amigos, ou não se dá com os outros, ou está sempre a ser gozado e ridicularizado. O nosso lugar é ao lado dos oprimidos; sermos especialmente seus amigos e, sempre que possível, protegê-los dos ataques. Só que em vez disso, muitas vezes somos nós próprios a atormentar os outros com o nosso comportamento e língua afiada. Precisamos de nos colocar na situação dos outros...¹⁸⁷

Tendo aplicado um cunho mais práctico à questão social, o Padre Kentenich mostrou-lhes como as duas secções já existentes poderiam contribuir para essa causa:



Sala de jantar dos alunos, 1912
(Fonte: *Neues Leben*, pág.29).

A Secção Missionária poderia dedicar-se ao valor das obras de misericórdia enquanto a Secção Eucarística trataria de aprofundar as raízes dessa misericórdia, trabalhando sobre o reconhecimento do Amor misericordioso do Nosso Salvador. Nesta última, o Grupo dos Bons Costumes trabalharia especialmente na aplicação destas atitudes à vida práctica de todos os dias, bem como na forma de chegar aos alunos que não eram populares.¹⁸⁸

¹⁸⁷ Kentenich, conferência, cf. citado em KASTNER, págs. 319, 323, 324.

¹⁸⁸ cf. KASTNER, pág. 306.

Nos anos que se seguiram, esta orientação originou discussões, especialmente na Congregação Menor, sobre a forma como a congregação poderia ajudar a converter o colégio no “*Estado Ideal*”, uma antecipação duma ordem social justa e em larga escala.¹⁸⁹ Quer por influência do trabalho missionário do Padre Ricci na China ou pela história das **reduções dos Jesuítas** na América do Sul, o “Estado ideal” implicava começar este trabalho em casa. O deteriorar das realidades da guerra acabou por fornecer muitas oportunidades para o pôr em prática, especialmente durante o rigoroso inverno de 1915-16, quando os rapazes tiveram que sobreviver dia após dia com um caldo de nabo deslavado. Cada quatro rapazes partilhavam uma taça de sopa, cada um à espera que lhe aparecesse pelo menos um bocado de batata. Com alguma sorte ficavam sentados ao lado do Joseph Engling ou do Hans Wormer, conhecidos por serem justos a servir a sopa e - maravilha das maravilhas! – por até servirem aos outros uma porção *maior* que a deles.¹⁹⁰ As respostas à questão da justiça social aqui não eram regras de governo, procuravam-se antes nas acções e nas atitudes dos próprios rapazes. Mais difícil de controlar era a fúria que o prefeito da disciplina despertava ao castigar rapazes esfomeados a ficarem sem uma refeição por terem cometido apenas uma pequena infracção. A procura de soluções pacíficas exigia muita auto-educação, para não deixar que o telhado explodisse. Tal como em todo o lado, também aqui o Padre Kentenich acentuava: *É aqui* que a justiça social começa por ter sucesso ou a falhar; *é aqui* que *nós* podemos fazer a diferença.¹⁹¹

“QUERO SER UM GRANDE SANTO”

Os dois gumes, os dois lados da “espada” começaram a fazer um corte concreto na vida dos jovens congregados. Por um lado, o desejo de se tornarem santos funcionou como um ideal que deu asas aos seus esforços. Por outro, as realidades da vida em tempo de guerra (focadas nos debates à volta da justiça social) traziam uma sobriedade que orientou os seus esforços para a vida prática diária. O desejo do Padre Kentenich não era que os seus alunos se tornassem sonhadores mas antes que fossem homens que tomassem o comando dos níveis natural e sobrenatural das suas vidas. Da sua parte, os rapazes levavam muito a sério o precioso espaço que a

¹⁸⁹ cf. MENNINGEN (1972), Spur 4, 155ss. / B-3 a B-11.

¹⁹⁰ cf. Menningen/Engling, pág. 75.

¹⁹¹ cf. MENNINGEN (1966), Spur 3, 87-110.

congregação lhes retirava da rotina do colégio, tornando-se cada vez mais os mestres das suas próprias vidas.

Em simultâneo, muitos dos rapazes procuravam conselho e consolo junto do Padre Kentenich. Desabafavam as suas frustrações, chegando a chorar quando as injustiças e sofrimentos se tornavam intoleráveis.¹⁹² E desta forma, os esforços pelos ideais mantinham os pés assentes na realidade. O Padre Kentenich tratava de não os mimar, querendo que crescessem o máximo possível segundo as capacidades de cada um. Se a estrutura da casa ou os professores ou superiores mostravam falhas ou fraquezas, isso não constituiria tema de conversa mas antes: *Que podemos NÓS fazer para melhorar esta situação?* Firme em não criticar o corpo docente à frente dos alunos, nem em casos de castigos injustos, o Padre Kentenich tratava destas questões directamente com os padres e professores, trabalhando no sentido de eliminar regras injustas, nem sequer informando os rapazes de que poderia estar para vir algum alívio nessa situação.¹⁹³ Pelo contrário, os desafios deveriam manter-se como oportunidades para que eles se tornassem “firmes, livres e apostólicos”.

Percebemos aqui a tendência que impulsionava os jovens – um forte e prático chamamento à santidade contra um pano de grandes desafios na vida diária. O chamamento à santidade era evidente em situações como o retiro do Outono e as conferências durante as férias do Natal. O primeiro colocou Max Brunner num caminho para a santidade, o último inspirou Joseph Engling.¹⁹⁴ Max não pertencia ainda à congregação, mas prestou muita atenção às palavras do Padre Kentenich: “Acredito que surgirá um santo entre aqueles que estão hoje a fazer aqui o seu retiro.”¹⁹⁵ Mais tarde, Max escreveria:

Não poderia eu também ser este santo?.... Queremos sempre ser fiéis nas pequenas coisas, portanto estamos no caminho mais fácil e mais certo para a santidade. Tenho mesmo que me tornar santo, porque é isso que quero; quero fazer a vontade de Deus, que quer que nos tornemos santos. *Quero tornar-me um grande santo! Quero, sim. Se outros o conseguiram, porque não eu? Quero, sim. Quero, sim. Quero, sim!* Quero lutar com todas as minhas forças para me tornar um grande santo! Amen!¹⁹⁶

¹⁹² cf. HAGEL.

¹⁹³ cf. MENNINGEN (1972), incluindo B-18 a 23. Para noção de como funcionava, ver Tagung für Bundespriester 1935, pág. 13.

¹⁹⁴ cf. Menningen/Engling, págs. 43-46; KLEIN (1952), pág. 10.

¹⁹⁵ KLEIN (1952), pág. 10.

¹⁹⁶ ibid.

No caminho para a santidade, o Padre Kentenich utilizou a estrutura organizacional da congregação como modelo dos “três princípios de governação”, dando assim simultaneamente aulas prácticas aos rapazes sobre liderança e submissão à autoridade. Estes princípios eram a *monarquia* (obedeço a uma única autoridade), *aristocracia* (obedeço à vontade de uns escolhidos), e *democracia* (obedeço à vontade do povo).¹⁹⁷ E o caminho para a santidade girava cada vez mais à volta da Mãe Santíssima, que permanecia, por agora, mais discreta num segundo plano, mas que em breve começaria a surgir com nova força.¹⁹⁸

O EXAME PESSOAL

Nos meses que se seguiram foram dados novos passos em frente, reunindo o entusiasmo dos jovens a uma condução inspirada e à graça. No dia 4 de Novembro de 1914, o Santíssimo Sacramento foi reposto permanentemente no santuário.¹⁹⁹ No início de Dezembro deu-se o retiro do Outono que chamava os alunos à santidade. No dia 8 de Dezembro de 1914 formou-se a Congregação Menor, a *Congregatio Minor*, com alunos das classes mais baixas.²⁰⁰ Já há alguns meses que estava a ser planeada, especialmente depois do sucesso da fundação da congregação em Abril.²⁰¹ Era dirigida pelos alunos da quarta classe e daí para a frente a Congregação Maior (ou *Congregatio Maior*) passou a ser constituída apenas pelos alunos das três classes mais velhas, enquanto a Congregação Menor abarcava os alunos das duas classes intermédias. Claro que nesta altura as duas classes mais novas estavam em Ehrenbreitstein por falta de espaço na Casa Velha.

Neste mesmo dia 8 de Dezembro entravam novos membros da quinta classe para a Congregação Maior (alunos do segundo curso), incluindo o seu opositor de longa data Max Brunner. Conquistado pelo seu amor a Maria, quando lhe pediram que falasse no fim da cerimónia, ele cunhou estas palavras memoráveis na história de

¹⁹⁷ cf. KASTNER, pág. 219. Ver também MENNINGEN (1972), B-3 a B-11, esp. 8-11 e OB 1949, pág. 59.

¹⁹⁸ cf. KASTNER, pág. 317s. para um momento nos finais de 1914 quando o Padre Kentenich fez um novo apelo eficaz ao amor dos rapazes por Maria.

¹⁹⁹ cf. HUG (Texto), págs. 50ss. e KLEIN (1952), pág. 10.

²⁰⁰ cf. HUG (Texto), pág. 52.

²⁰¹ cf. MTA II, 57.

Schoenstatt: “*Ave Imperatrix! Morituri te salutant!*” Ave, Ó Rainha, os que se preparam para morrer (por Vós) saúdam-Vos!²⁰²

Mas o que seria dos grandes ideais e das grandes palavras no dia seguinte? Objectivos elevados necessitam dum esforço constante e foi este o tema que o Padre Kentenich abordou em Dezembro de 1914 à medida que o brilho do retiro e da consagração da congregação se foram esbatendo. As firmes resoluções lutavam agora contra a corrente da vida do dia-a-dia, e era necessário superar o perigo de as esquecer. Sugeriu um método “surpreendentemente simples e práctico” para manter estes planos de batalha pela santidade: escrevê-los e revê-los regularmente.²⁰³

Tratava-se do “exame pessoal”, uma prática que já contava com a adesão de alguns santos, como lhes fazia notar o Padre Kentenich. Referiu o mártir Peter Chanel (1803-1841), que escreveu os seus propósitos de vida aos 16 anos, terminando: “Voltarei a ler estes propósitos uma vez por mês, impondo-me uma penitência de reparação por cada falta que tiver cometido.” Também o italiano Giovanni Coassini (1887-1912) foi mencionado, que revia os seus propósitos semanalmente, todos os Domingos depois da Missa.²⁰⁴

Mas vamos agora às dificuldades que nos podem impedir de pôr em prática o exame pessoal. Uns dirão: “Isto exige esforço, auto-controlo, uma auto-disciplina de ferro e constante.” Outros acharão: “Este método de batalha é demasiado simples e aborrecido”.

Pois bem! Só porque este exame específico nos exige auto-controlo, não é bom para nós. Uma atitude apropriada de congregados! Lembrem-se do momento solene em que nos colocámos defronte do altar perante toda a congregação e o coro celestial e prometemos: “Escolho-Vos hoje para serdes a minha Rainha, Advogada e Mãe e prometo servir-Vos fielmente para sempre.” Não se trata de um serviço a Maria de tom suave, sonhador ou sentimental. Exige um árduo trabalho na nossa auto-santificação sob a protecção especial e seguindo o exemplo da nossa Mãe do Céu. (....)

Consequentemente, o objectivo da congregação não é atingir um qualquer grau de perfeição e santidade, mas antes o cume, o mais alto grau de santidade possível.

Uma outra desculpa: É demasiado trivial fazer as coisas desta maneira, o que pode significar que não faz muita diferença, não tem muito peso, é demasiado fácil.

²⁰² KLEIN (1952), pág. 11. A frase é uma adaptação de palavras que terão sido ditas pelos primeiros mártires Cristãos antes de morrerem: *Ave Caesar, morituri te salutant!* Ave, César, os que estão prontos para morrer saúdam-te!

²⁰³ cf. KASTNER, págs. 324ss.

²⁰⁴ Ibid., págs. 327-328. As raízes deste específico exame remontam a Santo Inácio de Loyola e os seus *Exercícios Espirituais*, Nº 24-31. Sendo uma organização conduzida pelos Jesuítas, a Congregação Mariana também aproveitou amplamente (e adaptou) este método da espiritualidade Inaciana.

Na nossa vida espiritual não existem trivialidades! Conhecem bem o exemplo do agricultor cujo celeiro perdeu uma telha com o vento. Em pouco tempo o buraco no telhado do celeiro era já grande. Quando chamaram o técnico para o vir consertar, descobriu-se que as traves e vigas estavam podres devido à chuva e à neve.

E no que diz respeito à nossa vida moral, as trivialidades são ainda menos [irrelevantes].²⁰⁵

Esta ideia de um exame pessoal foi sendo adoptada gradualmente na vida das congregações. Tinha já um certo precedente nas pequenas *resoluções de grupo* com que a quinta classe já tinha trabalhado sob a orientação do Padre Kantenich na Primavera de 1913, quando ainda estavam na terceira classe.²⁰⁶ Num contexto de esforço *pessoal*, passava por se centrar, através dum propósito prático, numa das principais falhas de carácter. Este propósito ficava então sujeito à disciplina de um controlo escrito. Claro que surgiam todas as objecções possíveis mas que acabavam por ser superadas pois não só as provas mostravam que de facto era uma ajuda como também pelos discretos esforços de promoção de personalidades com liderança, como Joseph Engling.

SOB A PROTECÇÃO DA RAINHA DA CONGREGAÇÃO

Os meses do Inverno de 1914-15 assistiram a um alargamento e a um aprofundamento de vida da congregação de Schoenstatt. A seriedade dos ideais manifestou-se claramente na cerimónia de admissão do dia 8 de Dezembro. Pela primeira vez nem todos os candidatos foram aceites, incluindo um Senior e 8 alunos da quinta classe.²⁰⁷ Porém, estas decisões eram coerentes com os altos vãos que se ambicionavam e o trabalho rumo a uma heróica auto-santificação era agora visto à luz urgente do período de guerra que se vivia.

Tudo isto se tornava especialmente evidente no trabalho com a terceira classe de 1914-15. Era a classe de Joseph Engling e Hans Wormer que, ao contrário das classes mais velhas, eram demasiado jovens para terem ficado muito afectados pela “revolução” de 1912. Em conferências durante as férias do Natal, o tema da santidade heróica tinha inspirado muito entusiasmo, e foi com alegria que viram surgir a

²⁰⁵ Kantenich, conferência, cf. citado em KASTNER, págs. 328, 329, 331.

²⁰⁶ cf. MTA II, 57.

²⁰⁷ cf. CARTA A J. FISCHER, de 9 de Dezembro de 1914.

possibilidade de se candidatarem à Congregação Menor.²⁰⁸ Os candidatos entraram num período de iniciação no dia 2 de Fevereiro de 1915 e rapidamente ficaram embrenhados no tema da congregação durante esses meses: Maria, a Rainha dos Congregados.²⁰⁹ As conferências dadas pelo director espiritual despertaram não só um zelo missionário para se tornarem cavaleiros do reino de Maria como também um humilde reconhecimento de que nem sempre tinham dominado a sua força de vontade e a sua auto-educação.

Mas o amor por Maria tinha que ultrapassar as dificuldades e, de facto, o lema de uma só palavra que o Padre Kentenich sugeriu perto do Dia de Ano Novo de 1915 dominou todo aquele ano lectivo: *Maria*.²¹⁰ Numa carta escrita a Josef Fischer (provavelmente em Abril de 1915), o Padre Kentenich resumiu deste modo o ambiente que se vivia:

[Com o esforço que fazes pela santidade aí na frente de batalha] prestas um grande serviço para nós que estamos aqui. Como filhos de uma grande família de Maria, cada coisa que fazemos reflecte-se nos outros. Todo o bem que fazemos aqui – e não é pouco – vai em tua ajuda. E vice-versa: Cada um dos teus desafios e triunfos morais e religiosos são suportados e vencidos para nós. E por isso é com esperança que confio que este mês de Maio nos conduzirá a todos – os congregados presentes e os ausentes - a uma grande e permanente evolução no amor a Maria. Trabalhamos, rezamos e fazemos sacrifícios neste sentido por ti, e tu – claro?! – por nós.²¹¹

Este espírito Mariano aprofundou-se mais na cerimónia de admissão do dia 11 de Abril de 1915 (Domingo da Divina Misericórdia), quando os quase vinte candidatos da classe de Joseph Engling, incluindo-o a ele também, foram admitidos na Congregação Menor:

À medida que os candidatos rezavam a sua consagração à frente do altar, a emoção que dominava todos os congregados era profunda. Em seguida, um a um aproximou-se do estandarte da congregação, colocando a sua mão sobre ele e dizendo: “Este é o estandarte por mim escolhido, não o abandonarei. É o meu compromisso solene a Maria.”²¹²

²⁰⁸ cf. Menningen/Engling, pág. 50.

²⁰⁹ Ibid., págs. 51ss.

²¹⁰ cf. SEED 1953, pág. 36.

²¹¹ cf. CARTA A J. FISCHER, não datada (muito provavelmente Abril de 1915).

²¹² cf. Menningen/Engling, pág. 54.

A AQUISIÇÃO DUMA IMAGEM DE MARIA

No dia 18 de Outubro de 1914 não havia nenhuma imagem de Maria no Santuário. A primeira imagem deve ter sido uma pequena estátua da Immaculata colocada sobre o tabernáculo no centro do altar. Existe pelo menos a recordação do Padre Nicholas Wilwers de que Max Brunner pronunciou o seu “*Ave, Imperatrix!*” do dia 8 de Dezembro de 1914 virado para a estátua da Immaculata. (As estátuas maiores do Sagrado Coração de Jesus e do Imaculado Coração de Maria chegaram depois da imagem da MTA, à volta de Junho de 1915.) Ao que parece, os congregados tinham uma particular devoção por Maria como a Imaculada Conceição, e assim a sua preferência, mesmo em 1915, foi por uma Immaculata em vez de uma Mãe com o Filho. Mas a Divina Providência tinha outros planos.²¹³

Ao longo dos meses depois do dia 18 de Outubro de 1914, os rapazes tentaram adquirir uma imagem ou estátua de Maria mas a falta de fundos impediu-os de o concretizar. Um dos congregados mais velhos, natural da vizinha região de Westerwald, lembrou-se duma pintora local relativamente bem conhecida, a Baronesa de Oer. Escreveu-lhe uma carta, perguntando se não lhes poderia pintar um quadro para a congregação, mas o reitor nunca chegou a enviar a carta pois não via como o poderiam pagar. Um outro congregado que esteve doente no hospital de Vallendar tentou contribuir pedindo donativos à família e amigos, mas não teve muita sorte.²¹⁴

Mas, segundo uma fonte, o Padre Kentenich terá contado:

Havia um professor no colégio, o Padre Huggle, que tinha sido Jesuíta. Ficávamos sentados juntos à mesa e conversámos sobre isso uma vez. Ele disse: Cruzei-me algures com uma imagem. Talvez a possamos comprar. E assim ficou combinado. A imagem foi um presente seu. O embrulho chegou e mal o abrimos sei ainda hoje que, de facto, a imagem não nos agradou muito logo ao início, mas como não tínhamos mais nada decidimos pendurá-la. Porém, aos poucos, fomos deixando conquistar por ela porque em cada coisa que eu dizia, dirigia-me àquela imagem.²¹⁵

²¹³ cf. HUG (Texto), págs. 52ss., 83 e KLEIN (1952), pág. 11. A frase “*Zur Marienstatue...*” elimina a possibilidade de Max Brunner ter dirigido estas palavras à imagem da Imaculata no estandarte da congregação.

²¹⁴ cf. Tagung für Bundespriester 1935, pág. 7; e Menningen/Engling, pág. 54. HUG (Texto), págs. 54s. (nota de rodapé) regista que o Padre Kolb, geralmente favorável a iniciativas artísticas, teve que enfrentar uma séria resistência (por parte do corpo docente) à ideia de encarregar um trabalho separado para a Congregação Mariana. Relativamente aos esforços no hospital, ver SHULTE (1932), I 194s.

²¹⁵ Tagung für Bundespriester 1935, pág. 7.



Pormenor duma fotografia do interior do Santuário em 1915-16, mostrando a estátua da Immaculata. Para ver a fotografia completa, ver pág. 168

O Padre Eugene Huggle²¹⁶, um padre suíço e inicialmente um Jesuíta, tinha visto este quadro numa loja de antiguidades em Freiburg, no sudoeste da Alemanha, numa das suas viagens da Suíça para Schoenstatt. Pagou à volta de 23 Marcos pelo quadro.²¹⁷ Tratava-se duma aguarela duma Nossa Senhora com o Menino numa moldura octogonal.

De acordo com a investigação feita posteriormente pelo Padre Heinrich Schulte, o quadro chegou a Vallendar de comboio. Dois irmãos Palotinos, o Irmão Joseph e o Irmão Christian, foram buscar o caixote na Sexta-feira Santa, dia 2 de Abril. Como era feriado, o guarda da estação dos comboios não o queria entregar até Segunda-feira, mas a perseverança do Irmão Joseph acabou por vencer. Por fim os dois irmãos trouxeram o quadro para Schoenstatt numa pequena carroça. O mais certo é que o quadro tenha sido pendurado no santuário no primeiro aniversário da fundação da congregação. Era no Domingo depois da Páscoa (Domingo da Divina Misericórdia), o

²¹⁶ Eugene Huggle nasceu em 1870, entrou para os Jesuítas na Áustria em 1897, e foi ordenado sacerdote na Holanda em 1903. Ensinava Alemão, Latim e Francês estudava em vários países: Áustria, Holanda, Inglaterra e Dinamarca. O seu nome não consta já do catálogo Jesuíta de 1914, indicando que ele saiu da Sociedade em 1913, altura em que deve ter vindo para o colégio de Schoenstatt. Ver e-mail enviado ao autor pelo Padre William Mugan, SJ, arquivista da Província Jesuíta do Midwest, St Louis, Missouri, de 20 de Outubro de 2003.

²¹⁷ cf. SCHULTE (1932), I 195; TzVSch, pág. 210; e investigação feita pelo Padre Walter Plein.

dia 11 de Abril de 1915, o dia em que foram admitidos mais membros novos na Congregação Menor (como referido acima).²¹⁸

O Padre Kentenich refere-se à oferta da imagem numa carta a Joseph Fischer escrita a 30 de Abril de 1915:

Mesmo antes do início de Maio, recebemos do Padre Huggle uma bonita gravura para o altar (Nossa Senhora com o Menino).²¹⁹

Mais tarde veio a saber-se que o original tinha por título *Refugium Peccatorum* (Refúgio dos Pecadores), pintado por Luigi Crosio (1835-1915), um artista italiano. Os rapazes aperceberam-se da sua qualidade italiana com a suavidade das feições que, porém, não os impressionaram logo. Para o seu gosto alemão parecia demasiado doce e italiano! Mas um presente é um presente e pouco tempo depois os rapazes não queriam nenhuma outra imagem. Como mais tarde o Padre Kentenich recordou:

Aproveitei a oportunidade para receber [...] e atribuir a esta imagem tudo o que tinha para dizer sobre Nossa Senhora. E desta forma [os rapazes] foram associando gradualmente os seus sentimentos pessoais e interiores a esta imagem.²²⁰

O resultado final acabou por ser uma ligação profunda com a imagem que agora adornava o sítio de maior relevo na sua capelinha.

²¹⁸ cf. HUG (Texto), págs. 54-63, especialmente 60s. Inclui referência a SCHULTE (1955), pág. 5, onde se deve corrigir a data do aniversário de 19 de Abril para 11 de Abril (Domingo da Divina Misericórdia vs. o dia de calendário)

²¹⁹ cf. CARTA A J. FISCHER, de 30 de Abril de 1915.

²²⁰ Série 1963 (8 de Janeiro), 67.



A Mãe Três vezes Admirável de Schoenstatt, tal como está ornamentada agora no Santuário Original. O lema *Servus Mariae nunquam peribit* significa: Um servo de Maria nunca perecerá. (Fotografia: Jakob Boos)

A IMAGEM DA MTA

O quadro de Crosio que se converteu na imagem de graças de Schoenstatt não é de todo uma obra clássica antiga e no entanto tem uma vida própria em vários aspectos. A pintura original que inspirara as cópias foi durante muito tempo a propriedade exclusiva da empresa dos Irmãos Kuenzli em Zurique, na Suíça, até que tanto o quadro como os seus direitos de reprodução foram adquiridos pelas Irmãs de Maria de Schoenstatt nos anos 60. Em certa altura, em resposta a uma pergunta, a empresa escreveu:¹

“O criador da pintura “Mãe Três vezes Admirável” – o título original era “Refúgio dos Pecadores” – é Luigi Crosio, que pintou várias obras para a empresa dos Irmãos Kuenzli: pinturas religiosas, cenas do quotidiano, da ópera e outros Assim, existe uma declaração escrita e assinada por Luigi Crosio, datada “Turino, 10 de Outubro de

¹ OIKIA, Vol. 6 (1972), págs. 11 e 12, baseado em REGNUM, Vol. 3 (1968), págs. 43s.

1898” cedendo aos Irmãos Kuenzli o direito de posse e o exclusivo direito de reprodução da pintura “Refúgio dos Pecadores”. O quadro deve, assim, ter sido pintado nesse ano.

Os Irmãos Kuenzli, que mantinham um contacto pessoal com Crosio, já faleceram há muitos anos. Porém, a “tradição oral” entre os membros da empresa conta que foi a filha do artista que posou como modelo para o quadro referido e para outras pinturas de Nossa Senhora. Tenho recordação de ter visto uns documentos referentes a um processo legal de plágio (mas isto foi já há algumas décadas). O copista – como este tipo de pessoas sabe fazer – apostou e manteve-se firme: ter-se-ia que provar que tinha sido ele a copiar de Crosio e não Crosio a copiar dele. Nessa altura os Irmãos Kuenzli disponibilizaram-se a mostrar fotografia de família de Crosio que provaram que uma das filhas de Crosio tinha sido o modelo para o quadro de Nossa Senhora... Não disponho de qualquer informação sobre o modelo usado para o Menino Jesus.²

... Os últimos quadros que os Irmãos Kuenzli lhe compraram foram pintados em 1911.”

Luigi Crosio (1835-1915), natural de Alba, na Itália, viveu e trabalhou em Turim, onde morreu em 1915, o ano em que o seu quadro veio para Schoenstatt (facto de que não teve conhecimento). Era um artista de moderada reputação cujas obras seguiam um estilo clássico e relativo à ópera, e não é conhecido nos museus modernos. Terá ficado provavelmente surpreendido com a atenção mundial que o “Refúgio dos Pecadores” despertou através dos Irmãos Kuenzli. De facto, a distribuição original tem surpreendido membros de Schoenstatt várias vezes, ao encontrarem a “sua” imagem nos sítios mais inesperados como a África do Sul e a América do Sul, onde era largamente conhecida,³ ou na Irlanda para onde foi como “Refúgio dos Pecadores”, ou em Milwaukee onde um casal casado em 1900 recebeu uma grande cópia rectangular como presente de casamento, apenas dois anos depois do contrato com os Irmãos Kuenzli!⁴

² Várias pinturas de Crosio publicadas em catálogos de leilões de arte verificam não só o seu estilo como a utilização da sua filha como modelo para a MTA. Ver o catálogo da Sotheby's (Nova Iorque) de 8 de Março de 2000, item 108: Retrato da Filha do Pintor vestida de Pastora de Piedmont, 1879 e o catálogo da Christie's (Nova Iorque) de 15 de Outubro de 1989, item 200: O Regresso da Irmã a Casa, sem data. De acordo com uma estimativa em 2002 do site de internet artcult.com, as obras de Crosio rondam os valores entre \$10,000 e \$15,000 no mercado actual.

³ cf. Series 1963 (de 8 de Janeiro), pág.69.

⁴ Ibid., pág. 12. Esta cópia de 1900 encontra-se agora pendurada na casa dos Padres de Schoenstatt em Waukesha, Wisconsin EUA.

Em 1966 a Província Suíça das Irmãs de Maria de Schoenstatt conseguiu comprar o original e direitos de autor aos Irmãos Kuenzli, oferecendo-o ao Padre Kentenich. Encontra-se neste momento na posse das Irmãs de Maria em Schoenstatt, na Alemanha, onde ainda hoje serve de original para impressões da imagem da MTA. Das mãos de Crosio saíram pelo menos três outras telas “originais”, um provável indício do seu próprio carinho por esta imagem. A sua assinatura aparece em duas das cópias.

Um último ponto de interesse é “Porquê esta imagem?” Por que razão não trouxeram para o santuário a imagem da “Mãe do Divino Amor”, a favorita de Vicente Pallotti? No oratório da Casa Nova estava pendurada uma cópia. Ou porque não a cópia do original “Mãe Três vezes Admirável” de Ingolstadt, que estava pendurada na sala de jantar?⁵ A resposta que nos parece ser a melhor é que ninguém pensou realmente nisso e, quanto à relação com Ingolstadt, basta-nos recorrer ao Padre Kentenich em 1935:

Primeiro chegou a imagem, e depois surgiu a história com o *Colloquium Marianum* em Ingolstadt. Poderão perguntar por que razão não escolhemos a actual imagem da MTA de Ingolstadt, que já se encontrava na casa – parece-me que estava no hall do lado oposto ao Padre Auer? Não quis perturbar a casa pedindo [coisas] que não fossem absolutamente necessárias. Além disso, ainda nem sequer tínhamos ouvido falar do *Colloquium Marianum*....⁶

CONTRIBUIÇÕES PARA O CAPITAL DE GRAÇAS

A identificação dos rapazes com o santuário foi-se fortalecendo com cada mês que passava. Continuavam a acrescentar elementos que embelezassem o seu lugar de graças. E os seus esforços iam sendo alimentados por pequenas e concretas experiências que faziam do carinho e liderança de Maria.

Depois da imagem de Maria, outros objectos foram chegando à pequena capela, tornando-a muito acolhedora. Numa carta datada de 12 de Maio de 1915, o Padre Kentenich dizia:

No pouco tempo em que estiveste fora, a nossa pequena capela tem mudado de aspecto. O São Miguel teve que ceder o lugar a uma linda imagem de Nossa Senhora com o Menino, um presente do Padre Huggle. Foi-lhe dado [ao São Miguel] um pedestal do lado

⁵ Esta cópia específica da MTA de Ingolstadt está agora pendurada na Casa do Instituto dos Padres de Schoenstatt no Monte Moriah, em Schoenstatt.

⁶ Tagung für Bundespriester 1935, pág. 7.

esquerdo do altar, onde reina como guardião do Santíssimo Sacramento. No arco principal do santuário foi colocado um magnífico bordado que diz *Ave Maria*. O irmão Franz fê-lo nos seus tempos livres durante um ano e meio. O marceneiro que o emoldurou para nós (por 17.5 Marcos) estimou o seu valor entre 300 e 400 Marcos, o que poderá ser um pouco exagerado. Mas estamos muito contentes com a nossa capela e sentimo-nos em casa como nunca até agora. Deverias sentir-te igualmente em casa, pois recebes uma grande percentagem dos objectivos do capital de graças que estamos a reunir aqui durante o mês de Maio; mas tens tu também que contribuir com a tua parte neste capital. Tu compreendes...²²¹

Esta carta aborda também uma das mais significantes experiências fundacionais dos rapazes com Maria naqueles primeiros meses do santuário: algo a que chamavam o *capital de graças*. Esta passagem, a primeira referência escrita ao capital de graças em Schoenstatt²²², leva-nos de volta a Maio de 1915. Depois de um inverno centrando o crescimento à volta do serviço a Maria, a Rainha da sua Congregação, a primeira Primavera com Nossa Senhora entre eles incentivou alguma criatividade. Os grupos das secções tinham estado a trabalhar em sacrifícios por Maria e com a chegada do mês de Maio, decidiram torná-lo mais palpável. Cada Domingo colocavam-se no santuário duas caixas de cartão (caixas de margarina, como se recorda o Padre Menningen). Como recordou mais tarde um dos rapazes:

Os “sacrifícios” nos trabalhos em grupo nas secções tornaram-se mais especializados. Este trabalho encontrou a sua primeira grande expressão nas “Flores de Maio” em Maio de 1915. Em cada Domingo colocavam-se duas caixas nos degraus do altar do santuário. Uma estava cheia de tiras de papel enroladas. Cada rolo continha um “sacrifício” para a semana seguinte. Por exemplo: manter o meu colchão de palha arrumado, manter o lavatório limpo, manter os meus livros arrumados, subir as escadas calmamente, aceitar o pão do pequeno-almoço no estado em que estiver (...), fazer bem as minhas tarefas da casa (tal como varrer e limpar) (...), apanhar lixo do chão e colocá-lo no caixote do lixo, e outras coisas do mesmo género que faziam parte duma casa e duma vida mais arrumadas. Havia outros com orações especiais e intenções para rezar, como as estações da cruz e o rosário. Colocavam-se também certas virtudes como a pontualidade, a

²²¹ Kantenich, carta a um dos congregados (provavelmente Ferdinand Kastner), 12 de Maio de 1915, cf. KASTNER, pág. 336.

²²² Recordar que esta expressão aparece pela primeira vez na Acta da Fundação apenas no Fim C (1919).

obediência, manter a boca fechada perante injustiças que me fizessem. Tudo isto surgiu nas flores de Maio de 1915 como contribuições para o capital de graças. E este mês de Maio trouxe um tão grande renascer para a vida vocacional dos alunos que o Padre Auer veio uma vez ter comigo e disse (...): Nunca vivi nada assim, enquanto vice-reitor e prefeito da disciplina. Ele quase não tinha tido que fazer nenhuma advertência, e muito menos aplicar castigos.

No Domingo de manhã, depois da missa principal, os alunos iam ao santuário, tiravam a sua “flor de Maio” da caixa, voltavam a enrolá-la e colocavam-na na outra caixa. Alguns até coravam quando liam a sua flor e muitos admitiam “Esta foi mesmo feita para mim, outra vez!” Vivia-se num clima de muito bom-humor e com uma confiança de criança na nossa querida Mãe do céu. O nosso espírito de família e a alegria pela nossa vocação e trabalho aumentaram. Todos se sentiam cada vez mais como parte de um só coração e uma só alma. Até o tom de conversa mudou, passando de conversa sem consequência para temas espirituais...

Mas a parte de leão das contribuições para o Capital de Graças vinha dos congregados soldados.²²³

Aquilo que provavelmente começou por ser uma simples frase – *Gnadenkapital*, ou seja graça-capital ou *Capital de Graças* – acabou por ficar associado à experiência de que Maria estava realmente a ajudar os rapazes a crescer. Quanto mais eles se apercebiavam de que Ela levava os seus esforços a sério, mais seriamente se dedicavam às suas vidas espirituais. O “capital” deles começava mesmo a construir alguma coisa.

E também não demoraria muito tempo para que esta “acumulação de capital” adquirisse um significado apostólico. Como veremos na próxima secção, os rapazes rapidamente estabeleceriam uma ligação entre o Capital de Graças e o seu desejo de ajudar Maria a renovar a Igreja e o mundo com o “paralelo Ingolstadt-Schoenstatt”.

Embora o termo “Capital de Graças” não tenha sido usado no dia 18 de Outubro de 1914, mesmo assim captou tão bem o objectivo daquele momento que mais tarde o Padre Kentenich o adoptou na Acta da Fundação (ver fim C, 1919, a versão que ele mais frequentemente citava). Sempre muito exigente quanto à precisão histórica, o fundador deve ter ficado convencido que “trazei-Me diligentemente contribuições para o Capital de Graças” expressava a *intenção do acto da fundação com exactidão*,

²²³ Recordações do Padre Alfons Weber, cf. HUG (Texto), págs. 76s. Quanto à recordação do Padre Menningen sobre as caixas de margarina, ver Ibid., pág. 71.

mesmo se a palavra não tinha sido usada em 1914. Deste modo podemos apreciar os comentários do Padre Kentenich num importante artigo de 1919 na revista “MTA”:

A ideia do Capital de Graças é tão antiga como o nosso pequeno santuário tal como está agora.... No dia 18 de Outubro de 1914 reunimo-nos para a primeira reunião na nossa pequena capela. Foi aí que se desenhou o plano para o Capital de Graças.

[Inserir aqui a primeira versão publicada da Acta da Fundação, com o Fim C, sem comentários e subtítulos – JN]

Como consequência podemos ver que entendemos as nossas contribuições para o Capital de Graças como *uma enérgica auto-santificação no serviço de apostolado* desde o princípio. A questão é que no início olhámos para o objectivo do nosso apostolado de forma muito tacanha. Quase não espreitámos para lá dos muros do colégio. Mas isso mudou alguns meses mais tarde quando nos familiarizámos com a história da organização da juventude Mariana em Ingolstadt. Então apercebemo-nos de todo um novo mundo. O dinamismo e a arrebatadora eloquência com que os factos são descritos no livro convenceram-nos com alegria que até dentro das estreitas fronteiras dum colégio interno é possível levar a cabo uma renovação moral e religiosa de largas proporções. E não tinha a guerra aberto novas fronteiras e oportunidades para o nosso apostolado? De qualquer forma, o número de congregados na guerra aumentava constantemente; eles encontravam-se espalhados em todas as direcções. E foi assim com a instituição do paralelo de Ingolstadt-Schoenstatt. As contribuições para o Capital de Graças permaneciam, *mas a partir dessa altura colocámo-las ao serviço de um objectivo muito mais alto*, trazendo grandes vantagens às próprias contribuições e à sua eficiência.²²⁴

O grande campeão das contribuições para o Capital de Graças era Joseph Engling. Embora não tivesse estado presente no dia 18 de Outubro de 1914 e não fosse um candidato à Congregação Menor senão no início de 1915, rapidamente se embrenhou na congregação e começou a perceber o plano do 18 de Outubro mesmo sem ninguém lho explicar muito directamente. Quando mais tarde o Padre Menningen perguntou ao Padre Kentenich como é que Joseph Engling tinha tido a ideia de fazer do Capital de Graças um autêntico projecto para as férias...

A resposta [do fundador] foi: ‘Não me recordo de nenhum acontecimento específico, nem de ter dito alguma coisa desse género numa conferência; tal como

²²⁴ Kentenich, retrospectiva sobre o desenvolvimento da Congregação de Schoenstatt (e texto a acompanhar a primeira impressão da conferência do dia 18 de Outubro de 1914), MTA IV (de 15 de Junho de 1919), págs. 59-61; também em EA, págs. 95, 98.

não me recordo de ter apresentado a ideia do Capital de Graças como um impulso [para a congregação]. Só pode ter acontecido numa conversa em que eu tenha dito qualquer coisa de passagem, no contexto da verdadeira devoção que De Montfort tinha a Maria. Isso terá ficado na alma do Joseph Engling, fundindo-se na prática que conhecemos.²²⁵

*Grüßungen
für das Gratzkapital unserer
„Mater Ter Admirabilis“*

Ag. 1915 *Engling*

	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	1.	2.	3.	4.	5.	6.
<i>Reffenpflicht</i>	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
<i>Morgengebet</i>	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
<i>Abendgebet</i>	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
<i>partikuläre</i>	n	1	1	1	1	1	or	1	1	1	n	1	1	1	1	n
<i>Messe</i>	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
<i>Devotionen</i>	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
<i>gottl. i.</i>	or	1	or	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
<i>gottl. Übung</i>	n	1	n	1	n	1	n	1	n	1	n	1	n	1	n	1
<i>Reflexion</i>	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
<i>gottl. Meditation</i>	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
<i>St. Luthers</i>	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1

A primeira folha de registo de Joseph Engling das “contribuições para o Capital de Graças da nossa Mater Ter Admirabilis”, desde 22 de Agosto a 6 de Setembro de 1915. A lista de tarefas inclui levantar-se pontualmente, Santa Missa, actividade apostólica e oração da noite (fonte: ENGLING B&T, pág. 124).

²²⁵ Conferência do Padre Menningen, 1970 cf.: HUG (Texto), pág. 82. Lê-se na citação completa: “Uma das questões que perguntei ao Padre foi, ‘Como é que o Joseph Engling chegou ao lema em Julho de 1915 na altura dos preparativos para as férias: Esquema horário diário durante as férias como contributo para o capital de graças da Mãe Três vezes Admirável, para que consigam fazer com que Nossa Senhora tome posse da capelinha e a transforme num lugar de graças?’ A resposta foi: ‘Não me recordo de nenhum acontecimento específico, nem de ter dito nada nesse sentido em alguma conferência; nem me recordo de ter apresentado a ideia do capital de graças como um impulso [para a congregação]. Só pode ter acontecido que, numa conversa com o Joseph Engling, eu tenha dito alguma coisa de passagem, dentro do contexto da verdadeira devoção de De Montfort a Maria. Isso ficou na alma do Joseph Engling e fundiu-se na prática, tal como sabemos.’ Sendo assim, o Joseph Engling fez disso como que um sistema: um horário espiritual diário como contribuições para o capital de graças que trazemos para o santuário. Foi assim que começou esta corrente de vida das contribuições para o capital de graças; fluiu da Acta da Fundação sem um nome, sem saber da conferência do 18 de Outubro de 1914.”

Este projecto, promovido em Junho e Julho de 1915, foi um ponto de viragem crucial para fazer do Capital de Graças um modo de viver. Joseph Engling, eleito prefeito da Congregação Menor a 13 de Maio de 1915, dedicou-se a convencer os outros discretamente.²²⁶ Viu nas longas férias de Verão uma oportunidade de continuar o fértil trabalho da congregação, em vez de o ver evaporar-se ao longo desse tempo. Encontrou alguma resistência por parte de alguns que sentiam que era pedir muito do tempo de férias e outros que achavam uma tolice manter um registo escrito (uma pedra-chave do plano de Joseph Engling).²²⁷

Mas o prefeito não desistiu. Tal como ele próprio escreveu na crónica depois do Verão (falando aqui dele próprio na terceira pessoa)...

Uma grande parte decorreu em conversas privadas. No diário do chefe do grupo do Sagrado Coração [uma parte da Secção Eucarística], aparecia repetidamente a seguinte frase: “Falou sobre o apostolado durante as férias com o (nome).” As “contribuições para o Capital de Graças da nossa *Mater Ter Admirabilis* foram as maiores tarefas do apostolado secreto de que falámos. Através dos esforços do prefeito [= Joseph Engling], esta ideia espalhou-se calmamente dum congregado para outro até todos a conhecerem e estarem conquistados por ela. As “contribuições para o Capital de Graças” consistiam num horário escrito diário de exercícios espirituais e outras boas obras, ou por outras palavras, num exame de consciência escrito. (● significa “feito”, *n* – “não feito” por negligência, *u* – “não feito” por ser impossível). Existem dois propósitos em mente. O primeiro e maior é criar para a nossa MTA um tesouro de graças o maior possível através dos nossos pequenos sacrifícios e mortificações, para que Ela os possa distribuir a partir do nosso santuário quando nós ou outros rezarmos por elas ou delas precisarmos, realizando desta forma o paralelo Ingolstadt-Schoenstatt. O segundo é ter um método que seja o mais à prova de fogo possível para tornar a perseverança na nossa auto-educação durante as férias o mais fácil possível. Cada um traçou um plano para as suas “contribuições para o Capital de Graças”. Muitos enviaram-nos para o seu director espiritual [depois de as preencherem].²²⁸

²²⁶ cf. Menningen/Engling, págs. 55s.

²²⁷ Ibid., págs. 60ss.

²²⁸ Joseph ENGLING, Engling B&T, I 113s; também em EA, págs. 33-34.

O prefeito praticava o que pregava e no início do Verão escreveu numa folha de papel o título “Contribuições para o Capital de Graças da *Mater Ter Admirabilis*”²²⁹ Com um conjunto de dezanove pontos que ele preenchia diariamente, desde “levantar pontualmente” a “exercícios vocais”, esta sua lista converteu-se no projecto para a prática Schoenstattiana que mais tarde ficou conhecida como o *Horário Espiritual*, uma extensão lógica do Exame Particular para a conquista do dia todo para Maria.

É bom recordar a fundamentação teológica para o Capital de Graças. Situa-se no cruzamento dos ensinamentos da Igreja sobre a comunhão dos santos, a oração de intercessão e os nossos méritos perante Deus. O termo “tesouro de graças” tem sido longamente usado para ilustrar os ensinamentos da Igreja sobre as indulgências – a redução do castigo temporal baseado nos méritos ganhos por Cristo e aumentados pelos santos. Isto era familiar para os rapazes. Mas o termo “Capital de Graças” apenas aparece em três trabalhos Católicos prévios a 1914, de Santo Afonso Ligouri, Aldophe Tanquerey e Matthias Sheeben, todos eles ainda por traduzir ou desconhecidos do Padre Kentenich em 1915.²³⁰ Como o Padre Kentenich não se recorda de ter apresentado o termo aos rapazes (ver acima), o seu cunho parece ter vindo dos próprios alunos. E isto exprime numa forma criativa a sua cooperação com Cristo através de Maria no Seu trabalho de construção da Igreja.

A palavra “capital” é uma escolha interessante. Sendo ambos os termos de carácter financeiro, a palavra “capital” tem conotações diferentes da palavra “tesouro”. Dão um ênfase especial ao papel activo dos “depositantes”, implicando até uma certa sociedade como ser um investidor numa grande empresa que não pode funcionar com nenhum investidor sozinho sem os outros. Isto corresponde ao desejo da geração fundadora de que Maria não só fizesse milagres de graças, mas que os fizesse *através deles*. E este “através deles” não era só como pessoas individuais mas também como uma comunidade empenhada em ajudar Maria a cumprir a Sua grande missão. “Contribuições para o capital de graças” exprime assim a dimensão *mútua* da aliança de amor de Schoenstatt. O lema “Nada sem Ti, MTA, nada sem nós” (criada em 1933) viria mais tarde a captar este espírito.

²²⁹ ENGLING B&T, I 124.

²³⁰ Para “tesouro de graças” ver as encíclicas Marianas *Octobri Mense* (Leão XIII, de 22 de Setembro de 1891) e *Ad diem illum laetissimum* (Pio X, de 2 de Fevereiro de 1904), ambas bem conhecidas do Padre Kentenich antes de 1914. Ver também várias fontes citadas em LIGOURI, págs. 376-378. Para “capital de graças” ver HUG (Texto), pág. 81s com nota de pé de página. Para revisitar outros momentos em que os Católicos do séc. XX gravaram frases semelhantes a “capital de graças”, ver KASTNER, pág. 364.

São Louis Grignion de De Montfort (1673-1716) teve também o seu papel neste processo. A sua obra *Uma Genuína Devoção a Maria* poderá já ter sido debatida no início de 1915, e no fim desse ano (ou o mais tardar no início de 1916), o Padre Kantenich dedicou algumas conferências à devoção de De Montfort, dando uma clareza teológica à intuição dos rapazes sobre o Capital de Graças – da nossa vida diária, tudo pode ser dado a Maria (“tudo através de Maria, em Maria, para Maria e com Maria”) como um acto de amor e apostolado. Contribuiu também para confirmar a intuição básica de que podemos oferecer verdadeiramente todos os nossos bens materiais e espirituais, o nosso coração e a nossa mente, na realidade o nosso próprio ser – como uma genuína expressão da *nossa total entrega a Deus*.²³¹ O espírito da oração de consagração de De Montfort, “.... Entrego-me e consagro-me a Vós [Maria] como Vosso escravo, o meu corpo e a minha alma, os meus bens, tanto interiores como exteriores, e até o valor de todas as minhas boas acções, passadas, presentes e futuras....”²³², moldou-se duma nova forma, não como escravo de Maria, mas como Seu cooperador e sócio. Além disso, em Schoenstatt a consagração foi firmemente ligada a um lugar (o Santuário de Schoenstatt) e a um objectivo definidos.²³³ Tal como De Montfort, Schoenstatt estava a descobrir o quanto Maria tinha para oferecer quando é convidada para tomar parte activa nas nossas vidas.

O PARALELO INGOLSTADT-SCHOENSTATT

Foi, de facto, um objectivo apostólico definido que acendeu a chama das contribuições para o Capital de Graças e captou a imaginação e energia dos rapazes. Tal como lemos acima:

A questão é que no início olhámos para o objectivo do nosso apostolado de forma muito tacanha. Quase não espreitámos para lá dos muros do colégio. Mas isso mudou alguns meses mais tarde quando nos familiarizámos com a história da organização da

²³¹ cf. série de 1963 (10 de Janeiro), págs. 102s, 112s e MENNINGEN (1984), pág. 19. Ver também De Montfort, *Uma verdadeira devoção a Maria*, N° 257-265 (“através de Maria...”) e 121-125 (o que oferecemos a Maria). Na série de 1963, o Padre Kantenich refere-se especificamente à passagem no N° 121: “[A verdadeira] devoção consiste, então, em entregarmo-nos totalmente a Nossa Senhora, para pertencermos totalmente a Jesus por intermédio d’Ela. Devemos entregar-lhe (1) o nosso corpo, com todos os seus sentidos e todos os seus membros; (2) a nossa alma, com todos os seus poderes; (3) os nossos bens exteriores, quer actuais quer vindouros; (4) os nossos bens interiores e espirituais, que são os nossos méritos e virtudes e as nossas boas obras do passado, do presente e do futuro.”

²³² São Louis De Montfort, *Acto de Consagração: Uma verdadeira devoção a Maria*, págs. 197-199. Ênfase acrescentado.

²³³ cf. TzV Sch, págs. 83s.

juventude Mariana em Ingolstadt. Então apercebemo-nos de todo um novo mundo. O dinamismo e a arrebatadora eloquência com que os factos são descritos no livro convenceram-nos com alegria que até dentro das estreitas fronteiras dum colégio interno é possível levar a cabo uma renovação moral e religiosa de largas proporções.²³⁴

Este desenvolvimento tinha as suas raízes nos desejos por justiça social e a ideia de um Estado ideal. Poder-se-ia dizer que a urgência de renovar o colégio e de se prepararem para as missões se tinha fundido subitamente com a noção de que o que faziam em Schoenstatt *podia mudar o mundo!* A faísca que acendeu este fogo foi um livro que o director espiritual usou no final de 1914.²³⁵ O nome do livro era *Der Ehrwürdige P. Jakob Rem aus der Gesellschaft Jesu und seine Marienkonferenz* (O Venerável Padre Jacob Rem da Sociedade de Jesus e o seu *Colloquium Marianum*) escrito pelo Padre Franz Hattler, SJ, publicado em Regensburg, na Alemanha em 1896.

Em Maio de 1915, o Padre Kentenich começou a ler a história em pormenor. Falava do Padre Jacob Rem (1546-1618), um antigo jesuíta, pioneiro da Congregação Mariana. O Padre Rem tinha fundado a primeira congregação Alemã em Dillingen em 1574. Mais tarde foi destacado para o Colégio Jesuíta em Ingolstadt, onde avançou mais um passo com a Congregação Mariana em 1595, trabalhando com os melhores da congregação, uma elite dentro da elite. A isto chamou o *Colloquium Marianum* (colóquio ou conferência Mariana), um grupo dedicado a causas de auto-educação e apostolado através duma profunda devoção a Maria. O Colégio de Ingolstadt recebia e educava muitos dos melhores estudantes da Europa, incluindo os jovens das casas reais Europeias, devido à reputação especialmente elevada de que gozava. Ao inspirar estes jovens dando-lhes uma base espiritual sólida, o *Colloquium* tornou-se numa força crucial para a renovação Católica, especialmente durante a Contra-Reforma no Sul da Alemanha.²³⁶

O livro tinha muito a dizer para os congregados de Schoenstatt:

Uma vez mais, [falava] a lei da porta aberta, desta vez através dum livro de Hattler sobre o *Colloquium Marianum* em Ingolstadt, que nos chegou às mãos naqueles meses. Falava dum grupo especial formado em Ingolstadt sob a direcção do Padre Rem e que se dedicava inteiramente a Maria sob o título de Mãe Três vezes Admirável que começou uma renovação cheia de graças no sul da Alemanha, no início da era moderna. Esta perspectiva

²³⁴ Ver nota nº 224. Ver também APL 1928, pág. 24.

²³⁵ Ele usou-o pela primeira vez numa conferência em Dezembro de 1914 (ver KASTNER, pág. 333).

²³⁶ DRIVE, págs. 87-89.

foi-nos abrindo cada vez mais os olhos para o quanto pode irradiar dos círculos mais pequenos se o plano de Deus estiver por detrás; deu-nos a coragem de aumentar o raio da acção educacional de Nossa Senhora de Schoenstatt para círculos maiores. Que a Mãe Santíssima faça hoje de Schoenstatt aquilo que Ingolstadt foi para o sul da Alemanha: uma fonte de renovação para a Alemanha, sim, até para o mundo inteiro. (1951)²³⁷

Desta forma, o *paralelo Ingolstadt-Schoenstatt* tornou-se um nome de código para o grande objectivo de renovação moral e religiosa do mundo inteiro a partir de Schoenstatt. Esta formulação dum paralelo tinha duas vantagens: Em primeiro lugar, este objectivo era tão elevado que nem parecia prudente falar dele abertamente (não pareceria ridículo aos de fora da congregação declararmos que *estes* pequenos instrumentos se atreviam a uma missão tão grande?);²³⁸ em segundo lugar, era um poderoso sinal do próprio ideal para jovens rapazes que estavam mais do que aptos para estarem entusiasmados hoje e em estado letárgico amanhã!

O paralelo atraiu-os de imediato. Na realidade, o tema foi o ponto central duma conferência do Padre Kentenich no dia 30 de Maio de 1915. Numa palavra:

Como seria se o Ingolstadt da Idade Média se tornasse numa Vallendar moderna...?²³⁹

MATER TER ADMIRABILIS

O *Colloquium Marianum* inspirou os rapazes de tal forma que decidiram atribuir o título de Ingolstadt à sua nova imagem de Maria: *Mater Ter Admirabilis*, Mãe Três vezes Admirável. No dia 6 de Abril de 1604, o Padre Rem teve uma visão durante uma reunião de oração do Colóquio. O Padre Rem tinha perguntado a Nossa Senhora qual era o Seu título favorito da Litania de Loreto. A resposta chegava-lhe agora d’Ela própria, que lhe revelou que o seu título favorito era *Mater Admirabilis*, Mãe Admirável. Quando o chantre que entoava a litania chegou a este título, o Padre Rem fez-lhe sinal para o cantar uma segunda vez e depois ainda uma terceira vez. Depois da oração terminar, todos se juntaram à volta do Padre Rem para perceber a razão. O Padre Rem explicou a visão que tivera e foi por essa razão que a Madonna do Colóquio (uma pintura copiada da famosa pintura de *Salus Populi Romani*, Nossa Senhora das Neves na Basílica de Santa Maria Maior em Roma) ficou conhecida como a Mãe Três vezes

²³⁷ TzVSch, págs. 199-200.

²³⁸ cf. APL 1928, pág. 24.

²³⁹ Kentenich, cf. citação em KASTNER, pág. 336.

Admirável. Estabelecendo o paralelo para a sua própria pintura, os congregados de Schoenstatt asseguraram assim uma forma de se recordarem frequentemente da sua grande missão.²⁴⁰ A concessão deste título foi feita, o mais tardar, pelos finais de Junho de 1915, como se pode ver pela carta que se segue escrita pelo Padre Kentenich no dia 26 de Junho de 1915:

Estarás talvez já nas trincheiras?

Seja como for, confio firmemente que a nossa querida Mãe do Céu guiará até ao objectivo final os nossos congregados que têm de facto uma vocação, apesar desta situação aparentemente sem esperança; *Mater Ter Admirabilis* – Mãe Três vezes Admirável é o nome que Lhe demos. Daqui para a frente, será sob este título que A veneraremos na capela da nossa congregação. Ela já provou aos nossos soldados congregados o quão admirável é, e não menos a ti; admirável para nós que estamos aqui em casa (...); Ela revelar-Se-nos-á durante as férias grandes. Portanto, o nosso grito de batalha será: *Mater Ter Admirabilis, ora pro nobis!*²⁴¹

O paralelo Ingolstadt-Schoenstatt foi ganhando vida com o passar dos meses, especialmente em Maio e Junho de 1916 quando começaram a crescer o objectivo de atrair estudantes que não eram de Schoenstatt e o interesse na Organização Externa.²⁴²

A CRESCENTE ONDA DA GUERRA

Não será correcto ficar com a sensação de que tudo foi fácil nestes meses que se sucederam a Outubro de 1914, tal como pensar que tantos desenvolvimentos só poderão ter sido superficiais. Na realidade, as batalhas travadas dentro da Congregação, os prós e os contras, a insatisfação e a discussão que se viveram foram garantias de que aquilo que se estava a desenvolver estava a ser rigorosamente testado.

Algo que a ninguém podia passar despercebido era a crescente onda da guerra. Podemos ler numa carta do Padre Kentenich a Josef Fischer, em Março de 1915:

O Konder é um dos que tiveram a sorte de serem trocados por prisioneiros de guerra ingleses... O Hafeneth relatou que se encontra na enfermaria devido a uma constipação

²⁴⁰ cf. HUG (Texto), págs. 63-68, APL 1928, págs. 22-24 e Menningen/Engling, pág. 55.

²⁴¹ cf. CARTA A J. FISCHER, de 26 de Junho de 1915.

²⁴² cf. ENGLING B&T, I 289ss..

com febres altas. O Keil é o que se saiu pior. Estava na Rússia e ambos os pés congelaram. Logo que começarem a escurecer terão que ser amputados....²⁴³

As notícias em Maio de 1915 eram bastante mais lúgubres:

O Kaufmann foi morto em batalha perto de Ypres.²⁴⁴

Este tipo de notícias viria a tornar-se cada vez mais frequente à medida que a guerra prosseguia. Todos os que tinham pais, irmãos, tios ou amigos nas linhas da frente de batalha – e estaremos a falar de toda a gente – receavam a notícia de que um destes poderia ser o próximo a cair.

A hora de serem chamados para a guerra pairava inevitavelmente sobre os rapazes que atingiam a idade do recrutamento. As trincheiras encher-se-iam com um número cada vez maior de congregados e a congregação tinha que dar uma resposta de qualidade. Como veremos mais à frente, isto originou a fundação da Organização Externa. Uma outra tentativa nesta direcção (também dentro do espírito do paralelo de Ingolstadt-Schoenstatt) foi a admissão na congregação em Schoenstatt do primeiro aluno vindo de outra escola. Tratou-se de Ferdinand Kastner, um aluno que esteve em Schoenstatt até à Páscoa de 1915, altura em que a debilidade da sua saúde o forçou a mudar para um liceu em Limburg. Ele já tinha sido candidato à congregação e foi admitido no dia 30 de Maio de 1915.²⁴⁵ Este tornou-se o precedente para a admissão durante a guerra de outros alunos que não eram de Schoenstatt.

Os primeiros grupos de soldados congregados começaram a ser formados em 1916, começando em Janeiro no campo de recrutas de Berlim, seguido do campo de recrutas de Andernach (no Reno perto de Schoenstatt) em Março e do de Colónia. Estes e outros grupos futuros iam enfrentar um turbilhão de idas e vindas, uma vez que era impossível prever quem seria transferido, quando e para onde.²⁴⁶ Veremos na Parte 3 do próximo capítulo como se procederam todos estes desenvolvimentos.

²⁴³ cf. CARTA A J. FISCHER, de 8 de Março de 1915.

²⁴⁴ Ibid., 12 de Maio de 1915.

²⁴⁵ cf. CARTA A J. FISCHER, de 24 de Maio de 1915; KASTNER, pág. 336

²⁴⁶ cf. MONNERJAHN, págs. 73s.

8. O ENFOQUE MAIS CENTRADO

Até agora (1912-1915), os acontecimentos têm sido apresentados sob a forma de uma narrativa cronológica. Porém, o fluxo dos acontecimentos torna-se mais complexo a partir de 1916. Há que considerar não só a congregação em Schoenstatt, mas também o palco em que a guerra decorria. Começaram a tomar forma não só novas formas de organização como uma visão mais clara da espiritualidade de Schoenstatt. Assim, os anos 1916-18 serão apresentados em três capítulos, segundo três facetas diferentes:

Capítulo 8 – os desenvolvimentos importantes da espiritualidade e do apostolado,

Capítulo 9 – excertos da revista “MTA”,

Capítulo 10 – esquemas biográficos.

Desta forma tornar-se-á possível ouvir as vozes dos próprios rapazes, especialmente nos Capítulos 9 e 10.

O objectivo deste capítulo será considerar as três principais áreas de desenvolvimento, mostrando como o “enfoque mais centrado” no que os jovens estão a fazer em Schoenstatt leva a sinais mais concretos de crescimento e maturidade.

- 1. Missão*
- 2. A estrutura duma Espiritualidade*
- 3. Apostolado*

PARTE 1: MISSÃO

Em Schoenstatt, os alunos levaram a sério a dimensão apostólica da congregação e foram crescendo gradualmente na sua noção de *missão*. O que os enchia não era apenas um amor por Maria, era mesmo um amor *apostólico* por Maria. Eles pretendiam fazer a diferença na Igreja e no mundo.

Os seus ideais elevados focaram-se na conquista de si próprios (a própria santidade) e em conquistar outros para Cristo em Maria. O facto de se concentrarem para fora dos muros do colégio num período relativamente curto é já por si revelador. Tal como o Padre Kantenich disse em 1928:

[Toda a] comunidade fica moldada pelo seu objectivo. (...) Considerem a loucura desta ideia: Jovens estudantes a imaginarem que através deles e a partir deste lugar, que é o seu favorito, o mundo será renovado.

A renovação do mundo! Não lhes era suficiente que os indivíduos que se formassem aqui e entrassem no movimento tivessem um espírito apostólico universal, nomeadamente que estivessem prontos a serem apostolicamente activos onde quer que a oportunidade surgisse. Para que este sonho não ficasse fechado teriam que conquistar outros, teriam que ir lá para fora para o resto do mundo. Sendo assim, [o nosso ideal] tinha que nos impelir a atrair outros para o nosso fluxo de vida, incluindo aqueles que não conseguissem atingir as elevadas exigências da federação mas que quisessem ser apostólicos à sua maneira. Tínhamos que mobilizar todas as energias na imersão apostólica dos nossos tempos.²⁴⁷

Esta “imersão apostólica dos nossos tempos” dedicou-se aos incomparáveis desafios de chegar ao *homem moderno* com as suas forças e fraquezas específicas. Era algo que mexia com o Padre Kentenich desde a sua infância e agora ele escutava com atenção os murmúrios da Divina Providência falando através dos acontecimentos e do espírito dos tempos. Foi esta escuta que levou ao desafio de convidar Maria para o santuário (a 18 de Outubro de 1914), às contribuições para o capital de graças e ao paralelo de Ingolstadt-Schoenstatt. Era este último ponto que tinha capturado especialmente o desejo durante a sua juventude de marcar a diferença proporcionando uma *renovação do mundo de grande amplitude religiosa e moral*. Tratava-se duma missão com uma importância crucial num mundo rapidamente arrastado para dentro da crise que nos era agora tão familiar na qual as pessoas e a sociedade eram des-divinizadas, despersonalizadas, descristianizadas e privadas de moral e de alma.²⁴⁸



São Vicente Pallotti,
da revista MTA

A CONFEDERAÇÃO APOSTÓLICA MUNDIAL

Embora a primeira geração de Schoenstatt se sentisse motivada pela ideia de uma ampla renovação religiosa e moral do mundo, não sabia ainda a forma de a concretizar. Mas um novo ingrediente foi acrescentado a essa forma em 1916, quando o Padre Kentenich se apercebeu que a Divina Providência apontava para a pessoa e o trabalho de S. Vicente Pallotti.

S. Vicente Pallotti era o fundador dos Padres Palotinos,

²⁴⁷ APL 1928, pág. 30.

²⁴⁸ cf. MME 1954, pág. 153 (traduzido em *Mary, Our Mother and Educator* [NT: *Maria, nossa Mãe e Educadora*], (Waukesha, 1987), pág. 108).

congregação a que o Padre Kentenich e os alunos de Schoenstatt pertenciam. Porém, desde a sua morte em 1850, a ampla visão que ele tinha de um apostolado Católico universal ficou enterrada por baixo do peso duma comunidade pequena a lutar pela sobrevivência. Agora que começava a desabrochar uma nova iniciativa no seio dos Palotinos – Schoenstatt – esta não foi universalmente acolhida com aprovação. Embora houvesse quem a apoiasse com todo o coração, como o Padre Kolb, havia também quem se preocupasse com o efeito que poderia ter nos seminaristas e na comunidade. A visita do Reitor Geral à Alemanha, o Padre Karl Gissler, em Setembro de 1915, foi crucial. No seu primeiro encontro com o Padre Kentenich, deu sinais de abertura ao desenrolar dos acontecimentos, mas mais tarde enviou de Limburg uma carta a restringir o trabalho com os alunos que se encontravam na guerra. O Padre Kentenich apressou-se a falar directamente com o Reitor Geral mas desta vez deparou-se com um Padre Gissler muito negativo, que esclareceu o Padre Kentenich que, como superior, não poderia responder por este trabalho perante Vicente Pallotti. A resposta do Padre Kentenich foi “Sim, mas eu posso.”²⁴⁹

Era uma resposta arrojada mas o Padre Gissler deixou Schoenstatt em paz. Mais tarde, o Padre Kentenich começou a reflectir sobre o que a Divina Providência lhe tentava dizer. Na realidade, Deus tinha usado o seu superior para o recordar que ele respondia perante a missão de S. Vicente Pallotti. Reflectiu cuidadosamente sobre as dúvidas do Padre Gissler relativas à compatibilidade entre a Congregação de Schoenstatt e Pallotti, e à missão do fundador Palotino.

A ideia central de Vicente Pallotti era a de um apostolado Católico que envolvesse *todos* os Cristãos, o clero e os leigos, os ricos e os pobres, os instruídos e os simples, um apostolado que coordenasse as iniciativas apostólicas de *toda* a Igreja para otimizar a utilização de *todos* os meios disponíveis para espalhar e aprofundar a fé. Esta ideia era de tal forma grande que não foi compreendida durante a sua vida, nem por muitas décadas depois da sua morte. A sua comunidade passou vários anos a trabalhar em algumas formas específicas de apostolado tais como cuidar dos imigrantes italianos em Londres, no Brasil e em Nova Iorque e ainda com as missões alemãs nos Camarões (ver Capítulo 1). O “Apostolado Universal” era um termo que os

²⁴⁹ cf. MONNERJAHN, pág. 78; APL 1928, pág. 13s.; Conversa, de 18 de Junho de 1965 (229). Segundo o Padre Hug, a única altura em que o Padre Gissler poderá ter estado em Ehrenbreitstein e Limburg terá sido a 23 de Setembro de 1915. O Padre Karl Gissler foi reitor-geral dos Palotinos de 1909 a 1919.

seus seguidores associavam ao seu fundador, especialmente às suas fundações Alemãs²⁵⁰ mas tratava-se mais de um facto biográfico do que uma missão consciente.

A profunda reflexão do Padre Kentenich sobre este assunto em 1915-16 levou-o a concluir que os acontecimentos eram uma nova oportunidade para cumprir a missão de Pallotti. O objectivo que Pallotti tinha de formar uma *confederação apostólica mundial*, como o Padre Kentenich lhe chamou, não era menos do que uma união de todos os esforços apostólicos, todos os grupos e iniciativas da Igreja universal numa confederação livremente eleita. Como ele mais tarde a descreveu (em 1956):

“Juntar todos e cada um dos apostolados da Igreja sob a liderança do Papa e da hierarquia é um projecto gigantesco, que deverá construir unidade, dar-lhe uma alma, e tornar-se eminentemente eficiente e fecundo na luta dos acontecimentos mundiais contra os poderes que se opõem [a Cristo].”²⁵¹

Olhando para o quadro geral viu que os objectivos educativos e apostólicos de Schoenstatt e de Pallotti não eram contraditórios entre si mas antes bem complementares. Se se perceber também que o gigantesco projecto a que Pallotti se propunha nunca poderia depender apenas do esforço humano, poder-se-ia perguntar: Não será que Deus pretende também que este santuário seja o *lugar pivot de graças* necessário para impulsionar um projecto tão colossal?²⁵²

O Padre Kentenich voltou-se então para a MTA. Para ele, era evidente: Ela não daria o Seu sim sem o consentimento do Seu sócio terreno de aliança. Como fundador, seria ele quem teria de dizer sim. E ao fazê-lo, o Padre Kentenich percebeu que a juventude e a inexperiência dos rapazes exigiriam que ele carregasse o seu sim sozinho durante anos, antes que estabelecesse raízes no movimento. E embora tenha sido incompreendido várias vezes, foi uma decisão de que nunca recuou. Ele nunca perdeu a sua fé nesta missão embora a Confederação Apostólica Mundial tenha mostrado raros sinais de se tornar realidade durante a sua longa vida (até 1968).

O “ACTO SUPLEMENTAR DA FUNDAÇÃO”

A decisão de incorporar a missão e a pessoa de Vicente Pallotti em Schoenstatt, em 1916, veio a ser conhecido como o “acto suplementar da fundação”. Este termo

²⁵⁰ cf. Tagung für Bundespriester 1935, pág. 17.

²⁵¹ Carta para o Padre Möhler, de 10 de Maio de 1956, págs. 420ss.

²⁵² cf. MONNERJAHN, pág. 79.

pretendia realçar que, em primeiro lugar, Schoenstatt tinha sido completamente fundado em 1914 – independente da missão e da pessoa de Pallotti. Porém, em segundo lugar, a Divina Providência tinha-se dado ao trabalho de fazer reparar na



Josef Fischer

missão específica de São Vicente Pallotti, que não tinha sido incluída na fundação a 18 de Outubro de 1914, mas que passava agora a ser adoptada de forma complementar, como um *suplemento* à fundação de Schoenstatt. Mais tarde, o Padre Kentenich esclareceu em mais de uma ocasião que o conceito da Confederação Apostólica Mundial não era da sua inspiração mas da de Pallotti.

Não se conhece com precisão a data desta decisão, mas associa-se à primeira vez em que foi expressa de forma concreta numa carta escrita pelo Padre Kentenich a Josef Fischer a 22 de Maio de 1916. O texto desta carta (ver abaixo) inclui as ideias-chave que se seguem e que foram citadas vezes sem conta pelo Padre Kentenich, ao referir-se ao “acto suplementar da fundação”:

Ando às voltas com a ideia duma organização – semelhante à forma com que o nosso venerável fundador queria subdividir o mundo inteiro – que poderia oferecer à nossa juventude estudante uma alternativa às confrarias proscritas, um baluarte e um contrapeso ao movimento monístico jovem. Sonhos! Naturalmente! E para que um dia se tornem realidade, será necessária uma vida inteira para os realizar com inteligência, objectivos traçados e de forma organizada.²⁵³

Tendo em conta a importância que o Padre Kentenich atribuía a esta decisão, somos levados a pensar se ele não terá influenciado outros membros da congregação duma forma ou doutra, nomeadamente através do magistrado da Congregação Maior. Dispomos apenas duma pista: Sabemos pelo Padre Menningen que o Padre Kentenich apresentou à Congregação Menor o conteúdo da carta de 22 de Maio de 1916, pelo menos numa forma simplificada, durante um encontro entre as duas Congregações em Junho ou princípios de Julho de 1916.²⁵⁴

²⁵³ Kentenich, conferência, cf. citação em KASTNER, págs. 338ss.; ver também MONNERJAHN, pág. 80.

²⁵⁴ cf. MENNINGEN (1984), págs. 29-41.

MAIO E JUNHO

Poder-se-ia dizer que os anos entre 1914 e 1916 são marcados por “pontos de inflexão” muito definidos, em que o desenvolvimento do espírito de Schoenstatt deu passos de gigante. Será interessante reparar que a maioria destes se concentrou nos meses de Maio e Junho de cada um destes três anos, os meses de Maria e do Sagrado Coração de Jesus.

1914: Foi no mês de Maio que se deu o despertar duma profunda devoção Mariana, um passo essencial para a consolidação da recém-formada congregação, bem como um encorajamento especial para o Padre Kentenich de que a devoção Mariana era um instrumento legítimo para a formação dos rapazes. Em Junho assistiu-se a um aprofundamento do espírito Eucarístico e ao primeiro chamamento à santidade dos jovens.

1915: Maio e Junho trouxeram o início da corrente de vida do Capital de Graças (devido especialmente a Joseph Engling) e do paralelo Ingolstadt-Schoenstatt; a imagem recebe o título de Mãe Três vezes Admirável.

1916: Maio e Junho assistiram ao despertar de um interesse em expandir a congregação de Schoenstatt a círculos mais amplos, incluindo um aprofundamento do paralelo de Ingolstadt-Schoenstatt e outros impulsos essenciais que retiraram os congregados da letargia em que se encontravam e os colocaram em direcção ao trabalho para a Organização Externa; as Flores de Maio de Joseph Engling; a decisão de assumir a missão e a pessoa de Vicente Pallotti.

NOTAS À CARTA DE 22 DE MAIO DE 1916

Na carta do dia 22 de Maio de 1916 percebe-se a preocupação do Padre Kentenich com o que a Divina Providência tentava dizer através do súbito crescimento de interesse do exterior pela Congregação de Schoenstatt. Este interesse vinha de alunos do ensino secundário e da universidade que tinham lido a revista “MTA” nos poucos meses que tinham passado desde a 1ª edição em Março de 1916. A carta ia também ao encontro do interesse que Josef Fischer (o seu destinatário) tinha em expandir a congregação de Schoenstatt ao noviciado e ao seminário Palotinos em Limburg. Ao longo da carta o Padre Kentenich vai reiterando o essencial e tecendo considerações sobre as mais amplas ramificações possíveis.

O leitor poderá considerar útil observar o papel dos três grupos temáticos da carta, que se seguem:

A. A expressão clara

1. do Paralelo Ingolstadt-Schoenstatt (“Vallendar”)
2. da auto-santificação
3. das contribuições do Capital de Graças da MTA

B. Os objectivos exteriores

1. duma organização para os que já não estavam com os Palotinos
2. da juventude e da liderança (Limburg e a Sociedade Palotina: PSM)
3. duma organização a nível mundial

C. A menção dos valores de Schoenstatt

1. A capela da congregação (santuário)
2. A aliança com Maria (a palavra alemã é *Bund*)
3. A Divina Providência
4. Instrumento de Maria
5. Elite

No cabeçalho da carta lê-se “N.c.p.p./b.V.M.” ou seja, “*Nos cum prole pia / benedicat Virgo Maria*” (Com Cristo Seu santo Filho, nos bendiga a Virgem Maria)

CARTA DO PADRE KENTENICH A JOSEF FISCHER (22 de Maio de 1916)

(versão integral excepto nalguns comentários ocasionais no parágrafo final)²⁵⁵

N.c.p.p.

Vallendar, 22 de Maio, 1916

b.V.M.

Meu querido Prefeito!

Fico contente por saber que podes permanecer no sítio onde estás. Percebo a agitação que sentias perante a ideia de teres que regressar às trincheiras. Talvez se trate dum sinal, dum inconfundível encorajamento da nossa Mãe do Céu a dedicares o tempo que tens agora disponível ao serviço d’Ela e consequentemente ao serviço do Seu Divino Filho. Em que consistirá este serviço?

²⁵⁵ Kentenich, CARTA PARA J. FISCHER, de 22 de Maio de 1916. Publicado pela primeira vez numa forma resumida em MTA IV (de 15 de Maio de 1919), págs. 46-47. Pode encontrar-se uma reimpressão da mesma forma resumida em EA I, págs. 92-94. Pode encontrar-se uma forma mais completa do texto em KASTNER, págs. 337-341. A tradução deste livro, incluindo a introdução do ênfase, baseia-se numa cópia do original em CARTAS PARA J. FISCHER. As referências das páginas na revista “MTA”, foram reconstruídas e referem-se à reimpressão de 1924 da “MTA”, Volume 1. Como tal, não são totalmente exactas.

Tenho agora que te escrever uma comprida descrição do que se passa aqui para te explicar os meus planos e ideias ainda um pouco imaturos e delimitar o âmbito do teu trabalho.

O ponto de partida. O apostolado é uma tarefa essencial da congregação. Para encontrarmos a forma de despoletar a imaginação e incentivar a vontade para entrar em acção, propusemos no ano passado o seguinte plano: seguindo o exemplo de Ingolstadt, temos que empreender, a partir da capela da nossa congregação, uma renovação moral e religiosa da Alemanha. O trabalho de auto-santificação adoptou e adopta ainda a forma de “contribuições para o capital de graças da MTA”, que deverão ser feitas em benefício do objectivo que te mencionei acima. Como o provarão os meus ficheiros que poderão um dia vir a ser revelados, já se fizeram alguns esforços heróicos em ambas as áreas. Se os nossos congregados mantiverem este espírito e mais tarde, como padres, lhe derem seguimento, teremos alcançado o nosso exigente objectivo. – E no entanto, é minha intenção ir ainda mais longe: Vallendar deveria converter-se realmente num segundo Ingolstadt.

Agora já conheces o mundo e sabes que o mal atrai o mal com uma fecundidade extraordinária. Mas mesmo assim tens conservado um tal optimismo e iniciativa que trabalhas numa contra-corrente com todas as tuas forças. Cada pedaço de força deverá ser mobilizado, mesmo o mais pequenino – pois nenhum deverá ser ignorado. Sobre isto estamos de acordo, que a devoção pela qual nos esforçamos na nossa congregação é capaz de unir a fé antiga com a alma moderna – sem quaisquer concessões cobardes – e consegue formar os valores da vida e da cultura da nossa religião. Admitirás também que nós juntos, os congregados, não somos mais que um punhado de homens contra os apóstolos do ateísmo e da imoralidade. Mas como instrumentos na mão da nossa Mãe celestial seremos capazes, mesmo assim, de conseguir alguma coisa (cf. “MTA”, pág. 15), se cada um de nós investir toda a sua energia esteja onde estiver e mediante um esforço organizado para atingir as metas comuns garantir que também o bem gera o bem, apesar das dificuldades.

Tendo por base este fundamento comum, partilho uma *ideia*:

1. É fácil ver como a organização planeada para os que deixaram a comunidade se pode estruturar sobre esta fundação e que resultados se podem esperar ao longo do tempo.
2. Na minha opinião, e segundo o espírito do nosso venerável fundador [Vicente Pallotti], deveríamos transplantar os nossos esforços para Limburg, para atingirmos uma educação homogénea que siga a orientação indicada acima. Um dos principais objectivos deverá ser a formação de líderes, não só para guiar com sucesso as congregações de padres

diocesanos que crescem constantemente (N.B. 1. Uma ideia fundamental do nosso venerável fundador: conservar e promover o espírito do apostolado nos sacerdotes diocesanos e nas comunidades religiosas, através da sua Sociedade. N.B. 2. *Qualis rex, talis grex* [Assim como vai o rei, assim vai o rebanho]... uma renovação moral e religiosa... utiliza as tuas experiências na guerra), mas também para estarmos preparados para o movimento dos jovens que cresce rapidamente. Temos que trabalhar com a juventude; senão... Infelizmente existem muitos educadores e directores de juventude que são inúteis, que na sua própria juventude receberam uma falsa influência religiosa e que portanto não servem ou apenas servem parcialmente no que diz respeito à grande batalha pela juventude. Aquele que tiver a juventude consigo, terá o futuro na sua mão: uma renovação religiosa e moral! A renovação da nossa Sociedade PSM [os Palotinos].

3. Não são só os nossos congregados que demonstram um interesse entusiástico pela nossa “MTA”, mas também os alunos do ensino secundário e das universidades. Será isto um sinal da nossa Mãe do Céu para dirigir a nossa procura nesta direcção seguindo os desejos da Divina Providência? Será isto um sinal Seu para, baseando-nos nestes indícios



Interior do santuário em 1915 ou 1916 (Arquivo do Monte Sião). As estátuas do Sagrado Coração de Jesus e do Imaculado Coração de Maria foram substituídas em 1918 por estátuas de Santo Aloísio (à esquerda) e de São João Berchmanns (à direita).

divinos (se bem que ainda um pouco inseguros), influenciarmos paulatina, inteligente e amplamente todo o movimento e depois aprofundar ainda mais? Será que a nossa Rainha

quer a nossa ajuda para juntar a juventude estudantil à Sua volta? É uma ideia demasiado abrangente para a considerarmos convincente e sustentável já de imediato, mas também é atraente e, tendo em conta o estado actual das coisas, não demasiado fantástica, não inteiramente impossível que justifique ser já rejeitada. Ando às voltas com a ideia duma organização semelhante à forma como o nosso venerável fundador queria subdividir o mundo inteiro – que poderia oferecer à nossa juventude estudantil uma alternativa às confrarias proscritas [por causa das restrições impostas pelo *Kulturkampf*], um baluarte e um contrapeso ao movimento monístico²⁵⁶ jovem. Sonhos! Naturalmente! E para que um dia se tornem realidade, será necessária uma vida inteira para os realizar com inteligência, objectivos traçados e de forma organizada.

Mas chega destas coisas e voltemos a assentar os pés na terra. O que queremos é ser instrumentos da nossa Mãe do Céu. Quanto mais fraco e pobre for o instrumento, mais brilhará a luz da glória de Maria através das nossas obras. E tanto os argumentos teológicos como os factos históricos me convencem que a nossa padroeira tem e deverá ter o lugar central na renovação moral e religiosa das coisas por virtude do lugar que ocupa no Reino de Deus. Quem esteja razoavelmente familiarizado com a actual economia de salvação entenderá que a actuação de Maria, tal como a do próprio Deus, está ligada por desígnio divino com a colaboração humana. É claro que Maria não tem que usar este ou aquele instrumento. É uma grande graça ser-se escolhido e usado por Ela. E acho que Ela nos escolhe, a nós os congregados, com especial predilecção. Através da Consagração fizemos uma aliança especial [em alemão: *Bund*] com Ela que vincula ambos os lados²⁵⁷. Não só a nós, não, mas também à nossa Rainha de Aliança, uma vez que a nossa promessa foi aceite pela autoridade eclesial aprovada pela Igreja, e o que ele faz nesta sua capacidade de presidente é válido no Céu. Se estamos comprometidos a aspirar por um extraordinário amor a Maria, por uma auto santificação superior à da média das pessoas, e por uma grande envolvimento em atitude e obras apostólicas, também Maria Se compromete a educar-nos em direcção a estas metas e a usar-nos. Ela é a *Virgo Fidelis* [a Virgem fiel], sempre e quando fizermos o que Ela nos pede. Se não o fizermos, Ela simplesmente terá que procurar outros instrumentos.

²⁵⁶ O movimento jovem monístico foi construído sobre o princípio do “monismo”, que defende que o universo é feito duma única substância – a matéria. Levado às últimas consequências, nega a existência de Deus ou dum espírito (excepto se for material) e é portanto ateu.

²⁵⁷ Ver o comentário do Padre Kantenich sobre esta passagem em USA-T 1952 (6 de Agosto), III 214, onde ele realça que esta aliança era já entendida como uma aliança que nascia a partir do *amor*.

Queremos seguir as Suas intenções. No teu caso e por outras razões podemos juntar a tua promessa, tantas vezes renovada, de colocar toda a tua vida e todas as tuas forças ao Seu serviço. É um serviço que é e permanece sendo um serviço a Nosso Senhor. Penso que os decretos da Sagrada Comunhão²⁵⁸ se cumpririam muito melhor se os nossos sacerdotes se colocassem, bem como aos seus rebanhos, mais sob a influência de Maria. (Novo ponto de vista para a utilidade em fundar e dirigir congregações de sacerdotes).

Mas regressando ao tema que acabámos de mencionar, no entretanto a nossa Mãe exige que, através de um desenvolvimento de tudo isto, desenvolvamos uma quieta e prudente propagação da nossa pequena revista. Deveríamos sondar apenas círculos que sejam já realmente do mesmo género, como uma elite. Se no Outono tivermos conquistado um ou outro já me darei por satisfeito. Ao longo destes dias tenho-me interrogado se não deveríamos criar um fundo separado para este projecto, etc., etc. De qualquer forma há algo que será atingido com esta promoção: uma verdadeira forma de tornar conhecida a nossa PSM. Poderemos talvez fazer despertar vocações, que se reconheça a utilidade duma atempada educação Católica, o valor da Congregação Mariana e a devoção a Maria... Enfim, já basta sobre este tema. O que achas?

Agora, a tua tarefa.

Em primeiro lugar, tens que coordenar os preparativos necessários para Limburg, tal como os projectámos. Será suficiente por agora se enviases a “MTA” às pessoas certas, e as tentares atrair às nossas ideias dando uma palavra aqui e ali. Dependendo do resultado obtido seguir-se-á o próximo passo, que deverá ser mais um degrau na direcção do objectivo a que nos propusemos. Terás que lidar com os pormenores de cada caso individualmente. Mas ficarei sempre contente de poder conversar sobre qualquer destes assuntos se me deres a informação necessária e desde que isso não iniba desnecessariamente a tua independência e liberdade de movimento. Deixo tudo nas tuas mãos com total confiança. Se mantiveres a tua experiência e maneira de fazer as coisas como no passado, então farás um bom trabalho com estas ideias. Não és apenas filho de Maria, és *Cavaleiro* de Maria!

Vallendar, ou mais precisamente a nossa capela com a MTA, devem permanecer no centro de tudo. As pessoas vêm e vão, mas a nossa capela permanece. Seria bom alimentares o amor pelo nosso santuário *em ti e nos outros*. Mais que não seja no interesse

²⁵⁸ Os decretos históricos do Papa Pio X, *Sacra Tridentina Synodus* (de 20 de Dezembro de 1905) que promovia uma maior frequência à Sagrada Comunhão (em contraste com a prática corrente duma Comunhão muito pouco frequente) e *Quam singulari Christus* (de 8 de Agosto de 1910) que reduzia a idade da Primeira Comunhão dos 12 anos para a idade da razão.

duma centralização duradoura. Uma coisa é certa, nasce daqui uma nova tarefa: a decoração adequada da nossa caixa de jóias.²⁵⁹

Juridicamente, a tua posição em relação a mim é a de um prefeito; dentro da nossa Congregação, podes considerar a posição da tua secção [em alemão: *Abteilung*] como independente, o que te concede, como seu dirigente, os direitos dum prefeito. Desta forma preservamos a unidade: dependência do Santuário e do magistrado. Vês também a ligação entre as ideias 2 e 3. De futuro, há que formar educadores da juventude que possam ser, se for caso disso, herdeiros e apóstolos da terceira ideia.

Se mais tarde ficares interessado *nos outros* planos (1 e 3) que se encontram fora dos limites do teu trabalho actual, a tua colaboração será muito bem-vinda. Deixo ao teu critério até onde queres e podes, com prudência, influenciar a tua gente nestas metas, tal como se será boa ideia informar os outros sobre estes objectivos e o seu contexto, ou guiá-los sem se darem conta. Segue os princípios da congregação e descentraliza se for útil. O objectivo é trabalhar muito com poucas pessoas.

Talvez possas também considerar as “contribuições para o capital de graças” [horário espiritual] como uma meta concreta para a tua auto-santificação. Funciona. Ponham todos mãos à obra. A causa que servimos sairá vitoriosa. E a garantia vem-nos da autoridade de Deus. Afinal de contas, a nossa experiência é apenas uma pequena parte da gigantesca luta entre Deus e o demónio, entre o espírito e a carne e o mundo. Embora o espírito do mundo vá avançando tempestuosamente com várias vitórias, Deus triunfará. Como apóstolos de devoção Mariana, queremos ajudar a preparar o Seu triunfo para que, na eternidade, a humanidade não fique exposta ao total embate do poder, onipotência e justiça divinos. Ou tudo ou nada.

Dou-te com gosto a minha bênção sacerdotal várias vezes por dia.... E peço a tua oração.

Com uma cordial saudação congregante e a minha bênção sacerdotal.

Com sincero afecto

[assinado] J. Kentenich

PARTE 2: ESTRUTURA DUMA ESPIRITUALIDADE

A vida de soldado era um teste duro para os ideais dos congregados de Schoenstatt, mas era certamente a prova mais exigente que a Divina Providência

²⁵⁹ “A nossa caixa de jóias” (*Schmuckkästchen*) significa provavelmente o santuário.

arranjara para formar uma nova obra que durasse. No momento em que os congregados entraram para o exército começaram as batalhas pelos ideais religiosos e morais. Por exemplo, tinham passado apenas cinco semanas desde que a guerra começara quando o Padre Kentenich escreveu o que se segue numa carta datada de 8 de Setembro de 1914:

O Hafeneth, colocado na fortaleza de Ehrenbreitstein, está a aguentar-se firme. Enquanto uns se divertem à noite no casino, ele fica lá fora silenciosamente a rezar o rosário. Com a sua *persistência* e discrição, ele está a conquistar gradualmente o respeito dos que têm uma opinião diferente da dele sobre o uso de palavrões (mulheres, bebidas, ...). Com dedicação e iniciativa adquiriu o respeito dos oficiais.²⁶⁰

As boas intenções sobre a santidade não seriam suficientes, e não havia ninguém melhor que os congregados para se conseguir aperceber desse facto quando começaram a experimentar a vida militar. A força de vontade vacilava facilmente quando o cansaço e a falta duma rotina de trabalho e dormida despertavam a tentação de “adiar a santidade para amanhã”. A comunidade foi um dos elementos essenciais, fosse na forma dum grupo de soldados congregados ou de cartas que iam e vinham dos alunos que ainda estavam em Schoenstatt. Um outro elemento crucial foi a descoberta que estes soldados faziam constantemente sobre a importância do exame particular (E.P.) e do horário espiritual (H.E.), bem como o controlo escrito de ambos.

Ser perseverante com o E.P. e com o H.E. não era fácil e a revista “MTA” relata dúzias de exemplos de como os vários sucessos e falhanços dos diferentes congregados eram vistos na frente de batalha. O facto de eles conseguirem relatar ambos, os sucessos e os falhanços, ajudou a dar-lhes novas forças para se atreverem a lutar novamente pelos seus elevados ideais.

Um terceiro elemento que também apareceu para complementar os outros dois foi o *ideal pessoal*. O termo teve origem na direcção espiritual que o Padre Kentenich fazia a um dos alunos da congregação de Schoenstatt, supostamente no início de 1917.²⁶¹ Mas havia já uma intuição anterior neste sentido com termos como *Kongregationsideal* (o Ideal da Congregação) e com propósitos individuais que congregados como Joseph Engling encontravam e aplicavam às suas vidas. O ideal pessoal era uma forma de formular o desejo e a missão únicos de Deus para cada pessoa. Encontrava-se analisando os desejos e aspirações duma pessoa, os seus talentos e temperamento e outros elementos do género. Uma vez descoberto, o ideal inspirava a pessoa a

²⁶⁰ cf. CARTA PARA J. FISCHER, de 8 de Setembro de 1914.

²⁶¹ cf. KASTNER, pág. 144.

encontrar maneiras de o viver dentro dum “plano geral” e de o renovar frequentemente num curto lema ou oração.

Todos estes elementos, o E.P, o H.E e o ideal pessoal (I.P.), deram provas do seu valor durante a guerra e tornaram-se o enquadramento prático da espiritualidade de Schoenstatt. A formulação mais sistemática da espiritualidade de Schoenstatt como *Espiritualidade de Aliança, Santidade na Vida Diária e Piedade Instrumental* só chegaria daí a alguns anos mas as formas práticas que poriam a espiritualidade a funcionar já estavam em bom andamento pelo fim da guerra.

O trabalho com esta estrutura de espiritualidade está bem retratado no artigo que se segue retirado da edição da revista “MTA” de 15 de Outubro de 1917. Na primeira parte, o Padre Kentenich introduz o tópico do exame particular, já amplamente discutido na congregação, e depois passa a palavra ao congregado Karl Kubisch, citando uma carta escrita por ele a 17 de Junho de 1917.

O EXAME PARTICULAR

Artigo da edição da revista “MTA” de 15 de Outubro de 1917

- Primeira parte escrita pelo Padre Kentenich
- Segunda parte escrita pelo congregado Karl Kubisch (17 de Junho de 1917)²⁶²

As perguntas sobre o objectivo e a prática do exame particular, tal como vem descrito na “MTA”, não param de chegar. Infelizmente o tempo não nos permite responder a cada uma pessoalmente. Sendo assim, gostaríamos de o fazer desta forma e com isto contribuir para a propagação desta prática tão bendita.

Encontra-se totalmente na linha do decreto papal sobre a Sagrada Comunhão. O estado de graça e a séria intenção de *servir a vontade de Deus, para ficar mais intimamente unido a Deus, e para nos retratarmos das nossas fraquezas e faltas* através desta forma divina de regeneração – eis as condições para recebermos o Sacramento do Amor. E apesar da sua simplicidade, realçam o trabalho para a auto-educação da alma. É portanto uma tarefa – e digo mais: uma das tarefas mais bonitas e fecundas – de qualquer Católico comprometido que se aplique na sua auto-educação, fazer uso da Sagrada Comunhão na formação do seu carácter e no exercício da sua profissão. E consegue-se atingir melhor este objectivo se se estabelecer uma forte ligação *entre a Eucaristia e o exame particular*.

²⁶² Edição da MTA II de 15 de Outubro de 1917, págs. 53-55; ver também KASTNER, págs. 332-335 (nota de pé de página). Os parágrafos mais longos foram subdivididos para facilitar a leitura.

Poderá valer a pena ler as palestras sobre a Sagrada Comunhão (real e espiritual [i.e. comunhão espiritual para os soldados que não tiverem possibilidade de ir à Missa]) e a auto-educação, na “MTA” I, 126 ss. [na reedição de 1924 são as págs. 90 ss]. Qualquer um que se preste a isso concordará com as perspectivas psicologicamente profundas e muito práticas de Fassbender, escritas num livro que vale muito a pena ler chamado *Wollen, eine königliche Kunst* [Força de vontade – Uma arte real], 1916, pág. 260 (Herder), que resumidamente diz: “Se o decreto, apoiado na tradição da Igreja Católica dos primeiros tempos, recomenda que se receba a Sagrada Comunhão frequentemente, e se se deduz daí um ênfase na necessidade de lutar por um ideal moral, é impossível negar que este decreto se destina a ser significativo para melhorar a direcção espiritual individual na confissão – principalmente orientando para o exame particular... – e aumentar a força de vontade entre os fiéis Católicos [como uma ferramenta de santificação].”

É também de mencionar o desafio lançado pelo professor universitário Dr. Rademacher, o acérrimo defensor duma visão sobrenatural da vida: “Por muito convictos que estejamos na recusa da acusação de que esperamos algum tipo de magia vinda dos nossos sacramentos, não vamos discutir o facto de que o trabalho pastoral pode e deve fazer um melhor uso do poder espiritual do sacramento da confissão (305). Podemos afirmar como uma valiosa lei da ordem divina da salvação que Deus não faz nada sem o homem; que Ele faz com que os efeitos sacramentais da confissão dependam da forma como aquele que se está a confessar usa o seu intelecto natural e as suas fontes de força moral, bem como da preparação e do cuidado educativo do sacerdote que ouve a confissão (307). A recomendação de utilizar o método já testado e comprovado do exame particular trará frutos à alma que se empenhar, mesmo que não esteja ligada à forma habitual. O principal é ter um propósito pessoal e definido. Os propósitos de grupo são rapidamente esquecidos e permanecem sem efeito (310) (*Theologie und Glaube* [Teologia e Fé], 1917, 305,)

A união do exame particular à Sagrada Comunhão e à confissão e – para nós congregados – à devoção Mariana e ao ideal de vida escolhido: eis o ponto de vista a manter em perspectiva e a ser usado na educação para se obter o efeito mais completo possível.

+ + +

Mas agora é altura de dar a palavra a um dos nossos congregados. É disso que a natureza da nossa revista precisa: inspiração *mútua*. Felizmente acabei de receber uma carta do prefeito de uma das nossas secções [*Abteilungen*]. É nitidamente uma carta que foi

escrita à pressa, tal como outras deste género. Se os pormenores não são suficientes, então a equipa editorial da “MTA” está pronta para responder a perguntas de dúvidas e dificuldades. A carta diz:

Hoje quero escrever-vos um pouco sobre o exercício que consideramos importante na nossa auto-educação como congregados, mas que não é completamente conhecido pelos congregados mais velhos que apenas estiveram connosco alguns meses antes de irem para a guerra, porque se foi desenvolvendo ultimamente e lentamente até chegar à forma que nós usamos agora: refiro-me ao exame particular.

O objectivo da auto-educação é remover os obstáculos à graça, para atingirmos o ponto em que estamos continuamente a seguir a graça, para nos deixarmos levar e guiar pela graça até à meta por ela escolhida. Os obstáculos são as nossas próprias falhas e tendências para o mal e acima de tudo a nossa principal tendência. A tarefa mais importante de cada pessoa que quer progredir na sua vida espiritual e atingir a perfeição é o batalhar e enobrecer do lado



A Congregação Mariana num encontro com o Bispo Vieter; o Padre Kantenich está à direita do bispo (Arquivo dos Padres de Schoenstatt, Província Alemã).

mau desta tendência – principalmente a nossa maior falha – com todos os meios naturais e sobrenaturais disponíveis. Tudo o que eu escrevo sobre a batalha firme e dirigida à maior falha é essencialmente válido também para a conquista duma virtude. Eis a forma como tentamos pôr o exame particular em prática:

Primeiro, de manhã. Quando nos levantamos fazemos o sinal da cruz e renovamos o ideal pessoal numa forma breve: “Maria, guiado por Vós, quero esforçar-me hoje pelo ... (I.P.). Por

isso decido firmemente a ... (E.P.). Ajudai-me, minha boa Mãe!" (I.P.) é onde o ideal é renovado e (E.P.) é o propósito para o exame particular. O propósito tem sempre que ser muito concreto. A falha principal expressa-se constantemente de modos diferentes. Se a falha principal é, por exemplo, orgulho, poderá então mostrar-se sendo dominador. Quero impor sempre a minha vontade e a minha opinião e interrompo os outros. Ou mostra-se sob a forma de contrariedade quando se é corrigido ou alguém nos pede para fazer qualquer coisa. É apenas com muita dificuldade que peço um favor a outra pessoa ou admito as minhas fraquezas a Deus e peço ajuda. Eu preferiria fazê-lo sozinho. Num caso como este, o propósito não pode ser "Hoje não vou ser orgulhoso (Serei humilde)" ou "Não vou ser dominador" ou algo semelhante, mas um propósito logo pela manhã poderia ser, por exemplo, "Durante o dia todo não vou discutir se tenho razão ou não" ou "Vou reconhecer as minhas falhas em fazer coisas boas três vezes por dia perante Deus e com todo o meu coração" ou "Em todas as matérias do Programa vou pedir autorização ao prefeito da aula e obedecer-lhe" ou algo que seja semelhante.

A seguir vem para nós a Sagrada Comunhão. À medida que contamos a Nosso Senhor sobre as nossas acções e esforços, sobre o trabalho em prol do ideal, sobre as dificuldades que encontrámos ao longo do dia, sobre as nossas derrotas e vitórias (tudo sobre o dia anterior) e Lhe pedimos ajuda, bem como Lhe agradecemos pelas graças concedidas, o exame particular está no meio das coisas mais importantes. Contamos-Lhe o quanto fomos bem sucedidos a cumprir o nosso propósito e agradecemos-Lhe com todo o nosso coração o apoio poderoso da Sua graça que tornou possível a vitória. Confessamos as vezes em que falhámos no cumprimento do nosso propósito, reconhecemos a nossa fraqueza, arrependemo-nos, pedimos perdão e ajuda. Ao mesmo tempo prometemos a Nosso Senhor que no dia seguinte não viremos de mãos vazias, impomo-nos este ou aquele acto de mortificação como penitência e reparação das nossas faltas e também confirmamos se cumprimos a penitência do dia anterior. O acto de penitência é uma parte importante do exame particular. Naturalmente, se centramos tanto a nossa auto-santificação no exame particular, então falhar nisso deixa de ser uma falha sem importância e merece um castigo; por outro lado, esta penitência é uma grande ajuda para fortalecer a nossa vontade de manter bem o exame particular. E então digo para mim mesmo: Quero firmemente manter o meu propósito e por cada vez que falhar não hesitarei em impor-me uma penitência. Se eu fizer isso, então o meu propósito ficará cada vez mais firme. Tal como com a Sagrada Comunhão, também nós, como congregados, unimos este controlo do exame particular e a renovação do propósito à devoção à nossa Mãe do Céu. É por amor a Ela que fazemos tudo isto. Mas descrever adequadamente a relação entre o amor de Jesus e o amor de Maria significaria uma carta só para isso, que espero escrever brevemente.

Na Sagrada Comunhão arranjámos a força para manter o nosso exame particular e esvaziar o nosso coração pessoalmente a Nosso Senhor. É nossa tarefa colocar este propósito

em acção ao longo do dia. Torna-se mais fácil para nós em Schoenstatt porque a capela da congregação está tão perto. Durante as visitas, o mais importante é uma curta verificação do exame particular desde a última visita. Uma curta oração vinda directa do coração agradecendo a Nosso Senhor e à Mater Ter Admirabilis se tudo correu bem, um acto de humildade e contrição se falhámos, um novo propósito com uma oração a pedir ajuda e a batalha pode continuar. Se o momento chega - hic Rhodus, hic salta [eis o momento da verdade] – olhamos depressa para Nosso Senhor que nos deu a força e a Quem fizemos esta promessa e para a nossa Mãe e Rainha, e fazemos o sacrifício – ou não, devido à nossa fraqueza. Neste último caso significa simplesmente: não percas a tua coragem, mas renova o teu propósito o mais rapidamente possível e torna-o mais firme com um acto de penitência.

À tarde revemos mais uma vez como está a correr o nosso exame particular ao longo do dia e despertamos agradecimentos ou humildade e contrição ou ambos, conforme o caso. O mais importante para o exame particular é o controlo escrito em cada noite. Dependendo do propósito escolhido, é possível anotar o número de vezes que foi cumprido ou o número de vezes em que não foi. Este controlo permite fazer uma auto-avaliação com precisão. Passado algum tempo, torna-se possível ver se se fez algum progresso ou não ou até se houve um retrocesso, e tomar as medidas mais adequadas. Também assim se torna não só possível mas até mais fácil a revisão feita na confissão – que tem que ser feita todas as vezes. Convém também referir que, em relação aos propósitos, vamos evoluindo lentamente duns mais fáceis para uns mais difíceis.

Meus queridos companheiros congregados, quero agora resumir novamente os princípios do exame particular: 1. Lutar contra a minha falha principal. 2. Concentrar todos os poderes naturais e sobrenaturais num pequeno ponto. 3. Progredir do mais fácil para o mais difícil. O dia decorre da seguinte forma: 1. De manhã: renovação do ideal pessoal e do exame particular. 2. Depois da Sagrada Comunhão: revisão do dia anterior e um firme propósito para o novo dia com uma oração a pedir ajuda. 3. Ao longo do dia: renovação frequente do propósito; se possível ligada às visitas [ao Santuário]. Uma oração jaculatória em casos individuais. 4. À tarde: exame e controlo por escrito. 5. Com determinados intervalos: comparação e revisão durante a confissão.

Naturalmente, não vos será possível fazê-lo exactamente como nós o fazemos. Mas há que preservar os princípios para se vir a atingir o sucesso. Não pensem, queridos irmãos congregados, que a concentração de toda a nossa força num só ponto fará com que desponham cá para fora todas as nossas outras faltas. A experiência tem mostrado que se passa exactamente o contrário. Temos por certo que vamos dominando gradualmente a nossa maior falta. Porém, juntamente com esta, muitas outras faltas desaparecem também. Por outro lado, com esta vigorosa luta que ataca o nosso carácter no seu ponto mais frágil e sensível, toda a

personalidade é reforçada e elevada, tornando mais fácil suprimir as restantes faltas. Que a nossa Mater Ter Admirabilis vos ajude a pôr realmente em prática aquilo que considerarem correcto. Talvez cheguem por vós próprios então à ideia de partilhar isto em grupo, forma de aplicar o exame particular que se tem provado ser a mais prática na situação em que se encontram.

Com uma calorosa saudação de congregado e sempre vosso,

(17 de Junho de 1917)

Karl Kubisch, Prefeito

PARTE 3: APOSTOLADO

Se um futuro historiador apostólico decidir examinar cuidadosamente as centenas de cartas, as longas páginas da revista “MTA” e todos os outros documentos dos anos 1914-1918, descobrirá um vasto leque de exemplos e acontecimentos relacionados com a congregação de Schoenstatt e a sua actividade apostólica. Seja o apostolado silencioso da oração e do bom exemplo, seja o de levar outros a ir à Missa, o de oferecer bom material de leitura ou conversar com um amigo, seja ainda o de organizar reuniões de apostolado para os leigos, a lista rapidamente cresceria em centenas de direcções diferentes e únicas. E no entanto, tudo se unia com um só objectivo de trabalhar em direcção ao paralelo de Ingolstadt-Schoenstatt – a renovação religiosa e moral do mundo a partir do Santuário.²⁶³

Difícilmente se conseguirá acentuar suficientemente o quão extraordinárias eram as circunstâncias, pois à medida que a guerra se ia arrastando era de esperar que os ideais destes jovens fossem perdendo terreno para a desilusão e a fadiga moral causadas pela guerra sem fim, a vida militar, paisagens massacradas por bombardeamentos onde nem um bocado de relva se conseguia vislumbrar, marchas intermináveis. Um sinal do “milagre de graça” que ia silenciosamente tomando forma era tão simplesmente o volume de correio resultante do esforço para se encorajarem mutuamente e manter o contacto. Registaram-se pelo menos 15,000 cartas que passaram por entre as fileiras dos congregados de Schoenstatt!²⁶⁴

²⁶³ ENGLING B&T, I 289ss. (de 26 de Junho de 1916)

²⁶⁴ Ibid., II 66.

A ORGANIZAÇÃO EXTERNA

O número de alunos do seminário menor de Schoenstatt que passava para o serviço militar ia crescendo, tornando-se necessário procurar novas formas de manter vivo o espírito. Numa situação normal, aqueles que terminavam o seminário menor e ainda pretendessem unir-se aos Palotinos eram transferidos para o noviciado em Limburg. Porém a guerra não permitia a ninguém uma “situação normal” e o recrutamento não chamava apenas os que tinham terminado o seminário menor mas também os das classes mais velhas, tomando o ano de nascimento como factor determinante. Em Novembro de 1916, quando recrutaram os nascidos em 1898, estavam já pelo menos 70 a 80 congregados no exército.²⁶⁵

Este facto trouxe consigo uma preocupação pelas vocações destes jovens. Afastados dos normais apoios ao crescimento espiritual, necessitavam agora mais do que nunca de maturidade cristã para enfrentarem os níveis frequentemente depravados de homens a viver as condições extremas da vida militar sem várias das protecções básicas para uma boa conduta moral. Se alguma vez tinha havido necessidade dum



O Grupo Andernach (formado durante o campo de treino em Andernach). Fila da frente (da esquerda para a direita): Wilhelm Guntermann, Albert Langner, Johann Bezold, Bruno Angrik. Fila de trás: Max Brunner, Andreas Schäfer, Matthias Ramershoven, Alfons Haendly, Francis Lorscheid (Arquivo do Monte Sião).

²⁶⁵ cf. CARTA PARA J. FISCHER, de 20 de Novembro de 1916.

“homem novo numa nova comunidade” era ali e agora, e havia que encontrar um meio para continuar a lutar por viver uma vida realmente Católica.

O primeiro meio foi a construção duma rede de correspondência Pouco depois do início da guerra o Padre Kentenich escrevia já um número considerável de cartas aos primeiros a serem recrutados.²⁶⁶ A julgar pelos documentos disponíveis, este trabalho tornou-se num esforço de equipa no início do ano escolar de 1915-16. Alguns congregados foram destacados para escreverem aos companheiros que estavam no exército. O Padre Kentenich adicionava depois uma curta nota a muitas das cartas para encorajar e assinalar o seu apoio pessoal.²⁶⁷

O passo seguinte foi a tentativa por parte dos soldados congregados em formar grupos nos campos de treino. A vantagem do campo de treino era conservar os mesmos recrutas no mesmo sítio durante alguns meses. A primeira tentativa de formar um grupo foi a 16 de Janeiro de 1916, por iniciativa de quatro congregados que se encontravam no campo de treino de Berlim (mais informação no capítulo 9). O grupo nascido em 1897 foi recrutado em Março de 1916 e daí resultaram dois grupos: em Andernach, um pouco abaixo de Schoenstatt indo pelo Reno (que incluía Max Brunner), e em Colónia (que incluía Albert Langner). As tentativas de Joseph Engling de formar um grupo no campo de treino em Hagenau no final do ano (do grupo nascido em 1898, recrutado em Novembro de 1916) acabaram, porém, constantemente frustradas.²⁶⁸

A seguir ao campo de treino, as dificuldades só se intensificavam à conta do constante movimento de tropas. Formaram-se grupos de três a cinco congregados com pouca esperança de se conseguirem reunir. A correspondência tornou-se assim uma das formas de comunicação e debate, e o chefe do grupo tinha que velar pelo espírito do seu grupo de forma a não vacilar, e manter o contacto com Schoenstatt. Schoenstatt era também o quartel-general que coordenava as constantes mudanças de moradas e os pedidos de material de leitura, de imagens da MTA (a Mãe Três vezes Admirável rapidamente passara a ser conhecida simplesmente pela “MTA”), ou outras coisas do género. Mas, principalmente, Schoenstatt teve que ser o pilar do espírito da congregação através das suas próprias reuniões, orações no Santuário e sacrifícios. O falhanço de Joseph Engling em formar um grupo em Hagenau deu um fruto importante pois nos finais de 1916, através duma leitura cuidada das cartas que recebia, apercebeu-se de um apagar de espírito em Schoenstatt. A perda dos “98’s” (os da

²⁶⁶ Ibid., 8 de Setembro de 1914.

²⁶⁷ Ibid., 7 e 14 de Novembro de 1915.

²⁶⁸ cf. KLEIN (1954), pág. 11.



O Grupo Hagenau (formado durante o campo de treino em Hagenau). Fila da frente (da esquerda para a direita): Eckhardt, Josef Friedrich, Hans Blümer, Walter Steinert, Hans Wormer. Fila de trás: Johannes Dekarski, Joseph Engling, Joseph Rath, Joseph Blath (Arquivo Monte Sião).

idade dele) tinha esmorecido o entusiasmo da congregação e até o projecto dos presentes de Natal – cujo objectivo era dar a cada soldado congregado a alegria muito esperada dum pequeno presente de Natal – se deparou com algum desânimo. Engling escreveu uma carta a Fritz Esser a 17 de Janeiro de 1917 para tentar que Esser fizesse despertar vida novamente nas coisas. Fritz deu o seu melhor com uma palestra cheia de entusiasmo num *workshop* a 29 de Janeiro de 1917, mas pareceu ter caído em ouvidos surdos. Mesmo assim, começou uma lenta recuperação e em Maio de 1917 o espírito de Schoenstatt tinha despertado novamente ao ponto de os congregados se atreverem a fazer do controlo escrito do exame particular o seu propósito para esse mês.²⁶⁹

Mas estamos a adiantar-nos demasiado. Em 1916 deu-se um crucial passo em frente: a fundação da *Organização Externa*, por vezes chamada com o nome *Congregatio militaris* (“congregação militar”). Foi concebida para ser mais do que uma forma de organização para os alunos de Schoenstatt de uniforme. Tinha também por trás uma forte intenção apostólica – expandir a influência da MTA e a Sua missão de renovação moral e religiosa. Tal como disse o Padre Kentenich em 1928:

²⁶⁹ Ibid., págs. 12-14.

Dissemos a nós próprios que se Maria estivesse realmente por trás disto, que então poderíamos arriscar. E arriscámos mesmo. Em todas as batalhas Maria foi a nossa única esperança. Agora já não tínhamos mais razões para duvidar que Nossa Senhora estava por trás disto. Ela era o único fundamento de tudo o que fazíamos. E por causa disso arriscámo-nos a levar para a frente o grande projecto: fundámos a Organização Externa.²⁷⁰

Em Maio de 1916 assistiu-se a um novo impulso quando em Schoenstatt se começou a pensar mais seriamente na forma de manter abertas as linhas de comunicação e como realizar o paralelo Ingolstadt-Schoenstatt atraindo novos membros. Antes do início das férias de Verão em Julho, os desejos dos congregados de uniforme foram finalmente satisfeitos quando o magistrado da congregação em Schoenstatt destacou responsáveis aos grupos no exército. Assim, cada grupo no campo de batalha tinha um congregado em Schoenstatt que o representava no Santuário e perante o magistrado e que o mantinha informado dos acontecimentos “lá em casa” na congregação. Estes responsáveis garantiam que o líder do grupo externo dispusesse do material necessário para as suas cartas ao grupo.²⁷¹

Por volta desta altura começaram também os primeiros grupos externos não-militares, compostos por alunos que não estavam nem associados ao colégio Palotino em Schoenstatt nem eram necessariamente militares. Os grupos eram de Limburg, onde Ferdinand Kastner tinha um grupo de alunos do ensino secundário a funcionar a partir de Março de 1916²⁷², e de Neuwied, através de contactos pessoais dos congregados de Schoenstatt. Havia mais uns interessados a considerar, tais como irmãos de congregados.²⁷³

²⁷⁰ APL 1928, pág. 14s..

²⁷¹ cf. KLEIN (1954), pág. 15.

²⁷² cf. ENGLING B&T, I 248s. (de 24 de Abril de 1916); CARTA PARA J. FISCHER, de 17 de Julho de 1916; MTA I 8 (carta de 16 de Março de 1916) e I 26, 28-29.

²⁷³ cf. ENGLING B&T, I 289-290 (de 28 de Junho de 1916); MTA II 88.



Fotografia da congregação a 8 de Dezembro de 1916, mostrando 28 membros que não se encontravam na frente de batalha. Fila da frente (da esquerda para a direita): Alex Menningen, Wilhelm Girke, Heinrich Schulte, Richard Henkes, Fritz Esser, Alfons Hoffmann.

Fila do meio: Johann Will, Johannes Pabelick, Joseph Schollmeyer, Albert Reuch, Alois Greb, Lawrence Dillschneider, Otto Boenki, Peter Hoffend, Nicholas Angermaier, Paul Papst, Johannes Acht, Johannes Tick, Kaiser, Joseph Kessler, Willy Diel.

Fila de trás: Georg Ständer, Kaspar Quirmbach, Georg Goebel, Peter Emmerich, (?), Ruprecht Dausmann, Alfons Zenzen (Arquivo dos Padres de Schoenstatt, Província Alemã).

Pormenor na página seguinte.

Finalmente foi possível, em Novembro de 1916, dar o último passo para a formação da Organização Externa, para alegria de todos os envolvidos. Esta “congregação dentro duma congregação” continuava a depender do magistrado em Schoenstatt (i.e., havia uma “centralização”), mas duma maneira que lhe permitia funcionar de forma fluida e descentralizada. Seguiram-se-lhe outras pequenas vitórias, tais como o recrutamento de novos membros, e no meio da guerra a congregação cresceu a uma velocidade que ninguém teria considerado possível. Como foi referido pelo Padre Kentenich numa carta escrita a 18 de Abril de 1917:

Os nossos esforços cresceram e tornaram-se num movimento que está a atrair círculos cada vez mais amplos...²⁷⁴

²⁷⁴ cf. CARTA PARA J. FISCHER, de 18 de Abril de 1917.



O trabalho da Organização Externa foi maioritariamente colocado nas mãos dos congregados principais que estavam no exército, a quem foram atribuídas responsabilidades por secções (*Abteilungen*). As secções foram então subdivididas em grupos cuja função era cultivar o maior apoio pessoal e comunicação espiritual que as provações da guerra permitissem. Formaram-se sete secções diferentes, incluindo algumas que falharam ou que nem sequer se concretizaram.²⁷⁵

1. *Anton Seubert* (25 antigos alunos Palotinos, alguns vindos da Associação Missionária, outros dos recrutados em 1914); houve algum trabalho inicial mas esta secção nunca chegou a começar.
2. *Josef Fischer* (10 alunos Palotinos do grupo fundador da Congregação Mariana em 1914, a maioria recrutada em 1914, e mais alguns), 3 grupos, 8 membros mortos em batalha até Setembro de 1917, a secção cai em 1917 (os dois grupos que permaneceram foram incluídos nas secções *Hafeneth* e *Zeppenfeld*).
3. *Franz X. Hafeneth* (formada no início de 1917 à volta deste prometedo líder vindo da secção *Fischer*, incluía muitos das classes de 1898 e 1899, dínamo da Organização Externa), 7 grupos, 48 membros.
4. *Rudolf Gross* (formada no início de 1918 para os alunos da classe de 1900 e mais alguns, para formar um segundo dínamo), 6 grupos, 37 membros, incluindo Joseph Engling.

²⁷⁵ Ver pesquisa do Padre Heinrich Hug.

5. *Alois Zeppenfeld* (secção formada nos finais de 1917 principalmente para soldados não filiados no seminário de Schoenstatt), 3 grupos, 23 membros.
6. *Joseph Chelminski* (secção dos seminaristas Palotinos Polacos formada em 1918 através do contacto com Chelminski), perdeu-se o contacto com esta secção depois da guerra.
7. *Liga Mariana* (começou em Outubro de 1917, permitiu a entrada de quaisquer outros soldados ou alunos que não estavam em grupos), teve algum sucesso mas terminou com o fim da guerra; converteu-se na Liga Apostólica em 1920.

O crescimento foi de tal forma significativo que o Padre Kentenich teve que pedir um assistente aos seus superiores Palotinos. A partir de 1 de Maio de 1917, o Padre Karl Schneider (primo de Josef Fischer) foi destacado para o ajudar com o aumento da carga de trabalho.²⁷⁶

O segredo da energia da vida da Organização Externa deveu-se à profundidade dos seus alicerces em Maria e no santuário e na sua capacidade de ajudar cada um a dominar os desafios da vida do dia-a-dia. O Padre Kentenich partilhou uma parte da sua visão sobre este segredo em 1928. Ele refere-se à “ideia” que motivou estes jovens – o seu amor fervoroso e activo pela MTA e a determinação em ajudá-l’A a expandir o Seu reinado pelo mundo todo:

Os nossos rapazes estavam na guerra e fundaram a Organização Externa. Chamámo-lhe *Congregatio militaris*. Mas esta congregação foi construída de forma diferente das outras. E o que nos guiou naquela altura foi simplesmente esta ideia: Nós somos responsáveis pela Santíssima Virgem. Temos que lutar pela nossa ideia lá fora pelo mundo, para o fazermos temos que trabalhar juntos, lado a lado – não deixarmos que ninguém se vá abaixo. A estrutura exterior que este movimento assumiu pode ser encontrada na placa memorial [que se encontra no Santuário Original; referente aos vários grupos externos]. A organização era semelhante à da Federação agora.

Podem assim ver como toda a nossa estrutura se desenvolveu, como as nossas estruturas passaram a existir historicamente. Dirão que se trata duma questão trivial mas não, não há nada de trivial sobre a fundação duma comunidade realmente capaz de viver e crescer, considerando como tantos se encontravam na total miséria da guerra. Os jovens, espalhados pelas várias frentes de batalha pelo mundo fora, apenas se

²⁷⁶ cf. CARTA PARA J. FISCHER, de 3 de Maio de 1917.

conseguiam manter unidos por carta. Estavam de tal forma espalhados que raramente tinham qualquer contacto uns com os outros. Outros tentaram imitar-nos e quiseram atingir algo semelhante mas sem sucesso. Muito provavelmente tê-lo-iam conseguido apenas dispondo duma ideia semelhante.²⁷⁷

A REVISTA MTA

Uma das razões para a atenção cada vez maior que estes esforços começaram a atrair foi a publicação duma revista que já tem sido mencionada várias vezes. Era a “*Mater Ter Admirabilis*” ou, abreviando, a revista “MTA”. Começou a ser publicada a 5 de Março de 1916 para benefício dos congregados soldados. Resultava maioritariamente do trabalho do Padre Kentenich, que considerava necessário melhorar os canais de informação e inspiração. Este seu objectivo foi mencionado a Josef Fischer numa carta escrita em Abril de 1916:

Gostas da “MTA”? Fico contente. Deus queira que venha a ter ainda mais sucesso.... em propagar o princípio da nossa congregação – mobilizar as energias dormentes de cada indivíduo.... despertando, promovendo e dirigindo – para que não só consiga atingir o seu objectivo mas também deixar – como um indiscutível documento histórico – uma eterna fonte de juventude do genuíno espírito congregado para aqueles que virão.²⁷⁸

Para a composição da revista, o Padre Kentenich utilizou a sua extensa colecção de cartas dos rapazes. Isto não pretendia ser uma quebra de privacidade (os nomes foram omitidos quando a pessoa queria permanecer anónima), mas antes uma resposta extraordinária para circunstâncias extraordinárias. Pouco tempo depois da guerra ele escreveu (1919):

Uma avaliação justa não pode ignorar, porém, que as publicações da “MTA” em tempo de guerra pretendiam ser um meio *extraordinário* a utilizar em tempos *extraordinários*, um substituto do natural contacto pastoral que se tornou impossível.... A “MTA” não foi certamente escrita para jovens a viver uma situação normal e ordenada, mas antes, por regra, para os que participavam na guerra. Recordem-se do cenário naquela época: Um jovem encontra-se num ambiente que lhe é estranho e hostil, completamente sozinho, com os seus ideais e a sua visão das coisas. Aquilo que lhe é mais precioso e sagrado é motivo de

²⁷⁷ APL 1928, págs. 15s.

²⁷⁸ cf. CARTA PARA J. FISCHER, de 11 de Abril de 1916.

troça e desprezo por parte dos camaradas que o rodeiam. É fácil imaginar as lutas que isto pode causar na alma dum jovem tão solitário. Onde irá ele encontrar o consolo e a ajuda de que precisa para conservar a sua vida espiritual à tona de água? As ajudas espirituais são escassas e a possibilidade de contacto com um padre amigo é declaradamente minoritária. É aqui que a “MTA” quis intervir e a avaliar pela reacção, cumpriu bem a sua missão precisamente com a publicação destas auto-revelações. É fácil explicar isto psicologicamente. As lutas espirituais descritas na “MTA” são as mesmas que cada um dos jovens idealistas em uniforme tiveram que travar durante a guerra. Isto levou-os a reflectir: Afinal, não estou só, existem outros a passar pelo mesmo que eu. E esta reflexão trouxe-lhes calma e apaziguou o sentimento de solidão, despertou-lhes coragem e força para recomeçar a luta²⁷⁹



Cabeçalho da revista *Mater Ter Admirabilis*

Todo o projecto “MTA” foi concretizado nas mais difíceis das circunstâncias. A Congregação Maior tinha apenas 75 *Pfennig* (imaginem 75 cêntimos!) em tesouraria. A “regra” financeira era *Mater habebit curam*, a Mãe tomará conta disso!²⁸⁰ A Congregação Maior vivia assim inteiramente de donativos, principalmente do que os congregados militares conseguiam poupar dos seus parques salários. E a revista nem sempre gozava do apoio dos superiores Palotinos. Por exemplo em 1917, o noviciado Palotino e o seminário maior em Limburg baniram a “MTA” da lista de leituras

²⁷⁹ cf. CARTA PARA von KLEIST, de 12 de Novembro de 1919.

²⁸⁰ APL 1928, págs. 12s.

permitidas aos noviços e seminaristas.²⁸¹ Só em 1918 é que se conseguiram ultrapassar estas dificuldades.

Não obstante o facto de que as edições do primeiro ano se cingiam a simples litografias e cartas manuscritas, a quantidade que tinha que ser impressa rapidamente suplantou o número de congregados em uniforme. As primeiras edições de 200 exemplares por cada revista (bi-semanal) tiveram que ser aumentadas para 300 e depois para 400 (no fim de Agosto de 1916), depois 600 (Novembro 1916) e em Março de 1917 eram pelo menos 1,000. A “MTA” também mudou de aspecto no início de Fevereiro de 1917, quando começou a ser impressa numa tipografia, adquirindo o formato mensal de 8 páginas de 19x28 cm.²⁸² A “MTA” não só supria as necessidades dos congregados de Schoenstatt como se tornou também um meio de apostolado e agia como uma inspiração para outros congregados, chegando a ser subscrita por grupos inteiros. Pelos finais de 1917 a tipografia tinha que produzir 2,000 cópias de cada número.²⁸³ Longe de constituir leitura fácil, atingia no entanto as necessidades destes jovens que se atreviam a lutar pela santidade na frente de batalha, e era uma bem-vinda alternativa a muita da outra literatura que circulava pelas trincheiras.

OUTROS APOSTOLADOS

É por vezes impressionante perceber até onde os soldados congregados estavam dispostos a ir para expandir o trabalho da Mãe Três vezes Admirável. Nas suas cartas – muitas vezes surpreendentemente longas tendo em conta as condições em que eram escritas – não falavam tanto das condições miseráveis em que viviam como do esforço em manter um grupo a funcionar ou como alguma pequena iniciativa apostólica poderia ser possível. Joseph Engling era mestre nesta questão e destacou-se dos outros na sua disponibilidade em escrever uma carta, num momento que tivesse livre, para consolar um companheiro congregado que parecesse ter perdido a coragem de lutar pelo ideal.

As iniciativas apostólicas eram muitas e variadas. Uma foi a criação duma biblioteca ambulante composta essencialmente por livros religiosos que os soldados podiam encomendar por correio de Schoenstatt ou uns dos outros. Uma outra

²⁸¹ APL 1928, págs. 13s. e MONNERJAHN, págs. 78s..

²⁸² cf. CARTAS PARA J. FISCHER, de 16 e 29 de Agosto de 1916, de 20 de Novembro de 1916 e de 18 de Abril de 1917; e MONNERJAHN, págs. 74s..

²⁸³ cf. MONNERJAHN, págs. 74ss.

iniciativa foi o esforço de conquistar soldados companheiros para virem assistir aos serviços religiosos que de vez em quando tinham lugar nas imediações – mesmo que “nas imediações” significasse uma caminhada de vários quilómetros. Foi nesta altura que a primeira mulher, Gertraud von Bullion, uma enfermeira da Cruz Vermelha num hospital militar, veio a conhecer Schoenstatt. Embora não se pudesse tornar membro da congregação, foi a sua insistência que levou o movimento a admitir mulheres pela primeira vez, em 1920.



Gertraud von Bullion a ler para um soldado ferido num hospital militar durante a I Grande Guerra (fotografia: Federação das Mulheres de Schoenstatt).

Foi também durante estes anos que se começaram a antever os ramos da Liga de Schoenstatt, através da *Liga Mariana*. Os esforços em expandir o movimento a círculos o mais amplos possível trouxeram a esta corrente de vida soldados e outros jovens, que não se sentiam capazes de corresponder a todas as exigências da Organização Externa mas que estavam dispostos a trabalhar pelos mesmos objectivos,

de acordo com as possibilidades de cada um.²⁸⁴ Esta “Liga Mariana”²⁸⁵ foi inspirada, pelo menos em parte, num esforço semelhante duma Congregação Mariana em Viena²⁸⁶ e integrava-se bem no amplo universo de leitores atraídos pela “MTA”. Pode ser que os círculos de alunos de teologia fundados durante o último ano da guerra – por Franz Salzhuber em Mons com 7 membros (entre os quais se encontravam um sacerdote diocesano, dois seminaristas diocesanos e um seminarista dos Trapistas, um dos Franciscanos, um dos Padres Salvatorianos e um dos Padres da Divina Palavra); por Wilhelm Witte em Lille com 19 a 30 membros; por Walter Steinert no Sena com cerca de 50 membros²⁸⁷ – juntamente com o entusiástico “círculo profissional” de Alois Zeppenfeld (um grupo com cerca de 80 participantes desde alunos de teologia, medicina a direito, desde professores a técnicos e empresários, também no Verão de 1918²⁸⁸) – tenham conduzido nessa direcção. É certo também que Joseph Engling

²⁸⁴ APL 1928, pág. 31.

²⁸⁵ cf. Tagung für Bundespriester 1935, pág. 20.

²⁸⁶ cf. Padre Franz Bezler, “Die Kongregation en Schönstatt und der Apostolicher Bund”, em Hörde (1969), pág. 27.

²⁸⁷ cf. MTA III, 44-45, 64.

²⁸⁸ cf. MTA III (de 15 de Setembro 1918), 51 (carta escrita por Zeppenfeld a 27 de Agosto de 1918).

trabalhou para atrair membros para a Liga Mariana nas últimas semanas antes da sua morte em Outubro de 1918.²⁸⁹ Quando se deram em Schoenstatt os primeiros retiros abertos a pessoas de fora no Verão de 1918, foram convidados membros da Liga bem como congregados.²⁹⁰ Mas apesar das boas expectativas, a Liga Mariana desfez-se no final da guerra, não sem antes delinear um esquema para a fundação permanente da Liga Apostólica de Schoenstatt em 1920.

Um outro esforço foi a publicação dum pequeno livro intitulado *Laienapostolat im Weltkrieg* (O Apostolado Leigo durante a Guerra Mundial). Poder-se-ia dizer que este foi o primeiro livro de Schoenstatt a ser publicado. As suas 64 páginas em tamanho de bolso foram escritas por um Dr. Gottfried Eder que tinha manifestado um interesse especial pelo trabalho por detrás da revista “MTA”. Já estava a ser escrito em Março de 1918 e a primeira impressão de 5,000 cópias saiu em Maio.²⁹¹ Como esta primeira edição se esgotou rapidamente (muitas vezes oferecida, uma vez que a maioria das cópias foi distribuída com objectivo apostólico) seguiu-se-lhe uma segunda edição de 15,000 cópias em Agosto. Porém, o fim da guerra aconteceu depressa demais para se distribuírem todos os exemplares.

O livro tinha sido escrito com a difícil situação pastoral dos soldados em mente. Como escreveu um crítico:

O capelão que escreveu o que se segue ao autor [Dr. Eder] tinha razão: “Se a guerra se prolongar, teremos que organizar um apostolado leigo.” Sabemos que o trabalho pastoral militar nunca poderá ter a intensidade do das paróquias, que a direcção espiritual individual é quase impossível para os capelães. Então têm que existir camaradas de armas impregnados duma profunda religiosidade e que sejam firmes colunas dentro da poderosa estrutura militar não só através duma verdadeira amizade como também sendo apóstolos para os seus companheiros.²⁹²

Seguindo este espírito o livro debruçava-se sobre as possibilidades de actividade apostólica para o católico leigo como soldado – através do seu bom exemplo, do encorajamento de valores Católicos usando conversas, conduzindo cerimónias laicais de devoção, distribuindo boa literatura, através do acto de perfeita contrição, e outras

²⁸⁹ cf. Menningen/Engling, pág. 223, ENGLING B&T, III 352-353

²⁹⁰ cf. KLEIN (1954), pág. 28 e MTA III, 57.

²⁹¹ cf. CARTA PARA J. FISCHER, de 29 de Março de 1918; MTA III (de 15 de Maio de 1918), 22; e ENGLING B&T, III 249 (de 15 de Junho de 1918), 279 (de 29 de Julho de 1918), 284 (de 5 de Agosto de 1918), 313 (de 26 de Agosto de 1918), etc., onde Joseph Engling incita à distribuição do livro na frente de batalha.

²⁹² *Fränkisches Volksblatt*, de 21 de Maio de 1918, cf. citação na segunda impressão de EDER.

formas. Foram também incluídos exemplos de actividades laicais realizadas por soldados no início da I Grande Guerra.

ECOS DO PASSADO DUM NOVO GRUPO

Tanto os congregados de Schoenstatt como a revista “MTA” atraíram o interesse de jovens que, nas difíceis situações da guerra, pensavam do mesmo modo. Também o Dr. Gottfried Eder se sentiu atraído, contribuindo com um artigo para a “MTA” que apareceu no número de 15 de Janeiro de 1918 sob o título “O Apostolado na Guerra”.¹ Na carta que introduzia o artigo, ofereceu-se para doar 50 Marcos para ajudar a providenciar boa literatura para os congregados. O editor, o Padre Kentenich, imprimiu também a carta e acrescentou-lhe a sua própria resposta:

Queridos congregados! Aceitámos com gratidão a generosa oferta deste nobre doador. Os livros recomendados ser-vos-ão enviados daqui. A nossa biblioteca na frente conta já com 100 volumes e continua em expansão e é muita utilizada. Vocês terão, portanto, uma maior variedade de boa leitura.

Como estará a situação dos nossos outros amigos que seguem a “MTA”? Tenho em mente os nossos jovens universitários de uniforme. Não conseguiríamos também ajudá-los com aquilo de que precisam? Alguns soldados dos círculos da classe média já se uniram sob o espírito da “MTA” ...²

Este último comentário parece referir-se a um grupo de alunos que não eram de teologia e que se interessaram em trabalhar mais no espírito do que liam na “MTA”, o que poderá ter sido a tentativa da “Liga Mariana”. Se assim for, então o que se segue é um eco interessante dum novo grupo que poderá ter sido uma antevisão da Liga de Schoenstatt tal como depois foi desenvolvida:

“Alguns soldados de círculos da classe média já se uniram sob o espírito da ‘MTA’...” Hoje posso acrescentar: “... e formaram uma [nova] secção que conta com 17 membros e segue os nossos métodos.” Uma diferença – causada pelo diferente estado de vida – está apenas relacionada com a luta pela auto-santificação. O energético líder da secção Leonhard já escreveu três cartas de secção até agora. A primeira incluiu um simples rascunho dos estatutos, que foram aceites com alegria por todos os participantes. A segunda contou algumas coisas

¹ cf. MTA II (Nº 11, 15 de Janeiro de 1918), 81-84

² Ibid., pág. 84.

sobre Schoenstatt, estimulando a organização e falou sobre a formação de carácter e o apostolado. (Heinz Hardt, 13 de Abril de 1918)³

Qual seria o resultado disto? O Padre Kentenich diria, em 1935:

Nós publicámos o livro. E para encontrar quem o apresentasse contactei com todo o tipo de grandes personalidades: cardeais, bispos, príncipes, etc. Tudo em vão.²⁹³

Em Treveris, a autorização para imprimir o livro fez-se acompanhar de alguma crítica de que poderia encorajar os leigos a ocupar território que pertencia ao clero.²⁹⁴ Aqui se percebe que o apostolado leigo não era ainda reconhecido como bom ou até possível, pelo menos dentro dos círculos episcopais, embora a promoção da Acção Católica pelo Papa Pio XI que começou por volta dos anos 1920 viesse a alterar radicalmente essa situação. Mesmo o esforço pioneiro de Schoenstatt com este pequeno livro parece ter causado apenas uma leve ondulação na consciência pública e mesmo a pouca consciência que possa ter sido despertada foi rapidamente esquecida na confusão que se seguiu à guerra.

Mas nunca a “consciência pública” foi o objectivo último do Movimento de Schoenstatt e a verdadeira medida para avaliar a fecundidade daqueles anos não se encontra aí. Um núcleo de pessoas dedicadas tinha-se consagrado totalmente à causa e ainda ganho no processo alguns compatriotas que partilhavam dessa mesma dedicação. A Mãe Três vezes Admirável ganhou grandes vitórias nos corações dos soldados que tinham sido sujeitos aos horrores da máquina de guerra moderna. Ao contrário de tantos outros que tinham regressado da guerra quebrados e cínicos, estes jovens olhavam para o futuro com esperança e entusiasmo. Estavam convencidos de que a experiência da vida diária e nas trincheiras poderia, nas mãos de Maria, tornar-se o início dum novo dia na Igreja e na sociedade.

³ MTA III (Nº 3, de 15 de Maio de 1918), 17.

²⁹³ cf. Tagung für Bundespriester 1935, pág. 20.

²⁹⁴ APL 1928, pág. 68.

9. RECORTES DA “MTA”

Seguem-se amostras de cartas e artigos impressos na revista “MTA” (ver o Capítulo 8) durante a I Guerra Mundial. Estas contribuições vieram principalmente da vasta correspondência entre os soldados congregados e o Padre Kentenich. Constituem um vívido testemunho da genuína experiência de Maria, fé e comunidade feita pela geração fundadora. É possível perceber neles o espírito do dia 18 de Outubro de 1914 a brilhar vezes sem conta.

Este capítulo é como que uma caixa de “recortes de jornais”. Embora não de forma sistemática, inclui um pouco de tudo. Permite-nos, principalmente, ouvir os jovens da geração fundadora pelas suas próprias palavras. A data de publicação encontra-se no início de cada selecção juntamente com o título, se algum foi usado na versão original. As datas entre parêntesis no fim da selecção indicam a altura em que a carta foi realmente escrita pelo congregado.

OS NOSSOS GUARDAS CONGREGADOS

Reunião dos quatro congregados soldados Eise, Römer, Prellwitz e Waldbröl em Berlim a 16 de Janeiro de 1916.

*(MTA N° 1, 5 de Março de 1916)*²⁹⁵

Quem havia de pensar! Quatro congregados, roubados do calmo claustro para um quartel barulhento pela terrível mão da Guerra Mundial, encontram-se juntos em Berlim para uma reunião da congregação. Poderia ter sido tão diferente! Tal como os bons filhos vão ter com a Mãe na primeira oportunidade, também nós sentimos a urgência e, considerando a oportunidade da ocasião, até impelidos a deixar que Maria entre uma vez mais para o centro de todas as nossas acções. Partilhando as nossas experiências quisemos reavivar o nosso entusiasmo pelo trabalho de Maria. Quisemos prometer novamente a nossa eterna lealdade à nossa Mãe do Céu (...)

Nós queríamos esquecer o quartel e as nossas obrigações por umas horas e olhar para trás para a nossa vida desde que nos tínhamos alistado e ver se tínhamos vindo até Jesus através de Maria. A seguir à partilha seguiram-se os propósitos práticos, e a acção de graças à Mãe de Deus pela ajuda e o apoio que tinha dado a cada um como nunca até agora. Mais ainda, quisemos também pedir-Lhe a Sua assistência no futuro:

²⁹⁵ MTA I (N° 1, 5 de Março de 1916), 2s. (original) ou 2 (reedição de 1924)

Que Ela nos permita perceber que as coisas do mundo nada são e conservar em nós a elevada vocação do sacerdócio. (....)

Nessa tarde, Eise, Prellwitz e Römer encontraram-se no quarto de Waldbröl, porque ele tinha que ficar em casa até às 4 horas da tarde dado que tinha sido



Fotografia de grupo em Berlim: (da esquerda para a direita) Albert Eise, Leo Prellwitz, Wilhelm Waldbröl e Peter Römer (Arquivo dos Padres de Schoenstatt, Província Alemã)

apanhado fora da sua posição durante uma simulação. De lá fomos a um fotógrafo e enviamos assim também uma fotografia. A seguir fomos à Igreja. Escolhemos a igreja de São Bonifácio, o Apóstolo da Alemanha. Cada um de nós renovou a sua consagração a Maria em silêncio na capela de Nossa Senhora. A nossa única cópia da “*Sodalis Marianus*” [a revista *Congregado Mariano*] passou de mão em mão. (....)

Quantos milhares de dificuldades e tentações ultrapassámos naquelas poucas semanas! Estamos estupefactos: Quase não tínhamos força suficiente para lutar contra as nossas próprias fraquezas. E agora estes lindos sucessos! Sim, Maria tem-Se-nos mostrado admirável. Eram estes os nossos pensamentos na capela e pouco depois pudemos exprimi-los por palavras. O local da nossa reunião “mundana” foi um bar. Não havia outra possibilidade mas isso não nos importou. O debate foi

extremamente animado e nunca parou. Todos competiam para contar as suas provas de que Maria está sempre presente para ajudar.

Soldado (Granadeiro) Waldbröl,
Congr. Mar., cronista

A NOSSA CONGREGAÇÃO MAIOR

(MTA N° 2, 19 de Março de 1916)²⁹⁶

A 14 de Março, catorze jovens da nossa classe de 97 [os que nasceram em 1897] (....) foram recrutados para o exército. A inesquecível celebração de despedida teve lugar na véspera, sob a forma duma pequena peregrinação a Bornhofen e uma

²⁹⁶ MTA I (N° 2, 19 de Março de 1916), 8 (original) ou 5 (reedição de 1924)

caminhada liderada pelo Padre Auer. Os recrutas prepararam o caminho da congregação para novas formas de desenvolvimento. Queira a MTA recompensá-los pelos seus esforços. Para nós, os que ficamos para trás, será declaradamente difícil manter este ambiente elevado e ao mesmo tempo ajudar os soldados congregados. Contamos com a vossa vigorosa contribuição na oração, o vosso estímulo através de cartas e mais que não seja a promoção do genuíno espírito da congregação. (....)

Rudolf Gross, Prefeito

(sem título)

(MTA N° 6, 7 de Maio de 1916)²⁹⁷

Reverendo! Esta monotonia sem fim adormece completamente os sentidos e vai-se ficando gradualmente apático em relação a tudo. Já nada é motivante. Esta é apenas uma das razões porque estimo tanto a “MTA” e a espero com tanta ansiedade. É o que faz com que a minha vida valha novamente a pena; traz-me a luz do sol há muito perdida. Quando estou no meu solitário posto a executar o meu monótono trabalho mantenho-me ocupado com as inspirações e os pensamentos que ela me oferece e apenas desejo que os mesmos pudessem realmente vir a ser parte da minha espiritualidade. Há um ano nunca teria pensado que a congregação pudesse entrar tão profundamente na minha vida. Mas quanto mais esta infeliz guerra nos afasta a nós congregados, mais a protecção de Deus e Maria transparecem. (....)

Josef Koch, *cong. Mar.*

SINAIS DE ANGÚSTIA

(MTA N° 16, 13 de Agosto de 1916)²⁹⁸

Estou a sentir-me em baixo: Querido companheiro congregado! Recebi hoje a tua carta. Que alegria! (....) Como já sabes, estamos no exército desde o dia 14 de Março, ou seja há 4 meses. Fomos colocados na nossa companhia há um mês atrás. Até lá, nós os de Schoenstatt estávamos sempre confortavelmente juntos e nas últimas semanas estávamos os oito no mesmo batalhão. Mas desde que fomos colocados numa companhia fomos completamente separados. Na altura, não tive problemas com a separação, uma vez que nunca é bom estarmos tão juntos. (....) Mas desde que fiquei

²⁹⁷MTA I (N° 6, 7 de Maio de 1916), 24 (original) ou 15 (reedição de 1924)

²⁹⁸MTA I (N° 16, 13 de Agosto de 1916), 62 (original) ou 41 (reedição de 1924)

sozinho e não consigo encontrar um amigo entre os meus camaradas, sinto-me mesmo isolado e que deveria falar com um dos meus queridos amigos de Schoenstatt. Percebes como é bem-vindo o teu plano de escrevermos cartas. Como já mencionei, o perigo moral impele-me a virar-me para os meus companheiros congregados. É mesmo triste. Nunca imaginei que pudesse ser assim: quase todo o dia sem uma palavra decente e sabendo ainda por cima que os outros soldados da minha unidade são todos Católicos excepto alguns Judeus. Já tive algumas conversas interessantes com eles.

Falar-te-ei sobre isso numa das minhas próximas cartas. O perigo está totalmente à minha volta. Mas mesmo assim, teria de mentir se dissesse que duvidei alguma vez da minha vocação. Repugnam-me os baixos instintos de homens maus. Quanto mais os outros se sentem à vontade no pântano da sensualidade (pois esse é practicamente o único perigo moral), mais elevada e santa me parece a minha vocação, mais feliz fico por saber que um dia lutarei por Deus e as almas imortais. (...) (3 de Julho de 1916)

Soldado (Infantaria) Lorscheid, *cong. Mar.*

COMO SÃO PAULO NA BATALHA

(MTA N° 16, 13 de Agosto de 1916)²⁹⁹

Reverendo Padre!

Ao folhear o correio que recebi hoje tinha tanto de Schoenstatt, linhas todas elas tão preciosas, um tesouro que leio e releio várias vezes e que me dão carinho e encorajamento de cada vez. A “MTA” também. Raras vezes me aconteceu como hoje o sentir-me tocado e abanado pela revista, impelindo-me a uma nova e energética acção, à auto-santificação. Tenho que admitir que o meu trabalho para a auto-santificação tem estado bastante relaxado durante as últimas semanas. Enfim! O controlo que anexo [H.E.] dar-vos-á uma ideia. Em alguns pontos estive bastante morno. Mas isso não é o pior. O mais triste é que eu tenha deixado de fazer o controlo durante um mês. Foi assim que eu servi a minha Mãe! É sempre o mesmo. Durante algum tempo tudo corre lindamente, mas depois vem um período de completo fracasso. E ainda por cima no mês de Maio, quando eu deveria ter oferecido alguma coisa especial à minha Mãe. Eu pensei sobre isso, várias vezes o quis fazer mas não tive forças para dar esse passo. Torna-se óbvio que não aprendi o suficiente no ano passado, senão teria aprendido com os meus fracassos dessa altura. E as razões?

²⁹⁹ MTA I (N° 16, 13 de Agosto de 1916), 63-64 (original) ou 42 (reedição de 1924)

Podem ser várias. Mas só deve querer saber uma coisa: Como é que está a correr o meu exame particular? Aquilo que o congregado X escreveu na “MTA” de 16 de Abril: Também me lembro e faço o exame particular... Não posso dizer o mesmo de mim. Esqueci-me do exame particular várias vezes, o que deve explicar muito. Explica tudo. Se eu o tivesse feito, os meus pensamentos estariam focados no objectivo e eu não me teria dispersado noutras direcções. (....) (14 de Maio de 1916)

X., *cong. Mar.*

PROVAS DE ESFORÇO

(MTA N° 17, 27 DE AGOSTO DE 1916)³⁰⁰

Quando penso sobre Schoenstatt hoje, o meu coração fica pesado e melancólico. Aí tudo é solene e festivo. E aqui? Ontem à noite só me apeteceu gritar. Tudo isto me aborrece até às lágrimas. As pessoas são tão frias e vazias. Mas por volta das dez horas fui com a minha gente à Missa Solene aqui no bosque. E aí encontrei aquilo que procurava. Quando o Senhor entrou no meu coração através da Eucaristia, rezei profundamente uma vez mais para que o Espírito Santo me sustenha com a Sua força e o fogo ardente do Seu amor me consuma de forma a que eu consiga resistir a esta prova de fogo. Hoje rezei com humildade e como um menino pequeno pedindo que a guerra, com os seus perigos e tempestades, me permita amadurecer intelectualmente e que faça de mim o homem que agarra completamente a sua tarefa na vida. Até agora continuo o mesmo. Posso dizer-lhe, querido Padre: a licença não me apanhou desprevenido: Coloquei-me sob o manto da nossa MTA e, graças a Deus, Maria deu-me a força e a perseverança quando veio a hora da batalha. Nestes catorze dias que passaram tenho tido que aguentar pesadas batalhas. Eu não acreditava que viesse a entrar em tentação, mas ela veio na mesma. Realmente não é de nos espantarmos – se já estamos fora há mais de um ano e já não estamos tão habituados ao reboiço da cidade – que o inimigo nos tente fazer tropeçar exactamente aí, onde tudo se joga. Maria manteve-me constantemente sob a Sua protecção especial e parece ter-me fechado dentro do Seu Coração Maternal de um modo especial. Espero conseguir, pela Sua mão Maternal, atravessar esta noite até à luz pela qual anseio. (11 de Junho de 1916)

Sargento Keil, *cong. Mar.*

³⁰⁰ MTA I (N° 17, 17 de Agosto de 1916), 66 (original) ou 44 (reedição de 1924)

SANTUÁRIO E LUTA

Se quisermos imaginar o aspecto que o santuário de Schoenstatt tinha durante a guerra, o excerto que se segue duma carta do Padre Kentenich para Josef Fischer (escrita a 26 de Junho de 1915) dá-nos uma ajuda.

[O congregado] Konder enviou-nos uma bonita estátua do Sagrado Coração. Tem uma boa base para a inscrição que lhe demos “Sacratíssimo Coração, abençoa e protege os teus queridos congregados durante as férias e nos campos de batalha de 1914-15”. Sendo o primeiro Filho de Maria, Nosso Senhor é o primeiro e o melhor congregado, é nosso co-congregado. E daqui para o futuro celebraremos uma Santa Missa em cada Sábado perante a *Mater Ter Admirabilis* pelas intenções dos nossos congregados e pelas dos que lhes estão confiados. Uma vez que não nos será possível visitar a nossa Mãe Três vezes Admirável durante as férias, ficará uma vela sempre acesa a fazê-lo por nós. Estás satisfeito? Mais uma coisa. Recebemos recentemente um donativo de 200 Marcos dum soldado para a nossa pequena capela. Provavelmente receberemos também pedra para o chão. Realmente: *Mater Ter Admirabilis*! E pensar que isto acontece em tempo de guerra!¹

Devemos recordar que o interior do santuário adquiriu a sua forma final apenas em 1934.

Podemos encontrar um resumo dos contornos da luta espiritual se considerarmos as ideias centrais que dominaram cada um dos primeiros quatro volumes da revista “MTA”:

- Volume 1 (1916-17) Devoção Mariana
- Volume 2 (1917-18) Exame Particular
- Volume 3 (1918) Horário Espiritual
- Volume 4 (1919) Ideal Pessoal²

O APOSTOLADO ATRAVÉS DA AUTO-SANTIFICAÇÃO

(MTA N° 19, 24 de Setembro de 1916)³⁰¹

Ontem à noite fiz uma pequena visita à igreja e cheguei mesmo a tempo da oração da noite. Estava lá um outro soldado da minha caserna e no fim veio-se-me apresentar

¹ CARTA A JOSEF FISCHER, 26 de Junho de 1915.

² cf. CARTA A von KLEIST, 20 de Fevereiro de 1919.

³⁰¹ MTA I (N° 19, 24 de Setembro de 1916), 75 (original) ou 50 (reedição de 1924)

como finalista do secundário que quer estudar teologia. De qualquer forma, encontrei um companheiro de vida – e espero que seja isso que ele é. Ou não foi a MTA que me fez encontrar? Continuo bem em todos os aspectos, inclusivamente de saúde. Vou seguindo a sua sugestão com alegria: entregar tudo à MTA para o capital de graças. E então o pensamento que me sugeriu eleva-me e sustém-me: “Tu és um instrumento da Rainha da nossa Congregação, certamente destinado a grandes missões. Não terás que ser talhado e desbastado de modo a te tornares um instrumento para uma mão mestra?” (20 de Junho de 1916)

Soldado (Infantaria) Ferdinand Kastner, *cong. Mar.*

ATITUDE DE SACRIFÍCIO

(MTA N° 20, 8 de Outubro de 1916)³⁰²

Um grande “Viva!” às nossas máscaras de gás. Com a ajuda de Deus, foram quem salvou as vidas do nosso regimento. Hoje de manhã bem cedo às 6:15 (...) de repente a artilharia inimiga abriu fogo no terreno atrás de nós. O oficial de vigia deu ordens de alerta sem alarme. Mas mal tinha acabado de o dizer quando o claro cheiro a gás se fez sentir. (...) Alarme de gás! (...) Como cabeça de grupo tive muito que correr durante a primeira hora, tive que confirmar que todos os do meu grupo tinham as reservas de munição e de granadas de mão necessárias, dar as instruções necessárias a alguns, vigiar o fogo a partir do abrigo subterrâneo e outras coisas do género. Durante algum tempo tive dificuldades em respirar com a máscara. Mas à medida que fui abrandando foi ficando melhor. Depois comecei a considerar os possíveis resultados da acção inimiga. Ofereci então à MTA a minha vida pela realização dos nossos objectivos de congregados, e prometi da minha parte, como em tantas outras alturas, querer ser Seu fiel servo e instrumento para sempre, se a minha vida fosse poupada. Com esta intenção rezei também a conhecida oração de pedido de indulgência na hora da morte. Entretanto o ataque de gás intensificou-se. Aproximaram-se novas nuvens, tornando difícil respirar. Mas a nossa artilharia tinha ganho vida e enviava provas que garantiam aos nossos inimigos que não tínhamos sido derrotados pelo veneno. Finalmente, depois de duas pesadas horas que porém passaram num instante, o vento mudou de direcção. As nuvens de gás foram levadas para a esquerda de tal forma que acabaram por atingir (...) as trincheiras dos próprios Franceses. (15 de Agosto de 1916)

Franz Hafeneth, *cong. Mar.*

³⁰² MTA I (N° 20, 8 de Outubro de 1916), 79 (original) ou 53 (reedição de 1924)

(retirado de um relatório mais longo)

(MTA N° 21, 22 de Outubro de 1916)³⁰³

Mãe Três vezes Admirável, Mãe de Graça,
Ensina-nos a enfrentar os Vossos inimigos com bravura,
Sem olhar ao seu número e poder,
Espalhando o Vosso amor sobre a escura noite terrena
Para que o mundo por Vós renovado
A Vosso Filho preste a devida homenagem.

[Padre Kentenich, 1916]

COMO POSSO USAR A VIDA DE SOLDADO PARA OS NOSSOS OBJECTIVOS?

(MTA N° 23, 19 de Novembro de 1916)³⁰⁴

O principal objectivo da nossa congregação é a devoção a Maria, a auto-santificação e o apostolado. Considero que a vida de soldado é adequada para aumentar a nossa luta activa na realização destes objectivos. Estou a escrever-vos, obviamente, da minha posição nas trincheiras; comparada com isto a vida no quartel parece a de um cavalheiro. Aqui necessitamos de um carácter tremendamente firme e resoluto. Quem não o tiver será simplesmente derrubado. (...)

Sentimo-nos numa natural atracção ao amor de Maria – que acima de tudo deverá ser o que nos identifica – quando nos recordamos das incontáveis provas de graça que a nossa Mãe do Céu já nos concedeu. A minha forma de ver o apostolado é através do bom exemplo. É extremamente difícil interpelar directamente o homem comum nas condições actuais. Debaixo de um pesado bombardeio ou perante o enorme perigo da morte, já ele se torna aberto a essas tácticas. Mas de outra forma! Ele simplesmente está alheado e longe dali. (...)

Mais uma questão. Não haverá tempo suficiente com os soldados, pelo menos nas trincheiras, para expandir e aprofundar o seu conhecimento, o seu entendimento sobre a congregação? Pode-se pedir a literatura a Schoenstatt. Recebo mensalmente a *Die Fahne Mariens* [A Bandeira de Maria], de Vienna IX/4, Canisiusgasse 16. Há poucos dias enviaram-me de lá quase metade duma biblioteca. Todo o género de revistas, que já foram realmente lidas e passadas a outros.

³⁰³ MTA I (N° 21, 22 de Outubro de 1916), 82 (original) ou 56 (reedição de 1924)

³⁰⁴ MTA I (N° 23, 19 de Novembro de 1916), 90s. (original) ou 63 (reedição de 1924)

Por agora é o que pretendo fazer. Os outros encontrarão certamente outras formas e mal posso esperar por saber. (7 de Outubro de 1916)

Johann Bezold, *cong. Mar.*



Andreas Wergen, Joseph Engling, Franz X. Hafeneth e Wilhelm Walbröl em Schoenstatt de licença, aqui fotografados com o Padre Wagner. Fotografia tirada a 25-30 de Julho de 1918, durante a última visita de Engling a Schoenstatt (Arquivo do Monte Sião)

SOU O TEU PORTO SEGURO NA BATALHA

(MTA N°26, 24 de Dezembro de 1916)³⁰⁵

Ajoelho-me a Teus pés
Na pequena capela
Para Te saudar uma vez mais,
Minha incomparável Mãe.

Contemplei a Tua imagem
O meu coração tão pesado...
Deixar-Te, querida Mãe
E nunca regressar?

³⁰⁵ MTA I (N° 26, 24 de Dezembro de 1916), 102 (original) ou 71s. (reedição de 1924)

E a minha súplica ficou mais profunda.
Ouvi então a Sua palavra carinhosa:
Podes agora partir com confiança,
Eu guio o teu destino.

Oh tu, junto ao sacerdote,
Que te entregaste todo a Mim.
Sou o teu porto seguro na batalha,
Confia corajosamente em Mim!

Novamente se enfurece a tormenta,
As granadas vão caindo sem parar.
A morte caminha dum lado para o outro,
Movendo-se com ligeireza pelas linhas.

E para a marcha final
Quero estar preparado.
Um repentino sentimento de bem-estar,
Acalma o meu palpitante coração.

Vejo-A ao meu lado.
Ela olha para mim com Graça.
Sou o teu porto seguro na batalha,
Avanço à tua frente na luta.

Como é grande a hora da alegria!
Não era a mesma imagem
Que na hora da despedida
Nos envolveu e confortou?

A Mãe com o Menino,
Segue-me para a batalha,
Até que eu encontre o caminho para casa
Ela mantém a Sua fiel guarda.

E volta a coragem, que me preenche
Que me renova as forças,
Tal que os meus membros sempre cansados
Recuperam nova coragem também.

Os que guiados são pelas mãos Maternais,
Protegendo em cada necessidade,
Nada poderão temer!
Nem a morte os faz tremer.

Em frente! E se eu colorir
A terra de encarnado de sangue,
Perante a morte és o meu porto seguro,
E na morte o meu amanhecer.

X. X., *cong. Mar.*

O NOSSO SANTUÁRIO

(MTA N° 33, 25 de Março de 1917)³⁰⁶

Estive novamente em Schoenstatt no Domingo passado, provavelmente pela última vez. Todos estavam fora, de férias. Já não se vêem mais os que rezam aplicadamente no santuário. O santuário está silencioso. Aqui pode-se rezar do mais profundo do nosso coração e arranjar uma nova força espiritual. Não podemos deixar de pensar nos congregados nos campos de batalha a leste e a oeste e nos que estão aqui em casa em cada distrito da Alemanha. E todos eles estão a lutar, a rezar, a esforçar-se, a celebrar uma vitória – e a fonte de vida está aqui, aqui neste poderoso castelo do serviço que os congregados oferecem à sua Rainha. Eis aqui também um alegre pensamento para recordar aos congregados da Mãe do Céu em cartas e postais. (...) (5 de Agosto de 1916)

[Max] Brunner, *cong. Mar.*

³⁰⁶ MTA I (N° 33, 25 de Março de 1917), 131s. (original) ou 96s. (reedição de 1924). Ver também comentários do Padre Kenterich em USA-T 1952 (30 de Julho), II 164 e *Das Lebensgeheimnis Schönstatts* (= carta a Monsenhor Schmitz, 1952; Vallendar-Schoenstatt, 1971), I 113s. Witte veio a ser mais tarde um padre Beneditino.

No Domingo passado estive em Schoenstatt. Infelizmente todos os estudantes tinham ido embora [para férias]. Provavelmente sabem por experiência própria como o silêncio conventual e o espírito solene de Schoenstatt são bons para a alma. Os momentos mais belos que passei foram no santuário em frente da imagem de graça da MTA. Aqui conseguimos sentir o mesmo que outros peregrinos devotos têm sentido nos lugares sagrados de Roma e da Palestina: a proximidade dum poder sobrenatural e a grandeza das nossas fraquezas humanas e tendência para o pecado. Sim, a nossa capela é verdadeiramente um lugar de graça onde a “Três vezes Admirável” trabalha com todo o Seu poder. É uma segunda Nazaré onde Jesus e Maria vivem em terna comunhão. E já não duvido que Schoenstatt fará a sua parte na revitalização religiosa do nosso país. (6 de Agosto de 1916)

Wilhelm Witte, *cong. Mar.*

PURIFICADOS

(MTA Vol. 2, N° 1, 1 de Maio de 1917)³⁰⁷

Reverendo, fico sempre contente quando tenho notícias da congregação. Algumas inspirações conseguem sempre reactivar em mim o ideal da congregação, aprofundar o meu amor pela congregação. Tem sido essa a minha experiência. Sim, Reverendo, que sorte tive em ter aprendido a amar tanto a nossa Mãe do Céu sob a sua direcção. Toda a minha esperança está em si. Nas muitas vezes em que me pesam as dúvidas sobre o futuro, leio o seu primeiro cartão, em que escreveu “*Mater habebit curam!*” [A Mãe tratará disso]. Sim, a minha Mãe celestial tomará conta de mim. Se a minha mãe da terra está tão preocupada comigo durante a minha doença, quanto mais a minha Mãe celestial. Uma vez que a minha recuperação tem progredido muito devagar, penso várias vezes “Será que vou ficar realmente bom, realmente saudável outra vez?” Em seguida, olho para a minha Mãe do Céu: Ela tomará conta disto, Ela fará com que tudo venha a ficar bem. É claro que ainda existe uma batalha dentro de mim. Porque o jovem revolta-se perante uma morte precoce. Ainda tão jovem e já na sepultura? Não! Não mesmo! Quero viver e ser activo para não aparecer perante o Juiz Eterno de mãos vazias. Mas é a minha confiança na minha Mãe do Céu que vence, porque Ela fará com que tudo fique bem. Já há alguns dias que não tenho rezado uma única Avé Maria pela minha saúde. Rezo apenas: “Mãe, o que Tu quiseres”. Já escrevi sobre o meu estado.

³⁰⁷ MTA II (N° 1, 1 de Maio de 1917), 2s.

A recuperação avança, mas lentamente. As pontadas que me percorrem as costas e o peito não querem passar. Por vezes são tão fortes que me parece que estão a disparar através das minhas costas em direcção ao meu peito e aos meus ombros. Paciência, paciência e mais paciência. É um ótimo exame particular. (5 de Fevereiro de 1917)

+ + +

São tantas as vezes que estou em Schoenstatt em espírito dentro da acolhedora capela da congregação aos pés da nossa querida MTA! Quantas vezes me ajoelhei lá, tantas vezes contando-Lhe sobre as minhas dores e preocupações, recebendo consolo. (...) Quando me deu uma imagem da Mãe Três vezes Admirável no ano passado no dia do meu santo, eu não fazia ideia do enorme consolo e benefícios que me seriam dados através dela. Tenho feito agora essa experiência. Coloquei-a em frente duma estátua de Maria que consigo ver confortavelmente da minha cama. Ao longo da minha doença tenho olhado várias vezes para esta imagem e recordado as palavras “*Mater habebit curam!*” E Ela tem-me consolado. Como é pequeno e no entanto tão grande este presente que me deu, Padre! Mais uma vez, muito obrigado. Agora já consigo receber a Comunhão e confessar-me com maior regularidade. Desde que o nosso prior morreu – ele morreu no dia 16 deste mês – um dos nossos Padres de Limburg tem estado cá como administrador da paróquia. Ele confessa os doentes e traz-lhes a Sagrada Comunhão todas as Segundas. O que é que o pobre do Heubach vai fazer? O pai dele escreveu-me há uns dias: “Já fizemos tudo o que era humanamente possível, mas parece que Deus tomou uma decisão diferente”. Também me estou a sentir pior.

A minha querida mãe manda-lhe os seus cordiais cumprimentos. (27 de Fevereiro de 1917)

Josef Schnierer, *cong. Mar.**

* Josef Schnierer viveu durante mais 2 anos antes de sucumbir às suas feridas de guerra. Morreu em sua casa no dia 24 de Abril de 1919.

NA VIA RÁPIDA

(MTA Vol. 2, Nº 1, 1 de Maio de 1917)³⁰⁸

Desta vez tenho um mar de pedidos. (...) Em primeiro lugar, gostaria dum escapulário de cinco lados. Por motivos pessoais preferiria a **medalha escapular**. É uma maneira de sermos lembrados ainda mais do lugar a que pertencemos verdadeiramente. Portanto, se for possível. Depois queria pedir, se for de alguma forma possível, que me enviem já 12 imagens da MTA para que eu as possa dar pessoalmente aos soldados que têm mantido comigo durante o mês todo a devoção de Maio. (...) (24 de Maio de 1916)

As imagens chegaram exactamente na manhã do dia 31. E aquele maravilhoso livro: O Padre Rem e o Colloquium Marianum. (...) (1 de Junho de 1916)

O livro que me enviou é maravilhoso. Não, nunca teria adivinhado que existem tantos pontos em comum entre Ingolstadt e Schoenstatt – e como isso impele alguém à acção! Fiquei com a clara convicção de que é possível trabalhar com sucesso em círculos pequenos para uma renovação geral de todas as coisas boas. (...) (2 de Junho de 1916)

Tudo se está a conjugar para uma visita a Vallendar durante a licença. Mas sem a congregação, Vallendar teria sido esquecido há muito tempo. Dir-se-ia “Há muito, muito tempo...” Mas agora Vallendar é o centro de interesse de todos nós. O laço de união da nossa MTA ata-nos ainda mais. (11 de Junho de 1916)

X. X., cong. Mar.

JUVENTUDE HERÓICA

MTA Vol. 2, Nº 3, 1 de Junho de 1917)³⁰⁹

No dia 1 de Maio, uma carta escrita ao nosso querido congregado [Max] Brunner veio devolvida com a mensagem: Morto honrosamente em combate!.... [Padre Kentenich]

+ + +

Na festa da Rainha dos Apóstolos, à tarde, pude ir à Missa e o capelão distribuiu a Sagrada Comunhão. Ofereci-a pelo meu companheiro congregado Brunner. Era-me

³⁰⁸ MTA II (Nº 1, 1 de Maio de 1917), 8

³⁰⁹ MTA II (Nº 3, 1 de Junho de 1917), 18, 19

difícil acreditar: o Brunner, *sempre alegre*, morto em combate. Menos um dedicado candidato ao sacerdócio e menos um Padre Palotino em ascensão. Mesmo que não consigamos entender o contexto, temos que dizer “É a Santa vontade de Deus. Ele sabe o que faz.” Rezei também à MTA pelo nosso novo grupo e pela congregação toda, para que Ela encaminhe para lá e para a Igreja Católica almas verdadeiramente apostólicas, que renovem toda a vida pública através da devoção que Lhe têm. Envia trabalhadores para a Tua vinha e aceita-me, também, como Teu instrumento... Dado que o pão se tornou mais escasso, o dinheiro nunca dura tempo suficiente; mas acho que conseguirei, mesmo assim, dinheiro suficiente para mandar celebrar uma Missa pelo Brunner. (22 de Maio de 1917)

Rudolf Gross, *cong. Mar.*

ENCORAJAMENTO

(MTA Vol. 2, N° 7/8, 15 de Outubro de 1917)³¹⁰

Reverendo Padre: Vão aqui 50 Marcos que lhe envio para a tesouraria da sua Congregação Mariana. Eu mesmo tenho sido um congregado Mariano desde os meus tempos de escola e sou agora director duma congregação. Nos 30 anos que entretanto passaram, conservei idealismo e entusiasmo juvenis suficientes para me alegrar com o maravilhoso espírito dos seus jovens congregados, que ressalta da mútua inspiração na “MTA”: *Spiritus est, qui vivificat* [É o Espírito quem dá vida, Jo 6,63]. É um espírito de profunda aceitação de vida tal como ela é face à morte, [um espírito] que engrandece as vidas e as mortes destes jovens.

Sinceramente,

Padre Oestreicher, *cong. Mar.*

DECISÕES

(MTA Vol. 2, N° 7/8, 15 Outubro de 1917)³¹¹

O grupo do Engling. Regressei ontem são e salvo para a trincheira. Estive a cavar trincheiras durante a noite toda, dormi até ao meio-dia, e agora quero pô-lo a par sobre o nosso grupo. Aproveitámos que no passado Domingo ainda estávamos todos juntos numa só companhia e tivemos uma reunião de congregação. Além dos membros do

³¹⁰ MTA II (N° 7/8, 1 de Maio de 1917), 55

³¹¹ MTA II (N° 7/8, 1 de Outubro de 1917), 62, 63

grupo Reinhold e Meier, o Dekarski também participou. Falámos do tópico de que já tratei na última carta, nomeadamente o *horário espiritual*. Prometemos partilhar uns com os outros as nossas experiências prácticas nas trincheiras logo que elas acontecessem. Decidimos também seguir a proposta do Reinhold de contribuirmos com qualquer coisa do nosso próximo pagamento para apoiar a tesouraria da congregação. Para terminar visitámos o Santíssimo, onde rezámos pelos membros do nosso grupo, por todos os soldados congregados, incluindo os que já morreram, e finalmente pelos que foram recrutados. (19 de Julho de 1917)

Joseph Engling, *cong. Mar.*

+ + +

O grupo do Steinert. A nossa atenção está a ser especificamente orientada primeiro que tudo para a nossa vida espiritual, à auto-santificação, que considero ser o mais importante. Claro que o exame particular aparece em primeiro plano. Como primeiro ponto debatemos: *relembrar diariamente os ideais da nossa congregação e fazer um qualquer pequeno acto por intenção da congregação*, por exemplo, na área do apostolado ou algo do género. Cada um escolhe então o segundo ponto para si confrontando-se com a sua maior falha. (17 de Setembro de 1917)

W. Steinert, *cong. Mar.*

APOSTOLADO DOS RAPAZES

(MTA Vol. 2, N° 9, 15 de Novembro de 1917)³¹²

A somar ao apostolado dentro das nossas próprias fileiras temos ainda um outro. Infelizmente não me consigo envolver nele tanto quanto queria. É um apostolado com os rapazes que passam aqui as suas férias como ajudantes de reserva. Infelizmente os rapazes estão muito ocupados e só dispõem de pouco de tempo livre para relaxar à noite. Nessa altura estão esgotados e não se conseguem entusiasmar muito. Mesmo assim, temos a sorte de um deles nos visitar de vez em quando. É recebido de braços abertos, o que para ele se torna engraçado uma vez que a maioria dos soldados não se costuma interessar pelos rapazes. (...) (19 de Setembro de 1917)

Wilhelm Waldbröl, *cong. Mar.*

³¹² MTA II (N° 9, 1 de Novembro de 1917), 69



Vista de Schoenstatt no Inverno, nos anos 20 (Arquivo dos Padres de Schoenstatt, Província Alemã)

CRÓNICA DA CASA

(MTA Vol. 2, Nº 11, 15 de Janeiro de 1918)³¹³

Para nós [em Schoenstatt], o mês de Dezembro oferecia muitas oportunidades de reforçar a nossa união, de aprofundar o nosso sentido de formarmos uma família. Em primeiro lugar refiro a nossa renovação da consagração Mariana em conjunto [8 de Dezembro] e a calorosa celebração da árvore de Natal onde tirávamos à sorte os pequenos presentes que todos tinham generosamente trazido. (...) A nossa pequena família de congregados aumentou de tamanho, com a admissão de 25 candidatos à [Congregatio] Menor. (...)

O nosso pequeno santuário fica ainda mais atraente durante a época do Natal. “Há uma abençoada magia que irradia da nossa pequena capela. Está decorada com um pequeno presépio feito pela própria Congregação Menor (cujas figuras tinham sido carinhosamente oferecidas pelo Padre Provincial [Kolb]). E tudo está em ordem, até ao mais pequeno pormenor. Os sacristães fazem um trabalho exemplar.” Isto foi escrito por um congregado soldado a 28 de Dezembro de 1916, depois duma visita feita durante a sua licença. Este ano teria tido a mesma sensação, especialmente se tivesse visto os padres no altar com as suas majestosas vestes a que podemos chamar nossas. (...)

³¹³ MTA II (Nº 11, 15 de Janeiro de 1918), 88

Os nossos embrulhos de Natal foram uma grande alegria para vocês. O teu grupo de responsáveis [de cá] tomaram conta disso. Todos fizeram questão de abdicar de qualquer coisa para comer e insistiram com os pais que já iam oferecer presentes aos seus filhos congregados para darem uma contribuição. Só recorriam aqui à nossa cozinha quando algum dos pacotes não estava bem cheio. Quem ficou mais contente com isto? Vocês ou nós? Mas foi com alegria que recebemos a vossa promessa: “Vemos que Schoenstatt não nos esqueceu, mas antes tomou conta de nós da melhor maneira possível e tentou fazer-nos felizes. Nós também não esqueceremos Schoenstatt. E se Deus nos conduzir através da guerra são e salvos, então Schoenstatt poderá alegrar-se por nossa causa.” (11 de Janeiro de 1918)

(autor omitido)

10. ESBOÇOS BIBLIOGRÁFICOS

Neste capítulo queremos olhar para as vidas de alguns dos que ajudaram a fundar Schoenstatt. Os três primeiros são membros da geração fundadora que morreram em combate em 1917-18. Estes três – Joseph Engling, Hans Wormer e Max Brunner – encarnaram especialmente o espírito dos primeiros anos e mais tarde foram simbolizados pelas “cruzes pretas”, sinal de terem vivido e morrido heroicamente pela missão da MTA. Juntou-se também um esboço do Padre Kentenich nos anos da fundação, destinado a lançar alguma luz na sua relação pessoal com a juventude fundadora.

JOSEPH ENGLING

(5 de Janeiro de 1898 – 4 de Outubro de 1918)

É o principal exemplo da geração fundadora de Schoenstatt. Poucos anos após a sua morte, já se lia e estudava Joseph Engling como a personificação da espiritualidade e missão de Schoenstatt. Eis o que o Padre Kentenich disse uma vez sobre Joseph Engling e a sua maneira de entusiasmar tantos outros para a genuína vida de Schoenstatt: “Na história deste jovem herói encontra-se alguém que viveu segundo a Acta da Fundação e que, com a perfeição do seu exemplo, antecipou a história da nossa fundação com os seus três pontos de contacto” da cabeça (o Padre Kentenich), do coração (a Mãe Três vezes Admirável) e do lar (o santuário).³¹⁴



Joseph Engling

Joseph Engling nasceu a 5 de Janeiro de 1898, numa vila camponesa com algumas centenas de habitantes, nas longínquas fronteiras do leste da Alemanha.³¹⁵ Os seus pais eram camponeses pobres e católicos devotos, dando aos seus filhos uma

³¹⁴ J. Kentenich, saudação à peregrinação de Schoenstatt em honra do quinquagésimo aniversário da morte de Joseph Engling, no dia 4 de Outubro de 1968 (escrito pelo Padre Kentenich antes da sua morte a 15 de Setembro de 1968). In J. Kentenich/josef M. Klein (ed.), *Josef Engling, eine Textsammlung* (Vallendar-Schoenstatt: Büro des Bewegungsleiters, 1988), pág. 106.

³¹⁵ A sua cidade natal era Prositten, na Prússia do Leste que no fim da II Guerra Mundial, em 1945, foi transferida para a administração polaca e está agora localizada na ponta mais nordeste da Polónia.

boa educação na fé. Sendo o quarto de sete filhos, Joseph cresceu em estatura e carácter, e parecia destinado à vida de um capaz mas simples agricultor. No entanto Deus tinha uma outra vocação pensada para ele e aos doze anos o desejo de se tornar um missionário despertou dentro dele. As revistas Palotinas contendo artigos sobre as missões em África tiveram a sua quota parte de responsabilidade e assim o seu prior orientou-o para o seminário missionário Palotino em Schoenstatt, uma decisão condicionada também pela falta de meios financeiros da família para pagar a sua educação em qualquer outra escola.

A 23 de Setembro de 1912 chegou à sua nova casa. A Casa Nova estava terminada, mas enquanto se vivia uma revolução dentro das classes mais velhas (ver Capítulo 1), Joseph e os seus colegas de turma tinham mais que o suficiente para fazer na adaptação à nova casa. No início, Joseph tinha dificuldade em fazer-se entender pelos outros rapazes uma vez que o seu alemão era praticamente ininteligível, devido não só ao seu dialecto oriental como também a um defeito na fala. E embora anteriores contrariedades parecessem um presságio dum rápido final da sua escolaridade, a determinação que o caracterizava fê-lo ultrapassar todos os obstáculos e alcançou as melhores notas no fim do ano.³¹⁶

Este era o espírito que impregnava tudo o que ele fazia. Não tinha o dom da palavra nem era um génio, mas conseguiu ganhar a confiança dos seus colegas e as melhores notas, precisamente devido à sua humilde coragem e determinação. Ao longo do tempo foi conhecendo o Padre Kentenich, que se tornou o seu conselheiro de confiança e orientador do extraordinário desenvolvimento da sua alma. Foi uma relação próxima que beneficiou ambos: Joseph tornou-se mais confiante no mundo da fé e do apostolado e o Padre Kentenich ganhou provas tangíveis de que aquilo em que acreditava no seu coração era verdade – a MTA estava presente no santuário e formava verdadeiramente a sua juventude para se tornarem santos.³¹⁷

No início a congregação de Schoenstatt destinava-se apenas às classes superiores mas as classes médias estavam entusiasmadas em juntar-se a este novo projecto e assim se fundou a Congregação Menor a 8 de Dezembro de 1914. No dia 11 de Abril de 1915 Joseph e outros da sua classe foram aceites na Congregação Menor. Passado apenas um mês, no dia 13 de Maio, foi eleito prefeito (líder) da Congregação

³¹⁶ Para estes e muitos outros pormenores sobre a sua vida até ao final do seu primeiro ano em Schoenstatt, ver Menningen/Engling, pág. 1-21.

³¹⁷ O Padre Kentenich comentou uma vez sobre Joseph Engling: “Ele foi uma maravilha produzida pelo amor de Maria. Possuía um talento extraordinário: tornar vivas todas as ideias em que se empenhava” (APL 1928, pág. 131)

Menor, cargo que manteve até 21 de Junho de 1916. Foi um trabalho que lhe trouxe vários problemas, mas ele estava sempre pronto para fazer mais um esforço pela causa da Santíssima Mãe – muitas vezes dando alento para acções concretas aos seus companheiros congregados com pequenas conversas durante os recreios.

É extraordinário perceber as muitas formas em que Joseph se tornou pioneiro da espiritualidade de Schoenstatt. Logo em Junho de 1915 era um dos principais promotores da ideia das “contribuições para o capital de graças da MTA” e começou a pô-lo em prática oferecendo-lhe o seu exame particular, fazendo dele um dos primeiros a usar o horário espiritual. Encontrou um lema que captava o seu ideal de vida: “*Omnibus omnia, specialiter Mariae mancipatus*” (“Tudo para todos e pertença total de Maria”). Desta forma tornou-se num pioneiro do ideal pessoal – não só em teoria, mas mais ainda na prática. E o intenso amor que sentia por Maria concretizou-se de forma prática em Maio de 1916 quando desenvolveu um plano pormenorizado a partir das “flores de Maio” de oferecer a Maria cada parte da vida como uma dádiva de amor. Tomou nota de cada pequeno sacrifício que, contabilizados por posteriores testemunhos, chegaram a um total de 1712 Flores de Maio!³¹⁸



O Padre Kantenich com Joseph Engling como prefeito da Congregação Menor (Arquivo do Monte Sião)

As circunstâncias exteriores da sua vida modificaram-se radicalmente no Outono de 1916 quando foi recrutado para o exército. Este facto marcou o início dum período de grande provação para ele, em particular devido à sua incapacidade de formar um grupo de congregados com os estudantes de Schoenstatt que fizeram com ele a recruta em Hagenau (na Alsácia, que pertence ao nordeste de França desde 1918). A

vida militar significava ter que lutar não só contra a pressão dos seus pares como contra a fadiga, ambas fonte de tentação para abandonar a sua luta pela santidade. A dada altura jogar às cartas era praticamente um vício. O que começou como um

³¹⁸ cf. Menningen/Engling, págs. 50-117; para “*specialiter Mariae mancipatus*” ver pág. 52s, CARTA A J. FISCHER, de 12 de Maio de 1915, onde o Padre Kantenich se refere ao uso que o Papa Gregório XIII fez deste termo, e De Montfort, Nº 70 com nota referente ao uso no Catecismo do Concílio de Trento; para Flores de Maio, págs. 85-88 e ENGLING B&T, I 265.

gesto de camaradagem converteu-se numa obsessão. A consciência disso como uma falha espiritual tornou-se evidente após uma maratona de cartas que durou a noite toda, em Rémonville perto de Verdun. Admitiu esta sua “falha” numa carta ao Padre Kantenich, que não condenava o jogo de cartas, mas antes confessando que este divertimento se tinha interposto entre ele e a luta pela santidade que Deus e a Virgem Mãe lhe pediam, ou seja, que o tinha feito falhar no seu Horário Espiritual.³¹⁹

A bravura que demonstrava no campo de batalha espiritual era igual à bravura que tinha no meio dos horrores da I Guerra Mundial. Nos primeiros meses de 1918 foi enviado para perto de Verdun, num dos locais mais sangrentos da guerra. Foi então destacado para uma unidade de operações especiais que tinha por missão um *raid* sobre as linhas francesas, cujo nome de código era “Operação Fevereiro”.³²⁰ Esta operação estava programada para um local chamado “Forges Creek” (*Forgebachtal*), em frente da “Colina 304”. O plano era audacioso mas a coragem de Joseph era de outro calibre – lealdade para com um amigo. O seu amigo Bruno Karthäuser fora escolhido para este *raid* e era necessário mais um voluntário. – Engling ofereceu-se, não por ter um espírito aventureiro mas sim, como escreveu mais tarde, “porque o Karthäuser estava lá”. Foi um acto de solidariedade para com um companheiro e arriscou a sua própria vida para o conquistar para Schoenstatt.

Dois meses mais tarde, em Maio de 1918, Joseph encontrava-se na Flandres, onde os Alemães mantinham com dificuldade uma posição em Calonne. E aqui, Joseph Engling ofereceu-se vezes sem conta pelos seus companheiros soldados, não por ansiar por batalhas, mas antes movido por um genuíno e heróico amor pelo próximo. Apesar de se encontrar quase constantemente em perigo de vida sob fogo inimigo, ajudou a transportar os mortos e os feridos, guiou uma companhia de substituição até ao seu destino e oferecia-se regularmente como voluntário para a arriscada missão de ir buscar a ração alimentar diária da sua companhia às cozinhas de campanha montadas por trás das linhas de artilharia. Numa ocasião um dos seus companheiros soldados, casado e com filhos pequenos, foi enviado para um *raid* de risco mortal. Joseph dirigiu-se então ao soldado e disse-lhe calmamente, “Fica, companheiro, eu vou por ti.”³²¹ A bravura que mostrou em Calonne foi tão

³¹⁹ cf. Menningen/Engling, págs. 162-166; ver também ENGLING B&T, III 16 (9 de Janeiro de 1918).

³²⁰ cf. Menningen/Engling, págs. 170-176.

³²¹ cf. Menningen/Engling, págs. 193-199. Infelizmente, o acto de coragem em favor do Soldado Kofel, embora semelhante à generosidade de São Maximiliano Kolbe, teve um desfecho para Kofel diferente do do homem que o

extraordinária que lhe atribuíram a Cruz de Ferro, um prémio que ele viria a oferecer à MTA (e que ainda hoje se pode ver no Santuário Original).

Mas a *maior* obra de Joseph ainda estava para vir. Viria a ser uma obra de amor pela MTA de Schoenstatt. Em Maio, que foi sempre um mês de especial devoção Mariana na vida de Joseph, atingiu o seu clímax no dia 31 de Maio de 1918, no meio da derradeira batalha pela Flandres. Nesse dia, numa miserável trincheira – na realidade não era mais que uma cratera duma bomba – ao longo do estreito Rio Lys, ofereceu a sua própria vida à Mãe Três vezes Admirável e ao Seu trabalho. Na versão escrita da sua consagração (a 3 de Junho de 1918) podemos ler:

Querida Mãe, Mãe Três vezes Admirável, ofereço-me todo a Vós. Ofereço-Vos tudo o que sou e tudo o que tenho, o meu corpo e a minha alma com todas as suas capacidades, tudo o que possuo, a minha liberdade, a minha vontade. Quero pertencer-Vos inteiramente. Sou Vosso. Disponde de mim e de tudo o que possuo conforme a Vossa vontade. Mas se coincidir com os Vossos planos, permiti-me ser uma oferenda pela missão que atribuístes à nossa congregação. Com humildade, o Vosso servo indigno

Joseph Engling.³²²

A Virgem Mãe levaria a sério a sua oferta. No dia 4 de Outubro de 1918, a umas meras cinco semanas do fim da guerra, uma granada inimiga perdida aterrou a poucos passos do Joseph Engling durante uma marcha nocturna para um novo local perto de Cambrai, em França. Morreu instantaneamente. Ninguém duvidou que ele tivesse merecido a sua recompensa no céu, e em Schoenstatt foi claro que este sacrifício era o mais profundo que a guerra tinha pedido a qualquer um deles.

Como recordaria um dos membros do seu grupo acerca deste amigo, “Numa altura de muito sofrimento com as condições militares que eu estava a viver, o Joseph foi praticamente a única luz nas minhas horas de escuridão.”³²³ Desde a sua morte, a luz de Joseph tem ajudado a inspirar outros a actos de heroísmo semelhantes, especialmente em lugares e situações em que Schoenstatt se deparasse com dificuldades em começar. O Padre Kentenich teve o cuidado de reunir todas as cartas e os diários existentes. Desta compilação foi possível fazer passar às gerações futuras

Padre Kolb salvou. Enquanto Joseph sobreviveu à perigosa patrulha, algumas semanas mais tarde, Kofel seria morto em combate na relativa segurança das trincheiras.

³²² ENGLING B&T, III 227; cf. Menningen/Engling, págs. 208-210.

³²³ Menningen/Engling, pág. 230.

dos filhos e filhas da Mãe Três vezes Admirável um autêntico testemunho do espírito fundador. Como escreveu o Padre Kentenich numa carta, “Olhem de vez em quando para a vida de Joseph Engling. Aquele que se deixar penetrar por essa imagem na sua totalidade, contemplará com grande admiração um grande herói (...). Todos nós, novos e velhos, podemos aprender muito com ele.”³²⁴

HANS WORMER

(6 de Outubro de 1898 – 15 de Julho de 1917)

Dos três congregados aqui retratados, é da vida de Hans Wormer que temos menos informação. Nenhum dos seus diários sobreviveu e apenas existem algumas das suas cartas, forçando-nos a depender de fontes menos directas. Hans Wormer, natural de Heidelberg, era companheiro de classe de Joseph Engling, revelando bastante talento. Ao contrário de Engling, era eloquente e aprendia com rapidez. Como não era dado a rivalidades, ele e Joseph tornaram-se bons amigos. Ambos gozavam duma fé genuína, tendo sido os dois candidatos nomeados para prefeito da Congregação Menor em Maio de 1915. O resultado das eleições presenteou a congregação com o melhor de ambos os líderes: Engling tornou-se o prefeito e Wormer foi o seu primeiro assistente.³²⁵



Hans Wormer

Podemos compreender melhor quem foi Hans Wormer através duma conferência dada pelo Padre Kentenich vários anos mais tarde em 1953:

O seu ideal era: “Quero treinar-me até ao limite para ser um forte apoio da Igreja.”³²⁶

Esta grande regra de vida foi-lhe inspirada pelo Céu. Mais nenhum congregado tinha um ideal assim. E como nasceu este ideal? Ele tinha uma paixão extraordinária já desde os seus tempos de rapaz e especialmente como aluno em Schoenstatt. Queria vir a ser um construtor, um arquitecto. Nos seus tempos de estudante, visitou igrejas atrás de igrejas durante as suas férias.³²⁷ Era evidente que algo dentro dele o impelia nessa direcção. A

³²⁴ Carta ao Padre Josef Fischer (não o Josef Fischer In J. Kentenich/Josef M. Klein (ed.), *Josef Engling, eine Textsammlung* (Vallendar-Schoenstatt: Büro des Bewegungsleiters, 1988), pág. 106.

³²⁵ cf. Menningen/Engling, págs. 55ss.

³²⁶ cf. MTA IV, 5-6 ou EA, II 270-271.

³²⁷ *ibid.*

determinada altura passou por uma mudança espiritual na sua vida; a partir daí tornou-se claro que o construtor de igrejas que habitava dentro dele tinha que ser espiritualizado. Desde esse momento já não eram igrejas que ele queria construir; a sua ambição tornou-se construir a Igreja espiritualmente e por isso quis tornar-se um seu forte apoio. Já não se contentava em ser um mero faz-tudo ou pedreiro, mas queria antes ser um co-arquitecto na construção da Igreja em geral e de Schoenstatt em particular.

Mas não ficava satisfeito apenas com isto. Ele apercebeu-se que o seu lema não se deveria ficar por uma simples frase. Decidiu então dedicar-se à sua auto-educação até ao fim da sua vida. Era uma pessoa com talento, mais do que o Joseph Engling. Eram dois rivais na mesma classe. Ele era muito exigente e severo consigo próprio, chegando quase ao exagero. Exigia grandes sacrifícios de si próprio, como circunstância normal da sua vida. Hans Wormer foi também muito influenciado pela ideia de que “o conhecimento é poder”, ideia com que se deve ter cruzado algures na sua vida. Estudou meticolosamente até morrer, para treinar a sua mente e o seu carácter.

Conto-vos apenas um exemplo sobre a sua rígida disciplina. Foi por volta do ano de 1916. Nesse ano, tivemos um inverno muito frio como nunca tivéramos antes.... Em vez das camas normais, eles tinham apenas uns colchões de palha no chão, uns a seguir aos outros. Quase não havia qualquer aquecimento na casa; a comida era má. Os rapazes sofriam com fome. Com estas condições, o Hans Wormer decidiu não colocar as mãos nos bolsos, independentemente do frio que fizesse. Pretendia, com isto, tornar-se mais forte. Também nós, que vivemos aqui num país muito civilizado, deveríamos aprender a fazer sacrifícios, caso contrário não alcançaremos os nossos objectivos. Não devemos ter medo de exercer alguma violência sobre nós próprios.

Ainda me lembro, e aqueles que cresceram com ele ainda se devem lembrar melhor, de como ele andava por aí, na pior vaga de frio daquele inverno, com as suas mãos um pouco recolhidas para dentro das mangas, sem nunca as colocar dentro dos bolsos.³²⁸

O espírito de Wormer foi forjado no espírito de “*aut Caesar aut nihil*”, ou tudo ou nada, e foi isso que escreveu numa carta enviada para sua casa, no fim da recruta:

Se chegar a notícia de que morri em combate, não fiquem demasiado tristes. Terá sido a vontade de Deus e eu terei cumprido o meu dever.... O meu lema é ‘*Aut Caesar aut nihil*’. Tenho que o pôr em acção. A minha última visita a

³²⁸ SEED 1953, págs. 41-42.

Schoenstatt inspirou-me outra vez. Partimos daqui na Segunda-feira o mais tardar. Sob a protecção de Deus e até à próxima!³²⁹

Hans tinha sido recrutado para o exército e dirigia-se agora para o centro da batalha. Numa carta datada de quarta-feira dia 11 de Julho de 1917, escreveu:

Esta é a minha nova morada. Estou neste momento na reserva, na vizinhança do inimigo. Quando for destacado para as linhas da frente no Domingo, estarei especialmente a contas com as Avé Marias dos meus companheiros congregados na capela da nossa MTA. Tudo depende da ajuda de lá de cima. Se o meu destino é cair em campo de batalha, então peçam à Virgem Mãe que me deixe envolver activamente em várias coisas antes disso, já que não seria uma honra para um cavaleiro da Sua tropa de elite se eu caísse logo no primeiro ataque. Primeiro preciso de provar que sou cavaleiro e mostrar que sou digno da coroa da vitória. Saudações do coração para todos os congregados e para a MTA no Santuário.³³⁰

Aparentemente, a Virgem Mãe considerou que ele já tinha provado ser um cavaleiro. Nesse mesmo Domingo, dia 15 de Julho de 1917, Hans Wormer foi morto em acção perto de Veslud, a noroeste de Reims, em França. Deixou como legado a sua grande ideia de “auto-educar-me até morrer para me tornar um apoio para a santa Igreja Católica Romana.”³³¹

MAX BRUNNER

(12 de Dezembro de 1897 – 23 de Abril de 1917)

Max Brunner era um rapaz vindo dum meio rural das ondulantes terras do centro da Bavária, tendo nascido no dia 12 de Dezembro de 1897 em Arth, a cerca de 50 km a nordeste de Munique. Sentiu o chamamento ao sacerdócio desde cedo, e tal como com Joseph Engling, a decisão de enviar Max para o seminário Palotino baseou-se fundamentalmente na precariedade da situação financeira da família.³³² Chegou a Schoenstatt na Primavera de 1911, colocando-o dois níveis acima de Engling e Wormer.

³²⁹ Carta de Hans Wormer, 14 de Junho de 1917, em EA, II 129.

³³⁰ Carta de Hans Wormer, 11 de Julho de 1917, em EA, II 130.

³³¹ MTA IV, 5 ou EA, II 270.

³³² KLEIN (1952), pág. 5.

Foi um bom aluno durante o seu primeiro ano e meio, mas quando o novo ano escolar começou na Casa Nova em Setembro de 1912, Max foi apanhado pela crise pela liberdade. Embora estivesse nessa altura na terceira classe (tornando-o mais novo que a maioria dos “rebeldes”), rapidamente se tornou num dos seus líderes – fazendo malandrices como acotovelar os outros nos corredores e começar o “bocejar contagiante” (bocejar para conseguir pôr a turma toda a bocejar também). As suas notas baixaram consideravelmente e a sua disposição, antes sorridente, tornou-se sombria e apagada. Começou a sentir dentro de si uma crescente luta pela sua identidade.



Max Brunner

Enquanto o Padre Kentenich abordou a agitação revolucionária das classes mais velhas através da Associação Missionária, na classe de Max fê-lo usando pequenos debates sobre os típicos conflitos interiores e exteriores da vida dum jovem estudante. Tentou despertar o interesse e a alegria do trabalho em grupo desafiando os rapazes a escolher e trabalhar um propósito de reunião para reunião. No final do ano escolar (na Primavera de 1913), a classe decidiu formar uma organização, uma espécie de clube, mas no Outono acabaram por colocar este plano de lado, já que tinham esperança de algo melhor fazendo parte da Associação Missionária. Foi então que a classe de Max sentiu a atracção da Congregação Mariana à medida que esta se foi formando ao longo dos meses que conduziram a Abril de 1914. Estes rapazes tornaram-se então nos pioneiros da Congregação Menor, recebendo uma autorização provisória para trabalharem como congregação no dia 5 de Maio de 1914, e fundando a Congregação Menor a 8 de Dezembro de 1914.³³³

No entanto, Max teve dúvidas em avançar. Tinha já investido muito na revolução para se deixar pôr de parte por algum “passe de mágica” do director espiritual. Empenhou-se ainda mais em manter viva a rebelião mas perdeu os seus apoiantes um a um, acabando por ficar sozinho. A última gota veio quando a sua classe se rendeu à ideia de um clube na Primavera de 1913. Determinado a não se deixar vencer por nada desse género, Max estudou cuidadosamente qual a melhor forma de boicotar esse plano. Um ano depois, a 6 de Junho de 1914, escreveu no seu diário:

³³³ MTA II, 57-58.

Quando estávamos ainda na terceira classe, formou-se uma organização à qual se juntaram um grande número de alunos. Tratava-se dum assunto do qual eu não gostava nada e portanto opus-me a eles com toda a hostilidade que consegui. A minha missão tornou-se garantir que este “Clube de Remo” não ganhasse mais membros. Comecei a mandar piadas e a ridicularizar todos aqueles que a ele pertenciam. Eles tentaram defender-se e de vez em quando contra-atacavam. Tanto eu como os membros do clube dávamos tudo por tudo nas acesas discussões que eu armava com os seus líderes. Havia outros estudantes que me apoiavam.

Na formação do clube tinha sido formulada uma regra basilar que estipulava que os direitos dos não-membros não eram de forma alguma inferiores aos dos membros e não era permitido aos membros considerarem-se superiores. Tentei então encurralá-los com a sua própria regra, de forma a conseguir subjugá-los por completo. Através dum consenso silencioso fui-me tornando gradualmente no líder deste contra-movimento, devido a ser o mais envolvido nele. Tínhamos agora que decidir se iríamos ou não a estas reuniões, uma decisão que era inteiramente nossa, uma vez que ninguém podia interferir com os nossos direitos.... Fizemos sentir a nossa presença naquelas reuniões mas infelizmente não podíamos intervir quando a discussão se debruçava sobre assuntos da associação.

Mas houve um dia em que eu falei, só que me foi dito que não tinha nada a dizer, contribuindo para aumentar ainda mais a minha hostilidade. O debate tornou-se bastante aceso e eu afirmei que muito embora nós nos pudéssemos opor a eles, eles por seu lado não podiam fazer nada contra nós – era-lhes permitido apenas aturar-nos pacientemente se queriam manter a sua associação a funcionar. Eles atacavam-me verbalmente mas não o podiam fazer fisicamente; isso iria contra a regra. Gostava de os ver a darem-me uma tarefa pois tal “derrota” teria sido uma vitória. Mas isso estava fora de questão.³³⁴

Só que à medida que Max ia verbalizando a sua opinião, mais desconfortável ia ficando com uma questão: “Que foi que Maria te fez para merecer a tua oposição?” No final, foi o seu amor por Maria que “virou o jogo”. Aos poucos, Max foi perdendo a vontade de lutar e quando a sua classe obteve a autorização provisória para trabalhar como congregação, passou a ir às reuniões para não ter que ficar sozinho na sala de

³³⁴ *ibid.*, 57-59; também em EA, II 123-124.

estudo. Não se sentia integrado mas escondeu a sua neutralidade fazendo uma vez ou outra um trabalho para o grupo. Preocupava-o pensar que estava a “ir atrás dos outros”, que se teria tornado um entre muitos. Porém, no final tomou a firme decisão de se candidatar à admissão na congregação – e foi devido ao seu amor a Maria que conseguiu atrever-se a fazê-lo muito embora se sentisse indigno de tal. Foi uma decisão extremamente difícil e quando foi aceite, ficou radiante.³³⁵

A sua admissão a 8 de Dezembro de 1914 foi o momento da sua citação mais famosa. Depois da cerimónia de introdução, foi-lhe pedido que dissesse algumas palavras em nome dos congregados recém-admitidos: “Vejo o estandarte da Virgem bem içado! Os meus olhos não mais se desviarão d’Ela e na hora da minha morte os meus lábios murmurarão: *Ave Imperatrix! Morituri te salutant!* (Salve Rainha! Os que se preparam para morrer saúdam-te!)”³³⁶

As linhas que se seguem mostram-nos o espírito apaixonado de Max:

Maria, sou agora verdadeiramente Teu filho! Concede-me a graça de nunca me esquecer dos meus deveres como Teu filho! Maria, permite-me ser pequeno mas fazer coisas grandes.

O elogio dos meus companheiros quase me sufoca; não o consigo aguentar. Mãe, não me quero separar de Vós, mas mais uma vez as imagens do mundo colocam-se entre nós os dois – Na noite passada sonhei que estava inflamado com um amor extraordinário a Maria e vi-A de tal forma bonita e gloriosa que não consigo agora reconstituir o que vi.³³⁷

O dia 14 de Março de 1916 trouxe o inevitável alistamento no exército. Max estava em Andernach na recruta, onde a areia branca do Reno contribuía para tornar os exercícios militares ainda mais penosos e os gritos dos oficiais enervavam toda a gente. Ao longo daqueles meses difíceis Max chorou mais de uma vez.³³⁸ Formar um grupo com outros congregados de Schoenstatt foi para ele uma grande ajuda. A recruta terminou a 20 de Outubro de 1916.

A sua época de soldado começou com as primeiras incursões em Colónia e os campos de batalha do Somme. Mas o trauma da guerra feriu profundamente a sua alma; Max teve um esgotamento nervoso e teve que ser enviado para um sanatório.

³³⁵ cf. MTA II, 58-59.

³³⁶ KLEIN (1952), pág. 11.

³³⁷ *ibid.*

³³⁸ *Ibid.*, pág. 12.

Para a sua alma sensível, admitir uma tal fragilidade foi uma prova difícil. E mal se restabeleceu, foi novamente atirado para a linha de fogo na Frente Ocidental em Ypres e Arras. Max colocou-se vezes sem conta nas mãos da MTA, e vezes sem conta sentiu a Sua ajuda concreta.

Em Abril de 1917 Max encontrava-se perto de Arras, em França. As tropas britânicas mobilizavam-se para uma nova ofensiva e as tropas Alemãs prepararam-se para a tempestade. No meio deste ambiente, Max conseguiu escrever estas extraordinárias linhas ao seu grupo de Schoenstatt:

Temos que aprofundar a realidade espiritual. Temos que nos entregar totalmente a esta torre: cavar em profundidade, construir até às alturas. Estaremos nós assim tão avançados na nossa vida espiritual? Oh, há uma quantidade tremenda de material à nossa volta e que mais tarde não nos será oferecido. Portanto temos que construir agora, para atingirmos o objectivo de nos transformarmos em personalidades íntegras! No mês da nossa Rainha cada um de nós deveria assumir a tarefa de progredir na sua vida espiritual, de suportar a dificuldade e a dor que a guerra traz – por amor à nossa Mãe, especialmente [para o capital de graças, pela nossa MTA no Santuário] No entanto, para progredirmos com constância no nosso amor por Maria temos que lutar por desenvolver a nossa vida espiritual de acordo com um programa diário fixo. Gostaria de realçar especialmente o exame particular, que tem que se tornar um motivo de progresso em virtude. Temos que estar unidos e apostolicamente activos para atingir estes objectivos.... Tanto quanto nos for possível, no mês de Maio queremos poder usar expressões da nossa MTA nas nossas cartas, para pensarmos mais na nossa capela de graça....³³⁹

E foi então que a tempestade começou. Os Britânicos atacaram e os Alemães montaram um contra-ataque. Às cinco horas da tarde do dia 23 de Abril de 1917, Max Brunner foi atingido no peito por um estilhaço dum morteiro. Morreu instantaneamente. O seu espírito heróico não deixou margem para dúvidas. Numa carta escrita no início desse ano tinha dito:

É claro que é bom reconciliarmo-nos com a ideia da morte. Sim, a morte pode ser verdadeiramente uma amiga para uma alma carregada com dor e tristeza, mas não para missionários que anseiam por salvar almas e que assim são privados de

³³⁹ Ibid., pág. 14.

atingir o objectivo.... Para aquele que escolheu o objectivo de ganhar o mundo para Cristo, de conquistar almas e de sofrer e lutar por Ele; para esse a morte tem que se assemelhar a um vigarista. No entanto, é Deus que envia a morte. Será feita a Sua vontade. A vontade de Deus acima de tudo.³⁴⁰

Em resumo, resta-nos voltar a citar:

“Salve Rainha! Aqueles que se preparam para morrer saúdam-te!”

OUTROS NOMES

E o que aconteceu com outros membros da geração fundadora de Schoenstatt? Este curto artigo, juntamente com o do capítulo 12 tentará responder a essa pergunta.

Dezasseis dos primeiros congregados morreram no campo de batalha, onde se incluem *Julius Ott* (f. 1916) e *Albert Langner* (1897-1917). *Hubert Jöbges* (f. 1917) morreu por afogamento num acidente. Outros, tais como *Fritz Esser* (1900-1924) e *Franz X. Salzhuber* (1894-1925, morreu 7 meses apenas depois da sua ordenação) morreram com problemas de saúde relacionados com a guerra.¹

Dos que sobreviveram, muitos acabaram por decidir que a sua vocação não era o sacerdócio e outros, como o primeiro prefeito *Josef Fischer* (1894-1955) (não confundir com o Padre Palotino que mais tarde se tornou Padre de Schoenstatt, que tem o mesmo nome e que mais tarde esteve em Dachau com o Padre Kentenich na II Guerra Mundial), tornaram-se padres diocesanos. Tanto Fischer como *Alois Zeppenfeld* (1896-1954) permaneceram fiéis a Schoenstatt com o trabalho paroquial que desenvolveram como padres diocesanos.

E depois, é claro, temos os outros que se tornaram Padres Palotinos. *Albert Eise* (1896-1942) e *Richard Henkes* (1900-1945) morreram no campo de concentração de Dachau, onde estavam presos por serem considerados “inimigos do Terceiro Reich”. *Ferdinand Kastner* (1895-1962) e *Heinrich Schulte* (1901-1980) desempenharam funções cruciais de liderança no Movimento de Schoenstatt até que o exílio do Padre Kentenich os levou a seguirem por caminhos diferentes dos do fundador. *Alexander Menningen* (1900-1994) e *Johannes Tick* (1900-1989) foram fundamentais para o

³⁴⁰ Ibid., pág. 15.

¹ A data mencionada baseia-se em investigações do Padre Walter Plein e do autor.

desenvolvimento do movimento ao longo das suas vidas e tornaram-se membros do Instituto Secular dos Padres de Schoenstatt (fundado em 1965).

Todos os que foram até agora mencionados trabalharam principalmente na Alemanha. Outros Palotinos houve que foram trabalhar para outros países, tais como o Chile, a Argentina, o Brasil, África do Sul e os Estados Unidos.

Não podemos deixar de mencionar *Gertraud von Bullion* (1891-1930). Poder-se-ia dizer que nas crónicas dos anos 1912-1919 ela aparece apenas numa nota de rodapé, mas seria uma nota de rodapé que faria expandir Schoenstatt até níveis inimagináveis. Filha da nobreza menor ofereceu-se como voluntária como ajudante da Cruz Vermelha em 1915 e trabalhou em hospitais de campanha na Frente Ocidental no início de Setembro desse ano. Durante a sua estadia em Mons, na Bélgica (Fevereiro 1917-Outubro 1918), não só trabalhou como enfermeira como ajudou também os soldados feridos organizando cerimónias religiosas Católicas e um coro. Foi aqui que um dos soldados congregados veio parar, Franz X. Salzhuber. Também Franz desenvolveu várias actividades apostólicas e não demorou muito até que ambos estivessem a trabalhar em conjunto. Salzhuber contou a Gertraud sobre a nova organização em Schoenstatt e ofereceu-lhe uma imagem da Mãe Três vezes Admirável. Depois da guerra ela manteve contacto por carta com Salzhuber e seguia de perto os desenvolvimentos da Federação Apostólica.²

Foi logo em 1917 que Gertraud escreveu ao Padre Kentenich³, e foi de tal forma insistente que ele acabou por concluir (em 1920) que a vontade de Deus era que o movimento se abrisse às mulheres. No dia 8 de Dezembro de 1920, tanto ela como a sua prima Marie Christmann seriam as primeiras mulheres consagradas de Schoenstatt. Em 1929 Gertraud ofereceu a sua vida à MTA pela Federação Apostólica mas veio a morrer no ano seguinte com 39 anos, após uma prolongada doença. As suas conquistas para Schoenstatt foram várias mas a mais importante foi o seu papel pioneiro a trazer para Schoenstatt o inestimável tesouro das mulheres. E tudo começou com aquilo a que poderíamos chamar mais um “encontro casual” no meio do caos da I Guerra Mundial.

² cf. LAUER, págs. 19-20; SKOLASTER, pág. 346.

³ cf. STUDIE 1955, pág. 6.

PADRE JOSEPH KENTENICH

(18 de Novembro de 1885 – 15 de Setembro de 1968)

Esta secção não pretende ser uma biografia exaustiva do Padre Kentenich, mas simplesmente uma janela aberta sobre o seu trabalho com os jovens rapazes da geração fundadora. Já muito foi dito mas existem recordações da sua juventude, bem como as suas cartas entre 1914 e 1923, que nos podem oferecer certos aspectos e pormenores importantes.

Começamos com algumas recordações (1961) dum dos alunos de Schoenstatt que mais tarde se tornou num Padre Palotino, o Padre Joseph Hagel. Ele chega a uma conclusão algo surpreendente mas que nos mostra a profunda preocupação que o Padre Kentenich tinha pelos alunos, ao contrário de muitos outros padres:

O ponto central do nosso colégio era a linda capela da casa com o seu tabernáculo. Era lá que os alunos se juntavam na Missa, para rezar o Terço e para as outras orações diárias. Mas havia um segundo ponto central muito importante: o Reverendo Padre Director Espiritual. Ele era a mãe de todos os alunos, no verdadeiro sentido da palavra.

O seu quarto situava-se no segundo andar, ao lado da galeria do coro. Estava sempre rodeado de rapazes que com ele partilhavam as suas necessidades e preocupações. Podíamos vir ter com ele sempre que quiséssemos, por qualquer razão, pois estava sempre disponível para nos ouvir. E com uma sensibilidade psicológica na forma como nos ouvia, conseguia perceber imediatamente o que cada um queria realmente dizer. Num sítio com tantos rapazes juntos era natural que surgissem várias tensões. Era no quarto do director espiritual que se resolviam estas tensões. E era também lá que se tomavam decisões de sair ou permanecer no colégio. Quem estivesse com ele conseguia encontrar a solução certa para as dificuldades que sentia com a sua vocação. Era ele também o refúgio quando surgiam dificuldades entre alunos e superiores. E aqueles que sentiam dificuldades com os seus estudos também a ele recorriam. Ele era muito compreensivo com isto e ajudava sempre que possível. Uma mãe com muitos filhos desmultiplica-se por muitos e era algo semelhante que acontecia com o nosso director espiritual. (...)

O horário das confissões era às sextas, às 17 horas. Na minha classe, quase todos iam ao Padre Kentenich. Na minha primeira confissão estava muito nervoso porque não tinha um confessionário; apenas nos ajoelhávamos num genuflexório em frente do Padre. Depois de nos prepararmos na capela, formávamos uma

enorme fila à porta do seu quarto até que finalmente as coisas começavam a acontecer. Os mais velhos tinham prioridade. Nós quase ansiávamos pelo dia de confissões. (...)

A minha hora favorita era a da “instrução” semanal que o nosso director espiritual nos dava. Todos os alunos ansiavam por ela porque se tratava mais de um período de perguntas e respostas. Nestas ocasiões o Padre dizia-nos também que estava ali unicamente por nós e que poderíamos ir ter com ele a qualquer hora, mesmo fora do período de confissões. Também nos dizia que se encontrava ali puramente para questões espirituais e que conseqüentemente não lidava com assuntos que envolvessem o cumprimento das regras da casa. Essa tarefa pertencia aos prefeitos. Em pouco tempo passei a visitar o Padre várias vezes fora do horário das confissões e de cada vez que lá ia tive sempre a sensação de que ele estava contente por me ver. De cada vez, ele ouvia-me com muita paciência e tentava ajudar.³⁴¹

E continuando o seu relato, o Padre Hagel escreveu:

Qualquer rapaz passa por grandes lutas pela sua maturidade moral durante os anos da sua adolescência. Poder ir ter com o Padre durante esses períodos mais difíceis era uma maravilhosa ajuda para nós. Podíamos até contar-lhe em confiança os problemas que tínhamos com a nossa família em casa, que ele encontrava sempre a palavra certa para nos ajudar e consolar. O Padre estava sempre disponível para os seus alunos. Não se ausentava aos fins-de-semana para outras actividades, como vários dos outros padres. Torna-se assim fácil entender as saudades dos alunos quando ele adoeceu no início de 1914 e teve que ser transferido para o hospital em Vallendar. Uma vez por outra permitiam que alguns fossem visitar o nosso director espiritual no hospital. Os escolhidos rejubilavam; a escolha pertencia aos prefeitos da disciplina. Ao longo daquelas semanas os alunos estiveram constantemente a rezar pela sua saúde. Quando lhe foi permitido regressar ao fim de algumas semanas, a alegria dos alunos foi enorme. Agora, “a mãe” estava de volta a casa.

Durante a I Guerra Mundial ele tornou-se ainda mais num ajudante, num consolador e num líder. Não conseguia apagar todos os problemas mas ajudava imenso pensar que lhe podíamos confiar tudo e saber que permaneceria

³⁴¹ HAGEL

confidencial. E estas dificuldades eram típicas da vida de soldado para aqueles que eram recrutados bem como para a fome devoradora que afectava todos os que estavam no colégio.³⁴²

Desde o momento em que se tornou o director espiritual em 1912, o Padre Kentenich deixou bem clara a sua intenção de defender o direito que cada um dos rapazes tinha em vir ter com ele sempre que precisasse. A regra da casa era bastante severa e esperava-se que os rapazes cumprissem esse regime rígido de aulas e regras. Mas ele sabia, provavelmente por se recordar dos seus anos de adolescente no orfanato, que os rapazes também precisavam de alguém predisposto a escutá-los e com um coração compreensivo. A sua política de “porta aberta” tinha esse objectivo. Como ele próprio referiu mais tarde:

Naquele tempo, nós [Palotinos] tínhamos um método: não eram permitidas visitas a um Padre no seu quarto. O método era esse. Os Padres.... queixavam-se [do meu método]. Mas eu disse-lhes: “Não, não, não, não! Este direito pertence-me. Se tenho a tarefa, então isto faz parte dela. Tem a ver com [ser director espiritual] que qualquer pessoa possa vir a qualquer hora, até a meio da noite!” O princípio é esse. É claro que se subentendia que eu não abusasse dele.³⁴³

Esta porta aberta e este ouvido sempre disponível para escutar ajudaram a dar aos rapazes a noção de que havia quem se preocupasse a sério com eles pessoalmente, e para quem nenhuma necessidade deles seria pequena demais. Desta forma, o Padre Kentenich não era somente um pai para os rapazes, mas também uma “mãe”. E isso é também visível numa outra história vinda doutra fonte durante um outro acesso de doença em 1915:

Um artigo numa revista afirmava que o antigo aluno Alfons Hoffmann começou a chorar num canto do recreio quando soube que o Padre Director Espiritual tinha sido levado para o hospital em 1915 e que todos receavam que morresse. “Foi a primeira e a última vez que o vi chorar”, comentou o autor.³⁴⁴

³⁴² HAGEL.

³⁴³ Conversa a 18 de Junho de 1965 (228)

³⁴⁴ SCHLICKMANN, pág. 282. O artigo apareceu na revista da missão Palotina *Stern von Afrika*, Vol. 40 (1937). Em CARTA A J. FISCHER, de 17 de Julho de 1915, o Padre Kentenich menciona “Perdi 12 quilos desde a minha última doença e devo ter um aspecto horrível.”.

Um padre que foi colocado nos Estados Unidos, Otto Boenki, acrescentou o seguinte sobre o Padre Kentenich:

O Padre [Kentenich] era o nosso director espiritual e posso afirmar que todos os alunos gostavam tanto dele que preferiam confessar-se a ele. Escutávamos as conferências dele com entusiasmo e depois ficávamos a conversar sobre elas... O Padre causava uma grande impressão em nós. Confiávamos nele. Nunca se ouviu qualquer crítica dele vinda dos rapazes. Ele era simplesmente o líder que compreendia os rapazes.³⁴⁵

Muita desta liderança reflecte-se nas centenas e centenas de cartas que ele escreveu aos seus jovens durante a guerra, que revelam a sua preocupação pessoal, o tom prático da sua direcção espiritual e a atenção para com a necessidade de constituir comunidade mesmo durante a guerra. Uma carta de 21 de Março de 1915 revela-nos um pouco da sua atenção à comunidade. Trata-se duma carta em que ele impele o anterior prefeito da Associação Missionária, Josef Fischer, agora um soldado, a partilhar com a congregação como tem sentido a protecção de Maria:

O Padre Provincial [Kolb] acaba de contar aos padres os perigos por que passaste. Parece-me que deverias partilhar connosco todas as situações em que Maria participou, deve-lo em honra da nossa Mãe do Céu. Eu vou publicar tudo o que seja útil para a honra de Maria e para inspirar todos os congregados. (...) [Desta forma podes] continuar a ajudar-me a educar tanto os nossos congregados como os dos outros colégios.

Com sincero carinho uma saudação cordial de congregado e a minha bênção sacerdotal,

(assinado) J. Kentenich PSM³⁴⁶

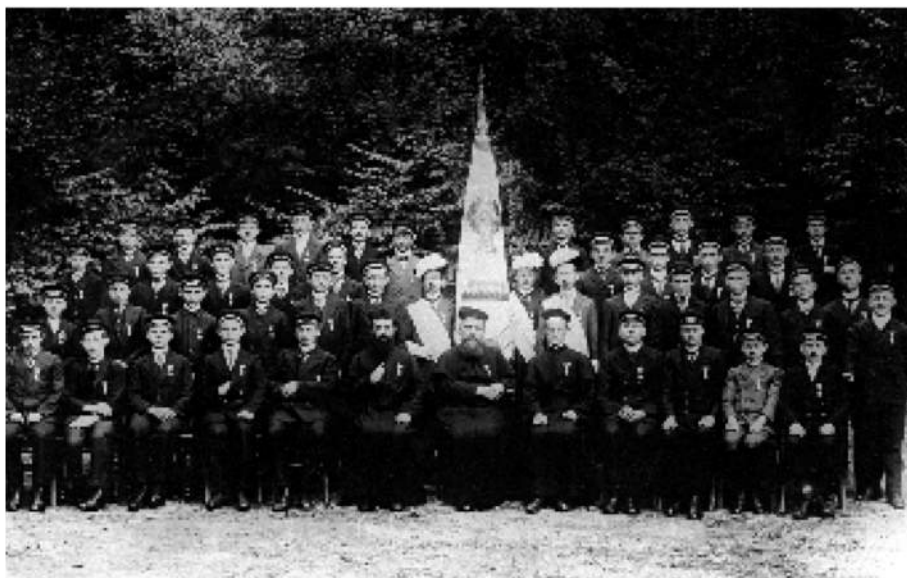
Em relação à sua abordagem prática na direcção espiritual, podemos considerar a carta enviada a Josef Fischer a 2 de Agosto de 1915:

Os perigos que estás a enfrentar são cada vez mais e maiores. Mas se no futuro quiseses continuar a ter sucesso nadando contra a corrente, precisas de ter braços e músculos fortes. Sendo assim – e uma vez que agora tens tempo – aprofunda a tua luta

³⁴⁵ Relatório do Padre Otto Boenki, 1961 como citado em SCHLICKMANN, pág. 281.

³⁴⁶ CARTA A J. FISCHER, de 21 de Março de 1915 (*postscript* ligado à carta dum outro congregado).

pela concretização dos ideais da congregação: devoção Mariana, auto-santificação e acção apostólica. Posso perguntar-te, com muito respeito, o que estás a fazer nestas áreas?³⁴⁷



O Padre Kentenich (na fila da frente, logo à direita do estandarte) com a Congregação Mariana (Joseph Engling encontra-se à sua direita), 1915-16 (Arquivo do Monte Sião)

O Padre Kentenich revelava uma grande preocupação pelas necessidades dos congregados, tanto espirituais como materiais. Mas isto não significa que ele mimasse os alunos. Com alguns deles chegou a não lhes escrever deliberadamente durante um longo período (como aconteceu uma vez com Joseph Engling³⁴⁸), apercebendo-se que o jovem rapaz precisava de passar por uma prova assim. Com outros, enviava notas e chamadas de atenção com frequência para fazer suscitar uma resposta, quando os sentia alheados da comunidade ou demasiado absortos noutras actividades exteriores. Em cada situação, o seu objectivo era o que fosse melhor para o congregado. No início de 1917 o Padre Kentenich sujeitou Albert Eise a constantes avisos para escrever. As suas abordagens incluíam (e será de notar a carinhosa forma com que começava as suas cartas - “Meu querido e jovem amigo!”):

Meu querido e jovem amigo! O teu silêncio é total. Quanto serviço e actividade exterior. É claro que tenho que deixar de ter esperança de receber notícias tuas. Aconteça

³⁴⁷ CARTA A J. FISCHER, de 2 de Agosto de 1915

³⁴⁸ cf. carta do Padre Kentenich, de 2 de Março de 1917, conforme citação em Menningen/Engling, págs. 130s.

o que acontecer, pensa nas palavras finais da minha conferência de despedida: *Filho, não te esqueças da tua Mãe!* (28 de Fevereiro)

Escreve rapidamente! (11 de Março)

Meu querido e jovem amigo! Obrigada pelos teus parabéns. Anseio por ter notícias tuas... (19 de Março)³⁴⁹

Numa carta mais longa dirigida a Josef Fischer e escrita a 2 de Setembro de 1916, desvendam-se outras qualidades do Padre Kentenich, como por exemplo a sua preocupação de coração não só pelos alunos mas também pelas suas famílias.

Meu querido Prefeito:

[Na minha última carta] terei provavelmente respondido às questões que levantaste na tua última carta. Preciso apenas de acrescentar uma coisa. Sinto muito pelo teu irmão que foi ferido em combate. Ele tornou-se próximo para mim através da minha relação contigo. Há alguma coisa que eu possa fazer por ele? Dadas as circunstâncias, é claro que estás incapaz de contribuir para o fundo, como tens feito. **Além disso tens um memorial para cuidar em casa.** Podes ter a certeza que rezarei pelo teu irmão. Escreve-lhe e escreve também à tua estimada mãe. Ela também recebe a “MTA”? Senão, enviar-lha-ei de presente. Cumprimenta também o teu outro irmão por mim.

Na segunda-feira envio-te alguns postais de Vallendar [=Schoenstatt]. Já deverias ter recebido a outra encomenda. Confirma, por favor, quando as receberes. De futuro, por favor passa a ser o responsável por entregar a “MTA” ao Wallbrunn. Já agora, ele parece ter dúvidas quanto à sua vocação. Não seria aconselhável pô-lo em contacto com o Richarz? Talvez pudesses recordar ao Richarz para não ler, ou ler menos o que vem do campo inimigo [=literatura secular?]. Penso que a guerra põe tão fortemente os nossos congregados em contacto com visões opostas do mundo que, sem se tornarem intolerantes, seria bom que eles fortalecessem e aprofundassem o seu próprio ponto de vista. Eu seria, assim, muito mais rígido e cauteloso quanto às escolhas de leitura agora do que em tempo de paz, quando temos à nossa disposição uma quantidade maior de meios que nos permitam resolver as questões e dificuldades e quando temos a protecção e o

³⁴⁹ Cartas e postscripts a Albert Eise conforme citação em KLEIN (1995), pág. 63. A palestra de despedida refere-se à conferência final que o Padre Kentenich deu a cada grupo à medida que eram chamados para o exército. É interessante perceber que ele focou a mesma ideia na sua despedida de Milwaukee a 15 de Setembro de 1965.

apoio de uma vida orientada segundo os princípios da nossa fé. Mas agora - - - o que nos rodeia, a tentação de ser menos severo em relação à moral e à fé... *Semper aliquid haeret* [fica cá sempre qualquer coisa]. (....)

Quando regressar do meu curso responderei às tuas preocupações pessoais. Por muito querida que a tua alma me seja e por muito que eu goste de te ajudar, não te esqueças que tenho que cuidar de outros que, por serem mais novos e inexperientes, têm menos capacidades para tomarem conta de si próprios. Não paro de fazer uma coisa: pedir à nossa Mãe do Céu que consiga desempenhar os meus deveres para convosco [como sacerdote e como educador]. Sobre este assunto estou completamente confiante e convencido de que a Sua bênção especial repousa sobre tudo o que vocês fazem. É demasiado óbvio que Ela te escolheu para seres Seu instrumento, não sendo portanto coincidência que a tua posição não seja tão segura. Isto leva a intensificar a tua sensação de estares sempre dependente da tua Rainha e Mãe, sentimento que é de extraordinária importância para um crescimento sem limites de um autêntico amor por Maria.

Como estás de saúde? Como está o teu amigo? Ofereceste-te para me enviases as suas cartas e eu aceito-as com gratidão. Mas por favor usa um envelope que não seja tão velho como o anterior. Duas das páginas estavam completamente abertas e espero que não se tenham perdido nenhuma cartas.

É provável que o grupo do Hafeneth passe por um período de alguma paralisia, dado que o seu líder foi enviado em combate. *Mater curam habebit*. [A Mãe tomará conta.]

Com sinceras saudações de congregado e a minha bênção sacerdotal,

Atenciosamente

(assinado) J. Kentenich³⁵⁰

Era típico do Padre Kentenich assinar as suas cartas “Com sinceras saudações de congregado e a minha bênção sacerdotal...”

Em conjugação com este espírito paternal, o Padre Kentenich também lançava desafios aos rapazes. Colocava-os perante grandes ideais, entusiasmando-os com o que eles podiam fazer pelo reino de Deus. Simultaneamente, o anseio dos rapazes por grandes ideais intensificava a experiência dos seus fracassos e defeitos. É revelador que, como director espiritual, ele visse grande mérito em fazer com que os rapazes enfrentassem as suas limitações, não só por causa da virtude natural que isso incutia neles, mas também (e especialmente) porque reparava como isso lhes abria a alma

³⁵⁰ CARTA A J. FISCHER, de 2 de Setembro de 1916

para “o crescimento sem limites do seu amor por Maria”. O congregado Alex Menningen, mais tarde famoso por ser o colaborador mais próximo do Padre Kentenich, reflecte sobre a forma como o director espiritual usava ao máximo possível a experiência das limitações. Sempre num contexto numa pedagogia orientada para os ideais e um mútuo interesse familiar, o Padre Kentenich ajudou os seus jovens a crescerem para além numa experiência de religião meramente ética (fazer o que está certo) para uma experiência de vivência das pessoas que estão no céu e gostam de nós e que zelam pelos nossos interesses. Como foi realçado pelo Padre Menningen:

Quando o Padre Kentenich escolheu a experiência das limitações como o suporte [da sua pedagogia] (...) colocava-a num contexto da comunidade. Por outras palavras, fazia da impotência experimentada em comunidade o caminho para um amor filial por Maria na família da Congregação. Ele tanto integrava as experiências individuais das limitações num contexto de consciência pública, como fazia das experiências algo de comum à consciência comunitária. Nunca deixava a pessoa sozinha com as suas limitações pessoais. (...) Integrava sempre a pessoa numa família e usava a consciência pública nessa família como uma ferramenta para ajudar [a pessoa a viver a sua impotência].³⁵¹

Como educador, bom pastor e pai da família podia então trabalhar. É algo que se vai vendo várias vezes [ao longo da sua vida sacerdotal], mas torna-se especialmente claro nos primeiros anos. Quer estivessem no colégio interno, nos quartéis ou no campo de batalha, o Padre Kentenich utilizava o sentimento de impotência, como na “MTA”, para criar uma experiência das limitações colectiva ou familiar. (...) Isto é, a “experiência-nós” – nós estamos impotentes. (...)

Vinha então o passo seguinte: tinha que acontecer um ponto de viragem, um ponto de viragem *do ético para o religioso ou sobrenatural*.³⁵² (...) É impressionante recordar como o Pai partia numa experiência comunitária de impotência e a usava para guiar, não só a alma individual mas também a alma comunitária, para um vínculo afectivo à pessoa de Maria através dum acto de fé ou confiança.

A avaliação que ele fez previamente sobre a devoção a Maria como [uma expressão de] carinho, confiança e amor construiu a ponte para o acto de fé e

³⁵¹ Isto era feito pelo Padre Kentenich de forma a respeitar a dignidade de cada pessoa, como por exemplo falando sobre o problema em reuniões públicas mas de uma forma geral e sem mencionar nomes, sabendo que havia outros que viviam com limitações semelhantes.

³⁵² Por outras palavras, do próprio esforço natural para atingir a virtude e a bondade (a ética) até uma genuína relação com as pessoas do mundo sobrenatural.

confiança. Quando? Quando o jovem rapaz ou a comunidade acreditavam terem chegado ao limite das suas forças. Não conseguimos continuar mais. Tal como aconteceu no colégio interno. Já contei a história de como fui ter com o Pai no meio duma grande frustração e lhe disse, “As coisas não podem continuar desta forma” [por causa das injustiças dos professores]. (...) Ou que comentavam nos quartéis, “Já não aguentamos mais.” Ou nos campos de batalha, como tudo soçobrou numa apatia interior... Nada podia vir dali. E depois, a extraordinária obra-prima da sua educação, ele conseguir despertar na pessoa uma tão ilimitada confiança na Mãe Santíssima que essa pessoa consegue trepar a um novo nível, a uma nova maneira de ser. Claro que cada um precisava ainda de enfrentar os seus pesados fardos, mas vivia com uma atitude de alma totalmente diferente.

Se quiserem um exemplo disto (...) olhem para o Max Brunner e a experiência que viveu no Somme. (...) Ele sofreu um esgotamento nervoso e foi enviado para um sanatório afastado da frente de batalha. (...) Agora vejam as expressões tão espontâneas e carinhosas de confiança em Maria com que ele escreve as suas cartas. Pensem bem sobre isto. Para ele conseguir transformar uma experiência de impotência e falhanço tão devastadora nesta confiança em Maria e aí encontrar uma nova vida, tem que ter havido uma longa formação antes disto.³⁵³

Também o Padre Kentenich enfrentou sentimentos semelhantes de pequenez e imperfeição ao longo destes anos. Ao assistir ao crescimento da MTA durante a guerra, apercebeu-se da grandeza do que Maria estava a fazer e sentiu quão indigno era de ser Seu instrumento (ver o texto *A pequenez dos instrumentos* em 1917, um artigo em caixa no capítulo 12). Podemos vislumbrar isto numa conferência que o Padre Kentenich deu em 1959 – em primeiro lugar a convicção do Padre Kentenich de que era Maria que estava por trás do seu trabalho e em segundo lugar a ousadia de que o Padre Kentenich precisou para continuar, especialmente depois do fim da guerra.

Que nos pedia Maria para cumprirmos os nossos desejos? Nós queríamos e éramos desafiados a fazê-l’A descer para este santuário através das nossas orações e sacrifícios. Ela não o quis fazer sozinha, mas através da nossa colaboração. Foi essa a aliança de amor de 1914. E que fizeram os nossos jovens rapazes? Tentaram cumprir a condição imposta por Nossa Senhora. E qual foi o efeito? Os nossos jovens tornaram-se cada vez mais profundos, mais religiosos e de carácter mais firme. Aceitaram a profunda responsabilidade, à imagem

³⁵³ MENNINGEN (1972), B-20 a 23, ênfase adicionado.

de Maria e em virtude desse contrato, de se protegerem e apoiarem mutuamente, inclusive durante a guerra. E que aconteceu? Tornámo-nos numa comunidade cada vez mais unida. A Santíssima Mãe era o ponto central da nossa pequena família. Sentíamos em todo o lado que Ela trabalhava na nossa educação e para nos tornar úteis para a fundação dum grande movimento mundial de renovação. (....)

[No fim da guerra] tive que me questionar, será este o fim da história ou será que Deus quer que eu continue o Seu trabalho e que forme os escassos membros que connosco vieram ter de fora numa comunidade à parte, distinta da dos rapazes que regressavam ao nosso colégio?

Mas como é que eu sei o que Deus quer? É sempre o mesmo: a regra da porta aberta. Disse para mim próprio que se Deus quer que este punhado de homens – não sei quantos são mas todavia não são mais do que dez – continuem a trabalhar juntos para se tornarem a semente de um novo movimento mundial de renovação, se Deus quer isso, então é *Ele* que tem que despertar esta iniciativa dentro deles: “Queremos continuar a trabalhar!” Não quero fazer o que me apetece mas apenas o que Deus quer.

Além disso, tratava-se duma missão muito arriscada e perigosa. Percebiam isto, eu já tinha uma posição sólida. Tinha muito trabalho, tinha coisas a mais para fazer. Sair agora com um punhado de rapazes para conquistar um mundo onde não havia nada [não havia organizações, não existiam praticamente membros nenhuns], só o conseguiria fazer se tivesse a certeza de que Deus estava por detrás disto. E assim a minha oração era: Querido Senhor, mostra-me o caminho avivando dentro destes mesmos rapazes o desejo de fundar esta nova comunidade e levá-la para a frente. (....)

Se vocês tivessem visto os jovens naquela altura, e comigo com aquela idade – e depois compararem com o que cresceu a partir desta pequena obra, esta semente... teríamos que dizer: uma organização mundial! Não é possível explicá-lo só a partir de meios humanos. Havia outro poder por detrás.³⁵⁴

Terminamos este capítulo com duas cartas que nos recordam o quanto o Padre Kentenich estava pessoalmente comprometido com os seus alunos – mesmo depois da guerra. Seguiu os seus sucessos e os seus fracassos e lembrava-os de tudo colocarem à disposição da MTA no capital de graças. As duas cartas de 1921 e 1923 são especialmente comoventes porque são dirigidas a Fritz Esser (1900-1924), que ficou com sérias sequelas devido aos efeitos da guerra. Reflectem a paternidade

³⁵⁴ Conferência, 3 de Agosto de 1959, págs. 2-3, 7.

espiritual do fundador de Schoenstatt e a sua fidelidade aos instrumentos que lhe foram confiados pela MTA.

19 de Julho de 1921

Querido Fritz!

Uma espécie de gripe impediu-me de te escrever mais cedo. Agora que já passou, deixa-me falar sobre as tuas intenções como um presente atrasado pelo dia do teu santo.

Deus levou-te para uma escola de sofrimento superior, tanto física como espiritual. É completamente normal aquilo por que a tua alma está a passar. A aridez e a noite escura que experimentas têm o propósito de te libertar de ti próprio. Quanto mais depressa e generosamente permitires que isto se instale em ti, maior será o teu progresso no caminho para a santidade. Daí o ‘Seja feita a Vossa vontade...’

A tua vida de oração tem também que tomar isto em conta. Agora, a tua oração tem de colocar menos ênfase na tua própria actividade; tens aliás que ser mais passivo: Querido Senhor, aqui me tens ajoelhado; sou miserável demais para falar conVosco, deixai-me ao menos prestar-Vos honra com a minha presença. Falai, Senhor, que o Vosso servo escuta. (...)

Quanto à tua pergunta sobre o futuro, deixa-me apenas responder-te assim, por agora: *Mater habebit curam*. [A Mãe tomará conta.] Se tiveres forças para escrever uma pequena biografia sobre o nosso querido Joseph Engling, estarás a prestar um serviço a muitos.

Coitada da tua mãe! Tem à sua frente um caminho de sofrimento difícil. Cumprimenta-a por mim.

O maior serviço que prestas ao Movimento Apostólico é através do teu santo sofrimento. Peço-te portanto: contribui para o capital de graças da MTA!

Pode ser que nos vejamos quando voltares para casa. Até lá, as melhoras e a minha saudação de coração! Rezo por ti. A minha bênção sacerdotal e sincero carinho

(assinado) J. Kentenich³⁵⁵

³⁵⁵ Carta para Fritz Esser, 19 de Julho de 1921, em *Vater-Sorge in Briefen. Novene zur Umbettung von Fritz Esser nach Weiskirchen* (Weiskirchen-Rodgau, 1995), págs. 16s.

[Alguns meses antes da morte de Fritz:]

7 de Agosto de 1923

Querido Fritz!

Pelo que outros me dizem, estás a caminho do céu. Aquilo pelo qual lutamos está agora quase ao teu alcance. Não ficas contente por veres outra vez os teus antigos e fiéis companheiros congregados com a tua Mãe do Céu? Saúda todos por mim e diz-lhes para não me esquecerem e para me ajudarem a cumprir a minha missão de vida. E eu vou ajudar-te a rezar para que a tua vida tenha um final feliz.

Neste momento tenho o retiro para sacerdotes. Sofre um pouco para que termine bem! A pagela que te envio é um presente. Não queres oferecer a tua vida pelo Movimento Apostólico? Cordiais saudações de federação e a minha bênção sacerdotal, com carinho

(assinado) J. Kentenich³⁵⁶

³⁵⁶ Carta para Fritz Esser, 7 de Agosto de 1923, em *Vater-Sorge in Briefen. Novene zur Umbettung von Fritz Esser nach Weiskirchen* (Weiskirchen-Rodgau, 1995), pág. 24.

11. HOERDE

A aproximação do Outono de 1918 trouxe consigo mudanças radicais. O exército alemão caiu. No início de Novembro rebentou a Revolução Vermelha em várias cidades alemãs (conservando o país em tumulto até ao fim do ano)^{*}. O Kaiser Wilhelm fugiu para a Holanda. O Armistício foi assinado no dia 11 de Novembro e a Guerra Mundial terminou. Para os congregados em Schoenstatt e na Organização Externa esta altura assinalou um novo começo. Esta mudança no rumo dos acontecimentos incluiu a revogação de muitas das restrições do *Kulturkampf* contra a actividade da Igreja na cena pública, o que constituiu um significativo empurrão a um livre desenvolvimento futuro. Entretanto, os Aliados ordenaram ao exército Alemão que se retirasse de todo o território a oeste do Reno. No dia 12 de Dezembro estabeleceram-se zonas de ocupação Britânicas, Francesas e Americanas nos territórios a oeste e a leste do Reno.

Esta ordem fez com que o exército Alemão evacuasse o seminário de Schoenstatt bruscamente (a “Casa Nova”) no dia 25 de Novembro após mais de quatro anos de serviço como hospital militar. Os alunos e o pessoal trabalharam lado a lado para o restituírem à sua função de colégio. Os alunos que iam regressar do serviço militar estavam para chegar a qualquer momento e queriam terminar a sua formação. Após uma semana de limpezas e mudanças, a primeira função na Casa Nova era o retiro do Outono. Mas depois vieram as forças de ocupação Americanas (alocadas aos distritos de Limburg, Trier e Koblenz) e decidiram utilizar a Casa Nova novamente como um hospital. Algo desanimados, alunos e pessoal arrastaram-se colina abaixo de volta para a Casa Velha no dia 14 de Dezembro.³⁵⁷

COMEÇAR DE NOVO

O trabalho da congregação recomeçou no dia 2 de Janeiro de 1919, depois das férias do Natal. Por essa altura já muitos dos antigos soldados tinham regressado. Os congregados-soldados estavam interessados em retomar as actividades normais da congregação no colégio, mas isto levantou uma questão: Deveriam os antigos soldados formar a sua própria organização ou serem reintegrados? O consenso era geral: O trabalho deveria prosseguir com todos. Elegeram um novo magistrado com

^{*} NT: O autor refere-se à Revolução Alemã iniciada com a sublevação do operariado em 9 de Novembro de 1918.

³⁵⁷ cf. EA, pág. 61 e SKOLASTER, pág.136.

representantes escolhidos entre os alunos e os antigos soldados, e o trabalho foi progredindo a bom ritmo.³⁵⁸

Tanto os soldados como os que não o eram estavam interessados em comemorar o quinto aniversário da sua querida congregação, programada para o Domingo de Pascoela em Abril de 1919. Já há muito que estes jovens antecipavam a necessidade de exprimir a sua profunda gratidão à MTA logo que a guerra terminasse. Os debates sobre este projecto já tinham começado desde meados de 1916.³⁵⁹ Duas das sugestões dessa altura consistiam em colocar no santuário uma “placa comemorativa” de pedra e em remodelar o santuário para acomodar mais pessoas.³⁶⁰ A segunda proposta suscitou grande oposição, já para não falar em dificuldades práticas, sendo rapidamente posta de lado.³⁶¹ Porém a ideia da placa memorial foi do agrado de muitos. Por fim, optaram por colocar duas placas.



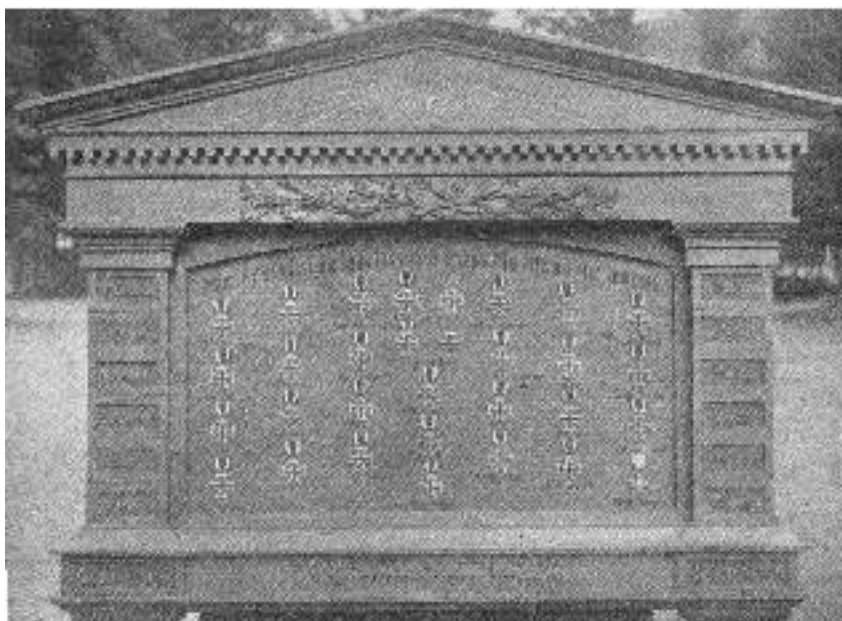
As duas placas comemorativas: nesta página, com os nomes da geração fundadora, colocado no santuário em Abril de 1919; na página seguinte, a placa que contém as Cruzes de Ferro ganhas pela geração fundadora, colocada no santuário em Julho de 1919 (fonte: *Revista MTA*)

³⁵⁸ cf. EA, pág. 61.

³⁵⁹ CARTA A J. FISCHER, de 24 de Julho de 1916.

³⁶⁰ *ibid.*

³⁶¹ cf. MTA I, 70 e MTA IV, 8.



A primeira já vinha a ser planeada há algum tempo. Tratava-se dum gesto espontâneo de gratidão à MTA que começou desta forma (conforme foi contado pelo Padre Kentenich a casais de Milwaukee em 1959):

Quando entramos no Santuário Original de Schoenstatt, o primeiro memorial, do lado esquerdo, mostra-nos as Cruzes de Ferro, da primeira e segunda classe. Como é que as cruzes vieram aqui parar? Desta forma: o primeiro a ganhar uma Cruz de Ferro disse simplesmente, “Recebi-a da Santíssima Mãe; na verdade pertence-Lhe a Ela.” E que fez ele? Pendurou-a no Santuário. Mas tinha um aspecto muito só. Não passou muito tempo sem que outra se lhe juntasse. Por isso, quando a guerra terminou, juntámos todas as cruzes e colocámo-las numa moldura especial.³⁶²

Em Maio de 1918 foram penduradas duas molduras temporárias de madeira, de cada lado do altar no santuário, para se colocarem estas condecorações de coragem. Como parte das actividades ligadas ao quinto aniversário, foi feito um mostruário em madeira maciça onde foram colocadas as trinta condecorações, mostrando o nome dos soldados que as tinham recebido, os cenários de guerra em que tinham sido ganhas e a inscrição: “Queira a MTA aceitar estas insígnias de bravura, a Ela oferecidas e dedicadas...”³⁶³ Foi colocado na parede do lado esquerdo do corpo principal do santuário em Julho de 1919, onde ainda hoje pode ser visto.

³⁶² Conferência, 3 de Agosto de 1959, pág.6.

³⁶³ cf. carta escrita por Fritz Esser, de 9 de Maio de 1918, em KLEIN (1954), pág. 25 e HUG (Texto), pág. 105, 119.

O memorial principal foi a placa de pedra contendo os nomes de todos os congregados-soldados que morreram na guerra ou estavam activos em Abril de 1919. Os 109 congregados foram agrupados pelas três secções remanescentes (*turma* ou *Abteilung*) e os seus 16 grupos (*grex* ou *Gruppe*). O custo de 800 Marcos pelo trabalho profissional da pedra e da gravação foi pago pelos próprios alunos. A sua colocação foi o acontecimento principal da celebração solene do quinto aniversário no Domingo II da Páscoa, dia 27 de Abril de 1919.³⁶⁴ Colocada no lado direito do corpo principal do santuário, é até hoje testemunho daqueles jovens rapazes que constituíram a geração fundadora.

A ORGANIZAÇÃO EXTERNA EM COMPASSO DE ESPERA

Para os membros da Organização Externa que não estavam associados ao colégio em Schoenstatt, a questão que se lhes colocava no final da guerra foi “E agora?” O congregado Claus Scheuffgen escreveu ao Padre Kentenich no dia 7 de Dezembro de 1918 nos seguintes termos:

Por esta altura, a maioria dos membros da congregação terá chegado a casa. Mas àqueles de nós que não estavam em Schoenstatt e que não estiveram no colégio depara-se-nos a questão complicada que teríamos gostado de ter resolvido antes de regressarmos, não tivesse o fim chegado tão repentinamente: O que vai acontecer à nossa organização? Vai continuar como antes, vai mudar de forma ou vai ser dissolvida?³⁶⁵

Alois Zeppenfeld, um dos líderes mais entusiasmados desde que foi convidado para se juntar à Organização Externa nos meados de 1917, não perdeu tempo e propôs um plano de acção. Fê-lo numa carta dirigida ao Padre Kentenich com a data de 18 de Novembro de 1918 – uma semana apenas após o Armistício:

A guerra terminou, regressamos a casa. Há três dias estive durante uma hora com o Willi Wladbröl. Conversámos sobre o futuro da nossa sociedade e decidimos o seguinte plano: Se formos desmobilizados em Dezembro, todos os membros se deverão encontrar em Schoenstatt no início de Janeiro para participarmos no retiro de três ou cinco dias. Para benefício de todos, peço-lhe que seja o nosso orientador do retiro durante estas dias. Nessa altura poderemos

³⁶⁴ cf. KLEIN (1954), pág. 32 e HUG (Texto), pág. 113, 116s.

³⁶⁵ MTA III, 80 (15 de Dezembro de 1918). Ver também MONNERJAHN, pág. 86.

falar todos juntos sobre o futuro programa. Posso contar com uma rápida resposta para que se possa tratar do resto?³⁶⁶

A coisa mais natural do mundo teria sido uma resposta rápida do Padre Kentenich mas a sua resposta – que chegou na forma de um editorial no final da reprodução das duas cartas referidas acima na edição de Dezembro de 1918 da “MTA” – foi quase enigmática:

Lamento mas de momento apenas posso prometer que não deixarei morrer a revista *Mater Ter Admirabilis*. As restantes questões que colocaram não estão ainda maduras para uma decisão.³⁶⁷



Alois Zeppenfeld

O Padre Kentenich explicou em 1927:

Por muito grandes que fossem as minhas expectativas que o trabalho [com a Organização Externa] continuasse, não lhe dediquei mais atenção. Mantive o meu silêncio, mesmo enquanto diversas pessoas me escreviam a perguntar o que deveria ser feito. Era suposto que tudo começasse com eles.³⁶⁸

O que o fundador procurava também intensamente era um sinal de que este trabalho – que ele tanto desejava ver a ter sucesso para a renovação da Igreja e do mundo – era algo que Deus e a Virgem Mãe queriam também. Se se tivesse limitado a ser uma bonita criação em tempo de guerra que viesse a ser esquecida na confusão do pós-guerra, ele não insistiria mais. Mas se os outros permanecessem firmes, ele interpretá-lo-ia como um sinal da Providência de que Deus estava também por detrás disto.

E assim aconteceu. Após repetidas insistências apesar do seu silêncio propositado e recusa em permitir a formação de novos grupos, ele viu a mão de Deus. Agora já se justificariam novos grupos. No início de Abril de 1919, foi formada uma nova secção para pessoas externas com 10 membros.³⁶⁹ A forma final desta secção externa teria no entanto que aguardar por uma reunião de consulta e planeamento mais exaustivos.

³⁶⁶ *ibid.*

³⁶⁷ *ibid.*

³⁶⁸ Priestertagung 1927, pág. 13.

³⁶⁹ cf. MONNERJAHN, pág. 87 e CARTA A J. FISCHER, de 19 de Abril de 1919. Ver também HÖRDE (1969), pág. 58.

Esta reunião foi marcada para o dia 20 de Agosto de 1919, sob a forma duma conferência na terra natal de Alois Zeppenfeld, Hoerde, no sul da Westphalia, perto de Dortmund.

OS ACONTECIMENTOS QUE CONDUZIRAM À CONFERÊNCIA DE HOERDE

Na altura em que a nova secção para externos se formou em Abril de 1919, já as bases fundamentais para uma nova organização eram bastante claras. Como mencionou o Padre Kentenich numa carta para Josef Fischer a 19 de Abril de 1919:

... formou-se novamente uma secção para externos, uma federação apostólica de estudantes. Os requisitos fundamentais são o exame particular, o horário diário espiritual e encontrar um director espiritual.³⁷⁰

Encontramos aqui a primeira vez que se utilizou a palavra *federação* (que em alemão é *Bund* e em inglês se diz *Union*), uma palavra usada para qualquer tipo de organização: a *Federação Apostólica* (*Apostolischer Bund*).

O Padre Kentenich, agora com 30 anos, começou então a dar alguns passos no sentido de se libertar da função de director espiritual de modo a ser autorizado a trabalhar a tempo inteiro na formação duma “federação apostólica para estudantes, professores e todos os ligados ao mundo académico.”³⁷¹ Em Julho, num memorando ao conselho provincial em Limburg, o Padre Kentenich delineou as razões que o impeliavam a assumir tamanho objectivo, especialmente segundo o espírito de missão de Vicente Pallotti:

Sobre a instauração duma federação apostólica de estudantes e professores e a sua filiação ao instituto Palotino de cooperadores.

Durante a guerra reunimos os nossos congregados na ‘Organização Externa’, que admitia também estudantes externos ao nosso colégio: estudantes da universidade, do secundário e do liceu e professores. À medida que os nossos congregados regressaram a Schoenstatt depois da guerra, estes membros externos quiseram manter a sua estável organização apesar das exigências implicadas nessa tarefa. Nós anuímos (cf. ‘MTA’ IV, pág. 47). E agora estamos perante a seguinte questão:

Deveremos largar o movimento ou orientá-lo em direcção a um objectivo firme?

³⁷⁰ CARTA A J. FISCHER, de 19 de Abril de 1919.

³⁷¹ cf. SCHULTE (1957), pág.85.

Não seria difícil responder a esta questão se a província Palotina Alemã, sob o espírito do nosso venerável fundador, assumisse a função de transformar a organização numa federação apostólica para estudantes, professores e quem estivesse no meio acadêmico, e a trouxesse aos poucos para dentro do instituto dos cooperadores.³⁷²

O memorando prosseguia, realçando a necessidade da propagação da ideia do apostolado, do apostolado leigo organizado e treinado, da auto-santificação e duma firme organização. Sugeriu também a nomeação de dois Padres para esta tarefa (um como editor da “MTA”, o outro como organizador e educador) e a utilização da Casa Nova em Schoenstatt para retiros durante as férias de Verão, altura em que a casa não era usada.³⁷³ No final, fez a seguinte advertência:

No entanto, não deveremos estar à espera de sucesso muito rapidamente. Terá que ser adquirido pelo preço de um trabalho longo e voluntário.³⁷⁴

A resposta de Limburg não se fez esperar muito. No dia 18 de Julho de 1919, o Padre Kentenich foi oficialmente nomeado o organizador e educador do novo trabalho, terminando o seu mandato de sete anos como director espiritual em Schoenstatt. Mudou-se para Engers, uma pequena cidade a poucos quilómetros de Vallendar, descendo o Reno.

UMA DECISÃO INESPERADA

Quarenta anos depois, o Padre Kentenich descreveu desta forma o caminho que levou à fundação da Federação Apostólica em Agosto de 1919:

Sair por aí com um punhado de jovens e conquistar o mundo onde não existe nada [nenhuma organização, praticamente sem membros], só o poderia fazer se tivesse a certeza de que Deus Se encontrava por detrás disto. Daí que a minha oração era: Meu Deus, mostrai-me o caminho inspirando nestes jovens o desejo de fundar esta nova comunidade e levá-la para a frente. (....)

E que fiz eu? Retirei-me por completo. Recebi muitas cartas a pedir-me ajuda. E a minha resposta foi: Não, vocês têm que se ajudar a vós próprios. Se Deus vos quer, vocês

³⁷² CARTA A J. FISCHER, início de Agosto de 1919

³⁷³ Kentenich, memorando, Julho 1919, em TVA, pág. 23.

³⁷⁴ Ibid., págs. 23-28.

têm que empreender qualquer coisa por vós próprios. E isto prolongou-se mês após mês. Pensem só, desde Novembro de 1918! Estávamos agora em Agosto de 1919. Então declarei: Se é algo que realmente querem, avancem e reúnam-se. Eles tinham estado em suspenso durante nove meses. Depois de eu lhes dizer que poderiam combinar um encontro e que eu iria, aconteceu o seguinte.

Recordem primeiro a situação que se vivia logo a seguir à guerra. Tenho que vos explicar as circunstâncias da altura por não vos serem familiares. Schoenstatt encontrava-se numa zona ocupada pelos franceses. Ninguém podia atravessar estas fronteiras, tornando também impossível [aos outros] chegar a Schoenstatt. O encontro teria que ser fora de Schoenstatt. Teria que ser num sítio que não estivesse ocupado nem pelos franceses nem pelos ingleses. Escolheram então o local, a pequena cidade de Hoerde.

Não se esqueçam de qual era o meu principal objectivo. Eu queria saber se Deus o queria. Para mim, o sinal seria aquele pequeno grupo querer algo por si próprios, estarem entusiasmados com isso e prontos a dar as suas vidas por essa causa. Doutra forma eu não poderia fazer nada. (1959)³⁷⁵

No fim de Julho de 1919, o Padre Kentenich estava já totalmente comprometido a trabalhar a tempo inteiro para o movimento delineado no seu memorando de Julho dirigido aos superiores provinciais. O encontro planeado em Hoerde viria a ser crucial para tudo o que sucedeu depois. Como se pode ver numa carta enviada a Josef Fischer no início desse decisivo mês de Agosto, o Padre Kentenich estava consciente da importância do encontro que se avizinhava:

Aquilo de que vos falei sob a forma dum plano ainda por amadurecer [cf. carta de 22 de Maio de 1916 no cap. 8] vai agora tornar-se realidade: a fundação duma federação para estudantes, professores e os que pertencem ao meio académico. Para alcançarmos esse objectivo fui dispensado do trabalho de director espiritual e foi-me autorizado usar uma parte da Casa Velha para cursos de auto-educação. É uma tarefa difícil. *Mater habebit curam.*³⁷⁶

Pode ver-se que o desejo do Padre Kentenich era nada menos que uma comunidade que sobrevivesse ao teste do tempo nas palavras que ele escreveu na

³⁷⁵ Ibid., pág. 28.

³⁷⁶ Conferência, 3 de Agosto de 1959, pág. 3.

“Revista MTA” em Abril, quando lhe foi dada a autorização para continuar o trabalho da Organização Externa:

Peço-vos que pensem no seguinte. Deveríamos construir as fundações da Organização Externa de forma a que as gerações futuras possam construir por cima. A nossa congregação é a única do seu género – mantenhamo-nos fiéis a isso. Claro que se podem fazer melhoramentos. Mas nenhum sacrifício será grande demais para nós, nenhum caminho será longo demais – porque não é só de nome que somos instrumentos da Santíssima Mãe, somo-lo de verdade e em obras!³⁷⁷

O Padre Kentenich assegurou-se que o encontro em Hoerde beneficiasse do contacto com todos os aspectos da vitalidade de Schoenstatt que tinham sido a imagem de marca da Organização Externa durante a guerra. Assim, como ele próprio admitiu:

Tomei uma medida de precaução. Qual? Assegurei-me que um grupo de alunos do nosso colégio [o seminário de Schoenstatt] tomasse parte neste encontro fundador. Na sua maioria, eram jovens que tinham feito parte da Organização Externa durante a guerra. Estavam naturalmente mais familiarizados com a nossa maneira de pensar, de lutar e com os nossos objectivos do que aqueles que nos vinham de fora.³⁷⁸

O encontro do dia 20 de Agosto aproximava-se rapidamente. Sendo o seu organizador principal, Alois Zeppenfeld arranhou famílias que acolhessem as duas dúzias de convidados. Esperavam-se jovens desde Baden, no sul, até Osnabrück, no norte, indo tão a leste como Fulda. “Vallendar” estaria bem representado, claro. Esperava-se que tudo corresse sem incidentes.³⁷⁹

Só que, na última noite antes da conferência, o Padre Kentenich enviou um telegrama para Hoerde dizendo que não estaria presente. Iria enviar o congregado Alfons Hoffmann para o representar.³⁸⁰ Esta decisão era a última coisa de que alguém estava à espera. Como relatou um dos participantes:

O Alois Zeppenfeld ficou tão surpreendido e desapontado que queria desistir de tudo. Nós que vínhamos de Schoenstatt não ficámos tão surpreendidos com

³⁷⁷ CARTA A J. FISCHER, início de Agosto de 1916

³⁷⁸ MTA IV (Nº 5/6, 15 de Maio de 1919), 47. Escrito pelo Padre Kentenich a 26 de Abril de 1919.

³⁷⁹ Conferência, 3 de Agosto de 1959, pág. 5.

³⁸⁰ cf. carta de Willi Waldbröl para Albert Eise, 1 de Setembro de 1919.

esta decisão repentina do Padre Kentenich, dado que já tinha sido sua prática habitual mais de uma vez nos tempos da Congregação Mariana preocupar as pessoas e colocá-las em situações difíceis em conferências e ocasiões públicas; depois derrubar o resultado de um árduo trabalho com mão forte e reformular tudo. Algumas pessoas já se tinham aborrecido com este método. Assim, depois de recuperarmos da bomba, pudemos começar a reunião.³⁸¹

Por detrás desta desconcertante abordagem estava o profundo respeito que o Padre Kentenich tinha pela liberdade de cada um e, especialmente neste caso, a sua forma muito prática de procurar os planos da Divina Providência. Palavras suas de 1916 recordam-nos o seu cuidado especial pela liberdade individual:

Eu quero e tenho que permanecer completamente na rectaguarda, pelo Bem Maior [da congregação]. É esse o espírito certo da congregação. Vocês devem conseguir entender as razões interiores disto sem dificuldade... Apenas recordo que a vida espiritual dos vossos companheiros congregados desenvolver-se-á duma forma muito mais natural, orgânica e realista se as questões que estiverem a debater não forem manipuladas por uma autoridade exterior. [Uma influência dessas] facilmente evita que uma pessoa chegue às suas próprias conclusões e conseqüentemente impede a predisposição de sacrifício por uma ideia que na realidade apenas compreende em parte. Pensa tu mesmo nisto. O movimento que pretendemos poderá apenas crescer lentamente e em círculos muito pequenos, claro. Mas uma vez atingidas as condições para a batalha, então avançará com maior rapidez e certeza.³⁸²

Porém, desta vez, a necessidade de saber se a federação proposta correspondia à vontade de Deus situava-se em primeiro plano. Tal como durante os meses depois da guerra, ele arriscava a própria Obra para testar a vontade de Deus. Tudo aquilo por que ele tinha trabalhado e em que tinha investido estava a ser testado, mas Deus teria que provar se se tratava realmente do Seu trabalho e do de Nossa Senhora através dos resultados da conferência. Não houve razões para o Padre Kentenich ficar desapontado. Como ele próprio resumiu quarenta anos mais tarde:

Reuniram-se em Hoerde. Estavam todos juntos. Quem é que faltava? Eu. Porquê?

Tinha-lhes enviado um telegrama a dizer: “Não posso ir.” Eles ficaram preocupados. O que

³⁸¹ cf. SCHULTE (1957), pág. 84 e Priestertagung 1927, pág. 13.

³⁸² SCHULTE (1957), pág. 84. Ver também os próprios comentários do Padre Kentenich neste sentido em Tagung für Bundespriester 1935, pág. 14.

é que fazemos? Deveríamos voltar todos para casa? Finalmente decidiram, “Vamos mostrar-lhe que somos capazes de fazer isto sem ele.” E era exactamente isso que eu procurava.³⁸³

A CONFERÊNCIA DE HOERDE

Os 24 participantes da conferência chegaram a Hoerde na noite de terça-feira, 19 de Agosto de 1919 – dezasseis vindos de Schoenstatt e oito seminaristas vindos de outras universidades. Desses oito, 5 tinham feito parte da Organização Externa durante a guerra: Alois Zeppenfeld, Engelbert Enste, Felix Evers, Alex Beckmann e Hermann Büsching. Fritz Ernst tinha estado em contacto com Schoenstatt durante a guerra; os restantes dois eram novos.³⁸⁴ Dos dezasseis vindos de Schoenstatt dois deles merecem ser mencionados pois viriam mais tarde a desempenhar um papel fundamental no desenvolvimento do Movimento de Schoenstatt: Heirich Schulte e Johannes Tick.



Fotografia de grupo tirada na conferência de Hoerde (*em itálico = alunos vindos de fora do seminário de Schoenstatt*):

No chão (da esquerda para a direita) – Franz Kaiser, Paul Isel, Heinrich Kaiser; sentados – Alfons Hoffmann, *Heger*, Willi Waldbröl, *Herbert Zeppenfeld*, Engelbert Enste, *Fritz Ernst*, *Kossmann*; Fila da frente em pé – Willi Girke, Karl Schäfer, Johannes Tick, Heinrich Schulte, *Félix Evers*, *Heinrich Büsching*, *Alex Beckmann*, Jäger, August Spangenberg; fila atrás – *Alois Zeppenfeld*, Hans Blümer, Hans Pabelick, Ferdinand Duchene, Max Lorschach (fonte: Revista MTA)

³⁸³ CARTA A J. FISCHER, de 1 de Agosto de 1916

³⁸⁴ Conferência, 3 de Agosto de 1919, pág. 3.

INSPIRAÇÃO EM PEQUENAS DOSES

Uma das práticas que rapidamente criou raízes durante os anos da fundação foi a utilização de curtos lemas para transmitir ideias-chave e atitudes. Estes lemas eram uma fonte de inspiração imediata, principalmente quando o caminho se tornava mais complicado. O seu valor torna-se evidente pelo facto de terem conseguido manter a sua vitalidade através de todas as épocas da história de Schoenstatt até aos nossos dias.

Vários dos lemas foram adoptados de São Vicente Pallotti, incluindo o de São Paulo *Caritas Christi urget nos* (2 Cor 5,14; Sim, o amor de Cristo nos absorve completamente)¹ e *Mater habebit curam* (A Mãe tomará conta). Este último tornou-se mais popular na Congregação de Schoenstatt pelo congregado e mais tarde Padre Palotino Nicholas Wilwers.² Aparece já a 2 de Setembro de 1916, numa carta do Padre Kentenich para Josef Fischer e a partir do início de Janeiro de 1917 começa a aparecer frequentemente.³ (O *perfectam* – A Mãe toma conta *perfeitamente* – foi um acrescento do Padre Kentenich vinte anos mais tarde.)

Outras frases vieram do uso geral da congregação, incluindo o *Nos cum prole pia / benedicat Virgo Maria*.⁴ Uma outra veio das vibrantes palavras do Padre Kolb numa cerimónia interna de abertura da Casa Nova a 21 de Setembro de 1912, nomeadamente: *Adiante, sempre em frente, nunca para trás!*⁵ A origem do lema *Servus Mariae nunquam peribit* – um servo de Maria nunca perecerá tem uma longa tradição católica que remonta pelo menos a Santo Anselmo (1033-1109) e com Santo Alphonse Ligouri (1696-1787) como especial propagador.⁶ Existem provas do seu uso em Schoenstatt em 1916 na variante *Servus Maria non peribit*.⁷ A expressão mais categórica *nunquam* (nunca) aparece já em Abril de 1917 numa carta escrita por Max

¹ cf. SCHULTE (1932), I 67.

² cf. USA-T 1952 (31 de Julho), II 230.

³ cf. CARTA A J. FISCHER, 2 de Setembro de 1916, 26 de Janeiro de 1917 ss.

⁴ cf. *ibid*, 15 de Agosto de 1914.

⁵ Ver KOLB. Ver também MTA III, 80 e SCHULTE (1932), I 51. Para exemplos de uso anterior, ver ENGLING B&T, I 251 (30 de Abril de 1916) e CARTA A J. FISCHER, 1917 (sem data)

⁶ Para ver como Alphonse Ligouri trata o tema, ver LIGOURI, pág. 220-223, onde Anselm é também citado (pág. 221).

⁷ cf. MTA I 21, onde uma carta escrita por um dos congregados (assinado X. X.) a 7 de Maio de 1916 inclui a frase “*Servus Mariae non peribit*”. A mesma frase aparece escrita numa carta do Padre Kentenich em 1917, ver CARTA A J. FISCHER, fim de Abril de 1917.

Brunner.⁸ É Fritz Esser quem merece o crédito da inscrição destas palavras no santuário. Numa oferta de acção de graças em 1919, ele esculpiu com muito carinho uma moldura em madeira para colocar à volta da imagem da MTA. Poderia ter inscrito “*Mater habebit curam*”, mas Esser preferiu antes esculpir um lema que lhe era muito querido.⁹ A moldura teve que ser feita de novo quando o actual altar foi colocado no santuário (1934)¹⁰ sendo mais tarde fundida em metais preciosos (1947), mas as palavras permanecem as mesmas – e adornam agora a imagem da MTA em todos os Santuários de Schoenstatt no mundo.

Finalmente, para quem estiver interessado na famosa frase “Nada sem Ti, nada sem nós”, esta apenas passou a fazer parte do vocabulário de Schoenstatt bastante depois da I Grande Guerra – mais concretamente em 1933.

A reunião teve lugar na “*Wiggerhaus*”, um centro paroquial (um edifício de dois andares que foi deitado abaixo em 1966). Encontramos outros pormenores da conferência num minucioso relato escrito pelo Padre Schulte em 1957:

O serão correu de forma muito harmoniosa. Demo-nos a conhecer uns aos outros e o ambiente estava agradável e alegre, mesmo considerando que para os que vinham de Schoenstatt, ocasiões puramente sociais no estilo das antigas celebrações lá no colégio não tinham muito interesse... A conferência começou na manhã seguinte [de quarta-feira] com a celebração da Santa Missa. O Alois Zeppenfeld tinha pedido a um Padre Franciscano para a celebrar para nós....

... Concordámos rapidamente que a Organização Externa de Schoenstatt não deveria ser dissolvida mas antes que deveria continuar a existir, embora claramente não fazendo parte da congregação [de Schoenstatt] do colégio – o que era praticamente impossível – mas como uma associação independente. Concordámos de forma igualmente rápida que não deveria assumir a forma duma Congregação Mariana mas antes a sua própria nova forma; na realidade tratava-se de algo diferente das normais Congregações Marianas das quais já existiam vários exemplos. Ficou assim rapidamente assente o primeiro dos pontos fundamentais do novo programa.

⁸ cf. KLEIN (1952), pág. 14.

⁹ cf. KLEIN (1954), pág. 3, 30-31 e HUG (Texto) pág. 104s, 109-111.

¹⁰ Como refere HUG (Texto) pág. 110, o calor emitido pelas luzes eléctricas entre 1919 e 1934 fizeram com que a moldura se desfizesse quando foi retirada em 1934. Esculpiu-se então uma réplica fiel, graças a uma outra réplica que tinha sido esculpida por um dos primeiros cursos de noviciado das Irmãs de Maria de Schoenstatt.

O nome “Federação Apostólica” não encontrou nenhuma dificuldade em especial.³⁸⁵ Que eu soubesse, não tinha surgido pela primeira vez em Hoerde mas tinha já sido utilizado como um possível nome em conversas entre nós e o Padre Kentenich. Foi aceite sem problemas, uma vez que a ideia de apostolado dominava totalmente este campo e a designação de “Federação” era igualmente oportuna. Na Alemanha do pós-guerra formavam-se “movimentos” e “federações” por todo o lado e em qualquer caminho de vida.³⁸⁶

Decidir quem poderia ser admitido nesta Federação Apostólica revelou-se mais difícil: os alunos do secundário, universitários e académicos eram certamente bem-vindos como sempre. Mas após umas breves negociações foram expressamente incluídos também os professores e alunos e colégios de professores. Não pensámos em mais ninguém.³⁸⁷ A versão de um objectivo mais global [de “apóstolos leigos treinados dentro do espírito da Igreja”] que consta no N°3 dos Estatutos é uma alteração editada posteriormente pelo Padre Kentenich.

Já a questão dos objectivos específicos e tarefas que esta Federação Apostólica deveria ter suscitou uma animada e até acesa discussão. No início foram os “externos” quem dominou a discussão; nós os de Schoenstatt não conseguimos dizer uma palavra durante um longo período de tempo.

Büsching e E. Enste apresentaram o seu programa com ardor e entusiasmo. O E. Enste estava muito envolvido em assuntos públicos desde a sua desmobilização do exército e da sua saída do colégio em Schoenstatt, e era um líder activo dentro do seu círculo profissional para a formação dum partido político Cristão na Alemanha, o velho partido “Central”. Tentou assim convencer os que estavam reunidos a incluir no programa esta tarefa tão importante para o Catolicismo Alemão...

Mas a questão que se colocava era se deveria ser este o objectivo e tarefa da Federação Apostólica. De qualquer modo era algo completamente novo e que divergia totalmente dos ideais e objectivos que tinham sido trabalhados em Schoenstatt até àquele momento. Em contraste com isto, o Büsching defendia a justiça social como sendo o grande assunto do momento e portanto a principal

³⁸⁵ cf. SCHULTE (1957), pág. 84.

³⁸⁶ Houve pelo menos alguma resistência a este ponto. No seu relatório sobre a conferência de Hoerde, Fritz Ernst (relatório para a reunião distrital dos Padres de Schoenstatt, Dortmund, 5 de Janeiro de 1959) afirmou que não gostava do nome Federação Apostólica. Ele recordou ter havido uma longa discussão sobre este assunto.

³⁸⁷ Sobre outros movimentos naquela altura, ver APL 1929, 38.

tarefa apostólica a que a Federação se deveria dedicar. Embora esse ideal fosse realmente premente e importante, era também algo diferente daquilo por que se tinha lutado em Schoenstatt até essa altura. Consequentemente, surgiram imediatamente receios quanto a esta mudança de direcção...

Para nós, os de Schoenstatt, tornou-se rapidamente óbvio que o processo não podia e não devia seguir nesta direcção. Já no início de 1919 esta questão tinha originado uma tempestade semelhante dentro da Congregação Mariana em Schoenstatt. Os soldados que regressavam a casa interessavam-se naturalmente por todos os acontecimentos e correntes contemporâneos e estavam muito entusiasmados com a questão da justiça social que crescia com toda a força [na sociedade]. E estavam certos em ambos os casos. Mas depois quiseram focar todo o trabalho da congregação nessa direcção; prepararam um programa muito forte de reuniões que tratariam todo e qualquer assunto contemporâneo que se pudesse imaginar. Mas uma vez que eu [o prefeito dessa altura era o Schulte] receava que as tarefas verdadeiramente religiosas e de auto-educação prática da congregação seriam completamente suprimidas, senti ser minha obrigação fazer notar, tanto nas reuniões do magistrado como nas da congregação, que os planos eram demasiado ambiciosos, demasiado impraticáveis, que não se conseguiriam abranger na sua totalidade e principalmente que lhes faltava o trabalho de auto-educação religiosa. Esta crítica ao trabalho da secção, dos chefes de grupo e dos congregados que estavam envolvidos nisto despertou neles, naturalmente, alguma fúria e sucedeu-se-lhe um forte confronto. O Padre Kentenich apoiava-me discretamente nos pontos mais importantes mas exteriormente mantinha a sua paz e deixou-nos a lutar esta batalha de princípios. Era por isso que eu conhecia a sua opinião sobre este assunto. E como seu representante, o Alfons Hoffmann tinha trazido também, é claro, instruções específicas.

Logo que nos foi dada oportunidade de falar, deixámos claro quais tinham sido os princípios do trabalho que fizéramos anteriormente na congregação, que o centro do nosso trabalho não tinha sido tanto apenas um campo do apostolado mas antes um aprofundamento espiritual e os pré-requisitos da auto-educação. Para que a Federação Apostólica fosse uma genuína sucessora da Organização Externa e da Congregação Mariana de Schoenstatt não poderíamos abandonar isso...

Restava-nos agora incorporar as necessidades individuais de auto-educação que tinham sido trabalhadas na congregação e na Organização Externa.

Procurámos também com todas as nossas forças impregnar o novo programa com o elemento Mariano...

No dia seguinte voltámos para casa. Nós os de Schoenstatt seguimos para o noviciado ou regressámos para o colégio. A nossa tarefa estava cumprida e a Federação Apostólica tinha agora que seguir o seu próprio caminho. Esta reunião de fundação não teria tido certamente grandes efeitos a longo prazo, como centenas de outras reuniões de grupos e de fundação naquela época de desassossego e de novas iniciativas, se o Padre Kentenich não tivesse sido um guia sacerdotal a quem os seus superiores tinham retirado todas as suas outras obrigações para poder guiar a Federação Apostólica.

... Que seja do meu conhecimento, a versão final dos Estatutos do Movimento Apostólico ficou pronta apenas no ano seguinte, em 1920, depois da fundação formal da Liga. Estes Estatutos permaneceram em funcionamento e sem alterações durante 33 anos, antes de serem integrados nos Estatutos Gerais [do Movimento de Schoenstatt].³⁸⁸

Ao seguirem cada um o seu caminho naquele dia 21 de Agosto de 1919, aqueles jovens não só tinham lutado por uma estrutura de trabalho para a formação duma nova federação, como tinham na realidade dado ao Padre Kentenich “luz verde” para se começar a dedicar a tempo inteiro na promoção do trabalho da MTA como um novo movimento na Igreja.

Incluem-se em seguida os Estatutos da Federação, devido à sua natureza constitucional. Além do acto da fundação, são o fruto mais visível da conferência de Hoerde. Depois de os ter editado, o Padre Kentenich publicou-os na “MTA” de 15 de Novembro de 1919. Resumem o que passou a ser, em poucos anos, a espiritualidade de Schoenstatt.

³⁸⁸ Embora isto possa ter sido verdade de um modo geral, o participante Willi Girke recorda-se de se ter pelo menos proposto admitir membros casados. (De acordo com o assistente do Padre Kentenich, o Padre Karl Schneider), por volta da altura de Hoerde, o Padre Kentenich previu também a admissão de mulheres, embora isto não tenha sido debatido em Hoerde. A admissão de mulheres e membros casados aconteceu com a posterior criação dos ramos separados da Federação Apostólica sob os estatutos de Hoerde (investigação feita pelo Padre Heinrich Hug).

OS ESTATUTOS DA FEDERAÇÃO APOSTÓLICA

Hoerde, 20 de Agosto de 1919, editados pelo Padre Kentenich (versão completa)³⁸⁹

- I. A Organização Externa, um ramo da Congregação de Schoenstatt para Estudantes, evolui a partir do dia 20 de Agosto 1919 do seu anterior estatuto para se tornar a “Federação Apostólica”.*
- II. A Padroeira da Federação é a Mater Ter Admirabilis, o padroeiro especial é São Paulo, o nosso lema é: “Caritas Christi urget nos!” (C.CH.u.n.).*
- III. O objectivo da Federação é a educação de apóstolos leigos formados no espírito da Igreja.*
- IV. Meios para atingir o objectivo:*
A Federação requer:
 - 1. Uma luta séria pela maior perfeição possível, de acordo com o estado de vida de cada um.*
Requer assim que cada membro:
 - a) esteja sob a orientação de um padre como seu director espiritual,*
 - b) faça o seu Exame Particular (E.P.) por escrito,*
 - c) planeie o seu Horário Espiritual (H.E.) e o controle por escrito da forma usual,*
 - d) preste contas mensalmente do seu H.E. e do E.P. ao seu director espiritual.*
 - 2. Actividade práctica em todos os campos de apostolado.*
 - 3. Oração de uns pelos outros como ligação espiritual e pela fecundidade do nosso trabalho. O jornal oficial da Federação é a revista “MTA”.*
- V. Organização*
 - 1. A Federação subdivide-se*
 - a) em secções (1 chefe de secção, 4 grupos)*
 - b) em grupos (1 chefe de grupo, 4 membros)*
 - 2. Por agora, a Federação escolheu trabalhar em grupos de diáspora e não em grupos presos a um lugar.*
 - 3. Os membros do grupo devem manter uma animada correspondência entre si e com o seu chefe, pelo menos uma vez por mês. A correspondência entre os*

³⁸⁹ SCHULTE (1957), págs. 84-87.

chefes de grupo e o chefe de secção é obrigatória, dever-se-á lutar por haver correspondência entre chefes de grupo.

- 4. O período de candidatura dura meio ano e introduz o novo membro no espírito e nos métodos de trabalho da Federação.*
- 5. Cada membro deverá enviar um breve relatório ao seu chefe de grupo até ao dia 15 de cada mês informando se prestou contas sobre o E.P. e o H.E. ao seu director espiritual. No fim do mês os chefes de grupo deverão enviar ao chefe de secção um relatório sobre si próprios e sobre o seu grupo. O mesmo se aplica ao chefe de secção [que deverá reportar] para o escritório central sobre si mesmo e a secção.*
- 6. No dia da admissão permanente, cada pessoa recebe um certificado de membro da Federação.*
- 7. A exclusão da Federação é resultado do fracasso no cumprimento dos pontos IV 1a) e b); especialmente o ponto a). As deliberações sobre a eleição ou nomeação dos chefes de secção e de grupo e a admissão ou demissão de membros estão ainda incompletas.*

A AVALIAÇÃO DE HOERDE

A conferência de Hoerde é tão importante que se torna necessário que façamos uma pausa para reflectir um pouco. Na verdade, a Federação Apostólica ali criada foi um resultado indirecto da congregação de Schoenstatt. Sem a guerra, esta congregação não teria tido tantas oportunidades para conquistar pessoas de fora. É provável que tivesse permanecido uma congregação numa só escola, talvez com apenas alguns jovens rapazes da zona como membros. Mas isto estaria bem longe do movimento de renovação em que realmente se tornou.

É evidente que a Divina Providência tinha um plano especial em mente para esta congregação, e quando em Hoerde ela assumiu uma nova forma de organização, esta nova iniciativa não só capturou fielmente o espírito da Congregação de Schoenstatt, mas colocou-a também *não apenas numa escola, mas na Igreja*. Pequeno e discreto no início, Schoenstatt assumia agora as proporções dum movimento eclesial com a sua própria identidade. Aquilo que tinha crescido sob os auspícios da Congregação Mariana, sob a palavra-chave “Ingolstadt”, seria agora conhecido como o *Movimento Apostólico de Schoenstatt*. E desta forma Hoerde termina a fase da fundação da história de Schoenstatt.

Mas se Hoerde foi o fim duma era, foi também o início duma outra, a era do *movimento*. Novos membros seriam conquistados, e ao longo dos anos adicionar-se-iam muitas novas ramificações para formar uma *Família de Schoenstatt*, todos enraizados nas decisões de Hoerde. Claro que este trabalho de sementeira necessitava ainda de elaboração, amadurecimento e crescimento. Os Estatutos, por exemplo, deixam por dizer muitas coisas que estavam vivas, ou em alguns casos ainda implícitas, como as cinco “estrelas guia” da pedagogia de Schoenstatt, o ideal pessoal, a aliança de amor, o vínculo ao Santuário e o amor ao fundador. Como expressão de uma estrutura, também os Estatutos seriam testados e revistos, especialmente ao serem aplicados a cada novo ramo e cada nova comunidade de Schoenstatt. Marcas distintas como o E.P. e o H.E. viriam a desempenhar várias funções quando mais tarde a Liga e os Institutos se ligaram à Federação.

Mas apesar de todas as variantes, *o espírito de Hoerde* permanece. Através daqueles que participaram em Hoerde, Schoenstatt afirmou o seu desejo e disposição para ser um movimento de renovação Católica. As opções estavam já confirmadas: Schoenstatt não seria essencialmente um movimento de justiça social ou um movimento político, mas em primeiro lugar um *movimento de renovação religiosa e moral*. Os elevados graus de exigência do E.P. e do H.E. assegurariam (alguns diriam “condenariam”) ao novo movimento um caminho de crescimento lento mas concreto. O Padre Kentenich referiu-se a este mesmo aspecto numa carta aos chefes de grupo escrita a 6 de Novembro de 1919. Esta carta recorda a conferência de 27 Outubro de 1912 e a profunda visão da alma do Padre Kentenich: nova visão, novo tempo!

CARTA DOS CHEFES DE GRUPO DA FEDERAÇÃO APOSTÓLICA

6 de Novembro de 1919 (excertos)³⁹⁰

Schoenstatt, 6 de Novembro de 1919

Meus queridos chefes de grupo!

.... A conferência da congregação em Hoerde deu-nos uma constituição sólida: sabemos agora com certeza o que queremos e o que devemos fazer. Assim, permitam-me adoptar a expressão utilizada pelo Arcebispo Faulhaber no seu poderoso discurso no Congresso Católico em Munique muito recentemente: “Acordem! Acordem! E acordem-se uns aos outros!”³⁹¹

³⁹⁰ MTA V (Nº 2, 6 de Novembro 1919), 11; também em HÖRDE (1969), págs. 87-88.

³⁹¹ Kentenich, carta de 6 de Novembro de 1919, em MTA V, e HÖRDE (1969), págs. 108-113.

Meus queridos chefes de grupo, não sei se têm consciência de todas as vastas ramificações do nosso trabalho e das dificuldades que precisamos de ultrapassar. E no entanto, é necessário que o vejamos de forma clara, de modo a desempenhar correcta e autonomamente os nossos cargos de tão grande responsabilidade.

Com a adopção da constituição de Hoerde [os Estatutos] deixámos, desde o início, de ser um movimento de massas. Temos que nos agarrar bem a isto, senão a nossa pequena tropa poderá chegar erradamente a falsas conclusões. As exigências que temos feito são tão rigorosas que apenas uns poucos dentro do nosso círculo decidirão permanecer leais. Não se trata duma desvantagem. Pelo contrário, se conduzirmos os nossos grupos com o espírito certo, esse rigor tornar-se-á a nossa força. Hoje em dia existem muitas organizações de massas; são necessárias nesta nossa era democrática se se quiser ter uma influência eficaz na opinião pública; mas rapidamente enfraquecerão se não dedicarem uma atenção constante e decidida ao “trabalho pequenino” da sua educação religiosa e moral. É aqui que queremos e devemos tornar-nos activos se queremos justificar a nossa própria existência e contribuir de forma iluminada para a solução dos problemas do nosso tempo....

A nossa glória e grandeza estão neste “pequeno trabalho” espiritual! A social democracia olha para as condições existentes como a causa dos horrores modernos da miséria massiva; que a sua única fonte de libertação e salvação é uma mudança revolucionária das condições externas. Não vai conseguir atingir o seu objectivo. Claro que existem muitos aspectos da vida social e cívica que são corruptos e clamam por reforma. Mas a fonte mais profunda da nossa infelicidade está dentro de nós próprios, nas nossas almas não redimidas e escravas. Em linha com esta visão, pedimos e lutamos por uma abrangente renovação moral e religiosa da pessoa e de toda a cultura humana. É uma tarefa que partilhamos com todas as organizações Católicas contemporâneas, sejam elas sociedades, fraternidades ou congregações. Uma diferença essencial que temos delas é a forma como trabalhamos para este objectivo e a dimensão com que desejamos captar e impregnar a alma.

Meus queridos chefes de grupo! Não concordam também que mesmo onde encontramos vida e pensamentos religiosos, a começar pelos nossos círculos intelectuais, a capacidade de resistência ao espírito do mundo é relativamente pequena? O que lhes falta,

ou melhor, o que falta à Cristandade de hoje é o espírito duma vida interior genuína.³⁹² A vida espiritual está a morrer! ...

A guerra e a revolução já vieram. Ambas contribuíram para um aumento da superficialidade e exteriorização a um nível que se expressa pela ausência de resistência. Sabemos disto através da nossa própria percepção e experiência.

*E no meio deste caos instauramos um programa que é equivalente a uma declaração solene da importância da vida espiritual.*³⁹³ Não conheço outra organização de leigos que seja tão directa, tão aberta e – gostaria de o dizer – tão impiedosa na perseguição do espírito do mundo até ao seu último refúgio. A partir de agora começarão a ver gradualmente o significado transcendente do nosso movimento.

Nos dias de hoje e na era que vivemos já é suficientemente difícil levar uma vida espiritual intensa protegidos pelos muros de um convento. Muito mais difícil será para pessoas maduras que levam uma vida pública. Não somos membros duma ordem nem personalidades completamente maduras; as tempestades da juventude ainda não perderam toda a sua força; conduzem-nos fortemente para o estilo de vida das massas. A confissão da nossa Federação não vos soa como um grito de batalha generoso e contundente que – para citar Nietzsche – chama “todo o instinto provado pela guerra e seguro na vitória” a fazer parte do plano? E vocês não querem viver o programa de Hoerde apenas para vocês próprios. Vocês querem ser pioneiros e chefes para os nossos congregados mais novos e para os membros da Federação. O vosso trabalho é agora o movimento inteiro e assim deve permanecer. Eu posso e quero apenas dar-vos assistência através de conselhos e acções. É por isso que me tenho absterido tanto de intervir, nem sequer aparecendo na conferência de Hoerde.... Tenho que ser honesto e admitir que em momentos de calma estremeço ao pensar no trabalho a que nos propusemos. Mas basta pensar na nossa Mãe do Céu e na confiança sem reservas que n’Ela temos e as nuvens negras dispersam-se rápida e completamente. Considerando serenamente o nosso desenvolvimento até agora justifica esta conclusão: A nossa MTA quer usar-nos como instrumentos para a renovação do mundo. Confio também muito na ajuda dos nossos

³⁹² O Arcebispo (mais tarde Cardeal) Michael Faulhaber (1869-1952). Não houve *Katholikentag* (Congresso Católico) entre 1913 e 1921 por causa da guerra, portanto este apelo deve ter aparecido num encontro Católico em Munich.

³⁹³ Alemão: “Und mitten diesem Chãos stellen wir ein Programm auf, das einer feierlichen Schilderhebung des innerem Lebens gleichkommt”, onde “das innere Leben” significa vida interior, vida íntima ou vida espiritual, contrastando com uma vida orientada apenas por objectivos exteriores, necessidades, prazeres, medos, etc. Numa conferência em Latim para Palotinos em Milwaukee (1955, *Conferentia tertia*), o Padre Kentenich traduz isto para latim da seguinte forma: “In médio situationis chaoticæ statuimus nos (cum movimento Schoenstattensi) ideam quandam, quæ postulat triumphum vitæ spiritualis”.

heróis congregados que já morreram. Aquilo pelo qual eles tão heroicamente lutaram e lançaram as fundações enquanto estavam cá na terra é algo que certamente não abandonarão no céu....

O SANTUÁRIO

O último passo para o novo começo deu-se quando o Padre Kentenich pediu ao Padre Kolb, agora nos seus últimos dias como provincial superior, que concedesse à Federação Apostólica a utilização do santuário e de alguns quartos na Casa Velha. Este pedido (feito a 21 de Outubro de 1919) mereceu uma cuidadosa atenção e foi de seguida concedido pelo Padre Kolb desde Roma no dia 28 de Outubro de 1919. Foi o último acto oficial do Padre Kolb como provincial, uma conclusão adequada dos dez anos que ocupou esse cargo. Adequada não só por ter sido tão fundamental na ajuda ao novo movimento, mas também porque este movimento se tornou o legado mais duradouro dos seus anos como provincial, e mesmo da sua vida toda.³⁹⁴

Tal como ele escreveu no seu acto final como provincial:

Dado que os actuais superiores da casa em Vallendar generosamente decidiram colocar alguns quartos à disposição da Federação Apostólica, e uma vez que, com a ajuda de algumas almas generosas, me foi possível colocar esses quartos e a capela da congregação em melhores condições, pela presente e em virtude do meu ofício transiro a capela e os quartos acordados para uso permanente da Federação Apostólica. Com este acto desejo confirmar e promover calorosamente um trabalho que é agradável a Deus.³⁹⁵

³⁹⁴ cf. MONNERJAHN, págs. 88s e HUG (Texto), págs. 122s.

³⁹⁵ Padre Michael Kolb, “An die Leitung des Apostolischen Bundes”, em HÖRDE (1969), pág. 91 e HUG (Texto), pág. 124.

12. NOVA VISÃO, NOVA ERA

Ao terminarmos este livro, ficamos a reflectir sobre uma história extraordinária de acção divina e cooperação humana. Os instrumentos que Deus previu para o acto de abertura da história de Schoenstatt não eram nem poderosos nem um grupo particularmente feliz (pensemos na revolta de 1912!). E no entanto, guiados por um jovem sacerdote à procura do seu crescimento pessoal e dos planos da Providência, as suas vidas desabrocharam e eles tornaram-se no começo dum surto impressionante de crescimento espiritual e espírito de iniciativa que perdura até aos dias de hoje.

Ninguém ficou mais impressionado com este resultado criativo do que o Padre Kentenich; na verdade, contemplou estes acontecimentos com profundo respeito até ao fim dos seus dias. Poderemos perceber o seu assombro perante a mão de Deus com a ajuda de citações de vários momentos da sua vida: Por exemplo, em 1965 fez uma reflexão sobre o momento escolhido pela Divina Providência para permitir o início de Schoenstatt em 1914:

Na forma como olho para isto, os tempos de maior novidade começaram em 1914. Tenho dito frequentemente: Se tivéssemos nascido apenas um bocadinho mais tarde, provavelmente não teríamos existido. Naquela altura havia tanta substância sã com a qual construir. Se fosse necessário começar hoje um processo de vida da mesma dimensão seria extremamente difícil.³⁹⁶

Ele percebeu que Schoenstatt começou com uma geração de jovens que estava já sensibilizada para a nova era – à procura duma estrutura de fé que apelasse à sua iniciativa e liberdade, não apenas a rubricas e regras. Mas percebeu também como a “Grande Guerra” causou um tal alvoroço cultural (daí a expressão “os tempos de maior novidade” de 1914) que poderia ter obstruído um processo como aquele que envolveu a geração fundadora.³⁹⁷ A capacidade comunitária estava fortemente enfraquecida e

³⁹⁶ Conferência, 28 de Dezembro de 1965, pág. 79.

³⁹⁷ cf. Carta para o Padre Menningen de 20 de Agosto de 1954 (não publicada), págs. 203s: “Não sei se se apercebeu que, com o início da I Grande Guerra (Agosto de 1914) os novos tempos – que se tinham já feito anunciar tempestuosamente há algum tempo – irromperam no cenário sem serem impedidos. Desde então, estes tempos têm *agitado grandemente a ordem Cristã existente do mundo e da sociedade*. Para aqueles de nós que assumiram como sua distinta visão do mundo a confiança na Divina Providência, não é coincidência que Schoenstatt apareça no plano [divino] exactamente neste momento. A sua Acta da Pré-Fundação tem a data de Outubro de 1912; a Acta da Fundação data de 18 de Outubro de 1914. Ao longo dos anos pude perceber várias vezes: foi exactamente no momento certo. Schoenstatt não poderia ter sido fundado mais tarde. O desenraizamento em ascensão e o barulho ensurdecedor do marchar das massas num monótono passo acertado e o aumento em espiral da sensação [interior] de não ter um lar

teria acelerado a queda em espiral da família, das relações e dos vínculos, um processo tão nosso conhecido nos dias de hoje. Ter começado mesmo logo a seguir à guerra teria significado trabalhar com uma juventude cuja substância base natural da fé em Deus e no próximo estaria quebrada. Como observou o Padre Kentenich em 1950:

Penso que começámos a trabalhar antes da meia-noite, cinco minutos antes das doze horas. Se tivéssemos esperado pelo fim da guerra, não me parece que ainda poderíamos ter tido a oportunidade.³⁹⁸

Ou de novo e mais drasticamente no Chile em 1951:

A fundação do movimento não se deu cinco minutos antes da meia-noite, não, já era meia-noite. Hoje já não teria sido possível, pois a ruptura dos vínculos já está muito avançada.³⁹⁹

UMA IDEIA GIGANTESCA

Num outro nível, o Padre Kentenich fez dos anos da fundação um período de discernimento: Será o que propusemos a 18 de Outubro de 1914 verdadeiramente uma iniciativa divina ou simplesmente um projecto humano? Ele tinha consciência que todos os desenvolvimentos tinham partido do acto do dia 18 de Outubro. Mesmo enquanto servia os jovens durante os anos da guerra, observava a vida com cuidado, à procura da prova que lhe mostraria se o ponto de viragem era de Deus ou do homem. Só quatro anos depois⁴⁰⁰ é que sentiu que tinha provas suficientes. Como escreveu numa carta em 1920, logo a seguir ao fim da era da fundação:

nos anos que se seguiram não teriam permitido sequer que as suas [de Schoenstatt] forças condutoras se enraizassem, quanto mais crescerem e desenvolverem-se. E numa altura anterior, os tempos não teriam sido capazes de verem o Plano Divino com suficiente clareza ou colocado ao seu dispor a energia necessária para a formação. Assim sendo, Schoenstatt foi desde o seu início um filho legítimo dos novos tempos e assim tem permanecido.” Ver também literatura geral como Paul Johnson, *Os Tempos Modernos: O Mundo desde os Anos Vinte aos Anos Oitenta* (New York et. Al.: Harper and Row, 1983), págs. 1-27.

³⁹⁸ Conferência para a família de Schoenstatt, 1 de Março de 1950, em: *Vorträge 1950* (manuscrito privado) Volume 1, pág. 30.

³⁹⁹ Terciado para Palotinos, Bellavista, Chile, Fevereiro de 1951, pág. 144 do manuscrito.

⁴⁰⁰ cf. Conversa a 18 de Junho de 1965 (232), onde o Padre Kentenich diz: “Fui vendo e observando silenciosamente para mim [o que ia acontecendo]. E foi só em 1919 que pude dizer pela primeira vez: Agora podemos assumir que [é mesmo verdade]. É claro que era de um grande atrevimento – depois de passarem 4 anos. Penso que a prova, pelo menos em embrião, era clara para mim. Antes disso era mais uma esperança.”

[Conversámos] sobre o lugar de graças da nossa Mãe Três vezes Admirável. No início da guerra, surgiu-nos uma ideia de tal forma gigantesca que só poderia ter a sua origem numa imaginação hiperactiva ou numa proposta de Deus. Os acontecimentos que se lhe seguiram mostraram que se tratava do segundo caso. (...) A ideia era: Queremos fazer descer a nossa Mãe do Céu para a nossa pequena capela para que Ela envie a partir daqui uma parte da renovação do mundo. Tentámos que Ela nos concedesse isto através da oração e de sacrifícios, através de incansáveis esforços e contributos para o Seu capital de graças. Ao mesmo tempo começámos a trabalhar na renovação do mundo segundo o que as circunstâncias permitissem.

E o nosso trabalho foi tão fortemente acompanhado por sucessos ainda maiores que tivemos que admitir com certeza moral que a nossa Mãe do Céu tinha realmente estabelecido a Sua morada de graça na nossa pequena capela e nos tinha escolhido para Seus instrumentos. Os factos que se seguem mostram-nos estes sucessos, esta bênção: a fundação e sobrevivência da Congregação apesar das enormes dificuldades que surgiram tanto de fora como de dentro, especialmente vindas da Sociedade [os Palotinos]; a fundação e desenvolvimento da revista MTA sem qualquer apoio financeiro; o desenvolvimento da Federação Apostólica; finalmente a infindável corrente de bênções que começaram a fluir nas almas de cada um – que apenas ao seu director espiritual eram visíveis, embora infimamente – e que são tão maravilhosamente visíveis nos nossos heróis congregados.⁴⁰¹

Em simultâneo, o Padre Kentenich tinha consciência que era precisamente esta “ideia gigantesca” que impulsionou a geração fundadora até à grandiosidade. Como fez reparar em 1951:

[No dia 18 de Outubro 1914 eu disse:] “Quantas vezes na história mundial não temos assistido a começos pequenos e insignificantes que se tornam a fonte de feitos grandiosos?” Isto levou à conclusão, “Porque não poderia este ser também o nosso caso?” A segunda verdade é a convicção que o anterior desenvolvimento da jovem congregação dos nossos alunos foi especialmente guiado por Deus. Daí a conclusão: “Quem conhecer a história da nossa congregação não terá problemas em acreditar que a Divina Providência tem planos para ela.” (...)

⁴⁰¹ J. Kentenich, Carta 1920; citado pelo próprio numa carta de 15 de Março de 1936. Citado em Hans-Werner Unkel, *Theologische Horizonte des praktischen Vorsehungsglaubens* (Vallendar-Schoenstatt: Patris-Verlag, 1980), Vol. 2, págs. 158s.

Pensar na suposição, na possibilidade e probabilidade de termos interpretado correctamente o desejo e a vontade de Deus *despertou logo um heroísmo crescente em todos nós*. Cinco anos depois tentámos deduzir pelos frutos se a árvore era genuína e pelos efeitos que tinha provocado, de que tipo de árvore se tratava. Nessa altura compreendemos pela primeira vez a prova de que tínhamos (....) interpretado correctamente *o plano de Deus*.⁴⁰²

Esta convicção de fé foi fundamental para tudo o que o Padre Kentenich viria a fazer ao longo do resto da sua vida. A sua vida seria dedicada ao serviço da iniciativa divina de 18 de Outubro de 1914.

A VOCAÇÃO DO FUNDADOR

O Padre Kentenich não só estava empenhadamente consciente da poderosa “irrupção do divino” (como mais tarde se lhe referiu) mas também entendia a sua vocação como a de um fundador. Preferia cumprir esta missão permanecendo em segundo plano mas quando se apercebeu que Deus – pelo bem do trabalho e da missão de Maria nos nossos tempos – lhe pedia expressamente que avançasse para o primeiro plano, fê-lo, seja na decisão de 20 de Janeiro de 1942 **de voluntariamente não evitar a transferência para o campo de concentração**⁴⁰³ ou na de 31 de Maio de 1949, de confrontar directamente a Igreja sobre os perigos urgentes do pensamento mecanicista.⁴⁰⁴

Mais tarde, o Padre Kentenich identificou a raiz desta “vocação de fundador” nos seus anos mais jovens, não no sentido de um chamamento místico, mas no sentido de ser totalmente formado e preparado por Nossa Senhora.⁴⁰⁵ A afirmação já apresentada no capítulo 2 é mais directa: “Ele [o programa de 1912] contém um bocado da vida da minha própria alma, mais concretamente, a peça central dessa vida.” Mesmo a

⁴⁰² Schlüssel 1951 (TzVSch, págs. 196s), ênfase acrescentado. Ver também Conferência de 28 de Dezembro de 1965, pág. 84, onde o Padre Kentenich assinala que desde o primeiro momento da sua história (18 de Outubro de 1914), Schoenstatt tem-se dedicado activamente e com toda a sua força a tudo o que Deus lhe tem pedido, reconhecendo-o através da confiança prática na Divina Providência.

⁴⁰³ cf. MONNERJAHN, págs. 171s e Jonathan Niehaus (ed.), *Um Movimento Acorrentado*, Esboços de Schoenstatt e do Padre Kentenich em Dachau (Waukesha, 1984), págs. 19-32, especialmente as págs. 28-32, e Jonathan Niehaus, *O 31 de Maio* (Waukesha: Padres de Schoenstatt, 1995), págs. 25-30.

⁴⁰⁴ cf. *O 31 de Maio*, págs. 31-78.

⁴⁰⁵ cf. MONNERJAHN, pág. 138 e *O 31 de Maio*, págs. 7s.

profunda crise interior dos seus anos no seminário serviu para o moldar numa personalidade fundadora que carregou consigo os planos de uma nova visão do homem e uma sensibilidade ao amanhecer de uma nova era.⁴⁰⁶

É muitas vezes impressionante dar uma vista de olhos nos anais dos primeiros anos de Schoenstatt e ver o quanto antecipam a plenitude de vida que o movimento foi entretanto desenvolvendo. Conceitos tais como instrumentalização, infância espiritual, Maria como Rainha, a santidade de todos os dias, ultrapassando o homem-massa, e muitas outras coisas parecem-se com actores numa cena de abertura cuja importância para a peça só virá a ser perfeitamente compreendida mais tarde. Que as palavras calmas do director espiritual se debruçassem já sobre esses assuntos é simultaneamente um testemunho da visão do fundador e da coerência do que a MTA estava a plantar nos corações da geração fundadora.

De facto, não é possível falar do fundador sem falar dos seus “co-fundadores”, os membros da geração fundadora igualmente escolhidos pela Mãe Três vezes Admirável para o Seu trabalho.⁴⁰⁷ Apesar de todas as suas limitações humanas, queriam porém fazer sua a “ideia favorita” do director espiritual no dia 18 de Outubro de 1914 – mesmo quando ele admitiu tratar-se de “Um pensamento ousado, quase demasiado ousado para o público, mas não para vocês.” Eles queriam ser usados pela MTA para os Seus trabalhos e possuíam dons que os habilitavam a corresponder de forma rápida e espontânea à missão de Maria e a formarem uma verdadeira comunidade Mariana. E assim, apesar dos grandes obstáculos dos anos da guerra (como disse uma vez o Padre Kentenich: “Éramos todos ainda rapazes quando fomos [para a guerra], muitos nem sequer estavam preparados, estavam ainda imaturos...”⁴⁰⁸) eles tornaram-se a primeira terra fértil para a obra de Maria.. Colocaram o seu coração no d’Ela. Deste modo, enquanto uns contribuíam mais, outros contribuíam menos, alguns viriam a perder o entusiasmo e outros dedicariam as suas vidas, mas *todos foram fundamentais* nesta fundação. Eram o “livro” no qual o Padre Kentenich lia a vontade de Deus duma forma especial e que determinou o curso do desenvolvimento do jovem movimento.⁴⁰⁹

⁴⁰⁶ cf. *O 31 de Maio*, págs. 14-18.

⁴⁰⁷ Ver reflexões do Padre Kentenich sobre o acto da fundação de 1914, o seu papel e o da geração fundadora como sócios terrenos da aliança em *Rom-Vorträge 1965* (Vallendar-Schoenstatt, 1973), Vol. 1, págs. 100s.

⁴⁰⁸ Semana de Outubro 1947, *Strategie des Liebesbündnisses* (Vallendar-Schoenstatt: Patris-Verlag, 1997), pág. 163.

⁴⁰⁹ cf. J. Kentenich, conferência dos seus 25 anos de ordenação, em Agosto de 1935, como citado em MONNERJAHN, pág. 137. Ver também Conferência de 28 de Dezembro de 1965, págs. 80s.

A NOVA VISÃO

Talvez seja demais equiparar o início duma nova era com um único ano – 1914. Mas tanto o rebentar da guerra como a irrupção do divino puseram em funcionamento forças poderosas. A primeira viria eventualmente a derrubar grandes monarquias, despedaçar a vida de milhões de pessoas, a ferir profundamente a psique Europeia e apressar uma nova era muito mais vulnerável ao cinismo, ao relativismo moral, ao materialismo vazio de Deus e ao “ruído ensurdecedor das massas a marchar num monótono passo acertado”.⁴¹⁰ A segunda viria instalar a graça dum lar natural e sobrenatural a milhões de pessoas por todo o mundo, ajudando a transformar lugares e situações pagãos (como Dachau) num lugar de actividade divina abrindo novos horizontes para a fecundidade apostólica do clero e do laicado num mundo cada vez mais sem Deus e em rápida mudança.

A nova era em que vivemos está numa constante procura da sua identidade (“o verdadeiro eu”) e de portos de abrigo para relacionamentos genuínos. E aqui encontramos a missão de Schoenstatt de formar o novo homem na nova comunidade. A visão da *personalidade firme, livre e sacerdotal em harmonia com Deus, com a natureza, consigo mesmo e com o próximo através duma aliança de amor com Maria e Deus Pai* abre as fontes a uma identidade sã e centrada em Deus e ao relacionamento. É uma visão que tornará fecundas as respostas políticas, sociais, científicas e humanitárias porque estão incrustadas no plano do Pai. É um caminho que reconhece a nossa cooperação com Deus através da auto-educação e do apoio mútuo da comunidade. Não se trata dum movimento meramente ético ou duma escola de pensamento educacional, mas dum movimento de renovação religiosa e moral enraizada numa relação de uma vitalidade extraordinária – com Maria, o caminho mais curto e mais rápido para chegar a Deus.⁴¹¹

FILHO DA PROVIDÊNCIA

Dedicámos muitas páginas deste livro a examinar a história do início de Schoenstatt. A história não se resume a rever o passado, mas a compreender as leis que Deus usa *hoje* para levar para a frente o Seu plano de amor. Isto tem um valor

⁴¹⁰ J. Kentenich, carta de 31 de Maio de 1949 (segmento de 31 de Julho), não publicada.

⁴¹¹ Ver por exemplo APL 1928, pág. 56: “Se eu conhecer as leis da criação de Deus, conseguirei realizar muito com pouco em pouco tempo. Já percebemos vezes sem conta que a forma mais simples, mais segura e mais curta de chegar a Deus e à perfeição é, como Pio X ensina, através de Maria.”

imediatamente para o meu caminho na vida e na compreensão do modo como Deus trabalha comigo e com aqueles que me confiaram. A história da fundação de Schoenstatt é especialmente valiosa pois lança luz sobre os caminhos de Deus num novo tempo e numa era onde pessoas e relacionamentos podem mostrar-se muito diferentes do que eram em séculos anteriores.

Schoenstatt aprendeu aqui a regressar vez após vez à sua própria história, não por razões de auto-absorção, mas porque Deus, na Sua amorosa providência é intensamente fiel às Suas criaturas e segue um padrão estável quando chama algo à vida e como depois a encaminha ao longo do seu percurso de história. Concluimos este livro com algumas incursões à *firme convicção do Padre Kentenich na presença da Divina Providência na história da fundação*.

+ + +

1. de: CARTA PARA A SEMANA DE OUTUBRO EM SCHOENSTATT, 1949

Schoenstatt como membro da Igreja militante é, como ela, um filho da guerra. Nasceu durante a guerra e cresceu na guerra. Estava constantemente rodeado por batalhas. Foi assim que aconteceu e é assim que deverá ser se se pretender que permaneça fiel à sua missão original. É por isso que atravessa o nosso tempo como Israel: com um escudo numa mão e uma espada na outra [cf. Ne 4,9-17]. Com uma mão executa a sua singular contribuição para a construção do templo do reino de Deus, na construção da Igreja do futuro. Com a outra defende-se de todos os inimigos. O sol que então brilha é o *rosto de Deus resplandecendo através dos acontecimentos do nosso tempo*, é o desejo e o sinal que Deus dá através da essência do homem e da matéria bem como através do emaranhamento e do desembaraçar das relações públicas e privadas, para nos mostrar o caminho, e que Ele quer usar como agenda e esquema centrais das nossas vidas e obras.

O sol brilha para nós dia após dia; dia após dia o Deus da Vida e da História pronuncia a Sua palavra que guia: por vezes mais silenciosamente, outras vezes mais fortemente.... mas nunca tão forte que não possa ser ouvida ou mal interpretada.

Foi isso que aconteceu desde o início. Em 1914 foi só um pequeno raio de luz que brilhava para nós, comparável a um amanhecer que lentamente se desprende da escuridão do horizonte distante. Podíamos apenas olhar para trás para dois curtos anos de história da família e arriscar uma interpretação com alguma hesitação. Isso explica o tom cauteloso com que começa a Acta da Fundação. Diz:

“Quem conheça a história da nossa congregação não terá problemas em acreditar que a Divina Providência tem um plano especial para ela.”⁴¹²

A partir desse momento, Deus falou de forma cada vez mais clara através de acontecimentos e circunstâncias. A brilho da Sua luz foi crescendo cada vez mais com cada ano que passava. O Seu semblante brilhava mais clara e intensamente na história da nossa família e no nosso tempo. Os acontecimentos em Schoenstatt e à sua volta sobressaíam cada vez mais contra a escuridão dos nossos tempos como algo extraordinário e único; isto facilitou a interpretação da Divina Providência. A voz de Deus foi-se-nos tornando mais nítida e o nosso ouvido foi ficando mais treinado. Pedia-nos para correremos riscos cada vez maiores, e durante os anos da guerra estes não eram de forma alguma de uma natureza rotineira.

A Sua voz era sempre moderada e distante... Nunca Se nos revelava como a mão nos dias do Rei Belshazzar em Nínive, que desenhava sinais misteriosos na parede revelando assim o futuro [cf. Dan 5,5]. E também não nos falava através do florescer repentino duma cana seca como fez com o bastão de Aarão [cf. Num 17, 16ss]. Nunca tivemos visões como Cornélio ou Pedro [cf. Actos 10,1-24], nunca nos falou através de sonhos como com Don Bosco. No entanto, a nossa confiança ia aumentando, ano após ano, à medida que nos atrevíamos a repetir as palavras do mago Egípcio: *Hic est digitus Dei*, Aqui está o dedo de Deus [cf. Ex 8,15]. É Deus Quem nos revela o Seu rosto e nos fala, através dos sinais dos tempos.

Quando as Suas palavras não eram imediatamente claras, éramos *forçados a dar um salto mortal com o pensamento, a vontade e o coração*. Cada vez que éramos guiados mais alto, que cada passo nos levava mais à frente, que cada ritmo nos elevava até picos perigosos, exigia este elevado preço.

Como resultado, desenvolvemos uma consciência muito entusiasmada da nossa história. Por outras palavras, uma interpretação da história baseada numa profunda fé na Divina Providência impregnou em nós a convicção de que Schoenstatt tem uma missão criativa na realização duma visão do mundo perfeitamente definida.

Foi assim que Schoenstatt nasceu, é assim que Schoenstatt tem crescido, é assim que se prepara em cada ano para novas tarefas, para novas batalhas, para novas vitórias: o filho da guerra é um filho da Providência e quer permanecer assim eternamente.⁴¹³

⁴¹² Primeiro Documento da Fundação, 18 de Outubro de 1914, N° 7 (ver Capítulo 6).

⁴¹³ OB 1949, págs. 13-15.

A PEQUENEZ DOS INSTRUMENTOS

Teria o Padre Kentenich razão em afirmar a “pequenez dos instrumentos” quando considerava a prova de Schoenstatt como uma iniciativa divina? As estatísticas que se seguem sugeririam que sim.¹

Identificaram-se um total de 198 jovens rapazes como membros da Congregação de Schoenstatt e da Organização Externa nos anos que precederam a guerra e durante a guerra. Destes, 35 foram mortos em combate e quatro morreram doutras causas (incluindo um suicídio). Setenta vieram a ser ordenados sacerdotes – 59 como Padres Palotinos. Dos 89 que sobram sabemos muito pouco. Pensamos que as suas vidas os conduziram a novas profissões, vida familiar, e amigos. No momento em que perderam o contacto com a corrente principal, a maioria não continuou com Schoenstatt. Mas quem conhece a fidelidade que ia naqueles corações? Independentemente do caminho que escolheram na vida, o Padre Kentenich sempre defendeu que a Mãe Três vezes Admirável permaneceria fiel à Sua aliança e garantiria que *Servus Mariae nunquam peribit*, um filho de Maria nunca perecerá! Também tinha em conta a fragilidade humana: Quando lhe perguntaram se não seria melhor retirar a placa memorial do interior do Santuário Original (que com 109 nomes era já uma lista reduzida baseando-se nos membros activos em Março de 1919 mais os que tinham morrido) já que pouco se sabia deles depois da guerra – ou no caso em que um se suicidou – o Padre Kentenich foi inflexível: Está aqui a prova da fibra dos que a Virgem Santíssima tinha usado para fazer o seu trabalho.² A pequenez dos instrumentos!

E o Padre Kentenich tinha sentido também o quão pequeno era como instrumento. Durante o seu retiro de 1917 escreveu esta nota:

Ao que parece, Deus e a minha Mãe do Céu decidiram escolher-me como Seu instrumento duma forma que, na minha fraca natureza, me faz tremer: [A minha missão:] Quero ser tudo para todos os homens para ser um instrumento da Virgem Maria Santíssima, a mais elevada das Rainhas e minha queridíssima Mãe, para conquistar todas as almas para Cristo, especialmente as dos jovens. É este o objectivo de vida que a graça me parece ter dado. Considera a tua posição como pai espiritual e chefe da congregação em Schoenstatt e na extensa organização externa; considera o trabalho que a edição da ‘MTA’ requer de ti, difícil mas tão cheio de bênçãos; pensa na tarefa gigante que te foi colocada

¹ Estatísticas baseadas em investigação feita pelo Padre Heinrich Hug. Um agradecimento especial ao Padre Walter Plein (f. 1997) pelos esforços pioneiros nesta área, utilizados na primeira edição.

² cf. Terceiro Documento da Fundação, do dia 18 de Outubro de 1944, em SCH: FD, pág. 94; Krönung 1946, pág. 67, 75; Conferência dia 3 de Agosto de 1959, pág. 6.

nos teus ombros tão fracos – o plano de influenciar os estudantes e conquistá-los para um verdadeiro amor a Maria e um Cristianismo mais aprofundado.

A minha saúde é débil, o meu comportamento é desastrado e grosseiro – resultado da minha educação e dos nervos – o meu conhecimento é insignificante, tanto geral como clássico. De um modo geral, careço dos pré-requisitos naturais mais essenciais e, com tão grande quantidade de trabalho a fazer, não tenho nem tempo nem oportunidade de os adquirir.

Nesse caso, não será loucura manter estes planos? Que vida preenchida, pacífica, e no entanto realmente sacerdotal poderias ter se te tivesses mantido na tua função oficial de director espiritual e largasses tudo o resto. Podias tratar da tua saúde, enriquecer os teus conhecimentos, frequentar mais a sociedade...

E no entanto, se Deus e a nossa Mãe do Céu te querem usar – pelo menos até aparecer alguém que seja mais útil e possa assumir o trabalho: Aqui estou, Senhor, envia-me onde quiseres.³



Interior do Santuário após 1919 (Arquivo do Monte Sião)

³ MONNERJAHN, pág. 82s.

+ + +

2. de: “CHAVE PARA COMPREENDER SCHOENSTATT”, 1951

Esta fé práctica na Divina Providência é, e demonstra-se, a fonte principal de conhecimento a que Schoenstatt deve aquilo que sabe sobre o seu ser e acção. (....)

No início foi difícil ver claramente os fios que Deus colocou nas nossas mãos, interpretá-los correctamente e discernir o tecer dum grande plano divino. Mas foi sempre a nossa principal preocupação.

Um novo Schoenstatt nasceu em 1912. Dois anos mais tarde uma simples fé na Divina Providência tentou descortinar através dos acontecimentos desses tempos para ver qual era a intenção de Deus. Isso foi feito com muito cuidado. Nessa altura dissemos: “Quantas vezes na história mundial não temos assistido a começos pequenos e insignificantes que se tornam a fonte de feitos grandiosos? Porque não poderia este ser também o nosso caso? Quem conhecer a história da nossa congregação (isto é, a pré-história e a curta história da congregação de estudantes) não terá problemas em acreditar que a Divina Providência tem planos para ela.”⁴¹⁴ Tentámos então descobrir que plano escondido de Deus era este. Dois anos mais tarde os contornos tornavam-se ainda mais claros. Apontavam para uma ressurreição e revitalização das ideias de Pallotti. Pode ver-se a forma como o plano de Deus para Schoenstatt se revela na carta de 22 de Maio de 1916. (....)

Mais dois anos se passaram – o fim da I Guerra Mundial – e percebemos que as intenções de Deus para as fundações [de Schoenstatt] tinham-se tornado tão evidentes que, um ano depois, estávamos aptos a escrever a constituição da estrutura toda na reunião da fundação [a 20 de Agosto de 1919] em Hoerde. O programa era tão claro que nunca foi necessário modificá-lo. Permanece como o guia para o nosso desenvolvimento futuro. (....)

Na sua origem, na sua maneira de ser e agir, Schoenstatt é um verdadeiro filho da Providência. Não deveria então constituir surpresa para ninguém que este ponto de vista está a progredir cada vez mais como um foco e um ponto de encontro dos fiéis que não se baseiam apenas em sinais e milagres extraordinários, mas que são chamados a conduzirem as suas vidas do dia-a-dia e se provam capazes disso – mesmo quando se vão acumulando

⁴¹⁴ Primeiro Documento da Fundação, 18 de Outubro de 1914, N° 7 (ver Capítulo 6).

fardos pesados e difíceis como agora – com a ajuda desta simples confiança na Divina Providência e deste modo ascendem até ao cume, à montanha da perfeição.⁴¹⁵

+ + +

3. de: O SEGUNDO DOCUMENTO DA FUNDAÇÃO, 1939

As circunstâncias actuais recordam-nos a lei que Cortez Donoso descobriu na Igreja e na história mundial. Segundo ele, há épocas em que a Igreja é atacada por todos os lados. Apesar de todos os seus esforços, não consegue sair das catacumbas. Quando finalmente reconhece totalmente a limitação dos elementos humanos que a compõem e a admite com honestidade, o Deus Eterno aparece subitamente no pináculo do templo dos tempos, soa a trompeta – e então os muros de Jericó caem por terra. Em momentos como este, quem não possuir uma convicção inabalável de ter recebido uma missão divina especial, estando assim apoiado por poderes divinos, está condenado desde o início à inactividade, à falta de entusiasmo e ao colapso total. Só quem for herdeiro duma confiança a toda a prova nestes poderes divinos e na missão que lhe foi dada por Deus poderá atrever-se a enfrentar a vida moderna com todas as suas tempestades e todos os seus perigos.

Hoje ficamos surpreendidos porque há vinte e cinco anos a nossa geração fundadora estava impregnada duma consciência tão profunda da sua missão e instrumentalização. É bom que olhemos para as suas razões. Para muitos de nós teria sido difícil aceitar essas razões naquela altura. Só compreendemos melhor as provas que confirmaram esta missão divina no fim de 1919, após cinco anos de existência fecunda. Já ouvimos e repetimos essas razões vezes sem conta. Resumem-se neste lema bem conhecido: a insignificância dos instrumentos, a magnitude das dificuldades e o grau de sucesso. Tudo aquilo por que lutámos e que alcançámos desde 1919 confirma estes argumentos de forma extraordinária, e portanto também a consciência da nossa missão e a consciência de sermos instrumentos. Deveremos assim agradecer do fundo do coração a todos os que a Divina Providência utilizou para nos causarem dificuldades. Sem eles não estaríamos tão firmes e alegres na vitória da nossa fé, esperança e caridade nestes tempos onde tanta coisa se desmorona à nossa volta e tantos ficam paralisados de desânimo.

Compete-nos agora aprofundar esta fé na nossa missão através da oração e do estudo da história da nossa família bem como da história do mundo.

⁴¹⁵ Kentenich, Schlüssel 1951 (TzV Sch, págs. 174-175, 178-179, 183).

Quanto mais o fazemos e com maior eficácia, maiores e mais ricos são os frutos que colheremos. A consciência do quanto dependemos do Deus vivo vai aumentando. A desconfiança na nossa própria força e em meios puramente humanos vai crescendo. A sensação de estarmos abrigados e em casa, em paz e segurança, torna-nos mais estáveis e seremos mais eficazes na nossa acção. A nossa confiança na vitória dos poderes divinos na nossa família e através dela tornar-se-á invencível, para que possamos eventualmente conseguir dizer com firme convicção: “Se Deus está por nós, quem pode estar contra nós?” (Rom 8,31). “De tudo sou capaz n’Aquele que me dá força.” (Fil 4,13). Vivemos a experiência da verdade das palavras de Santo Agostinho: “Quem contempla o rosto do Todo-Poderoso não temerá enfrentar os poderosos deste mundo.” Mesmo que Deus nos peça as nossas vidas e a temporária dissolução da nossa família, veremos nisto a mais perfeita oportunidade de provar a nossa fé nos poderes divinos que trabalham na nossa família. Seremos então como Nosso Senhor que, pela Sua palavra e pelo Seu exemplo, confirmou a grande lei para o desenvolvimento do reino de Deus: “E Eu, quando for erguido da terra, atrairei todos a Mim.” (Jo 12,32). “Se o grão de trigo, lançado à terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto.” (Jo 12,24).⁴¹⁶

⁴¹⁶ Segundo Documento da Fundação, 18 de Outubro de 1939, N° 59-62, em SCH: FD, págs. 59-62.

CRONOLOGIA

1906/07		O irmão (seminarista) Kentenich padece de uma longa doença; durante a convalescença em Schoenstatt esboça um plano duma organização de estudantes baseada na sua visão de “um novo homem”
1910	8 de Julho	O Padre Kentenich é ordenado padre (na casa provincial Palotina, em Limburg)
1911	15 de Junho	Lançamento da primeira pedra para o novo colégio Palotino (a “Casa Nova”) em Schoenstatt
	18 de Setembro	O Padre Kentenich começa a ensinar (Alemão e Latim) em Ehrenbreitstein
1912	Verão	Termina a construção da Casa Nova
	8 de Setembro	O Padre Kentenich é transferido para a Casa Nova em Schoenstatt como professor de Alemão e Latim
	25 de Setembro	As aulas começam, e um espírito de rebelião e instabilidade rapidamente invade Schoenstatt
	30 de Setembro	O director espiritual Padre Panzer e o seu assistente Padre Mohr demitem-se dos seus postos
	20 de Outubro	Dedicação do colégio a Maria, Mãe da Pureza
	25 de Outubro	O Padre Kentenich é nomeado director espiritual
	27 de Outubro	DOCUMENTO DA PRÉ-FUNDAÇÃO
	1 de Novembro	Conferência sobre os santos
	Novembro	Conferência sobre Maria, líder na batalha
	Novembro	Início das conferências sobre o microcosmos
	8 de Dezembro	Dedicação solene da Nova Casa

1913	Janeiro	FUNDAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO MISSIONÁRIA DURANTE AS FÉRIAS DO NATAL
	2 de Fevereiro	Primeiro “festival missionário”
	Junho/Julho	O segundo “festival missionário” é cancelado
	Setembro	Início do novo ano escolar, Josef Fischer começa o seu mandato como presidente da Associação Missionária
	Setembro	O Padre Kentenich inicia as suas conferências espirituais às duas classes mais novas em simultâneo (o Joseph Engling está na 2ª classe)
	7 de Dezembro	Terceiro “festival missionário”
	Dezembro	Publicação de um artigo do Padre Kentenich (no jornal de Koblenz) sobre o terceiro festival missionário desperta a ira dos membros da faculdade
1914	10 de Janeiro	O conselho provincial de Limburg recebe uma carta do Padre Eckinger apoiando os méritos da Congregação Mariana para colégios como o de Schoenstatt
	23 de Janeiro	O conselho provincial autoriza a fundação da Congregação Mariana em Schoenstatt
	23 de Fevereiro	O Padre Kentenich é atacado por uma doença repentina e dois dias depois (25 de Fevereiro), é hospitalizado em Vallendar, no que é considerado o seu leito de morte
	28 de Fevereiro	A saúde do Padre Kentenich melhora significativamente; já não se encontra em perigo de vida
	21 de Março	O Bispo de Triers aprova os estatutos da

	congregação
21 de Março	O Padre Kentenich vai para Bad Ems para se curar e passar as últimas semanas de convalescença
6 de Abril	A congregação de Schoenstatt é reconhecida pela Congregação Mariana central em Roma
19 de Abril	FUNDAÇÃO DA CONGREGAÇÃO MARIANA EM SCHOENSTATT
Maio	As conferências sobre a devoção Mariana tentam aumentar o espírito religioso e levam a uma inesperada transformação interior nos rapazes ao descobrirem um amor de coração a Maria
5 de Maio	A terceira classe (que não estava envolvida no desenvolvimento da Congregação Maior) recebe autorização provisória de fazer trabalho de congregação por sua conta. Isto leva à fundação da Congregação Menor a 8 de Dezembro
16 de Maio	Termina o trabalho sobre o regulamento para as secções. As Secções Eucarística e Missionária têm o seu primeiro encontro
14 de Julho	Numa conferência da congregação, o Padre Kentenich apresenta o ideal de santidade, resultando num sério propósito dos estudantes em se tornarem santos
Julho	O Padre Kolb concede a utilização da capela de São Miguel à Congregação de Schoenstatt e viabiliza o trabalho de recuperação a ser feito durante as férias do Verão
18 de Julho	Data da publicação do artigo (<i>Allgemeine Rundschau</i>) sobre Bartolo Longo e o Santuário de Nossa Senhora do Rosário em Pompeia, na Itália
30 de Julho	As aulas são suspensas vários dias antes do

		programado devido à iminente mobilização
	1 de Agosto	Rebenta a I Guerra Mundial
	Agosto	(provavelmente no início do mês) O Padre Kantenich lê o artigo de 18 de Julho
	6 de Agosto	A Casa Nova é convertida num hospital militar
	Agosto/Setembro	Renovação da capela de São Miguel
	29 de Setembro	Colocação da estátua de São Miguel na capela
	1 de Outubro	As quatro classes mais velhas regressam a Schoenstatt. A classe mais velha que se lhes segue é chamada ao se disponibilizar mais espaço na Casa Velha
	18 de Outubro	DOCUMENTO DA FUNDAÇÃO, A CAPELA DE SCHOENSTATT TORNA-SE UM SANTUÁRIO E LUGAR DE GRAÇA
	4 de Novembro	O Santíssimo Sacramento é colocado no santuário
	Início de Dezembro	Retiro de Outono (o momento de graça de Max Brunner)
	8 de Dezembro	Membros da quarta classe fundam a Congregação Menor (<i>Congregatio Minor</i>); os candidatos da quinta classe são admitidos na Congregação Maior (<i>Congregatio Maior</i>). Entre estes últimos encontra-se Max Brunner, com o seu “ <i>Ave Imperatrix!</i> ”
1915	1 de Janeiro	Lema do Ano Novo: “Maria”
	Janeiro/Abril	Conferências sobre a Rainha da Congregação
	2 de Abril	Os Irmãos Joseph e Christian vão buscar o quadro de Maria (a imagem da MTA) à estação de comboios de Vallendar
	11 de Abril	A Congregação comemora o seu primeiro aniversário – a imagem de Maria é pendurada no

		Santuário; Joseph Engling e os seus colegas são admitidos à Congregação Menor
	Maio	Os propósitos de Maio envolvem os rapazes a retirarem papéis duma caixa que se encontra no santuário; a palavra “capital de graças” começa a ganhar presença
	30 de Maio	Admissão do primeiro membro externo na Congregação Maior; Conferência do Padre Kentenich sobre o paralelo Ingolstadt-Schoenstatt
	Maio/Junho	A imagem de Maria recebe o título de <i>Mater Ter Admirabilis</i> , a Mãe Três vezes Admirável
	Julho	O Padre Kentenich perde quase 12 Kg devido a uma doença, indo para Dernbach em Westerwald para uma cura nas termas
	23 de Setembro	O Padre Kentenich encontra-se com o seu superior geral (Padre Gissler) e defende a congregação de Schoenstatt
	Novembro/Dezembro	Os rapazes nascidos em 1896, incluindo Albert Eise, são recrutados para o exército
	Dezembro/Abril 1916	Conferências sobre o Acto de Consagração de São Luís Grignon de Montfort
1916	16 de Janeiro	É formado o primeiro grupo de congregados-soldados (Berlim, liderado por Albert Eise)
	5 de Março	Edição do primeiro número da revista “MTA”
	14 de Março	Os rapazes nascidos em 1897, incluindo Max Brunner, são recrutados para o exército. Segue-se a fundação do grupo de Andernach
	Maio	As “Flores de Maio” de Joseph Engling
	Maio	Intensificam-se as conversas entre os congregados em Schoenstatt sobre uma Organização Externa

	22 de Maio	CARTA DO PADRE KENTENICH PARA JOSEF FISCHER, ADOÇÃO DA MISSÃO E DA PESSOA DE VINCENT PALLOTTI NA FUNDAÇÃO DE SCHOENSTATT, INCLUINDO A MISSÃO DA CONFEDERAÇÃO APOSTÓLICA MUNDIAL
	Junho/Julho	Conferência do Padre Kentenich à Congregação Menor sobre a missão de Vicente Pallotti
	17 de Julho	Por esta altura o magistrado da congregação seleccionou já homens-chave em Schoenstatt para coordenar o contacto com cada um dos grupos externos
	Agosto	O Padre Kentenich tem de voltar a Dernbach para nova cura
	30 de Setembro	O Padre Kentenich é recrutado para o exército, tendo que se apresentar em Tréveris
	7 de Outubro	O Padre Kentenich é dado como inapto para o serviço militar por causa dos pulmões e sai do exército
	Novembro	A ORGANIZAÇÃO EXTERNA É FINALIZADA
	19 de Novembro	Os rapazes nascidos em 1898, incluindo Joseph Engling, são recrutados para o exército
	Dezembro/Janeiro 1917	O período mais conturbado da congregação em Schoenstatt. O magistrado reúne-se para procurar uma solução. Engling (em Hagenau, na recruta) e Esser iniciam esforços para revitalizar o espírito
1917	29 de Janeiro	A Secção Eucarística organiza um “festival”, na sua conferência Esser tenta reavivar o espírito
	13 de Fevereiro	O hospital de campanha em que trabalha Gertraud von Bullion é transferido para Mons, na Bélgica. Antes do fim do ano ela virá a conhecer o

		congregado Franz Salzhuber, interessando-se por Schoenstatt. Ela virá a ser a primeira mulher de Schoenstatt
	Março	A revista “MTA” atinge os 1000 exemplares
	23 de Abril	Max Brunner morre no campo de batalha
	1 de Maio	O Padre Karl Schneider é destacado como o primeiro assistente do Padre Kentenich a tempo inteiro, para o trabalho da congregação
	Maio	A Congregação em Schoenstatt supera a época baixa de 1916-17
	Junho	Os rapazes nascidos em 1899 são recrutados para o exército
	15 de Julho	Hans Wormer morre no campo de batalha
	Agosto/Setembro	A saúde do Padre Kentenich obriga-o a uma cura de repouso em Kolberg, no Mar Báltico
	Novembro	Organiza-se uma biblioteca para os congregados-soldados
	Fim do ano	A “MTA” atinge os 2000 exemplares
1918	Maio	Primeira edição de <i>Laienapostolat im Weltkriege</i>
	31 de Maio	Joseph Engling oferece a sua vida à MTA
	Junho	Schoenstatt é atingido por uma epidemia de gripe, interrompendo o trabalho da congregação durante duas semanas
	Agosto	Segunda edição de <i>Laienapostolat im Weltkriege</i>
	4 de Outubro	Joseph Engling morre em combate enquanto o exército Alemão bate em retirada para o norte de Cambrai
	28 de Outubro	Um motim na Marinha Alemã despoleta o início da chamada “revolução vermelha” da Alemanha no fim

		do Outono de 1918, especialmente depois de 9 de Novembro. Este facto, juntamente com o final da guerra, provocam uma interrupção do trabalho da congregação até ao fim do ano
	11 de Novembro	O Armistício assinala o fim da I Grande Guerra
	25 de Novembro	Saída dos últimos doentes do hospital militar na Casa Nova
	7 de Dezembro	O seminário Menor de Schoenstatt muda-se de volta para a Casa Nova, mas a 14 de Dezembro as Forças Americanas de Ocupação tomam a Casa Nova para ser novamente usada como hospital militar (até Agosto de 1919). O colégio é forçado a mudar-se novamente para a Casa Velha
1919	2 de Janeiro	Recomeço do trabalho da congregação. Porém a Organização Externa é suspensa por tempo indeterminado
	Antes de 6 de Abril	O Padre Kentenich permite a formação de novos grupos na Organização Externa
	27 de Abril	Domingo de Pascoela. Dedicção da placa memorial no santuário em comemoração dos cinco anos da congregação
	15 de Maio	Primeira publicação da carta de 22 de Maio de 1916 na “MTA”, como parte duma crónica intitulada “Considerações vindas do Alto”
	15 de Junho	Primeira publicação da Acta da Fundação (conferência de 18 de Outubro de 1914) na “MTA”, na segunda parte de “Considerações vindas do Alto”
	Julho	O Padre Kentenich escreve um memorando na fundação duma federação apostólica para alunos e professores

18 de Julho	O Padre Kentenich é libertado do seu trabalho como director espiritual em Schoenstatt. Pouco tempo depois muda-se para Engers, perto de Schoenstatt
20 de Agosto	A REUNIÃO DE HOERDE: FUNDAÇÃO DA FEDERAÇÃO APOSTÓLICA
21 de Outubro	Entrega ao Padre Kolb do pedido de cedência do santuário e utilização de alguns quartos na Casa Velha à Federação Apostólica
28 de Outubro	Pedido aprovado
15 de Novembro	Publicação dos Estatutos de Hoerde na “MTA”

BIBLIOGRAFIA

A bibliografia que se segue divide as fontes utilizadas em duas categorias principais: 1) textos e trabalhos escritos ou proferidos pelo Padre Joseph Kentenich (1885-1868), o fundador do Movimento de Schoenstatt, e 2) todas as restantes fontes. As abreviaturas na coluna da esquerda são as que constam nas notas de pé-de-página

1. Textos e trabalhos do Padre Joseph Kentenich

a. *Textos compilados (listados cronologicamente segundo a data do trabalho mais antigo)*

KENTENICH	Conferências e escritos durante 1912-1919 em <i>Unter dem Schutze Mariens</i> ; cf. KASTNER.
SCH: FD	<i>Schoenstatt: Os Documentos da Fundação</i> . Textos-chave de 1912-1914. Tradução Waukesha. Waukesha, WI, USA: Irmãs de Maria de Schoenstatt, 1993. Título alemão: <i>Schönstatt: Die Gründungsurkunden</i> . Vallendar-Schönstatt: Schönstätter Marienschwestern, 1967.
TVA	<i>Texte zum Verständnis der Apostolischen Liga</i> . Conferências e escritos de 1919-1968 sobre a Liga Apostólica de Schoenstatt. Compiladas pelo Padre Heinrich Hug. Vallendar-Schönstatt: 1982
TzVSch	<i>Texte zum Verständnis der Schönstatt</i> . Textos de 1935-1951 sobre a essência e a história de Schoenstatt. Compiladas pelo Padre Günther Boll. Vallendar-Schönstatt: Patris-Verlag, 1974
HOME SHRINE	<i>The Home Shrine</i> . Carta de 1948 e conferências de 1963-1966 no santuário original. Waukesha: Irmãs de Maria de Schoenstatt, c. 1975.

b. Fontes individuais (listados cronologicamente)

- CARTA A J. FISCHER Briefe an Josef Fischer (Cartas a Josef Fischer, primeiro prefeito da Cong de Schoenstatt). Várias cartas compiladas de 1913-1922. Manuscrito, não publicado, c. 100pp DIN A4. Referências cruzadas feitas pela data da carta.
- CHRONIK Chronik der *Congregatio Maior* (Crônica da Cong Maior). Pelo Padre Kentenich, 1915. Manuscrito mimeografado, não publicado, 31pp DIN A4.
- MTA *Mater Ter Admirabilis*, Gesenseitige Anregungen im Kampf für unsere bedrohten Ideale in schwerer Zeit (i.e. a revista “MTA”). Editada pelo Padre Kentenich, começando em 1916. Volume I (Março 1916-Fevereiro 1917) citado de acordo com a edição de 1924, excepto se for dito expressamente.
- CARTA A von KLEIST Briefweschel mit Prof. Von Kleist (correspondência com o Professor von Kleist), Breslau. 1919. Manuscrito, não publicado, 8pp DIN A4.
- APL 1928 *Allgemeine Prinzipienlehre der Apostolischen Bewegung von Schönstatt* (Princípios gerais do Movimento Apostólico de Schoenstatt), workshop para sacerdotes, 16-20 de Abril de 1928 em Schoenstatt, Alemanha. Vallendar-Schönstatt: Schönstatt-Verlag, 1999.
- Priestertagung 1927 Priestertagung (workshop para sacerdotes), 24-28 de Abril de 1927 em Schoenstatt, Alemanha. Manuscrito escrito à máquina, não publicado, 22pp DIN A4.
- Tagung für Bundespriester 1935 Tagung für Bundespriester (workshop para sacerdotes da Federação), 13-17 de Janeiro de 1935 em Schoenstatt, Alemanha. Manuscrito escrito à máquina, não publicado, 35pp DIN A4.
- KRÖNUNG 1946 *Krönung Mariens*. Conferências da Semana de Outubro de 1946 em Schoenstatt, Alemanha. Vallendar-Schönstatt: Schönstatt-Verlag, 1977.

OB 1948	<i>Oktoberbrief 1949</i> . Carta escrita para a celebração de Outubro, 1949. Vallendar-Schönstatt: Schönstatt-Verlag, 1985 (2ª edição).
Schlüssel 1951	“ <i>Schlüssel zum Verständnis Schönstatts</i> ” (Chave para compreender Schoenstatt), estudo escrito em Novembro-Dezembro, 1951. In: TzV Sch, págs. 148-228.
BR-T 1952	Terciado para Palotinos em Santa Maria, Brazil, 1952. Manuscrito não publicado.
USA-T 1952	Terciado para Palotinos em Milwaukee, USA, 21 de Julho - 8 de Agosto, 1952. Manuscrito não publicado, 3 volumes.
SEED 1953	<i>Seed of a New World</i> . Conferências em Milwaukee para seminaristas de Madison, Wisconsin, WI, USA: Irmãs de Maria de Schoenstatt, manuscrito mimeografado, 1983.
FAMILY 1953	<i>The Family: At the service of Life</i> . Dias de recollecção para casais, Milwaukee, 1953. Tradução para inglês: Mumbai 2001.
MME 1954	<i>Maria, Mutter und Erzieherin</i> . Catequeses quaresmais dadas em Milwaukee, 1954. Vallendar-Schönstatt: Schönstatt-Verlag, 1973 (2ª edição).
STUDIE 1954	Studie, 1954. Excerto publicado sob o título “Die heilgeschichtliche Stellung Mariens und die Frühzeit Schönstatts” em REGNUM, Vol.6 (1971), págs. 147-154.
STUDIE 1955	Studie <i>Zur Studie ‘Gründer und Gründung’</i> , de 14 de Setembro de 1955. Manuscrito mimeografado, não publicado, 9pp DIN A4.
Conferência, 3 de Agosto de 1959	Conferências das Segundas-feiras à noite para casais, Milwaukee, 3 de Agosto de 1959. Não publicado.
Series 1963	Série de conferências privadas, Milwaukee, Janeiro-Março de 1963. Não publicado.
Conversa, 18 de Junho de 1965	Conversa ao pequeno-almoço de Padre Kentenich com os Padres Johannes Tick, Padre Otto Boenki, et al., 18 de Junho de 1965, Milwaukee, manuscrito não publicado.

- Conferência, 16 de Novembro de 1965 Conferência pela ocasião do seu 80º aniversário, de 16 de Novembro de 1965, Roma. In: *Der achstigste Geburtstag*, livro que compila as palavras e eventos do 80º aniversário do Padre Kentenich. Irmãs de Maria de Schoenstatt, Vallendar-Schönstatt, manuscrito, 1965.
- Conferência, 28 de Dezembro de 1965 Conferência para Padres diocesanos de Schoenstatt, 28 de Dezembro de 1965, Marienau, Schoenstatt, Alemanha. In: *Propheta locutus est: Vorträge und Ansprachen von Pater J. Kentenich aus seinen drei letzten Lebensjahren*, Vol.2, págs. 16-107.

2. Outras fontes

- BANGHA Bangha, Adalbert SJ. *Handbuch for die Leiter Marianischer Kongregationen*. Zürich: Kongregations-Sekretariate, 1942 (2ª edição). Ver págs. 20-44.
- De Montfort De Montfort, St. Louis Marie. *True Devotion to Mary*. Rockford, IL: Tan, 1985.
- DRIVE Drive, Augustus, S.J. (ed.) *The Sodality of Our Lady. Historical Sketches*. New York: P.J. Kenedy & Sons, 1916
- EDER Eder, Dr. Gottfried. *Laienapostolat im Weltkriege, Feldgabe einer Studenten-Kongregation*. Vallendar-Schönstatt: Kriegsfürsorge der MTA, Maio 1918 (Primeira edição: 5,000) e Julho 1918 (2ª edição: 15,000). A segunda edição contém errata.
- ENGLING B&T Engling, Josef. *Briefe und Tagebuchnotizen*. Três volumes, compilados por Paul Hannappel. Neuwied: Neuwieder Verlagsgesellschaft, 1979.
- EA *Erbe und Aufgabe*. Reedição de artigos-chave dos primeiros anos da “MTA” (1916-1920). Dois volumes paginados como um único. Vallendar-Schönstatt: 1932.
- FRÖHLICH Fröhlich, Cyprian OFMCap. “Auf einer Totenstadt, eine Stadt

- des Lebens” (Sobre uma Cidade de Morte, uma Cidade de Vida). In *Allgemeine Rundschau*, Vol. 11, Nº 29, págs. 521ss. Reedição em REGNUM, Vol. 3 (1968), pág. 133ss.
- FOERSTER Foerster, Friedrich Wilhelm. *Jugendlehre. Ein Buch für Eltern, Lehrer und Geistliche*. Primeira edição: Berlim, 1904, publicada até 1959: Mainz, 116,000-18,000 cópias no total. Citado aqui segundo a edição de 1912.
- HAGEL Hagel, Josef. “Meine Erinnerungen an die Anfangszeiten Schönstatts.” Relato incompleto sobre os anos iniciais em Schoenstatt (não publicado), 1961.
- HÖRDE (1969) *Hörde-Dokumente 1969*. Zum 50. Jubiläum der Hörde-Tagung (para o 50º aniversário da Conferência de Hoerde). Paderborn: Schönstattwerk im Erzbistum Paderborn, 1969.
- HUG (Texto) Hug, Heinrich. *[Welt] geschichte eines Heiligtums*. Textband. Vallendar-Schönstatt: Patris-Verlag, 2003. Este livro foi também publicado com um volume de fotografias sobre a história do Santuário de Schoenstatt (Bildband) e um CD-Rom.
- KASTNER Kastner, Ferdinand SAC. *Unter dem Schutze Mariens*. Coleção de conferências do Padre Kentenich durante os anos 1912-1919 comentadas pelo Padre Kastner. Paderborn: Ferdinand Schöningh, 1940 (3ª edição).
- KLEIN (1952) Klein, Josef. *Max Brunner-Albert Langner*. Vallendar-Schönstatt: Jungmänner-Bewegung, 1952.
- KLEIN (1954) Klein, Josef. *Fritz Esser*. Vallendar-Schönstatt: Jungmänner-Bewegung, 1954.
- KLEIN (1995) Klein, Josef. *Albert Eise: Aus der Gründungszeit der Shcönstatt-Bewegung*. Vallendar-Schönstatt: Patris-Verlag, 1995.
- KOLB Kolb, Padre Michael. Memórias escritas de 1942. Cópia de arquivo, Monte Sião, Schoenstatt, Alemanha.

- LAUER Lauer, Nikolaus. *Serviam*. Publicado pela primeira vez em Limburg em 1934, encontrado em von BULLION, págs. 15-29.
- LIGOURI Ligouri, São Afonso de. *The Glories of Mary*. Publicado originalmente em Nápoles em 1750. Traduzido pelo Padre Eugene Grimm, CSSR. Brooklyn-St. Louis-Toronto: Padres Redemptoristas, 1931 (4ª edição). Reedição Mission Victory, por volta de 1980.
- Menningen/Engling Menningen, Alexander. *Joseph Engling*. Waukesha, WI USA: Schoenstatt Fathers, 1998. Título alemão: *Held im Werktag*. Limburg: Pallottiner Verlag, 1938. Edições alemãs revistas: *Josef Engling* (1952) e *Maria ganz zu eigen* (1977). Aqui citada conforme a tradução Inglesa.
- MENNINGEN (1966) Menningen, Alexander. Conferência sobre a Congregação Mariana: Liberdade, 11 de Novembro de 1966. Em alemão. Gravado em fita magnética, não publicado.
- MENNINGEN (1972) Menningen, Alexander. Conferências sobre os anos da fundação de Schoenstatt, 1972. Em alemão. Não publicado. Citado 1) segundo gravação em fita magnética (*Spur* ou número de faixa) ou 2) da transcrição inacabada (*carta* para a secção e *número* para a página).
- MENNINGEN (1984) Menningen, Alexander. Conferência: “Die Deutschlands-sendung in der Gründungsurkunde” (A missão da Alemanha no Documento da Fundação), 20 de Janeiro de 1984. Em alemão. Transcrição não oficial, não publicado, 46pp DIN A4.
- MONNERJAHN Monnerjahn, Engelbert. *Joseph Kentenich: A Life for the Church*. Traduzido por Sean Ó hEarcigh. Segunda edição: Cidade do Cabo, África do Sul: Publicações Schoenstatt, 2001. Título alemão: *Joseph Kentenich: Ein Leben for die Kirche*. Vallendar-Schönstatt: Patris-Verlag, 1975.
- MTA Ver Parte 1 b. Da Bibliografia.
- MULLAN Mullan, Elder, SJ. *The Sodality of Our Lady Studied in Documents*. New York: P.J. Kenedy and Sons, 1912.

<i>Neues Leben</i>	<i>Neues Leben blüht aus den Ruinen, Ein Blick in ideales Jugendleben am schönen Rhein.</i> (Autor: Padre Karl Hoffmann.) Festschrift para a dedicação do seminário de Schoenstatt, 8 de Dezembro de 1912.
OIKIA	OIKIA, revista mensal para a Família de Schoenstatt em Milwaukee, 1967-1974. Dentro dela: “O original da Imagem da MTA”, OIKIA, Vol. 6 (1972), págs. 11-12. Para o texto alemão original, ver REGNUM, Vol. 3 (1968), págs. 43-44.
PT: OUR LADY	<i>Papal Teachings: Our Lady.</i> Seleccionados e arranjados pelos Monges Beneditinos de Solesmes. Traduzido pelas Filhas de São Paulo. Boston: St. Paul Editions, 1961.
REGNUM	REGNUM, Internationale Vierteljahresschrift der Schönstattbewegung (Publicação Internacional Trimestral do Movimento de Schoenstatt), 1965- .
SCHLICKMANN	Schlickmann, Dorothea M. <i>Die Idee von der wahren Freiheit: eine Studie zur Pädagogik Pater Josef Kentenichs.</i> Vallendar-Schönstatt: Schönstatt-Verlag, 1995.
SCHULTE (1932)	Schulte, Heinrich SAC. <i>Omnibus Omnia.</i> Biografia de Josef Engling em Alemão. Dois volumes. Limburg: Pallottiner Verlag, 1932.
SCHULTE (1955)	Schulte, Heinrich SAC. Ansprache bei der Krönungsfeier an der theologischen Hochschule/Schönstatt. (Conferência na celebração de coroação no colégio teológico Palotino em Schoenstatt), 8 de Dezembro de 1955. Manuscrito mimeografado, não publicado, 30pp DIN A4.
SCHULTE (1957)	Schulte, Heinrich SAC. “Erlebnisbericht” der Hörde-Tagung (relatório sobre a conferência de Hoerde). Ver HÖRDE (1969), págs. 83-87.
SCHULTE (1976)	Schulte, Heinrich SAC. “75 Jahre Pallottiner in Vallendar am Rhein” (75 anos de história Palotina em Vallendar no Reno). Uma exaustiva história sobre Schoenstatt como lugar. In <i>Pallottis Werk daheim und draussen</i> , Vol. 27, N° 2 (Junho de

- 1976), Limburg: Provinzialat der Pallottiner.
- SKOLASTER Skolaster, Hermann SAC. *PSM in Limburg an der Lahn*. História dos Padres Palotinos Alemães. Limburg: Pallottiner Verlag, 1935.
- STAR OF AFRICA *Stern von Afrika* (Estrela de África), revista da Província de Limburg dos Palotinos.
- STATUTEN Statuten der Studienanstalt der Pallottiner-Kloster bei Vallendar (Estatutos das escolas Palotinas perto de Vallendar, i.e., o livro do regulamento), edição vigente ao longo do Verão de 1912. Disponibilizado ao autor em manuscrito mimeogravado, não publicado, 10pp DIN A4.
- STIERLI Stierli, Josef. *Die Marianische Kongregation- Hilfstruppe der kämpfenden Kirche*. Werkheft 2: Das Gesetz.. Lucerne: Rex-Verlag, 1947.
- VAUTIER Vautier, Paul. *Maria, die Erzieherin*. Vallendar-Schönstatt: Patris-Verlag, 1981. Ver esp. págs. 182-187.
- von BULLION von Bullion, Gertraud. *Aus ihren Briefen und Schriften*. Neuwied: Schönstatt-Frauenbund, 1981.
- WEBER Weber, Padre Alfons. *Erinnerungen*, 1965: Recolecções sobre a história dos inícios de Schoenstatt, editado pelo Padre Schützeichel.